COLLECTION: DORSAL ATLÂNTICA • PÔSTERES: MOONSPELL E BLIND GUARDIAN

Brasilrevistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

DREAM THEATER

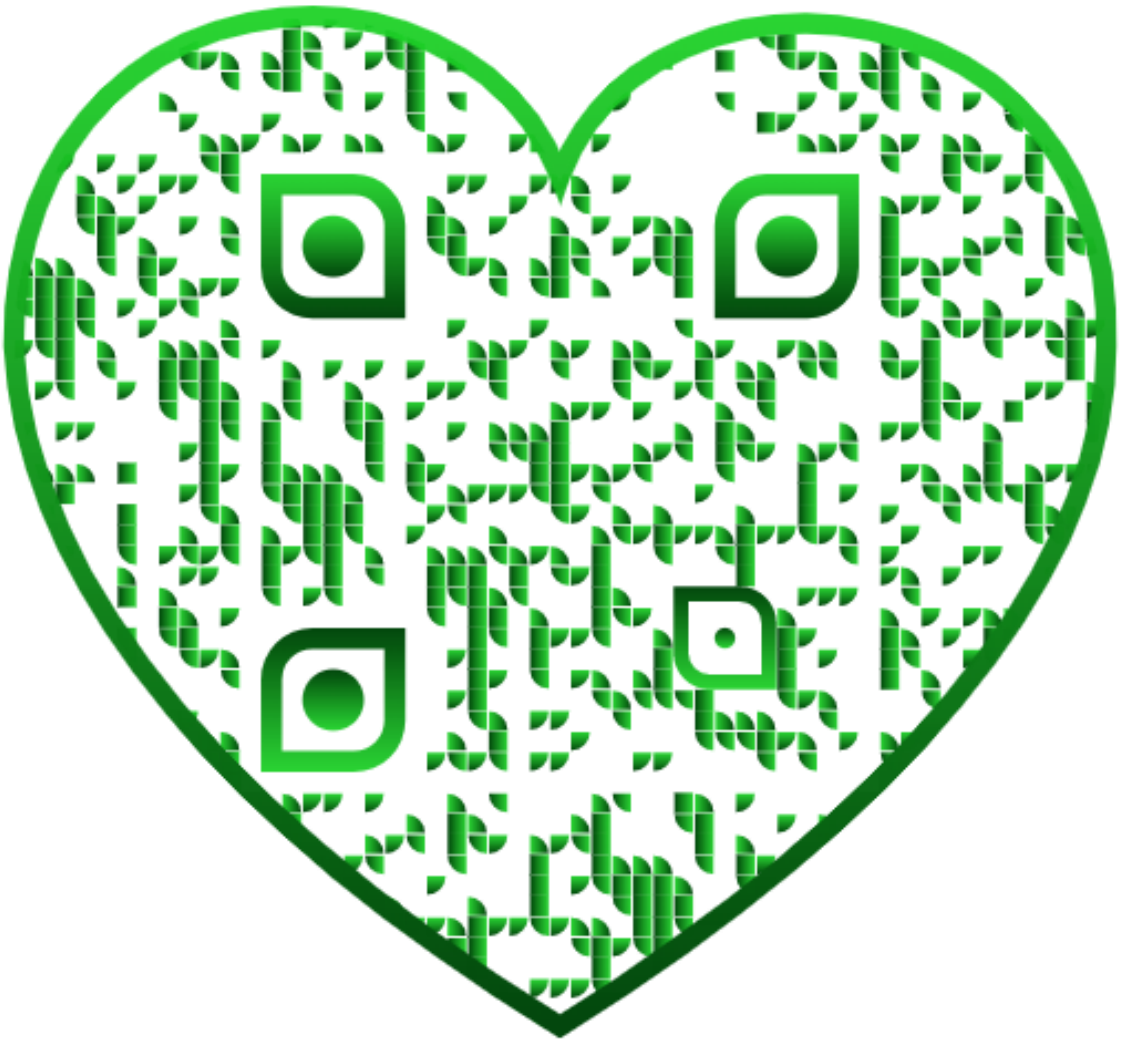
RETENDO SUA IDENTIDADE

EXODUS

A Bay Area ataca novamente

ENTREVISTAS:

RUNNING WILD • MR. BIG • RAGE • CARCASS • CRADLE OF FILTH • SODOM
ASPHYX • LUCIFER • MORDRED • BLACKBERRY SMOKE • ARCHSPIRE



Brasilrevistas

FOI DADO O TERCEIRO SINAL, QUE SE INICIE A ÓPERA NEGRA!..

Acesse nosso canal no Telegram: @Brasilrevistas

Novo album já disponível em streaming e download

Spotify DEEZER Download on the App Store TIDAL Google play

CD disponível em nossa loja virtual: www.paradiseinflames.loja2.com.br

Novo videoclipe "DELIRIUM" já disponível em YouTube/paradiseinflames

www.paradiseinflames.com

DEMON ERATIC RECORDS ENGL HEADRUSH EMG Kahler Spectore BLOOD BLAST DISTRIBUTION

arte: www.jduartedesign.com

Brasilrevistas

UM LIVRO PARA CADA ÁLBUM DO

IRON MAIDEN

DESTRINCHANDO TUDO

Acesso pessoal no Telegram @Brasilrevistas

THE NUMBER OF THE BEAST | SOMEWHERE IN TIME | POWERSLAVE | PIECE OF MIND | SEVENTH SON OF A SEVENTH SON

TAMBÉM DISPONÍVEL:

THE RIME OF THE ANCIENT MARINER

IRON MAIDEN PARA CRIANÇAS

Estética Torta
www.esteticatorta.com.br

/esteticatorta
/esteticatorta

arte @aleperga

Brasilrevistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 DREAM THEATER
26 RUNNING WILD
30 HIDDEN TRACKS
Atomic Rooster
32 MR. BIG
36 PLAYLIST
Billy Sheehan (Mr. Big)
38 RAGE
42 COLLECTION
Dorsal Atlântica
44 CRADLE OF FILTH
48 LUCIFER
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Jethro Tull - Aqualung
55 ROCK AVERAGE
Slayer - God Hates Us All
60 CARCASS
64 EXODUS
70 ETERNAL IDOLS
Alan Lancaster (Status Quo)
72 ETERNAL IDOLS
Joey Jordison (Slipknot)
74 MORDRED
76 HEADPHONES IN FURY
Castor (Torture Squad)
78 BLACKBERRY SMOKE
80 CLASSICREW
Lacuna Coil, Steppenwolf e Kyuss
82 BACKGROUND
Candlemass (Parte 3)
86 ASPHYX
90 SODOM
94 ARCHSPIRE
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 PROFILE
Katon De Pena (Hirax)

FOTOS:
Dream Theater: Rayon Richards
Exodus: Divulgação

BEHIND THE STAGE

É nítida a melhora nos índices da pandemia, mas sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer até a normalidade. No entanto, vemos o chamado "novo normal" enfim dando sinais positivos ao nosso cenário, com uma maior movimentação e o retorno, de forma gradual, dos eventos presenciais.

Em nosso caso, a celebração recai para o retorno da revista ROADIE CREW às bancas. Agradecemos a todos os leitores e parceiros que têm estado ao nosso lado durante este tempo, pois sentimos a lamentação dos que, a cada comentário em nossas mídias socais, questionavam sobre esse assunto. Claro, a loja online continua a todo vapor e, por meio dela, é possível fazer assinaturas e adquirir números atrasados, entre outros itens. A Roadie Shop sempre será o nosso grande canal de vendas, pois temos consciência de é que complicado, na fase atual, mesmo com todos os esforços, ter a revista física chegando a todas as bancas de um país do tamanho do Brasil.

Nesta edição, outra celebração vai para Tom Hunting, um dos entrevistados ao lado do guitarrista e companheiro de banda Gary Holt. O baterista do Exodus, que já voltou aos palcos e atualmente promove o álbum *Persona Non Grata*, foi submetido a uma bem-sucedida gastrectomia total em sua batalha contra o carcinoma espinocelular (SCC) do estômago. "Realmente, me sinto bem agora. Há poucos dias, fiz alguns exames e não conseguiram detectar câncer em mim, o que é muito bom", declarou.

Por meio de entrevistas com o vocalista James LaBrie e o tecladista Jordan Rudess, o Dream Theater, que lançou o 15º disco de estúdio, *A View from the Top of the World*, é outro destaque de capa. "Do começo ao fim, é um álbum muito poderoso e, mais uma vez, pudemos fazer uma canção épica, que é a faixa-título", afirmou LaBrie.

A revista ainda traz um especial dos 30 anos do álbum *Lean Into it*, do Mr. Big, contendo, além de entrevista, um playlist detalhado com o baixista Billy Sheehan. Objetivando sempre a versatilidade, esta edição também apresenta Running Wild, Cradle of Filth, Lucifer, Carcass, Rage, Mordred, Blackberry Smoke, Asphyx, Sodom, Archspire e, claro, as seções tradicionais. Neste campo, vale conferir o "Collection" do Dorsal Atlântica. Boa leitura!

Ricardo Batalha

Acesse nosso canal @Brasilrevistas

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 265
NOV-DEZ/2021
ANO 24

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL:
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS:
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Acesse nosso Canal no Telegram
Brasilrevistas

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas
@Brasilrevistas

Brasilrevistas

Acesse nosso canal no Instagram @Brasilrevistas

A DRINK WITH THE DEATH

REHEARSAL LIVE

MOSTRANDO TODA A FÚRIA
E AGRESSIVIDADE AGORA EM CD!

ASSISTA AGORA:

CORDAS CLUB

ALTO-FALANTE

A REVISTA ELETRÔNICA DA MÚSICA INDEPENDENTE

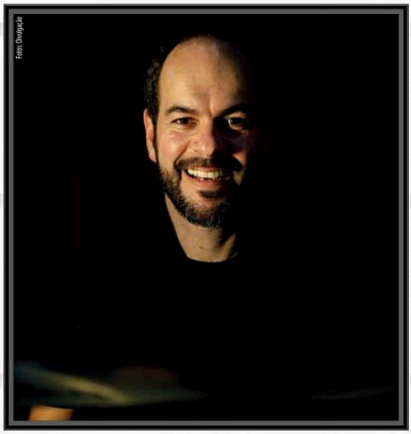


Foto: Divulgação

De um quadro do programa Agenda, da Rede Minas, a um programa em âmbito estadual, nascido em 1997 e que, anos depois, ganharia projeção nacional pelas TV Brasil e Cultura. Com cobertura de shows, entrevistas, lançamentos de álbuns e muita informação, o Alto-Falante está perto de completar 25 anos de serviços prestados à cena independente, incluindo o rock e o heavy metal. Para falar um pouco dessa história grandiosa, conversamos com o criador, apresentador, crítico, pesquisador e editor do programa Terence Machado.

O Alto-Falante caminha para seus 25 anos. Quais foram os diferenciais que fizeram dessa revista eletrônica oriunda de Minas e que alcança todo o país ser tão longeva e com todo um futuro pela frente?

Terence Machado: Cara, essas coisas não têm receita, é meio aquela coisa de colocar um filho no mundo. Um filho que não é só meu (risos). Eu divido essa história e essa trajetória com muita gente legal; nem vou me arriscar a falar um ou outro nome para não cometer injustiças. O que garantiu certa longevidade foi que eu e a equipe aprendemos que é preciso muito jogo de cintura e persistência para levar um projeto desses para tanta gente numa TV pública, diante de tantas mudanças de governos e diretorias ao longo desses quase 25 anos. Sempre nos preocupamos demais com o pessoal do outro lado, pensando o que seria interessante mostrar ao telespectador e como fazê-lo, tratando a música com muita seriedade e muita leveza, trabalhando com muito afinco. O segredo foi aprender a 'dançar conforme a música', repetindo o que estava dando certo e mudando o que precisava mudar.

Um dos diferenciais é a cobertura de shows e festivais. Imagino sua saudade e seu anseio para que essas coberturas voltem o quanto antes...

Terence: Eu era aquele tipo de fã de música de ir aos shows desde os 14 anos, quando comecei a frequentar shows e festivais de modo geral, de ficar na turma do gargarejo, a primeira fila. Fui a edições de Hollywood Rock, Rock in Rio... Depois de tanto tempo cobrindo shows e até festivais internacionais, houve um momento em que me bateu um esgotamento. A gente ficava muito cansado, tinha meses sem folga em fim de semana, eram horas e horas de espera nos aeroportos... Não tinha tempo para nós mesmos. Chegávamos das viagens e já íamos editar o material. Minha vida era isso, era quase vida de músico. Era chegar no local, ficar pouco tempo no hotel, comer, ir para o show e voltar ao hotel para ir a outro lugar. Em 2010, eu já estava esgotado, sem vontade alguma de ver show (risos). Agora é o sentimento contrário. Nunca pensei que fosse bater dessa forma, por culpa da pandemia, ver essa clausura e os artistas sofrendo. Eu ainda consegui fazer meu trabalho, mas e quanto aos caras que perderam trabalho, principalmente os pequenos e médios? Estou de novo com muita vontade de cobrir shows, mas não naquela loucura de antes, não tenho nem saúde nem idade para isso.

O quadro 'Enciclopédia do Rock', com Adriano Falabella, chama atenção pelo conteúdo histórico de bandas clássicas e também por ele apresentar grupos não tão conhecidos pelo grande público do rock. Como vem sendo esse trabalho ao lado desse cara que é uma figuraça e conhece tanto do estilo?

Terence: O Falabella é um ídolo para mim. Lembro de quando ele tocou na Rádio Terra *Machado de Guerra*, do Kamikaze, banda que eu adorava no começo da minha adolescência, curtindo um heavy metal. Fui a algumas apresentações do Kamikaze em que eu e uns amigos éramos as crianças do show (risos). Quando surgiu a oportunidade do Alto-Falante, falei que queria alguém mais velho que eu, especialista em rock clássico e com quem eu iria aprender muito. Um amigo em comum me disse para chamar o Falabella. Fiz o convite e ele topou muito rapidamente. E virou amizade, uma relação muito bonita. Vejo a ligação do (Fabio) Massari com o Gastão (Moreira), por exemplo, o quanto eles são amigos há muito tempo; acredito que a MTV estreitou esses laços. E amizades assim são construídas no rock. O Falabella é uma lenda viva, um dos caras mais geniais que temos no país. As gravações dele são um evento, porque ele não usa teleprompter; ele tem aquelas informações na cabeça. De vez em quando usa uma colinha ou outra para relembrar uma coisa específica, mas ele sabe aquelas datas 90% de cor. Um gênio da raça. Me sinto honrado em dividir essa trajetória com ele durante todo esse tempo.

O Alto-Falante ultrapassou as fronteiras da TV, chegando ao YouTube e às redes sociais. Como é o atual momento do programa em níveis de alcance por meio dessas mídias? E qual sua expectativa para os próximos anos?

Terence: O Alto-Falante teve o próprio site antes de a Rede Minas ter o dela. Depois fomos o primeiro programa (da Rede Minas) a ter perfis em todas as redes, inclusive as que acabaram, como o Orkut. Depois passamos a estar no Twitter, no Facebook, no YouTube, no Instagram... Hoje o grande dilema das TVs é conseguir se desdobrar nos dois caminhos. Acho que o trabalho deveria ser bem voltado para a internet. Não que se deva acabar com a TV para fazer internet, não é isso. Mas acho que o investimento deveria ser cada vez mais linkado e pensar que esse público vai ser muito mais presente na internet. E é onde fica mais fácil para ele comentar e dar o feedback. Os vídeos também vão ficando 'on demand'. No YouTube a pessoa escolhe o que e a que horas assistir. Tem também o pessoal que redescobriu o programa pela internet. Então, descobrindo ou redescobrindo, o retorno que temos é por meio da internet. E tem gente que nem assiste mais TV, mas quer saber se o programa está na internet. Essa migração não tem volta.

Queria que você falasse do Terence Machado músico. Há três anos, conversamos sobre o lançamento do homônimo álbum do Skip Jack, que traz em sua formação Maurinho Berrodágua (ex-Tianastácia). Vocês têm pretensões de lançar mais músicas? E quanto a outros projetos seus?

Terence: Então, o Terence músico... (risos) Minha paixão pela música me levou para a bateria. Fiquei durante anos e anos tocando, depois anos sem tocar absolutamente nada. A questão do Skip Jack... É muito maluco pensar que eu lancei dois discos em formato CD, realizei esse sonho com alguns dos meus melhores amigos da vida. E também teve a Alto-Falante Band, em um disco em que montamos uma banda-base de pessoas que fizeram parte da equipe do Alto-Falante e músicos convidados da cena belo-horizontina. Com o Skip Jack a gente encerrou um ciclo. Talvez eu possa vir a gravar alguma coisa com o Maurinho ou os outros membros do Skip Jack, mas não com a banda.

Thiago Prata

Brasilidades

KIKO SHRED
TRABALHANDO SEM PARAR

Nem a pandemia fez Kiko Shred esmorecer. Após lançar o bem-sucedido *Royal Art* (2019), o guitarrista de Americana/SP nem deu bola para a mudança radical que envolveu o planeta com a covid-19 e já soltou um novo trabalho, *Rebellion* (2021), pela Heavy Metal Rock. Apresentando o vocalista Ed Galdin e produzido pelo próprio Kiko ao lado de Ricardo Biancarelli, o disco traz mais uma vez um convidado de renome, Doogie White – Michael Vescera participou do álbum anterior, graças ao trabalho que o guitarrista faz acompanhando nomes internacionais que passam pelo Brasil. Kiko falou sobre *Rebellion*, sobre sua carreira e também sobre o curso online que acaba de lançar.

Kiko Shred: mais um disco de nível internacional no mercado

Kiko Lobo

Por que o novo disco se chama *Rebellion*? O mundo está precisando de uma rebelião?

Kiko Shred: (risos) É, se você for ver, pode até ser... (mais risos) Mas ele veio da música de mesmo nome. Eu achei essa música com mais cara de faixa-título, já que ela fala de indignação e revolta com uma situação que não está legal, em que todos estão sofrendo. Pode-se dizer que é um lamento de alguém que não está satisfeito com o que está vivendo. Quando fiz a música, eu não pensei muito em retratar a situação do Brasil, mas pode-se dizer que ela fala do que nós estamos passando.

Normalmente, discos de guitarristas tendem a ser apenas instrumentais, mas você sempre incluiu músicas com vocal nos seus trabalhos. Por quê?

Kiko: Isso foi influência de guitarristas de que eu gosto muito, como o Malmsteen, que sempre compôs músicas com vocais. É uma maneira de diversificar um pouco e também de poder trabalhar com letras. Acaba sendo uma forma de passar uma mensagem mais direta e atingir um maior número de pessoas.

Além disso, o que mais é preciso fazer para que um disco de guitarrista saia da mesmice, já que um punhado deles soa rigorosamente igual?

Kiko: Tem uma coisa que é muito importante e que eu considero um amadurecimento: é quando você não se preocupa mais em mostrar habilidade na guitarra por mostrar. Quando você grava um disco, a primeira pergunta que tem que se fazer é: "Por que eu estou gravando esse álbum? O que eu quero com isso? Quero emocionar as pessoas ou quero mostrar como eu consigo mexer o dedo rápido?" (risos) Eu quero fazer uma música que as pessoas gostem de ouvir e coloco minhas características de uma forma natural, não como uma tentativa de impressionar.

Você mudou a produção mas manteve o mesmo padrão do disco anterior, que foi produzido por Andria Busic. Foi complicado atingir um nível igual ao dele como produtor?

Kiko: Apesar de eu não ter muito conhecimento de programas de gravação, algo em que estou trabalhando, a gente acaba aprendendo muito disco após disco. Então, em *Royal Art* eu dei mais atenção às bases, por exemplo. E em *Rebellion* eu mantive isso, dei muita atenção à guitarra base. Volume e quantidade de distorção, por exemplo, são coisas que fazem a diferença. E a mixagem analógica, feita pela Absolute Master, deixou tudo muito mais definido. Essa masterização foi muito importante nesse sentido.

A exemplo de *Royal Art*, o novo álbum traz um convidado internacional, no caso Doogie White. Imagino que isso se deu graças aos contatos que você fez acompanhando a ele e a vários artistas internacionais durante todos esses anos. Isso mostra a importância de se manter uma postura séria e profissional durante esse tipo de trabalho, certo?

Kiko: Com certeza! O Tim 'Ripper' Owens foi com quem eu mais toquei. Já o Vescera foi o set list que eu mais gostei de tocar, apesar de ter exigido muito da gente, porque tinha muito do Malmsteen e do Loudness. Acho que é uma surpresa muito agradável para o cantor quando ele chega num lugar e vê que o pessoal está tocando bem as músicas, que se esforçou para conseguir isso. Creio que foi isso. E eu também já estava em contato com o Doug bem antes de a gente começar a ensaiar, perguntando como ele queria a abordagem das músicas, e acho que isso mostra o interesse em fazer um bom trabalho. Acabei criando uma boa amizade com os dois e eles toparam cantar nos meus discos.

***Rebellion* já saiu no exterior. Como ele está indo por lá?**

Kiko: Sim, ele saiu pela Pure Steel Records, da Alemanha, que é um selo muito tradicional, e a distribuição digital é feita pela Sony. Sempre tive as melhores referências deles em todos os aspectos. Eu queria muito lançar um disco com eles e graças ao trabalho deles a repercussão está sendo muito boa, inclusive tenho concedido muitas entrevistas para sites e revistas europeus.

Mesmo com as restrições impostas pela covid-19 você acredita que conseguiu fazer uma boa divulgação do disco?

Kiko: Sim, mesmo assim fizemos uma ótima divulgação. A Heavy Metal Rock no Brasil e a Pure Steel Records lá fora fizeram uma união de forças que ajudou muito. E depois que saiu nas plataformas digitais o alcance aumentou muito. Eu sempre tive um pouco de resistência às plataformas digitais porque a remuneração do artista é irrisória, mas a facilidade com que o público tem acesso ao seu trabalho é bem maior, além de ajudar muito em termos de divulgação.

Você lançou quatro discos em seis anos. Compensa manter uma produção tão intensa? Dá pra esgotar as possibilidades de cada disco antes de lançar o seguinte?

Kiko: Eu acho que um disco puxa a venda do outro. Eu fiz um kit com o disco novo, *The Stride* (2018) e *Royal Art*, além de camiseta, adesivo e palhetas num bag especial. Então, o *Rebellion* puxou a produção desse kit e por consequência puxou a venda dos anteriores. E eu gosto de manter esse ritmo de pelo menos um disco a cada dois anos. Assim você se mantém produtivo e consolida a carreira.

Você, que também é professor de música, lançou um curso online, 'Rock & Metal Techniques'. Como é esse curso?

Kiko: Ele é voltado para a técnica da guitarra rock e metal. São setenta exercícios que equivalem a sete meses de aula por um preço inferior a sete meses de aulas de guitarra. Eu gosto muito desse ofício de ensinar. E o curso trata de palhetada, tappings, two hands, conceitos de escalas... É um curso bem completo. São coisas que eu pratiquei pra desenvolver minha técnica e que ainda pratico até hoje. O link para o curso você encontra nas minhas redes sociais.

Pra terminar: o que deve fazer um guitarrista que queira se tornar um músico do seu gabarito?

Kiko: Estudo e prática. Estudar com metrônomo é muito importante e a prática em banda também é, tocar ao vivo com a mesma desenvoltura que se estuda e mantendo o mesmo nível é fundamental. E um pouco de autocrítica é sempre bom também.

Antonio Carlos Monteiro

THE TROOPS OF DOOM
A CAUDA DO DIABO!

Nascido em plena pandemia, o The Troops of Doom conseguiu estrear no ano passado com o EP *The Rise of Heresy*, mas a lenta melhora do cenário levou a uma pequena mudança de planos para 2021: "Nós já estávamos compondo para o nosso álbum completo quando percebemos que a pandemia ainda iria durar um bom tempo, fazendo com que não pudéssemos sair em turnê e levar o trabalho da banda em frente na prática. Então tivemos a ideia de deixar o 'full' para 2022, quando as coisas possivelmente estarão mais tranquilas", contou o guitarrista Jairo "Tormentor" Guedz à ROADIE CREW. Porém, não querendo deixar um espaço muito grande entre os lançamentos, Guez, Alex Kafer (vocal e baixo), Marcelo Vasco (guitarra) e Alexandre Oliveira (bateria) surgem com um novo EP, *The Absence of Light*, tema principal da entrevista com Guedz.

Divulgação

Marcelo Vasco, Jairo "Tormentor" Guedz, Alex Kafer e Alexandre Oliveira: dois EPs em um ano e primeiro full a caminho

***The Absence of Light*, tem o foco lírico na obra 'Leviatã', de Hobbes, certo?**

Jairo "Tormentor" Guedz: Sim. Esse é um EP que foi pensado conceitualmente. Eu havia lido o livro 'Leviatã', de Hobbes e achei maravilhoso. Então, me veio à cabeça que talvez pudéssemos trabalhar em cima disso, abordando a política e principalmente a religião, por sua ligação quase direta com o metal extremo, através dessa visão mais niilista. As músicas do EP tentam ambientar essa história e elas inclusive são interligadas, como se fossem uma única faixa, mas divididas em atos. Temos a introdução, que leva o título do EP, *The Absence of Light* (a ausência da luz) e na sequência o *Ato I – The Devil's Tail* (a cauda do diabo) e o *Ato II – The Monarch* (o monarca). Tentamos sintetizar a ideia da maneira mais simples possível e acredito que quem ouvir as músicas e ler as letras vai absorver com clareza o que quisemos abordar.

***The Absence of Light* foi mixado na Noruega por Oystein G. Brun (Borknagar), que já trabalhou com vocês no ano passado.**

Jairo: Além de um músico muito talentoso, Øystein é um grande produtor e fã do death metal dos anos 80. Nós gostamos muito da masterização que ele fez em *The Rise of Heresy* e achamos que dessa vez seria interessante termos ele mixando o trabalho também. Ele e Marcelo (Vasco, guitarrista) são amigos de longa data além de tudo, eles se dão muito bem, o que tornou o trabalho ainda mais fácil e produtivo.

Quanto ao processo de gravação, como ocorreu?

Jairo: Novamente o processo foi todo feito na troca de arquivos. Eu gravei as minhas guitarras em Belo Horizonte, o Alexandre (Oliveira) gravou a batera aqui também. Marcelo gravou as guitarras dele no Sul e o Alex (Kafer) os vocais no Rio de Janeiro. Depois de tudo pronto, mandamos para o Øystein para a mixagem e masterização.

Claro que não poderia deixar de falar sobre a participação de Jeff Becerra (Possessed). Ele é um dos grandes heróis da música extrema e uma enorme influência para todos nós que amamos esse tipo de música.

Jairo: Isso foi histórico! O Jeff é um dos caras mais legais que eu já conheci no metal. Ele e Marcelo já se conheciam, eu comecei a conversar com ele também e nesse vaivém o convidamos para participar da faixa *The Monarch*. Ele é uma lenda, um dos inventores do death metal e um cara superbacana, simples, apaixonado pelo que faz e bem humorado. E também é um grande fã do Sepultura, o que acabou estreitando ainda mais os nossos laços. Ter Jeff numa música nossa foi algo fantástico! Ele gravou os vocais dele lá nos Estados Unidos e mandou o arquivo pra gente. Tudo correu muito tranquilamente. Essa participação nos deixou honrados e extremamente felizes. E ele parece ter gostado muito também, o que é ótimo.

Outra participação especial foi a de Lars Nedland (Borknagar, Solefald). Embora seja um multi-instrumentista bastante conhecido, geralmente o vemos atuando nos teclados ou nos vocais, mas não é isso que ele fez aqui, correto?

Jairo: Exato, o que tornou a participação dele ainda mais especial (risos). Na realidade, Øystein estava começando a mixagem do EP na Noruega, mas ainda não tínhamos gravado o baixo, já que Alex estava com a agenda apertada. Certo dia, Øystein falou com a gente que estava no estúdio produzindo um trabalho com Lars e por coincidência ele estava com um baixo antigo muito legal lá. Ele sugeriu que talvez o Lars pudesse se interessar em gravar pra gente, já que ele tinha gostado muito do som da banda. Então acabou caindo como uma luva. Nós obviamente concordamos e ficamos superfelizes. Lars é um músico maravilhoso e fez um trabalho animal.

Gostaria também que falasse sobre o ótimo clipe que fizeram para o EP, combinando todas as canções originais em um vídeo único. A motivação disso partiu da preocupação de não quebrar o vínculo lírico das faixas, separando-as em vídeos diferentes?

Jairo: Isso mesmo. Seria esquisito a gente soltar vídeos separadamente de faixas que são interligadas e fazem parte de um mesmo ambiente. Essa foi a solução que encontramos para divulgar as músicas no YouTube sem que houvesse essa quebra. O vídeo foi criado pelo Wanderley Perna, do Genocidio, que já colaborou com o The Troops of Doom anteriormente e ele faz um trabalho excelente de edição. Ele animou cenas usando a arte da capa do EP, que é de autoria do pintor brasileiro Maramgoni, radicado em Portugal, e ainda aliando com partes de antigas pinturas e desenhos de artistas como Gustave Doré (O Paraíso Perdido e O Inferno de Dante) e Hieronymus Bosch, que casam perfeitamente com a estética do que queríamos passar.

Por fim, vocês finalmente farão a estreia ao vivo em dezembro, em São Paulo/SP. Como está a expectativa para esse show e o que vocês estão preparando?

Jairo: Estamos bastante ansiosos e meio apavorados (risos). Estamos felizes que a pandemia já esteja dando sinais de fraqueza, que grande parte do povo esteja vacinado, que as restrições estejam caindo e que finalmente as coisas estejam voltando ao normal ou ao menos o mais próximo disso. Vai ser bom demais tocar ao vivo de novo e principalmente estreando com o The Troops of Doom. A parte do 'meio apavorados' tem relação com isso, pois ainda não tivemos sequer um único ensaio da banda junta devido à nossa logística, que não é das mais fáceis. Já estamos fazendo separadamente o nosso dever de casa, é claro, mas iremos nos encontrar uma semana antes do show, no Rio de Janeiro, no estúdio Tellus, para uma imersão de ensaios antes de irmos para São Paulo. Tudo isso vai ser uma experiência muito bacana! Espero encontrar todos vocês lá no Fabrique Club para brindarmos esse novo começo. Estamos com um repertório muito legal e será um evento importante!

Valtemir Amler

Brasilrevistas

SCHOOL of ROCK

A MAIOR REDE DE

ESCOLAS DE MÚSICA DO MUNDO

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

TORNE-SE UM FRANQUEADO

Marque uma reunião com a gente.

azaccarelli@schoolofrock.com
franquias.schoolofrock.com.br

INFERNO NUCLEAR

ODE AO TRADICIONAL COM TEOR SUBVERSIVO

Em meio ao efervescente cenário da retomada do thrash metal a um lugar de destaque, nascia em 2006 o Inferno Nuclear. Oriunda de Belém (PA) e fundada por Wellington Freitas (vocais), o grupo gravou três demos, o split *Terror Nuclear* (2009), ao lado dos conterrâneos do Disgrace and Terror, e singles. Mudanças de formação se deram ao longo dos anos até que, em 2021, Wellington, Alexandre Durães (guitarra), Lendl Oliveira (baixo) e Jorge Raposo (bateria) enfim lançaram o debut *Diante de um Holocausto*, um dos temas da entrevista que você confere a seguir.

Jorge Raposo, Alexandre Durães, Wellington Freitas e Lendl Oliveira: representando o thrash paraense

Por que demoraram tanto para lançar um full-length, considerando que antes dele vocês já tinham registrado demos e split?

Wellington Freitas: Nesses quinze anos de banda lançamos três demos, um split e um single, além de participar de algumas coletâneas, porém, tivemos dois entraves que adiaram o objetivo de lançar um full-length. O primeiro foi a instabilidade na formação da banda. Foram muitas mudanças, inclusive em momentos cruciais para concretizar esse objetivo. O segundo, e principal, é a correria do dia a dia na vida pessoal de cada membro. Creio que esses dois empecilhos são muito comuns no underground, dificultando as bandas de lançarem suas músicas.

Como era o cenário do metal em Belém na época em que a banda dava seus primeiros passos e o que poderia nos dizer do atual momento dessa cena, agora que o Inferno Nuclear está lançando o debut *Diante de um Holocausto*?

Wellington: Na época em que a banda dava os primeiros passos, a cena em Belém era bem mais extrema que hoje. Proliferavam bandas de death metal, black metal e grindcore. Até mesmo as de thrash tinham grandes influências desses estilos. O Inferno Nuclear surgiu com uma pegada diferente do que se fazia majoritariamente na cidade na época, sobretudo pela influência do thrash da Bay Area, aliando a isso o vocal limpo, não gutural, e letras em português. Atualmente, apesar da pandemia, a cena da cidade está fervilhando, com muitas bandas de diferentes estilos produzindo ativamente. Desde nomes clássicos, como Delinquentes, Baixo Calão e Thunderspell, a bandas mais novas, como Social Hate, Ação Violenta e BadTrip. Vale a pena demais ficar de olho nessas bandas e em toda a produção que está acontecendo na cena de Belém e do Pará atualmente.

Admito que antes mesmo de ouvir o álbum, já fiquei fã da capa (risos). Isso porque ela traz aquela estética de capas clássicas de thrash e death dos anos 80 e 90. Mas claro que com o estilo próprio do Márcio Aranha. Como foi o desenvolvimento de ideias para a concepção dessa arte?

Lendl Oliveira: Ele fez um trabalho sensacional, ficamos muito felizes desde o primeiro rascunho. Queríamos que ela expressasse visualmente a sonoridade do álbum. O medo do futuro, de uma guerra nuclear, a ascensão do fascismo, via extrema direita militar, o arrocho do capitalismo e das mazelas produzidas por ele, enquanto uma pequena elite se beneficia de toda essa tragédia, foram as inspirações para a ideia da capa, além da busca pela estética do metal oitentista. Mérito total do Márcio.

E o conteúdo sonoro faz jus às tradições do thrash, com um som sujo, cru, visceral e muito bem tocado. A experiência adquirida em shows ao lado de Onslaught, Hirax e Violator, entre outras, impactou no som do álbum, certo?

Wellington: Certamente. São bandas que fazem parte do nosso background. E a experiência de shows com quem já tem uma longa estrada percorrida é muito importante para quem está começando.

Com relação às letras, a banda optou por transmiti-las em português. E aí vai aquela questão clichê do por que dessa opção. Mas, juntamente com ela, queria que nos falassem da repercussão junto ao público.

Wellington: Cara, apesar de sermos influenciados pela cena oitentista da Bay Area, somos loucos por clássicos brasucas, como Taurus, Anthares e Dorsal Atlântica. Então foi muito natural desde o começo compor em português. Além disso, nossas letras não se resumem em coisas como 'kill' e 'die', tornando muito mais fácil a compressão do que tratamos para quem nos ouve quando escrevemos em nossa língua nativa. Se a mensagem é importante, mais importante ainda é que ela seja compreendida. Depois do lançamento do álbum, as músicas chegaram a outros cantos do mundo e é incrível saber que headbangers que não entendem nada em português tenham gostado. Do Japão à Indonésia, da Rússia aos outros países da América Latina. Isso prova que apesar de o inglês ser a mais popular língua do metal ela não tem o monopólio do estilo. Dá sim para o metal soar muito bem em qualquer idioma.

Há de se enfatizar também as participações de Jayme Katarro (Delinquentes) em *Anarquia* e Vinicius Carvalho (Agent Steel) em *Unidos pelo Underground*. Como foi para vocês terem essas duas figuras no álbum?

Lendl: Foi uma grande honra para nós. O Jayme sempre foi uma grande referência não apenas para nós do Inferno Nuclear, mas para toda a cena paraense. Além da trajetória dele com o Delinquentes, é o principal fomentador do rock, do metal e do punk em Belém. Ele é um velho parceiro nosso. Ajudou-nos neste trabalho desde a pré-produção à gravação no Fábrika Studio, estúdio o qual é proprietário. Já o Vinicius Carvalho é o melhor guitarrista de metal de Belém e um dos melhores do Brasil. Monstro demais! Não à toa, recentemente entrou para a lendária banda americana Agent Steel e já lançou um álbum sensacional com eles (N.R.: *No Other Godz Before Me*, de 2021). Se ainda não ouviu, ouça imediatamente que você vai concordar comigo.

De que forma vocês definiriam o cenário do thrash metal no Brasil atualmente? De uma maneira geral, o quanto ele faz jus à proposta de ser um estilo subversivo em um underground repleto de bandas maravilhosas de todos os gêneros?

Lendl: Essa é a pergunta mais difícil de todas (risos). Apesar da pandemia, tanta coisa sensacional foi lançada recentemente. Ouçam os álbuns mais recentes de bandas como Blasfemador, Eskrõta, Sacrifix, Mofo, Social Hate, Sõmbriõ, Death Ecstasy, Sadistic Messiah, Nervosa, Dead Enemy e tantas outras que poderia citar aqui. Talvez estejamos em uma terceira onda do thrash metal. Talvez seja o momento sombrio em que o Brasil e o mundo se encontram que fornece combustível para a chama do thrash. Se não for subversivo, não é thrash metal.

Thiago Prata

EXCALIBUR
INICIANDO AS PRÓXIMAS DUAS DÉCADAS

Quando se trata de Literatura e História, o metal é o veículo perfeito para expressar paixões na forma de música. "A primeira história que despertou o nosso interesse pelo universo medieval foi a lenda do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, especialmente após assistirmos ao filme 'Excalibur', lançado em 1981, que retrata de forma bastante fiel esse conto incrível e fantástico dos nobres guerreiros arthurianos", contou o guitarrista Marco Araújo. Apaixonados por bandas como Iron Maiden, Judas Priest, Helloween, Angra, Symphony X e Annihilator, e com a devida referência a filmes como 'Macbeth', 'Joana D'Arc' e 'O Senhor dos Anéis', entre outros, a banda paulistana, que não tem a ver com a homônima dos anos 80 que figurou na coletânea *Sáo Power* (1986), ultrapassa duas décadas de atividade, devidamente registradas em seu documentário, lançado esse ano. Além de um grande passado, continua rumando para o futuro como mostra o novo single, *Sublime Pain*. Confira o que aconteceu e o que ainda vem por aí no horizonte do Excalibur nas palavras de Marco Araújo.

Divulgação

Aurélio Silva, Marco Araújo, Kleber Ramalho, Maurício Araújo e Marcelo Araújo: muito empenho e amor ao heavy metal

Como funcionou o processo de criação que culminou em *The End Is the Beginning* (2018), EP que deu início oficial à discografia da Excalibur?

Marco Araújo: O lançamento do nosso primeiro EP, sem dúvida, é considerado como uma das maiores realizações da nossa banda, considerando que levamos quase duas décadas para realizar nosso primeiro registro musical oficial. Esse grande hiato se deve aos desafios que toda banda do cenário underground enfrenta, mas finalmente conseguimos alcançar o nosso tão sonhado objetivo: gravar um material de qualidade, que satisfez nossos objetivos e agradou o público em geral. Em novembro de 2018, lançamos o *The End Is the Beginning*..., nos formatos físico e digital, que contou com a coprodução de Niko Teixeira e Luiz Amadeus do estúdio AudioLab e com conceito visual elaborado pelo artista João Duarte, responsável pelas capas de grandes bandas do cenário metal, como Angra, Torture Squad e Metal Church. O material contou com seis músicas e com a participação especial de Kleber Ramalho (Sagittarion e Perc3ption) nos vocais.

Neste ano, para celebrar as mais de duas décadas de banda, vocês lançaram um documentário que revisita de forma bem aprofundada a jornada do Excalibur. Como surgiu essa ideia e qual foi o maior obstáculo para essa produção?

Marco: O filme não fazia parte do nosso planejamento. Só que no final de 2020, o governo federal lançou um edital que previa a disponibilização de uma verba aos artistas via lei Aldir Blanc para suprir a paralisação sofrida no meio artístico, por conta da pandemia da covid-19. Um documentário leva mais de dois anos para ser produzido, entre levantamento da pesquisa, elaboração do roteiro, contratação de equipe e início das filmagens. Nós fizemos tudo isso em apenas dois meses. Apesar de todas as dificuldades, nós conseguimos produzir um material muito profissional e que agradou bastante, não só à banda como ao público em geral. Devemos muito à produtora Elemento Comunicação, que aceitou o desafio e foi uma grande parceira durante a produção. O filme envolveu mais de cinquenta pessoas (entre entrevistados, fornecedores, parceiros e membros da banda), mas o resultado foi além da nossa expectativa.

Como banda ativa no cenário, a Excalibur também apresentou uma nova música, *Sublime Pain*.

Marco: *Sublime Pain* fala sobre as dores da alma que afetam os estados físico e mental de milhares de pessoas que lutam contra a depressão, ansiedade, esquizofrenia, bipolaridade e tantas outras doenças relacionadas. O single foi lançado em setembro pela gravadora MS Metal Records e está disponível em todas as plataformas de streaming. A arte da capa foi elaborada pelo renomado designer gráfico Romulo Dias, que já trabalhou com inúmeros artistas, entre eles Alirio Netto (Shaman e Avalanch). *Sublime Pain* contou com a participação especial de duas vocalistas de peso dentro do cenário metal nacional, Cacau Pinheiro (Made of Stone) e Hanna Paulino (Vennecy). O lançamento conta ainda, com um lyric vídeo produzido por Marcelo Silva (MS Motion Graphics), artista responsável por clipes de grandes artistas como Krisiun e Nervosa, entre outras, e registrado no AudioLab Extreme Studio pelo produtor Niko Teixeira. O single é uma degustação do que os fãs de heavy metal podem esperar do novo álbum da banda, que já está em produção e contará com onze faixas e diversas participações especiais.

Então já existe um planejamento para o lançamento de mais músicas? Quando devemos ter um novo registro da Excalibur?

Marco: Estamos trabalhando no nosso segundo álbum que contará com onze faixas, com títulos já definidos e participações especiais como um trio de câmara (dois violinos e um cello), flauta transversal e pianista. O novo full-length será disponibilizado no ano de 2022 através da MS Metal Records. A grande novidade, que anunciamos com exclusividade na ROADIE CREW, é a entrada do renomado artista Lean Van Ranna como membro fixo no posto de vocalista. Ele possui décadas de experiência como professor de canto e que integrou projetos das mais variadas vertentes do metal, como power, hard rock e prog metal. Em sua trajetória, participou de bandas nacionais e internacionais como Menahem (BRA), A Taste of Freedom (FRA), Melodius Deite (TAI) e King of Salem (MEX). Um dos pontos altos da sua carreira foi subir ao palco e cantar a música *To Hell With the Devil* com a banda Stryper.

Muito obrigado pela entrevista, o espaço é seu para falar diretamente com os nossos leitores.

Marco: Nós agradecemos a oportunidade, pois um de nossos sonhos era contar com um destaque da nossa banda nesta renomada revista, a ROADIE CREW, que acompanhamos e compramos há muitos anos. Gostaríamos de convidar todos os fãs de metal para conhecerem e apoiarem nossa banda, tudo o que fazemos é com muito empenho e amor ao heavy metal, não é fácil manter um projeto como este ativo por tanto tempo e só com o apoio e a confiança de vocês que conseguiremos continuar e manter esse estilo vivo. O heavy metal, mais do que um estilo de vida, é um agente transformador, que leva seus admiradores a outro patamar, trazendo satisfação, espírito de reflexão e conhecimento, entendimento e apreciação da arte, além da vontade de ser diferente e único diante de tantas dificuldades que enfrentamos na nossa evolução.

Valtemir Amler

INNER IMMENSITY
TEMPO DE GRANDES TRANSFORMAÇÕES

Ainda bem que as coisas não são feitas para sempre serem iguais. Afinal, a mudança trazida pelo tempo foi fundamental para transformar o Inner Immensity, que passou de banda cover para autoral, como nos contou o vocalista David Oliveira: "Éramos uma banda cover de Helloween e que tocava uma coisa ou outra de Iron Maiden. Entre 2000 e 2001, sugeri que começássemos a compor e assim foi feito". De lá para cá, a banda apresentou um EP (*Outside*, 2005) e seu primeiro disco completo, *Times & Changes*, temas principais dessa conversa. Confira mais com David Oliveira.

Divulgação

Em 2005, vocês lançaram o seu primeiro material, *Outside*.

David: É nosso primeiro registro e, particularmente, tenho muito orgulho dele. *Outside* nos levou a tocar no FORCAOS, em Fortaleza. É um trabalho com músicas fortes e marcantes, posso dizer. Éramos muito inexperientes e a produção acabou por ficar a desejar, obviamente. O produtor também não era um cara que já havia feito esse tipo de trabalho antes. Logo, com todos esses percalços, o fato é que o trabalho é muito bom, acredito. Ali constam músicas que não pensamos em deixar de tocar. O clima à época era maravilhoso! Vivíamos no estúdio, era sensacional! Infelizmente, ao final das gravações nosso baixista, Gilberto Lima, veio a falecer em um acidente de carro. Essa é a grande baixa da história da banda. Gilberto era um cara fantástico, um coração grandioso e um baixista sensacional. Sinto muita falta dele. Todos os trabalhos e registros da banda, obviamente, são e serão sempre dedicados a ele de forma especial.

Pouco depois, vocês participaram da coletânea *Metal Attack*. Como rolou isso e que resultados essa coletânea trouxe para a banda?

David: *Metal Attack* foi algo que surgiu em paralelo ao convite do FORCAOS. Nos solicitaram duas músicas novas para participar, compusemos e elas entraram na coletânea. Uma delas, *Caravan of Souls*, foi tocada pela primeira vez justamente no FORCAOS de 2006.

Antes de falarmos sobre o álbum de estreia, o que podem falar sobre as atividades da banda durante esse longo hiato entre os registros?

David: Bom, tocamos bastante, estivemos envolvidos em vários shows e apresentações. Porém, com o passar dos anos os integrantes começaram a priorizar outras coisas em suas vidas. E nada contra isso, obviamente. Porém, é algo que acaba influenciando demais na rotina da banda em si. Isso foi o que levou a um tempo tão grande entre um registro e outro.

Agora sim, falemos sobre *Times & Changes*. Quando começou o trabalho de composição e como foi o processo de gravação?

David: As músicas foram compostas ao longo do tempo, entende? Existem algumas faixas, como *Dark Times* e *End of Empire*, que são de 2007. Ou seja, é um trabalho de uma vida. É justamente por isso que lutei bastante para ver esse disco ganhar vida e o objetivo foi alcançado. O processo de composição foi muito complicado. Como disse, tudo era mais importante do que parar para gravar. Gravamos em vários lugares, inclusive, cedi minha casa para gravações de guias para bateria, vocais e teclados. Somente a bateria foi gravada em um estúdio realmente. E tudo aconteceu aqui em Brasília. Para se ter uma ideia, a voz costuma ser a última coisa a se gravar em um disco. Neste caso, foi uma das primeiras coisas. Tiveram músicas em que gravei os vocais com a guia, e não com a banda completa.

Gostaria agora que falasse a respeito de algumas canções. A primeira é *The End of Empire*, que se mostra bastante dinâmica.

David: Essa música eu compus há muito tempo. Um dia estava dirigindo e 90% dela surgiu na minha cabeça. Parei o carro, peguei o celular e cantarolei para não esquecer. Depois, sentei com o Mauro (um dos guitarristas), passei para ele pegar e aí vieram os 10% que faltavam. Ela já estava pronta, porém o dedilhado do final foi uma ideia dele e isso aconteceu quando estávamos construindo as guias das músicas. É um tema muito forte e faz parte de uma quadrilogia dentro do álbum. As quatro primeiras faixas contam uma única história que eu desenvolvi.

Outra que chama atenção é *The Caravan of Souls*, com linhas de baixo bem marcadas e levada típica do metal clássico.

David: Essa faixa foi desenvolvida pela banda de forma geral, mas quem realmente trouxe a ideia, o cerne dessa faixa, foi o baixista da época, Michel Brasil. Musicalmente falando, fui muito feliz em trazê-lo para banda após a perda do Gilberto. Já nos conhecíamos há muitos anos e quando o procurei, ele aceitou o convite e casou muito bem. Acabamos, então, construindo uma bela faixa em cima dessa ideia dele. Uma faixa de características realmente clássicas quando se trata de heavy metal.

A faixa de encerramento, *Sleep*, também é digna de destaque, já que ela altera bruscamente aquilo que o álbum vinha mostrando.

David: Sou um grande fã de baladas de hard rock e AOR e *Sleep* surgiu dessas influências e imaginário. Eu e o outro ex-guitarrista, o André, temos essa veia e acabamos nos reunindo uma vez, em minha casa, para trabalharmos numa balada acústica. Ele criou esse dedilhado em cima da harmonia vocal que eu mostrei a ele. Considero um momento de rara felicidade de nossa parte. Queríamos criar uma power ballad ou coisa assim. Porém, creio que devido às influências citadas, ela ficou como a conhecemos agora. Ela parece com o som da banda? Não! Porém, consideramos que era uma faixa muito bonita para ficar de fora. Ela é justamente o que entendo como uma grande balada: melódica, introspectiva e reflexiva. Se parar para pensar, ela também lembra muito Savatage nessa linha de composição.

Para finalizar, quais são os planos para os próximos meses? Existe algo mais vindo por aí?

David: Estou reconstruindo o Inner Immensity juntamente com outras pessoas que vão agregar demais. Sem eles, esses outros caras, não tenho como fazer isso. Logo, agradeço demais ao Lucas e o Lemuel por estarem comigo nessa jornada que é o Inner Immensity. Eu jamais deixei essa banda morrer e não iria deixar agora. Ela é o projeto artístico da minha vida e quero compartilhar isso com pessoas que realmente querem contribuir e agregar, e Lucas e Lemuel são esses caras. A ideia é divulgar *Times & Changes* o máximo possível e depois partir para um novo trabalho. *Times & Changes* custou muito para mim. Muito suor e lágrimas! É um disco forte e consistente e por isso achamos que as pessoas podem dar uma oportunidade para ele sem se decepcionarem.

Valtemir Amler

Brasilrevistas

MASSACRE RECORDS
APRESENTA:

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

UM NOVO AR AO
PROGRESSIVE MELODIC METAL

CD DIGIPACK FÍSICO DISPONÍVEL NO BRASIL

DOWNLOAD & STREAMING

Spotify · DEEZER · amazon Prime music · YouTube · Music

WWW.FIREWINGOFFICIAL.COM

Hoffman & O'Brian
marketing artístico e entretenimento

ensaio by: www.joaoredesign.com

WHITE MAMMOTH
ESCREVENDO UM NOVO CAPÍTULO

A história foi se desenvolvendo ao longo dos capítulos de forma lenta, consciente e gradual: guiado pela sua paixão pela música, em 2016 o guitarrista Felipe Magalhães criou o projeto Esferas Pedras, na época apostando tudo na música instrumental e com foco direcionado ao hard rock e ao blues. Longe de buscar ser o típico projeto musical completamente focado no virtuosismo de seu idealizador, a Esferas Pedras focava na música, criando apenas o que a música pedia e jamais deixando o ego prevalecer sobre a arte. Com sua musicalidade repleta de climas densos e arrastados, não demorou até Felipe perceber que a inserção de vocais poderia levar aquelas mesmas músicas a níveis muito mais altos, e novamente foi a pedido da música que veio a mudança: com a inserção de vocais, nascia a White Mammoth. Confira mais dessa história nas palavras de Felipe Magalhães.

Foto: Divulgação

Paulo Portel e Felipe Magalhães: do Esferas Pedras ao White Mammoth

Gostaria de falar sobre o início de sua jornada, com a Esferas Pedras. Como surgiu a ideia para essa, digamos, 'primeira versão' do White Mammoth?

Felipe Magalhães: A consagrada banda Pata de Elefante me inspirou para criar a Esferas Pedras, mesmo com estilo totalmente diferente. O conceito de criação das músicas em que o foco está na ambientação e nos climas trabalhados e não somente no virtuosismo me impactou.

Como Esferas Pedras, seu som era basicamente calcado no hard/blues rock, com um detalhe importante: vocês caminhavam pela esfera do som instrumental. Sabemos que o caminho costuma ser ainda mais árduo para bandas instrumentais no nosso país (e no mundo, em geral), então, como foram esses primeiros tempos? Havia um público cativo e um circuito que vocês integravam?

Felipe: Sim, tens toda razão. Digo que foi um período de amadurecimento musical, pois as composições necessitavam de mais atenção para poder contar uma história sem o vocal. Além disso, havia um público extremamente limitado. Participamos de um programa de TV, Programa Radar (TVE), e de alguns festivais, apenas.

Daqueles primeiros dias, o que diriam que persiste para sempre na música de vocês?

Felipe: Digo que o início com uma banda instrumental de rock foi o que definiu a White Mammoth, pois as músicas continuam com um alto nível nas composições, mas agora com vocal. Inclusive, muitos riffs da fase instrumental foram aproveitados. Acredito que a criação da White Mammoth foi uma evolução natural da Esferas Pedras, pois as composições pediam um vocal.

Como foi a transição?

Felipe: Foi um processo natural a decisão de recriar tudo com a vinda de um vocalista, mas achar um músico que completasse essa lacuna foi bem difícil. Realizamos diversas audições, com diferentes níveis e estilos de vocalistas. Deveria cantar bem, ter um timbre voz que combinasse com as composições e, além disso, ser uma ótima pessoa (risos).

Em 2018, Paulo Portel chegou à banda, selando de vez o nascimento do White Mammoth. Segundo consta, um dos aspectos decisivos nessa nova etapa foi a capacidade demonstrada por ele na hora de escrever letras.

Felipe: Sinceramente, todas as vezes que combino com o Paulo de realizarmos um ensaio para compor novas músicas, sempre ficamos surpresos com a sincronia que existe. Em minha opinião, todas as nossas músicas, se fossem de outra banda, eu escutaria quase todos os dias. É um som que eu estava sentindo falta de escutar, digamos.

Como foi o início do processo, os primeiros dias trabalhando na forja de músicas agora dotadas de vocais?

Felipe: Essa forja das músicas com vocais foi um processo quase que natural, pois, como disse, as ideias aproveitadas da Esferas Pedras pediam uma letra. Outra questão é o fato de termos encontrado um vocalista que realmente entendeu e se apaixonou pelas composições.

A partir desse ponto inicial, como foi o processo que resultou no EP *A New Chapter*, do ano passado?

Felipe: Existe um divisor de águas, que foi o nosso contrato com a MS – Metal Agency. Aconselho a toda banda que tem a ambição de apostar em sua arte que tenham profissionais conduzindo sua carreira musical. Nossa linda capa, feita pelo Design Rômulo Dias, nosso lançamento em diversas plataformas, inclusive no Japão, tudo veio a partir do contrato com a MS.

De cara, o EP destaca *Shadow*, uma música que parece unir partes de blues rock, southern rock e hard setentistas, mesclando guitarras pesadas, andamento contido e boas melodias, evidenciadas por interessantes inserções de teclados. O que pode nos contar sobre essa música?

Felipe: Foi a mais recente que finalizamos e digo que é resultado de toda a experiência que tivemos até o momento. Você está muito certo quanto às referências citadas, pois bandas como o Pride & Glory de Zakk Wylde e a música de Jimi Hendrix me inspiraram para criar os riffs de *Shadow*.

Outro destaque é a densa *Unleashed Wheels*. Embora o andamento cadenciado e o peso permaneçam como elementos chave da música, ela apresenta boa variação em relação à canção mencionada anteriormente. Aqui existe algo do velho Soundgarden adicionado à fórmula, certo?

Felipe: Certíssimo! Soundgarden, como também Alice in Chains, Guns N'Roses e Skid Row, certamente estão na minha memória musical. Soma-se, ainda, uma grande influência blues rock vinda de músicos como Eric Gales, Joe Bonamassa, Philip Sayce e, obviamente, o mestre Hendrix! Algo curioso que tem nessa música-tema foi que a fonte de inspiração veio de um filme, 'Um Drink no Inferno' (N.R.: originalmente lançado em 1996 com o nome 'From Dusk Till Dawn,' o filme conta com Quentin Tarantino e George Clooney no elenco e é um dos clássicos do diretor Robert Rodriguez).

Após as cinco composições apresentadas em *A New Chapter*, vocês seguiram adiante no processo de composição? Quando ouviremos material novo do White Mammoth?

Felipe: Sim! Digo que composições ainda em sua fase embrionária eu e o Paulo já temos no mínimo oito. E todas mantiveram o som característico da White Mammoth, mas com algo a mais. Digamos que estão mais maduras.

Obrigado pela entrevista. Use este espaço para falar diretamente com os leitores da ROADIE CREW.

Felipe: Primeiramente, quero dizer que é uma honra estarmos em uma edição da ROADIE CREW, eu sempre fui fã, tenho diversas em casa. Gostaria de ressaltar o trabalho da MS e pedir para quem se identificou nesta entrevista com a White Mammoth que busque apoiar e se divertir com o nosso som.

Valtemir Amler

Brechó dos fãs

ARKENFIRE
FEITIÇARIA CÓSMICA

Coisa do destino. A ArkenFire nasceu em 2011, quando o baterista brasileiro Netto Figueiredo conheceu o guitarrista Randy Peterson em uma loja de música no Canadá. Ao compartilharem suas preferências pelo metal tradicional e pelo power metal, eles semearam as bases da banda, que por anos atuaria como um trio, completado pelo vocalista Jacob LeBlanc. Um grande passo adiante veio em 2015, após um breve hiato, quando o baixista Milan Bertucci e o guitarrista Ian McCall se uniram ao trio, formando o quinteto que conhecemos. "Tínhamos duas músicas completas quando eles chegaram: *Celestial Beasts* e *No Man's Land*. As duas já haviam sido criadas para duas guitarras", nos contou Netto. Dali em diante, as coisas ganharam rumo definitivo. Em 2017 eles lançaram o EP de estreia, *Celestial Beasts*, e agora chega o primeiro álbum completo, *Trials Through Time*. Confira os detalhes dessa história nas palavras de Netto Figueiredo.

Milan Bertucci, Ian McCall, Netto Figueiredo, Randy Peterson e Jacob LeBlanc em seu primeiro álbum completo

Gostaria que falasse um pouco sobre a experiência que viveram com o lançamento do EP *Celestial Beasts*.

Netto Figueiredo: Foi uma época incrível mas também de muitos desafios enquanto criávamos três das cinco músicas do EP. Também foi nossa primeira ida ao estúdio como banda. Era tudo muito novo e desconhecido. Trabalhamos com nosso amigo Kaylub Burke na gravação, mixagem e masterização. Graças às nossas conexões locais, conseguimos fazer parcerias com artistas para criar capa, layout do EP e merch. Uma história engraçada do EP foi quando o Jacob ainda estava escrevendo a letra de *Sand King* às vésperas da gravação. Ouvimos o vocal pela primeira vez durante as gravações. Por sorte deu muito certo! Parte do álbum foi gravado em um estúdio de uma escola de engenharia de som e a outra no nosso local de ensaio. Lançamos o material independente em todas as grandes plataformas digitais e fizemos a prensagem de 300 CDs. O show de lançamento foi num pub viking local chamado Muninn's Post com todos ingressos esgotados.

Ainda falando sobre o EP, gostaria que comentasse a faixa *No Man's Land*, que tem excelentes linhas de guitarra e forte melodia vocal.

Netto: *No Man's Land* tem uma história curiosa, já que ela teve várias mudanças de tema até decidirmos escrever uma letra sobre 'Mad Max: A Estrada da Fúria.' Muitos dos riffs vieram de composições antigas do Randy. Com algumas pequenas modificações, ela se tornou essencial no nosso repertório e uma das favoritas dos nossos fãs.

Chegamos agora ao mais novo trabalho, *Trials Through Time*. Como rolaram as gravações nesses tempos caóticos?

Netto: Começamos a trabalhar nas ideias do álbum em 2018 e decidimos compor aos poucos. Muitas das músicas de *Trials Through Time* já haviam sido tocadas ao vivo com arranjos diferentes que foram totalmente reconstruídos antes de entrarmos no estúdio. Bons exemplos disso são a *Night Sister* e *Blood of Gaia*. Foi também naquela época que começamos a equilibrar e harmonizar nossas influências até encontrarmos o meio termo que viria a formar nosso som. Quanto à gravação, realmente foi um desafio terminar tudo durante a pandemia. Eu gravei a bateria em dezembro de 2019, antes de ir passar o fim de ano com a minha família aí no Brasil. No começo da pandemia, o estúdio chegou a fechar por um tempo. No fim das contas, a pausa forçada nos levou a adicionar elementos novos às músicas, como camadas de harmonias, por exemplo. Eram coisas que antes não havíamos considerado. As gravações foram feitas no Arc House Studios, do nosso amigo Adam Wittke. Um nome propício! Com a ajuda do Adam e de outros grandes amigos e profissionais, conseguimos levar nosso som a um novo patamar.

Ao começar a ouvir o novo álbum, de cara percebemos uma banda mais experiente, com *Dragonbane* trazendo consigo uma aura épica bastante forte, que remete ao power metal melódico dos anos 90.

Netto: O Ian é fã de Dragonlance e queria criar uma música especialmente baseada na Lenda de Huma. A letra foi escrita pelo Jacob. A *Dragonbane* foi composta com uma abordagem diferente do que estávamos acostumados e, com a adição dos teclados do aclamado Fabio Laguna, foi a música perfeita para abrir o álbum. Trabalhar com o Laguna foi uma grande honra para a banda, especialmente pra mim. Eu cresci no Brasil vendo o Laguna tocar com meu tio Rafael Alves, que também toca bateria e é uma das grandes razões pelas quais eu comecei no instrumento.

Também gostaria que comentasse *Unstoppable*, primeiro single desse novo álbum.

Netto: *Unstoppable* foi escrita pelo Randy e traz a pegada mais tradicional do nosso som. A gente queria uma música mais rápida e que fosse direto ao ponto. Tocamos *Unstoppable* várias vezes ao vivo antes das gravações. Ela se tornou uma das favoritas dos nossos fãs e ficou claro que seria um bom single. É uma música muito divertida de tocar e que abre espaço para todos os membros da banda terem seu momento de destaque na execução.

Minha favorita, porém, é *The 8th Passenger*. Simplesmente amo a forma como a música vai crescendo e ganhando novos elementos.

Netto: Obrigado! Eu tive a ideia de fazer uma música sobre o primeiro filme 'Alien' e escolhi o nome baseado no título do filme em português. Lembro que estava compondo a ideia da marcha na caixa entre uma aula e outra quando eu lecionava bateria em uma escola da cidade. Essa é nossa música mais longa e teve uma abordagem de criação bem diferente. Primeiro decidimos o tema e depois assistimos o filme juntos enquanto anotávamos ideias. Quando chegou a hora de escrever a música, já tínhamos um roteiro em mente. Musicalmente ela tem de tudo um pouco: uma intro mais doom, versos bem thrash e o meio mais suave e atmosférico. Com certeza é uma das nossas favoritas.

Para encerrar, como estão os planos para esse período de retorno pós-pandemia?

Netto: Estamos começando a ver um retorno a um ritmo mais normal aqui na Colúmbia Britânica (N.R.: província canadense onde a banda está baseada), onde já se veem alguns shows acontecendo. Estamos confirmados para o incrível Hyperspace Metal Festival III, em Vancouver, em abril de 2022, que é organizado pelo nosso amigo Joey e que tem foco no metal melódico, especialmente no power metal. Também vamos planejar um show de lançamento de *Trials Through Time* para que a gente possa comemorar com nossos fãs. Já estamos compondo material novo visando um novo disco que esperamos fazer nos próximos dois anos. Além disso, temos uma parceria incrível com a MS Metal Agency, então podemos dizer que vem muita coisa boa por aí, especialmente para nossos fãs brasileiros.

Valtemir Amler

FELIPE ANDREOLI
MOSTRANDO SUA REAL IDENTIDADE

Baixista, compositor e produtor que dispensa apresentações, Felipe Andreoli (Angra, 4Action, Rec/All e várias outras) dá um passo além em sua carreira e lança seu primeiro disco solo, *Resonance*, que vem com um time de convidados que incluí Dino Jelusick, Simon Phillips, Virgil Donati, Kiko Loureiro e Bruno Valverde, entre muitos outros. O álbum saiu durante a pandemia e em meio ao nascimento de seus dois filhos, e nesta conversa Felipe explica a relação entre esses eventos e conta vários outros detalhes sobre o projeto.

Nós estamos vivendo uma época em que muita gente se viu em meio a um marasmo por conta das restrições da covid-19, mas você não só lançou seu primeiro disco solo como viu seus dois filhos nascerem. Dá pra dizer que foi um período bem intenso pra você, não?

Felipe Andreoli: Foi, sim. O Leo nasceu em abril de 2020, bem no auge da pandemia, quando tudo parou mesmo. Ninguém pôde ir no hospital nem me visitar em casa. Então, filho dá muito trabalho, mas a vida social e a vida musical pararam. Eu fiquei uns três meses em casa e meu disco me fez um bem danado. Tirei um pouco o foco de pandemia e bebê, recuperando o lado profissional. E no meio do caminho, quando o Leo tinha quase 10 meses, a gente descobriu que minha estava grávida do meu segundo filho, o Rick. Aí começou tudo de novo! E foi legal porque me obrigou a concluir o disco rápido, porque eu quis lançar antes de o Rick nascer.

Você já tem uma carreira bem longa, só de Angra são vinte anos. Por que só agora resolveu soltar um disco solo?

Felipe: Essa ideia me veio à cabeça há uns quinze anos. Eu sempre gostei de compor, sempre ouvi discos de baixistas e sempre achei que nenhuma das bandas em que eu estava, apesar de serem de estilos que eu gosto, me representava plenamente como baixista. Sempre tem adaptações que eu preciso fazer pra soar coerente com o trabalho em que estou tocando. Mas algo que eu pudesse dizer 'esse sou eu', isso eu não tinha. Durante muito tempo eu me cobrei, as pessoas me cobravam, mas eu entrava naquele loop: começa a compor, de repente aparece um projeto e eu não sou um cara que compõe a rodo, eu trabalho aos poucos, então essas ideias vão sendo usadas em outras bandas. Ao longo dos anos a ideia foi amadurecendo e ficou bem claro na minha cabeça o que eu não queria.

O que você não queria?

Felipe: Um disco que fosse pautado pela técnica, em que a música fosse só um palco para eu ficar me mostrando. E não queria que ficasse uma salada de estilos, mas que ficasse coerente e fizesse sentido. Eu sabia que apesar de o meu público ser em grande parte formado por fãs do Angra, não queria repetir o Angra no meu projeto solo. Não faria sentido, era justamente a oportunidade de fazer coisas diferentes.

Normalmente os baixistas levam seus projetos solo para um lado mais cheio de groove, mas no seu caso foi para o fusion e para o prog. Você não curte esse lado mais ritmado?

Felipe: Curto, mas aí cai na questão da salada. Veja um disco do Marcus Miller, por exemplo, em que o groove é a tônica. Eu não conseguia imaginar aquilo convivendo em harmonia com uma música do meu disco. E apesar de eu tocar vários estilos, ao longo dos anos fui percebendo minha identidade como baixista. E ficou claro que meu estilo é uma mistura entre prog e fusion – nunca indo totalmente para o fusion, está sempre no limiar do rock, da música pesada.

Seis das dez músicas foram escritas em parceria com o guitarrista Dallton Santos. Por que você não assinou todo o material, como costuma acontecer em trabalhos solo?

Felipe: O que acontece é que quando estou compondo sozinho eu não consigo ser muito produtivo. Eu me pego em detalhes ou me perco no processo em si. Já quando eu tenho alguém comigo sou extremamente produtivo, essa troca com outra pessoa é tipo um catalizador das minhas ideias. Conheço o Dallton há alguns anos, a gente se dá bem, ele toca os mesmos estilos que eu, é um cara super gente fina e que estava disponível.

Há um time imenso de convidados em *Resonance*. Foi muito complicado organizar a participação de todos eles?

Felipe: Nessas horas ajuda muito a experiência de ter gravado tantos discos e ter trabalhado com tantos produtores. Porque tem um papel do produtor que nem todo mundo se liga, que é o de organizar tudo. Um disco do Angra, por exemplo, é sempre um projeto grandioso e com o tempo eu comecei a cuidar disso porque gosto dessa parte. Lancei mão dessa experiência e consegui organizar tudo de forma eficiente. Eu sempre imaginei um disco solo com vários músicos diferentes, era muita gente que eu queria convidar. Mas como a vida real é muito diferente de um sonho (risos), tive que priorizar algumas pessoas, que eram chave no processo. E eu também queria ter um núcleo principal, que tinha Dallton na guitarra, Bruno Valverde na bateria e Bruno Alves no teclado.

Por falar no Bruno Valverde, você não contou com a participação de mais ninguém do Angra no disco. Por quê?

Felipe: Eu queria expandir os horizontes e tocar com gente com quem nunca gravei. A tentação é chamar os amigos, mas seria o caminho mais fácil. Tenho a sorte de só tocar com músicos muito feras, mas eu queria ter interpretações diferentes. Eu fui buscar um tempero lá na Índia em vez de usar aquele temperinho caseiro de todo dia. Já no caso do Bruno, ele foi uma pessoa que se envolveu no projeto desde o início, torceu muito pelo disco, de certa forma ele fez parte do planejamento. Então, por essa afinidade eu decidi colocá-lo no projeto.

E você ainda contou com um belo solo de Kiko Loureiro na faixa *Sagan*.

Felipe: Ele não só tocou aquele solo incrível como participou do processo. Eu mandei as músicas pra ele dar uma ouvida e mandar um feedback. E ele deu ótimas ideias, que só caras muito bons no que fazem conseguem sacar. As pessoas focam muito no Kiko guitarrista, e tem mais que focar mesmo porque ele é um animal, mas o Kiko compositor é igualmente foda. Ele é tão virtuoso na composição como é na guitarra. Então ter um feedback como esse não tem preço. Nessas horas é bom a gente contar com os amigos geniais.

Antonio Carlos Monteiro

Baixe mais revistas

GABRIEL WINTTER
A GUITARRA ILUSIONISTA

O ano de 2021 tem sido produtivo para Gabriel Wintter. Pouco após lançar o álbum *Bear It*, o guitarrista brasileiro radicado nos Estados Unidos ataca agora com *The Illusionist*. E como um ilusionista, em seu terceiro álbum instrumental ele atrai o ouvinte com composições de bom gosto, fundindo hard rock e fusion, a base de uma guitarra que joga para a música e não para o ego do artista. A seguir, Wintter fala de seu novo álbum, que inclui uma versão inusitada de um clássico da MPB, composto por Edu Lobo.

No primeiro semestre de 2021, você lançou o álbum *Bear it*, e recentemente o sucessor *The Illusionist*. *Bear it* foi finalizado em 2019, porém esteve engavetado devido a morte de seu irmão Thiago Wintter, baterista dos dois álbuns, e a pandemia. Talvez lançá-los simultaneamente não seria uma boa estratégia, mas por que soltar *The Illusionist* poucos meses após *Bear it*?

Gabriel Wintter: Inicialmente, seria um álbum, tanto que quando entrei no estúdio, entre agosto e dezembro de 2019, fui gravando. Durante as gravações, chequei a conclusão de fragmentar. Quanto ao lançamento, foi uma questão de poder seguir em frente, começar a trabalhar e arranjar novas músicas, normalmente material pronto e parado me prende, atrapalha meu processo criativo, então escolhi fazer dessa maneira.

Mesmo sendo instrumentais e orientados para a guitarra, noto que, como nos casos de Steve Vai e Joe Satriani, por exemplo, seus álbuns têm o hard rock como referência. Gosto dessa fusão e sinto que seu foco são melodias, riffs e timbres limpos - mesmo quando pesados. O que você apontaria como principais atrativos de seus álbuns à quem for guitarrista ou entusiasta da guitarra e da boa música?

Gabriel: Muito obrigado pelo comentário. É bem isso que você comentou, gosto de pensar como se a minha música tivesse vocal, priorizo estruturar dessa maneira, focando em melodias, texturas, e deixar um momento técnico, se necessário para uma parte específica. Outra coisa que pode ser interessante, é que eu também procuro utilizar ferramentas de fusion dentro da minha linguagem, que é o rock/metal, mexer com harmonias e intenções.

Fale de *Pulling A Rabbid Out of the Hat*. Em *The Illusionist*, ela aparece plugada, diferente do single, onde saiu em formato acústico.

Gabriel: Essa é uma das músicas que eu mais gosto do álbum, acho que ela tem uma melodia boa, tem bastante elemento interessante e é gostosa de ouvir. Comecei a fazer versões das minhas músicas e arranjos de alguns covers em versão acústica, como é o caso dela e de *Limelight* (Rush). Estava de férias do trabalho e resolvi gravar essas duas músicas em versão acústica para ter um feedback, pois minha intenção para o ano que vem é lançar um álbum com essas duas músicas e mais umas seis, sete outras inéditas e rearranjadas apenas com violões.

Interessante também a sua versão para *Ponteio*, clássico da MPB composto ao violão na década de 60 por Edu Lobo, em parceria com José Carlos Capinan e interpretado por ele e Marília Medalha. Como foi ser desafiado pelo IGT (Instituto de Guitarra e Tecnologia) a rearranjar a música do compositor e multi-instrumentista carioca?

Gabriel: Bem inusitado. Me formei em fusion no IGT e na graduação eles pedem para arranjar uma música e me deram *Ponteio*. Fiquei perdido de início, mas adoro rearranjar músicas, pegar algo de um estilo bem diferente e transformar em rock/metal. Foi legal, é uma música que gosto muito, e o tipo de coisa que procuro fazer em todo álbum meu, pegar uma música de característica bem diferente e transformar em algo mais para a minha realidade, como aconteceu em meu primeiro álbum (*Blind Land*, 2017) com a música *O Guarani* (de Marcos Davi) e no segundo com *Imigrante* (de Ulisses Rocha).

Gosto de saber de quem lança álbuns instrumentais o que o leva ao título e à ideia da capa. Explique os conceitos por trás de *Bear it* e de *The Illusionist*. Os títulos e artes das capas se amarram ao contexto geral das músicas (ou vice-versa)?

Gabriel: *Bear it*, foi criado em um momento de embriaguez, estava conversando com meu amigo e pensei nesse trocadilho de "Bear it" (na questão de aturar, mas que seria engraçado pensando em um urso). Para a arte eu deixo os designers meio livres, mas eu queria um urso meio puto da vida, ia dar um charme pro "aturar". *The Illusionist* era o nome que eu já tinha previamente para um segundo álbum, talvez fazer uma relação entre o ilusionismo e a guitarra, na maneira de desviar a atenção, "enganar" o ouvinte, no caso de uma música boa, ela independe de o músico ser bom ou não, por outro lado, não significa que por um músico ser bom ele faz boa música. Obviamente, tudo isso é subjetivo, mas era uma relação que eu tinha na minha mente. Quanto a capa, eu tinha uma ideia mais ou menos de como queria e por fim o Alcides Burn materializou muito bem a minha ideia.

Muitos guitarristas brasileiros têm se mudado para os Estados Unidos, você, Luís Kalil, Mika Jaxx, Mateus Asato, Bill Hudson, José Neto, Rafael Moreira, Andre Nieri, Tomati, Lineu Andrade, Carlinhos Rocha, Thiago Straioto, Mike Kerr, Artur Menezes, Celso Salim, a Lari Basilio e outros. No Brasil, álbuns de guitarra são pouco valorizados. Como está o mercado atual aí no país em que a NAMM é de suma importância para músicos e que no passado teve a Shrapnel de Mike Varney promovendo mundialmente muitos guitarristas?

Gabriel: O mercado não me parece ser tão melhor assim, tanto que o que sustenta esses músicos é acompanhar artistas. Pelo menos há exposição, reconhecimento, patrocinadores... De fato, é um mercado bem melhor do que o Brasil. Por exemplo, no caso do Bill e do Luis, são dois caras que não precisaram parar de tocar metal para ganhar dinheiro. Nesses casos específicos vejo que o mercado aqui é melhor, você pode viver como um guitarrista, tocando o que gosta.

Em 2013, você lançou o álbum *Wings* com o Wintter, power trio em família (oriundo de um tributo ao Rush) completado por seu irmão Thiago e seu pai Elliot (vocal, baixo, teclado e sintetizador). O Wintter estava parado antes do falecimento de seu irmão? Pensa em voltar a ter uma banda de formato convencional?

Gabriel: Parados não, estávamos criando material para um novo CD e fazíamos alguns shows antes da pandemia. Quanto ao próprio Wintter, ainda não sabemos se continuaremos, se lançaremos algo em homenagem, por enquanto tudo é bem incerto. Ano passado, gravei dois solos para o Infestatio, e no fim do ano fui convidado a entrar na banda. Em 2021, gravamos um single e clipe da música *Never Fall Back*. Efetivamente, ainda toco, componho e arranjo com eles em um formato convencional.

Leandro Nogueira Coppi

Baixe mais revistas no canal no Telegram

Acervo Digital Brasil Revistas

ENTREVISTA
LORD VICAR
O vigário das trevas

Se a Finlândia tem se destacado em todos os 'fronts' da música pesada, com o doom metal não poderia ser diferente. E, dentre os principais nomes do gênero no mundo, é fácil incluir Reverend Bizarre e Spiritus Mortis. Pois é justamente do Reverend Bizarre que vem o guitarrista Kimi Kärki, um dos fundadores do Lord Vicar. Ao seu lado, também desde o início estão Gareth Millsted (bateria, ex-Centurions Ghost) e o vocalista Christian "Chritus" Linderson (ex-Count Raven, Terra Firma e Saint Vitus), com o time sendo completado pelo baixista Rich Jones, que se uniu ao grupo em 2016. Chegando ao seu quarto álbum completo, o grupo tem em *The Black Powder* seu primeiro registro com esta formação. O repórter Valtemir Amler bateu um papo com Millstead para compreender os caminhos seguidos pelo grande vigário finlandês nesta lúgubre jornada doom. Confira!

REVIEW - LIVRO
RAINBOW IN THE DARK
A autobiografia

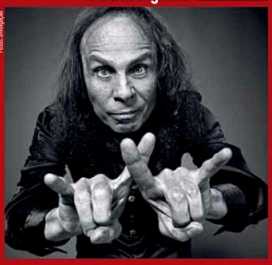


Foto: Divulgação

Confira o que Leandro N. Coppi tem a dizer sobre a autobiografia de Ronnie James Dio, lançada pela editora Estética Torta. "(...) Importante observar que um fator positivo é que **Ronnie** não foi econômico ao falar de sua juventude. (...) Sem entrar em mais detalhes sobre o que está eternizado nas quase 330 páginas, recheadas de momentos de emoção, diversão, drama, tristeza e triunfo, afirmo que a leitura se faz essencial. (...) Você finalizará a leitura desejando que Wendy Dio e Mick Wall se juntem para uma segunda parte do livro".

MEMÓRIA
RC #166

"Não sou um especialista em tecnologia, mas não economizo tempo para encontrar o timbre certo para cada música", Joe Perry, guitarrista do Aerosmith, falando a sobre sua forma de trabalho à ROADIE CREW.

YOUTUBE
Roadie Crew
Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Bad Wolves - *Dear Monsters*
Memphis May Fire - *Broken*
Massacre - *Resurgence*

Daniel Dutra (Colaborador)
Motörhead - *Everything Louder Forever*
Behemoth - *Zos Kia Cultus (Here and Beyond)*
Dorsal Atlântica - *Pandemia*

Thiago Prata (Colaborador)
Desalmado - *Mass Mental Devolution*
Manger Cadavre? - *Decomposição*
White Stones - *Dancing Into Oblivion*

José Tadeu Razek (Leitor)
Moonspell - *Hermitage*
Mondo Drag - *Mondo Drag*
Vintage Caravan - *Monuments*

Paulo César Teixeira Júnior (Leitor)
Gojira - *Fortitude*
Mammoth - *Mammoth WVH*
William DuVall - *One Alone*

Marcelo Arosio (Leitor)
Iron Maiden - *Senjutsu*
Dr. Sin - *Back Home Again*
Glenn Hughes - *Songs in the Key of Rock*

Brasilrevistas

MS METAL RECORDS APRESENTA:

UM DOS NOVOS NOMES DO METAL BRASILEIRO/CANADENSE DA ATUALIDADE

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

ARKENFIRE – TRIALS THROUGH TIME

A MAIOR REVELAÇÃO DO HEAVY METAL BRASILEIRO/CANADENSE, QUE TRAZ A SUA MUSICALIDADE FINCADA NA ANTIGA ESCOLA DO ESTILO.

"Trials Through Time" resgata com fidedignidade elementos da NWOBHM, de nomes como IRON MAIDEN e JUDAS PRIEST, e do Power alemão, de nomes como BLIND GUARDIAN e HELLOWEEN, através de nove faixas do mais puro Metal Tradicional e Power.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes

/ArkenFire · www.ArkenFire.com · @ArkenFire

MS METAL RECORDS

Foto: Saramah Bajakaw Arte: www.jduartedesign.com

Brasilrevistas

Ryan Richards

cesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

DREAM THEATER

NO TOPO DO PROG METAL

James LaBrie e Jordan Rudess falam do novo álbum, que bebe nas raízes e mantém a banda relevante, entregando o que o fã deseja e muito mais

Por Daniel Dutra

O primeiro sinal de recuperação veio com *Distance Over Time* (2019), que serviu bem para aplacar a decepção que os fãs tiveram com o ousado e decepcionante *The Astonishing* (2016). E com A *View from the Top of the World*, James LaBrie (vocal), John Petrucci (guitarra), John Myung (baixo), Jordan Rudess (teclados) e Mike Mangini (bateria) entraram de sola para fazer um trabalho não apenas sob medida para o fã ouvir com um sorrisão no rosto, mas para mostrar que o estilo ainda tem seu principal propagador. O 15º disco de estúdio do Dream Theater mostra uma banda abraçando o passado, mas de mãos dadas com o presente e de olho no futuro. E foi sobre isso e outras coisas mais que conversamos com o 'gentleman' LaBrie e o bem-humorado Rudess.

Antes de qualquer coisa, como você está nesta interminável pandemia?

James LaBrie: Obrigado por perguntar! Eu estou bem e, felizmente, tive condições de evitar contrair o vírus. E você, está bem?

Sim. Apesar de a situação no Brasil não ser nada boa, fiz e estou fazendo a minha parte. Por mim, pela família e pelos outros. E tomei a vacina...

James: Isso é ótimo, cara! Eu sei que a situação aí está horrível, mas é bom saber que você está bem. E estão todos vacinados na sua família?

À exceção do meu filho, que tem 2 anos e 5 meses, estamos todos vacinados. E com as duas doses.

James: E quais vacinas você tomou?

Pfizer.

James: Ah, a Pfizer! Muito bom!

E você?

James: Ah, eu sou um dos mistura-

Brasilrevistas

dos! (risos) A minha primeira dose foi da AstraZeneca, e a segunda, da Moderna.

Mas você está se sentindo bem, certo?
James: Ah, sim! Está tudo ótimo!

A propósito, a pandemia mudou alguma coisa na dinâmica da banda em relação aos processos de composição e gravação do novo álbum?

James: Definitivamente, alterou a forma como organizamos as gravações, porque o mais importante era seguir e adequar os protocolos de segurança. Para estarmos juntos, teríamos de ser testados, e no meu caso, por morar no Canadá, seria imensamente difícil ficar cruzando a fronteira ida e volta na fase de composição. Decidi permanecer em casa, onde fiquei conectado via Zoom com o nosso estúdio enquanto estava no meu próprio estúdio, no porão da minha casa, diante do monitor para que os caras me vissem e me ouvissem. E vice-versa. Todos os instrumentos estavam plugados nos meus alto-falantes, então era como se estivéssemos no mesmo ambiente. Na verdade, foi vantajoso para mim porque permitiu que eu me isolasse em momentos. Por exemplo, se os caras estivessem trabalhando numa parte de uma canção, eu poderia silenciá-los enquanto eu trabalhava numa ideia para ela. Foi legal nesse sentido, porque me deu liberdade de enxergar através das minhas ideias. Mas não há dúvidas de que a pandemia nos fez refletir e repensar nas coisas que são importantes para nós, de como não podemos dar tudo como certo. A vida é frágil, e acredito que todo esse novo senso de valorização e respeito por cada um nos inspirou a sentarmos juntos, como um grupo, para compor o tipo de música que criamos para esse disco. Percebemos que estávamos numa situação muito privilegiada, por isso precisávamos ser inteligentes para aproveitá-la.

Interessante, porque quando entrevistei Jordan Rudess para falar do *LTE3*, perguntei a ele sobre o novo álbum Dream Theater, e ele disse que iria surpreender os fãs. E ele estava certo. Para mim, é o melhor disco da banda desde *Octavarium* (2005). Mas qual é o seu sentimento?

James: Bem, como você sabe, quando as bandas estão divulgando seu novo trabalho, todas falam que é um baita disco (risos). Dito isso, eu concordo com o que Jordan disse (risos). Realmente acredito que atingimos outro nível em *A View from the Top of the World*, e as músicas falam por elas mesmas. Do começo ao fim, é um álbum muito poderoso, e mais uma vez pudemos fazer uma canção épica, que é a faixa-título. É algo que não fazíamos há muito tempo, e ela é o epítome do que é o Dream Theater! Com sua diversidade, sua natureza eclética, os estilos e as dinâmicas das músicas... Tudo isso fala alto sobre como, mesmo sendo este o nosso 15º disco, estamos sempre buscando melhorar, sobre nos forçarmos a ir além dos nossos limites e percebemos que, mais uma vez, nos superamos. Estamos imensamente orgulhosos do que fizemos. Esse álbum é um grande presente para os nossos fãs, e creio que eles tanto vão gostar bastante quanto também ficarão animados, no sentido de que estamos dizendo 'Sabem de uma coisa? Nós não vamos a lugar algum. Amamos fazer o que fazemos, e foi como se estivéssemos gravando o nosso primeiro disco. Ainda temos muito a provar e estamos nos divertindo com isso'.

> "Ainda que horrorize os nossos fãs, o disco que realmente me permitiu mostrar todas as cores e todos os estilos diferentes da minha voz foi o *The Astonishing*"
>
> James LaBrie

E isso talvez explique por que o novo álbum tem a melhor performance de Mike Mangini na banda até agora, o que diz muita coisa. Como você havia trabalhado com Mike antes de ele entrar no Dream Theater, me pergunto se você tem o mesmo sentimento...

James: Eu concordo 100% com você! O Mike é a estrela do novo álbum, definitivamente! Vamos ver a coisa dessa forma: sim, trabalho com o Mike desde antes de ele entrar para a banda, o considero um baterista fenomenal, um dos melhores do mundo, mas acredito que, nos dois últimos discos, demos mais liberdade a ele, deixando-o ser ele mesmo, e foi isso que Mike entregou em *Distance Over Time* e agora. Como baterista, como músico e como integrante envolvido no processo de composição das músicas, para deixar os fãs realmente verem quem ele é e o que é capaz de fazer. Mike é um baterista sensacional, perfeito para a banda, e é uma peça fenomenal e inseparável do motivo de o novo álbum soar tão bem.

Sobre a maneira como você descreveu anteriormente o fato de a banda fazer o que ama, acredito que escolher *Alien* como primeiro single e faixa de abertura é uma declaração. Ela mostra o Dream Theater voltando às suas raízes, mais ainda do que em *Distance Over Time*, da mesma forma que ainda soa novo. Faz sentido para você?

James: Totalmente! Você acertou em cheio, porque a forma como interpretou o disco é exatamente como planejamos que ele fosse interpretado. Isso ótimo porque você consegue ver o que nós queríamos alcançar, e acredito que é extremamente importante para qualquer banda nunca perder de vista o que ela é de verdade. É preciso sempre reter sua identidade, sempre lembrar e sempre conseguir buscar inspiração facilmente nas suas raízes, como você disse. Quando fazemos isso, e quando qualquer banda ou artista faz isso, é que acontece o melhor movimento para frente, é quando se mostra o motivo de estar apaixonado desde o começo pelo que faz. É buscar inspiração nas suas raízes sem ser uma cópia que se repete, apenas lembrando e mantendo, musical e estilisticamente, a identidade e o reconhecimento. Definitivamente, foi o que fizemos.

Inclusive em *Transcending Time*, a minha favorita no novo álbum. É incrível como o Dream Theater consegue gravar uma música mais pop, digamos assim, sem comprometer o seu próprio estilo. É a combinação definitiva de beleza e complexidade...

James: Interessante você dizer isso, porque a pessoa para quem dei entrevista antes disse a mesma coisa. A minha música favorita é *Sleeping Giant*, mas entendo o que você quis dizer. Aliás, é uma ótima maneira de descrever *Transcending Time*, porque é sobre como a complexidade, a beleza e a simplicidade interagem de uma maneira bem construída, e acredito que é isso que faz a conexão com quem a ouve. Aqueles elementos estão muito bem interligados, e realmente sempre tivemos esse lado. Como em *I Walk Beside You*, que é bem pop e poderia tocar em qualquer rádio. Isso sempre fez parte de quem nós somos. Pessoalmente, gosto de U2, Coldplay e One Republic, curto bandas que fazem esse pop alternativo, e esse é um dos elementos que compõem o Dream Theater e que mantém a nossa música bem redonda.

Falamos sobre como o Dream Theater é uma unidade, então aqui está algo que sempre quis perguntar a você. E vou dividir em duas perguntas: você é o vocalista e o frontman de uma banda com alguns dos melhores músicos do

Compre em canal no Telegram @brasilrevistas

Brasilrevistas

mundo. Depois de tantos anos, eles ainda o surpreendem em algum nível, no estúdio ou no palco?

James: Quando estamos gravando e eu ouço algo que algum deles fez, sempre me adianto em elogios, dizendo 'Isso é incrível! Excelente! Continue assim!', e isso sempre foi uma conversa entre nós ao longo dos anos, porque só sendo surdo para não ouvir o que esses caras criam e como eles tocam (risos). Sempre elogiamos uns aos outros, e é claro que, com o passar do tempo, eu percebi o quão incríveis todos são como músicos. E também existe uma camaradagem, a proximidade e a fraternidade que definem quem nós somos.

Dito isso, vamos ao complemento da pergunta: eu costumo dizer que a sua voz é o quinto instrumento do Dream Theater. O que você pode dizer sobre isso?

James: Novamente, muito obrigado! Sabe, é como se ao longo dos anos eu tivesse recebido uma "tela de pintura musical", na qual eu poderia me expressar vocalmente como ninguém mais, porque há vários estilos nela, e isso permite que eu explore cada parte da minha voz. Ainda que horrorize os nossos fãs, o disco que realmente me permitiu mostrar todas as cores e todos os estilos diferentes da minha voz foi o *The Astonishing*. Nele, pude mostrar quem eu sou em cada ponto daquela tela, fosse gritando, grunhindo, cantando em tons mais altos, sendo etéreo. Aquele álbum foi o ponto na minha carreira que me fez dizer: 'São todas essas coisas que me fazem ser quem eu sou, e é isso que me permite fazer tudo o que fiz e tudo o que eu pretendo fazer'. Aliás, quando *The Astonishing* foi lançado, Dennis DeYoung, do Styx, e Steve Smith, ex-baterista do Journey, resenharam o disco e ambos disseram 'Bravo para o James por sua performance vocal, porque ele fez algo que muitas pessoas jamais poderiam fazer', e receber reconhecimento desses dois caras foi... Cara, só confirmou algo que venho pensando ao longo de todos esses anos: 'Isso é quem eu sou, é o motivo de eu estar cantando com o Dream Theater por tanto tempo'.

Por falar em tempo, eu costumo dizer que Queensrÿche, Fates Warning e Dream Theater formam a santíssima trindade do prog metal. No entanto, embora seja mais jovem e de alguma forma tenha sido influenciado por eles, o Dream Theater ofuscou os outros dois há muito tempo. Como você explicaria isso?

James: Eu realmente gosto muito das duas bandas. Inclusive, gravei com o Fates Warning no *Parallels*, em 1991 (N.R.: LaBrie fez backing vocals na música *Life in Still Water*), mas creio que o motivo de o Dream Theater ter o nível que tem, e por tantos anos, é primeiramente porque nos mantivemos juntos como banda. Tivemos algumas mudanças de integrantes, mas nos mantivemos os mesmos na maior parte do tempo. E também acredito que a natureza da banda é tamanha que, uma vez que mergulhamos nela, somos abençoados a criar algo que musicalmente, em cada disco, mantém e sustenta a nossa relevância com os nossos fãs e com todos na indústria. Isso é o principal, ou seja, criar um álbum e músicas que de fato toquem e ressoem nos fãs, e nós temos os fãs mais incríveis que qualquer banda poderia ter ao redor do mundo! Eles estão conosco, se mantiveram fiéis, dedicados e comprometidos, e isso fala muito sobre quem nós somos e por que pudemos continuar no nível que estamos. Ao mesmo tempo, infelizmente, Queensrÿche e Fates Warning passaram por muitas transformações em seus percursos, e as pessoas acharam que o som, o estilo e a identidade também mudaram. Não estou dizendo que essa é a razão verdadeira e definitiva, porque isso não existe, mas há muitos fatores que definem por que uma banda continua e mantém um alto nível, e outras não. É difícil estar dentro da indústria musical, e quando novos artistas e bandas lançam seus primeiros discos, eu sempre digo a eles: 'Parabéns! Vocês conseguiram. Assinaram contratos e lançaram o primeiro trabalho, mas agora é que começa o trabalho! Agora vocês têm que ficar no jogo, e esse é o maior desafio!'.

> "(A pandemia) alterou a forma como organizamos as gravações, porque o mais importante era seguir e adequar os protocolos de segurança"
>
> James LaBrie

O Dream Theater vai tocar no Palco Mundo do Rock in Rio em 2022, depois de Sepultura e Megadeth e antes do Iron Maiden. O que você sabe sobre o festival? Quais são suas expectativas?

James: Ah, nós tocamos regularmente no Brasil desde 1997, e todas as vezes foram experiências incríveis! Nossos fãs no Brasil são maravilhosos, os shows são sempre excelentes, e tocar no Rock in Rio será incrível! Planejamos um show poderoso. Aliás, já estivemos em turnê com algumas dessas bandas... Tocamos com o Maiden na Europa e nos EUA, com o Megadeth nos EUA, e todos nos damos muito bem. Será uma grande reunião de amigos ao mesmo tempo em que subiremos ao palco para ser o Dream Theater que nossos fãs esperam. Vamos nos divertir imensamente. Pode anotar: será épico!

Muito obrigado pela entrevista, e o espaço final é todo seu.

James: Obrigado a você pela agradável conversa. Estamos ansiosos para voltar ao Brasil, para rever os nossos fãs brasileiros. Amamos vocês imensamente e mal podemos esperar para nos encontrarmos novamente. Cuidem-se!

A VIEW FROM THE TOP OF THE WORLD
Insideout - Imp.

Brasilrevistas

TRÁGICA COINCIDÊNCIA

Há 20 anos, como numa mórbida previsão, *Live Scenes from New York*, com as Torres Gêmeas em chamas na capa, chegou às lojas no dia dos atentados de 11 de setembro

Por Daniel Dutra

Terça-feira, 11 de setembro de 2001. Para os fãs do Dream Theater, especialmente os americanos, deveria ser o dia em que o foco estaria no lançamento de *Live Scenes from New York*, álbum triplo ao vivo que marcava a turnê de *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory* (1999), a bem-sucedida – e até hoje reverenciada – obra conceitual da banda, que naquele trabalho passou a contar com o tecladista Jordan Rudess ao lado de James LaBrie (vocal), John Petrucci (guitarra), John Myung (baixo) e Mike Portnoy (bateria). Mas não foi o que aconteceu, e o disco só não passou batido da atenção de todos por causa de sua capa...

Manhã de terça, 11 de setembro de 2001, de Nova York para o mundo. Às 8h46, quando o primeiro avião se chocou com a Torre Norte do World Trade Center, ninguém imaginava que aquilo fazia parte de um atentado terrorista orquestrado pela al-Qaeda, grupo fundamentalista islâmico liderado por Osama Bin Laden. Dezessete minutos depois do incidente com o Voo 11 da American Airlines, o Voo 175 da United Airlines, que atingiu a Torre Sul. Às 9h03, com as Torres Gêmeas em chamas, nem os mais ingênuos poderiam acreditar em coincidência. Os Estados Unidos estavam sob ataque, mas o alvo não era apenas o coração do centro financeiro de Nova York.

Outros dois aviões comerciais haviam sido sequestrados pelos terroristas da al-Qaeda, que havia dividido a ação com um grupo para cada voo: três contavam com cinco extremistas, e o último, com três. Na sequência dos ataques ao World Trade Center, o terceiro avião atingiu a Ala Oeste do Pentágono, o Departamento de Defesa dos EUA, situado em Arlington, na Virgínia; enquanto o quarto caiu num campo próximo a Shanksville, região do Condado de Somerset, na Pensilvânia, depois que os terroristas foram rendidos pelos passageiros. O alvo, no entanto, era algum estratégico em Washington, D.C. – para muitos, provavelmente a Casa Branca. Mas o que isso tudo tem a ver com o lançamento de um disco ao vivo de uma banda de prog metal? Portnoy explica:

"Foi duplamente terrível para nós. O álbum estava chegando às lojas quando aconteceu aquilo. Na hora, fiquei em estado de choque e nem me lembrei da capa do disco. Alguns minutos se passaram, e então comecei a me lembrar de que havíamos colocado o World Trade Center pegando fogo na capa, e eu nem sabia o que fazer. O álbum pronto e indo para as lojas no mesmo dia! Ligamos para a gravadora e mandamos recolher todas as cópias, e no mundo inteiro. O selo ainda disse que seria melhor colocar um adesivo na frente, mas eu não quis. A pessoa chegaria em casa, tiraria o adesivo e iria ver a imagem das Torres Gêmeas em chamas. Eu nunca gostaria de saber que as pessoas pegaram este álbum do Dream Theater e lembraram daquele terror, porque quero que as pessoas lembrem do dia em que o gravamos. Os álbuns foram trocados, e tudo foi resolvido. Acabou sendo relançado no fim de outubro", disse o baterista à ROADIE CREW, em entrevista publicada na ed. #40.

Capa original de *Live Scenes from a Memory*. Abaixo a substituta.

Redes sociais do Dream Theater no dia 11/09

Redes sociais de Mike Portnoy no dia 11/09

Gravado no Roseland Ballroom, no dia 30 de agosto do ano anterior, *Live Scenes from New York* destacava na capa uma maçã em chamas – uma referência à cidade chamada de "Big Apple" e inspirada no coração em chamas da capa de *Images and Words* (1992) –, mas com a inserção de dois ícones do estado de Nova York: a Estátua da Liberdade e as Torres Gêmeas do World Trade Center. "O primeiro problema veio com o atraso no lançamento do *DVD Metropolis 2000: Scenes from New York*, que ocorreu na edição final, e com o triplo ao vivo foi um coincidência bizarra. Quem poderia imaginar que aquilo iria acontecer bem no dia do lançamento do álbum?!", disse LaBrie na ed. #37 da ROADIE CREW. "Ficamos em estado de choque, e a única coisa que pensamos naquele momento foi recolher o álbum das lojas, por uma questão de respeito às pessoas que perderam suas vidas nesta tragédia. Criamos uma nova arte para a capa. Ficamos desolados".

A nova arte contou com o símbolo Majesty na cor dourada (N.R.: o símbolo que aparece no álbum de estreia do Dream Theater, *When Dream and Day Unite*, de 1989), mas isso não impediu que a versão original de *Live Scenes from New York* chegasse ao público, principalmente fora dos Estados Unidos. As cópias importadas por lojas ao redor do mundo, inclusive no Brasil, já haviam sido despachadas para estarem disponíveis no dia do lançamento, e não há logística que seja suficiente para recolher todos os CDs em todos os países de todos continentes. Hoje, o digipack com a maçã, a Estátua da Liberdade e as Torres Gêmeas virou edição de colecionador. Em um primeiro momento, o disco triplo chegou a ser vendido em sites como o eBay por valores que iam de US$ 100 a US$ 300, mas hoje o ímpeto por lucrar baixou para dois dígitos de dólar.

Conteúdo exclusivo no Telegram Brasilrevistas

Brasilrevistas

Os impactos de 11 de setembro na música

Não foi apenas o Dream Theater que teve problemas por causa dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Formado pelos rappers Boots Riley e Pam the Funkstress, o The Coup também teve de trocar a capa de um disco: *Party Music*, quarto trabalho da dupla, tinha originalmente uma foto manipulada das Torres Gêmeas para que aparecessem em chamas, numa coincidência ainda mais mórbida, porque pareciam que haviam acabado de ser atingida pelos aviões. Como o álbum seria lançado apenas em novembro, a mudança foi mais tranquila, e capa ganhou uma taça de Martini também em chamas.

Ainda assim, os dois foram bastante criticados por não retirarem a faixa *5 Million Ways to Kill a CEO* do tracklist, por causa da referência aos mundos corporativo e empresarial representados pelo World Trade Center. A questão de título e letra das músicas acabou se tornando um problema depois dos atentados. O System of a Down, que havia lançado *Toxicity* uma semana antes, chegou ao topo do ranking da Billboard exatamente no dia 11 de setembro, e uma das músicas do álbum, *Chop Suey!*, foi banida das rádios por causa do termo "self-righteous suicide". A canção fez parte de uma lista de 165 que tiveram sua execução proibida, como *Safe in New York City* e Shot Down in Flames (AC/DC); *Knockin' 'on Heaven's Door* e *Crash Into Me* (Bob Dylan); *Jump* (Van Halen); *Suicide Solution* (Ozzy Osbourne); *Seek and Destroy* (Metallica); *Sweating Bullets* (Megadeth); *Holy Diver* (Dio); e *Stairway to Heaven* (Led Zeppelin), entre outras de artistas de vários estilos.

Redes sociais do Dream Theater no dia 11/09

A ROADIE CREW também bateu um papo com Jordan Rudess, que abordou aspectos musicais e o processe de realização do novo álbum, além de sua turnê solo nos EUA.

Por Guilherme Spiazzi

Depois de ouvir *A View from the Top of the World* algumas vezes, o que mais me chamou a atenção foi a fluidez de um disco com poucas, mas relativamente longas faixas. Confesso que já fazia algum tempo que eu não percebia isso num álbum do Dream Theater. Qual a sua opinião sobre o resultado atingido pela banda?

Jordan Rudess: O disco tem muitos elementos que o fazem ter uma aura vibrante. Estou muito empolgado, especialmente porque muita coisa aconteceu tanto com a banda quanto comigo durante a produção. Estávamos bastante abertos para criar uma sonoridade épica, então não tivemos medo ou receio de fazer uma música longa como *A View from the Top of the World*, por exemplo. Petrucci e eu tínhamos feito recentemente um disco com o Liquid Tension Experiment (N.R.: *LT3*, 2021) e transportamos um pouco daquela energia para a produção do Dream Theater. Foi o lance de deixar respirar um pouco, incluir partes onde revezamos os solos e coisas assim. A ideia de deixar a música respirar tem muito a ver com o LTE, pois significa deixar o campo aberto para improvisações. Também pudemos nos divertir e explorar ideias rítmicas muito legais trazidas por Mangini, como alguns compassos malucos. Falando de mim, descobri novos sons, novos sintetizadores... Por exemplo, quando fui gravar, tive ótimos equipamentos como o meu Minimoog, um Moog One, além de um programa de orquestração que eu estava muito empolgado para experimentar. Usei sintetizadores digitais Iridium, que tem uma sonoridade incrível, quase que tridimensional. Enfim, nos sentimos energizados com esse trabalho. Senti fortemente que ninguém diminuiu o passo, e era como se estivéssemos em chamas. Tem muita banda por aí, com o mesmo tempo de estrada que o Dream Theater, que quando lança um novo disco não parece ter a mesma energia dos antigos. Não sinto que esse seja o nosso caso. Teve uma ocasião em que eu conversava com Petrucci no estacionamento, logo após um dia de trabalho, e disse: 'Cara, nós não estamos desacelerando' (risos). Percebo que ainda temos muita vitalidade enquanto banda e indivíduos.

De fato, a banda não parece estar desacelerando. Eu diria que ela continua expandindo. Sendo assim, além de LTE, o novo disco também foi influenciado pela Distance Over Time Tour, em especial pelo fato de vocês revisitarem *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory* (1999)?

Jordan: Bom, somos uma banda que reaprende com o passado. Nós estudamos os shows, observamos as reações, como as pessoas respondem às músicas e como elas as absorvem. Isso nos dá informações para continuar: o que os nossos fãs querem ouvir, o que eles curtem. Apesar de sermos artistas que compõem músicas que vêm de dentro, coisas que são muito pessoais para nós, ainda damos muita atenção para a resposta do público. Os fãs estão conosco durante toda essa jornada. Não vivemos numa bolha, então sabemos que tem gente do outro lado que realmente se importa conosco. Mais do que isso, essas pessoas têm investido em nós, e o fato de elas fazerem as torna parte da coisa. Dito isso, não podemos simplesmente sair por aí fazendo algo que não tenha nada a ver com aquilo na qual elas investiram. Aprendemos muito com *Distance Over Time*, porque fizemos a turnê, tocamos o *Scenes from a Memory* e mantivemos tanto a música quanto a reação das pessoas nas nossas cabeças. Na sequência, quando fomos trabalhar no novo disco, estávamos cientes de partes de *Scenes from a Memory* que eram realmente poderosas, que funcionam muito bem. Buscamos capturar os elementos que compõem aquele disco, e que as pessoas amam, com a ideia de inserir no novo trabalho, mas de forma renovada.

> "(...) as pessoas que curtem o tipo de música que eu faço têm um pouco mais de consciência daquilo que está acontecendo no mundo"
>
> Jordan Rudess

Brasilrevistas

Além disso, hoje a banda conta com o Dream Theater Headquartes (DTHQ), um espaço próprio que serve para gravações e ensaios. Presumo que isso tenha proporcionado muito mais liberdade para a banda.

Jordan: É verdade que ter o nosso espaço fez uma grande diferença. Para mim, a maior foi a liberdade e o foco que consegui ter por estar no nosso lugar. Pude criar as minhas linhas de teclado até que elas ficassem exatamente do jeito que eu queria, sem ter que me importar com pressões externas para que acabasse logo e desocupasse a sala. Trabalhar dessa forma foi bastante confortável. Uma coisa interessante para a banda é que, no DTHQ, temos uma sala para gravações ao vivo que é bem pequena, fazendo com que a energia fique condensada ali dentro. Diferentemente do disco anterior, que foi gravado num local amplo, onde tudo era muito confortável, a configuração do DTHQ não nos permite ficar fisicamente espalhados, mas é confortável também. Creio que o novo lugar fez com que o foco fosse ainda mais intenso. Estávamos lá trabalhando duro, mesmo. Aliás, o Dream Theater é uma banda que trabalha de forma realmente pesada. Concentramo-nos em compor, gravar, revisar, gravar novamente, tentar coisas novas, etc. Quando chega o momento de cada um gravar a sua parte, é claro que a coisa é mais tranquila, mas a energia inicial do momento de composição é muito sólida.

> "(...) não escrevemos muitas músicas de amor. Os nossos temas são mais sérios"
>
> Jordan Rudess

Assim como o uso de uma guitarra de sete cordas no disco *Awake* (1994) foi uma novidade para o som do Dream Theater, em *A View from the Top of the World* temos a inclusão de uma guitarra de oito cordas. O que você achou desse novo elemento?

Jordan: Sim, mas vale dizer que eu já tinha uma guitarra de oito cordas antes do Petrucci (risos). Ela foi construída há alguns anos por um cara que é muito fã meu e da banda, então o provoco com isso (risos). Mas, enfim, Petrucci trouxe essa ideia e estava muito empolgado em incorporar esse novo elemento. Para um tecladista, é um assunto engraçado, porque tenho notas no meu piano que são mais graves que essa oitava corda. O cara arrumou um punhado de notas mais graves, mas eu posso simplesmente oitavar o meu sintetizador e torná-lo tão grave que você tem que ir ao banheiro (risos). Falando sério agora, estou ciente de que todo um estilo de metal foi criado a partir dessa corda extra. Você ganha umas quatro notas mais graves, e isso dificulta a compreensão de qual nota está sendo tocada. Poxa, eu tenho ouvido absoluto, mas a coisa é tão grave que não dá para decifrar (risos). Tem mais uma coisa: Petrucci teve que inventar a sua forma de usar esse tipo de guitarra. Começamos com *Awaken the Master* para ver como seria, e tenho certeza de que muita gente do mundo da guitarra vai ficar curiosa para saber como ele usou esse artifício da oitava corda.

Nas letras para esse trabalho, a banda preparou canções sobre tópicos bastante atuais, como a exploração do espaço, a ansiedade que nos acomete...

Jordan: A faixa-título fala de pessoas que se arriscam fazendo coisas ousadas, como pular de um helicóptero e aterrissar esquiando. É sobre essa mentalidade. Você sabe que não escrevemos muitas músicas de amor. Os nossos temas são mais sérios (risos).

No momento, você está em turnê solo pela Costa Oeste dos EUA. Como está sendo esse retorno aos palcos?

Jordan: Sim, estou na Califórnia fazendo algumas apresentações, e tem sido impressionante. Vejo que as pessoas estão gostando de sair e ver música ao vivo. Sou um dos primeiros artistas a fazer shows, e em todo lugar que eu vou tem a presença de pessoas que não têm ido a muitas apresentações. Elas estão expressando o que significa estar numa apresentação. O lado ruim é que estamos passando por tantas mudanças causadas por esse vírus que as pessoas têm medo de ir aos shows. Além disso, também não tem muita gente fazendo shows. Talvez os mais jovens, aquela galera de 20 anos que curte música eletrônica, não se importem e façam a sua festa, mas as pessoas que curtem o tipo de música que eu faço têm um pouco mais de consciência daquilo que está acontecendo no mundo. Elas não querem ficar doentes e contaminar a família.

Mike Mangini, John Myung, James LaBrie, Jordan Rudess e John Petrucci: ratificando a majestade do Dream Theater no prog metal

Brasilrevistas

Divulgação

Running Wild

Cruzando as Lâminas

Rock'n'Rolf fala sobre o mais novo capítulo na jornada de mais de quatro décadas dos piratas germânicos

Por Valtemir Amler

Quase tudo aquilo que pode acontecer com uma banda já aconteceu com o Running Wild. Afinal, são cerca de quatro décadas de jornada, um tempo bastante longo e muito bem aproveitado. Sempre à frente do grupo, o vocalista e guitarrista Rock'n'Rolf se orgulha do papel desempenhado pelo grupo no cenário metálico e hoje celebra mais um grande trunfo com o lançamento de seu 17º álbum completo, *Blood on Blood*. O líder da grande fraternidade dos piratas alemães falou com a ROADIE CREW e nos levou em uma viagem pelos oceanos bravios que foram os anos mais recentes do grupo, culminando, claro, numa explanação de suas intenções musicais com o novo rebento.

Alguns anos atrás, você disse que os álbuns *Shadowmaker* (2012) e *Resilient* (2013) foram mais espontâneos e que *Rapid Foray* (2016) foi mais bem planejado, já que você teve mais tempo disponível para trabalhar nele. Você ainda sente o mesmo em relação a eles?

Rolf "Rock'n'Rolf" Kasparek: Certamente. Sinto que cada um desses álbuns foi um passo no caminho para chegar até onde estou hoje. Quando fizemos *Shadowmaker* parecia que estávamos adentrando um mundo novo, pois tudo era diferente daquilo em que tínhamos trabalhado antes. *Resilient* meio que seguiu adiante por aquele mesmo caminho e então veio *Rapid Foray*. Nele eu realmente decidi focar um pouco mais nas canções, no sentido que durante a mixagem decidi que gostaria de refazer algumas partes, ou melhor, retocar alguns elementos para que eles soassem melhor no disco. Claro que isso iria demandar mais tempo, e como tive esse tempo disponível, não foi um problema. Sentei, refleti nas canções, pensei nos elementos e criei o melhor álbum possível, um álbum que ainda era totalmente Running Wild, mas que não tentava apenas repetir aquilo que tínhamos feito no passado.

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Foi neste sentido que você disse que *Resilient* abriu caminho para *Rapid Foray*?

Rolf: Sim. Você sempre quer tentar algo novo e diferente, mas a não ser que consiga se desconectar completamente de quem você é, não conseguirá trilhar um caminho completamente diferente daquele que trilhou antes, é basicamente isso. Não acho que uma mudança de rumo faça você realmente esquecer o caminho que andou antes, e também não gostaria disso. *Resilient* foi uma preparação, pois abriu novas possibilidades para o Running Wild, coisas que depois exploramos com mais vigor em *Rapid Foray*, algo neste sentido. *Resilient* foi assim o ponto de partida para *Rapid Foray* que, por sua vez, foi o ponto de partida para o EP *Crossing the Blades* (2019) e, de certa forma, foi ele que nos trouxe até *Blood on Blood*.

Brasilrevistas

Isto é interessante. Uma banda com tanta história no cenário não precisa olhar conscientemente para trás para buscar referências, pois elas sempre estarão ali, acompanhando-a. Basta seguir adiante, já que é um processo contínuo.

Rolf: Sim, exatamente. Isso tem funcionado conosco, não sei se é o mesmo processo com as outras bandas, mas é como gosto de ver as coisas. Sabe, eu gosto de trabalhar com tempo para organizar as ideias, não apenas para compor as canções. Quer dizer, quando começo a escrever um álbum, não tenho uma direção exata em mente, algo que eu queira seguir a qualquer preço. As músicas vão surgindo e ditando o caminho a ser seguido. Cada música que trabalhamos adiciona um certo aspecto ao disco, traz um novo elemento que as outras canções não atingiram. Eu gosto de pensar que, se vou trabalhar em dez faixas, cada uma delas deve trazer algo novo e diferente para o álbum, pois, caso contrário, não faria muito sentido e eu poderia trabalhar em menos músicas. Gosto de criar um álbum que soe especial, completo, com muitos estilos e elementos diferentes, com emoções distintas que guiam o ouvinte para outros ambientes enquanto ele ouve o disco. Eu realmente acredito que fiz isso neste novo álbum, pois tive o tempo que precisava para trabalhar nisso. Pude trabalhar com tempo não apenas na composição das músicas, mas também no processo de seleção e arranjo delas, e acho que isso faz a diferença.

Tempo é algo realmente importante na hora de realizar um bom trabalho, mas você tinha lançado *Shadowmaker* e *Resilient* em anos seguidos e já trabalhava no sucessor. Se bem me lembro, foi apenas por conta de um problema de saúde que você teve mais tempo para *Rapid Foray*...

Rolf: É isso mesmo, eu quebrei meu ombro na época em que ainda estava trabalhando em *Shadowmaker* (risos), foi um longo período de muitas dores. No fim, acabou não sendo uma incursão tão rápida assim (N.R.: ele brinca com o título do álbum). É verdade, aquilo meio que forçou um tempo extra na produção do disco, que eu aproveitei para reorganizar as ideias. No fim, acho que consegui extrair mais desse processo do que a maior parte das pessoas que quebram o ombro (risos).

Funcionou, mas não era necessário repetir o processo...

Rolf: Ah, pois é (risos). Bem, desta vez eu tive uma hérnia, que acabou forçando um procedimento cirúrgico. Acho que fiquei cerca de meio ano parado, sem poder fazer muita coisa. É complicado, pois depois da cirurgia você já está melhor, a cicatrização é bem rápida, mas ainda assim colocar uma guitarra sobre a cicatriz de uma operação não é uma das melhores sensações do mundo (risos).

Isso fez o Running Wild parar por um tempo, mas você continuou pensando nas canções. E então, logo em seguida a banda teve que ficar parada ainda mais tempo, pois veio a pandemia.

Rolf: Isso mesmo. Tivemos que ficar um tempo longe da estrada por conta da minha cirurgia, eu não conseguia nem ensaiar direito. Como eu disse antes, o desconforto era grande na época, então fiquei apenas tendo ideias para músicas e coisas assim. Então, aqui veio um tempo extra para o álbum. Além disso, em geral nós precisaríamos declinar de algumas ofertas de shows para trabalhar no estúdio ou, por outro lado, teríamos que parar o trabalho no estúdio para tocar nos festivais europeus de verão, como aconteceria em 2020. Aí o novo coronavírus mudou o jogo, nenhum show era possível, e pudemos usar todo esse tempo para trabalhar em estúdio sem interrupções.

BLOOD ON BLOOD
SPV/Shinigami/Sound City - Nac.

Na época você ainda não tinha como imaginar o que aconteceria em 2020, mas esses atrasos que já vinham acontecendo foram a razão principal para decidirem lançar o EP *Crossing the Blades* em 2019?

Rolf: Sim, pois na época nós já sabíamos que o álbum completo demoraria um pouco mais para chegar, pois tínhamos em mente que queríamos criar um disco realmente especial e sabíamos que isso tomaria tempo. Quer dizer, foi uma mistura de atrasos com a consciência de que o trabalho demandaria mais tempo para atingir o nível que esperávamos. Então, pensamos no EP, que trouxe uma versão diferente de *Crossing the Blades* (N.R.: em outra versão, essa canção também é parte do novo *Blood on Blood*). Acho que você pode considerá-la mais como uma versão demo ou algo assim. Além dela, existe uma versão para *Strutter*, uma das músicas de que mais gosto do Kiss, e outras duas composições. Queríamos que os fãs tivessem algo para apreciar enquanto trabalhávamos no novo álbum e creio que *Crossing the Blades* foi uma ótima ideia. Acho que foi um ótimo ensaio para aquilo que fizemos em *Blood on Blood*.

Todo o álbum foi gravado no seu estúdio?

Rolf: Quase tudo, apenas a bateria e algumas linhas de guitarra foram registradas em outros lugares, mas todo o restante foi feito aqui.

Gosto disso, pois não adiantaria ter mais tempo para trabalhar na composição e então ter que correr para o estúdio...

Rolf: Exatamente (risos). E era isso que eu tinha em mente. Veja, a gente demandou muito trabalho para fazer com que cada música soasse única, com uma vibração própria. Trabalhamos muito duro para que o disco soasse variado e seria um erro colocar tudo isso a perder na hora de gravar. É como você disse, se tivéssemos que seguir uma agenda corrida na gravação, toda aquela pré-produção estaria em risco e o disco acabaria soando exatamente como tantos outros de heavy metal por aí, em que o baixo soa exatamente igual em todos os momentos e a guitarra também. Não era isso que queríamos, então precisávamos de tempo também no estúdio. Você sabe, às vezes simplesmente não dá para desenvolver uma ideia por completo, e se você tem um produtor gritando no seu ouvido o tempo todo, acaba tendo que abandonar uma canção ou trabalhar com ela em um potencial abaixo daquele que você realmente queria. Em nenhum momento precisamos nos preocupar com isso, pois estávamos gravando na minha casa. Isso é um luxo de que a maioria das bandas não dispõe, mas que ajuda muito no processo, e tomamos proveito dele. Pode ter certeza, tudo o que você ouve em *Blood on Blood* é 100% fiel àquilo que eu queria ter alcançado, reflete exatamente a ideia que eu tinha em mente. E é por isso que acho que este é o nosso melhor álbum até o momento.

Entre as faixas de destaque de *Blood on Blood* está a faixa-título, que abre o disco. A combinação entre o riff principal e os vocais cativantes realmente leva essa música a outro nível.

Brasilrevistas

Divulgação

O 'poderoso chefão' Rolf Kasparek, mais de quatro décadas dedicadas ao heavy metal e ao hard rock

Rolf: Obrigado! Ela foi escrita na época em que estávamos finalizando *Rapid Foray*, mas não acho que eu estava pensando nela para aquele álbum. Pelo menos não é assim que lembro. Lembro de ter tido a ideia daquele riff e então gravei a ideia em uma fita apenas para não esquecer, sabe? Gosto de fazer isso, pois uma ideia que só parecia 'boa' pode ser revisitada, trabalhada com novas ideias e elevada ao status de 'ótima'. *Blood on Blood* não encaixava em *Rapid Foray*, soava diferente daquele material, mas ao mesmo tempo era ótima. Claro que ela não entraria no *Rapid Foray*. E afinal de contas, sem saber eu estava compondo a faixa-título do nosso próximo álbum (risos).

Citei essa música em especial por ela trazer o verso 'one for all and all for one', que é basicamente o lema dos Três Mosqueteiros. E na capa deste disco vocês também trazem uma referência aos Mosqueteiros.

Rolf: Sim, a capa é basicamente um híbrido do símbolo dos Mosqueteiros com o símbolo dos piratas e alguns elementos típicos do Running Wild. Claro, temos os sabres cruzados dos piratas, e Adrian substitui a caveira, então acho que foi uma boa mescla de elementos. O que quis dizer com isso é que vejo muita semelhança não nas ações dos Mosqueteiros e dos piratas, mas na forma como eles viviam e se comportavam em sua pequena sociedade. 'Um por todos e todos por um', era assim basicamente que os piratas viviam, era assim que eles se comportavam uns com os outros, pois era a única forma de se manterem vivos em um mundo onde eram a presa e o caçador ao mesmo tempo.

E se *Blood on Blood* traz um bocado daquela vibração do Running Wild oitentista, outro destaque, *The Shellback*, parece muito mais conectada com aquilo que faziam nos anos 90.

Rolf: Sim, eu concordo, e é engraçado você ter tocado justamente neste ponto. Quer dizer, quando estava compondo esta música – bem, ela é outra daquelas que eu tinha um riff guardado e que depois fui desenvolvendo aos poucos –, comecei a sentir que ela tinha uma vibração muito específica, que me trazia algo à memória. Não demorou muito até que percebi: ela poderia facilmente estar no *Black Hand Inn* (1994). Mais que isso, essa música muito facilmente poderia ser a prequela da música *Black Hand Inn*, pois as duas se complementam! Então, tudo começou a acontecer muito rápido e naturalmente. Então, quando percebi ela já estava pronta. E é impossível o Running Wild soar mais noventista do que isso, então parabéns por ter notado (risos).

Gostaria também de destacar o trabalho nas guitarras, pois existe muita variação ali.

Rolf: Obrigado de novo, e essa foi uma preocupação que eu tive neste álbum. Como disse antes, nós queríamos um álbum balanceado e variado, mas não adianta as músicas variarem quando a guitarra soa igual em todas as partes. Então, conscientemente procurei variar nos sons também. Todas as bases foram gravadas da maneira mais tradicional possível com minha Gibson Explorer de 1976. Porém, várias partes foram gravadas com uma Gibson Flying V, outras com uma Fender Stratocaster e até uma Fender American Standart Telecaster foi usada para as partes limpas, como você ouve em *One Night, One Day*. Quer dizer, nós dedicamos um bocado de trabalho para criar o melhor álbum do Running Wild e acho que conseguimos isso. Espero que nossos fãs possam ouvir e concordar com isso, ou ao menos se divertirem muito com o que vão ouvir.

"O novo coronavírus mudou o jogo, nenhum show era possível, e pudemos usar todo esse tempo para trabalhar em estúdio sem interrupções"
Rock'n'Rolf

Acesse nosso canal no telegram: /brasilrevistas

LANÇAMENTOS CLASSIC METAL RECORDS

Brasil Revistas

PICTURE
Live And Rare Demos Anthology 1979-2008 (Box com 4 CDs)

Box exclusivo contendo 4 CDs recheados de material inédito da banda e de seus membros entre 1979 a 2008. Contará com a primeira demo de 1979 do Picture com oito músicas inéditas que nunca entraram em nenhum disco! Terá músicas ao vivo da banda dos anos de 1981 e 1988, que contam a transição dos clássicos vocalistas do Picture: Ronald Van Prooijen, Shmoulik Avigal e Pete Lovell! E também conta com músicas de projetos dos membros do Picture dos anos 90 a 2008!

RIOT - The Official Live Albums

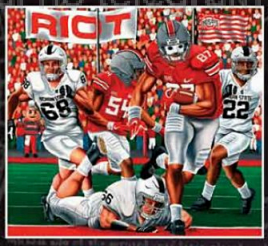
A Classic Metal Records irá lançar uma série de CDs de nove álbuns ao vivo da clássica banda americana RIOT! Serão 9 CDs duplos com apresentações da banda de 1976 a 1990, edições deluxe digipack com slipcase e pôster! Cada CD Duplo terá ainda dois encartes, um em inglês e outro em português, com a história da banda! A junção das laterais das nove slipcases dos CDs montarão um quebra-cabeças com uma arte exclusiva do mascote do RIOT!

Design: LCCV - http://luiscarlosvieira.wix.com/lccv-design

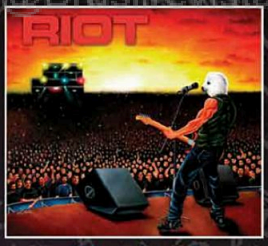
Acesse nosso catálogo completo em Brasil Revistas

Os três primeiros CDs duplos da série "The Official Live Albums" são:

CD Duplo - Volume 1
CD 1:
Red Foxx, New Jersey 1976 (First Set)
CD 2:
Red Foxx, New Jersey 1976 (Second Set)



CD Duplo - Volume 2
CD 1:
The Agora Ballroom, Painesville, Ohio 1978
CD 2:
Atlanta, Georgia 1980



CD Duplo - Volume 3
CD 1:
Colston Hall, Bristol, 22nd April 1980
CD 2:
M.O.R., Castle Donington, 16th August 1980

SACRED ALIEN (2021)
The Universe Doesn't Care About You
(Slipcase) Novo álbum da clássica banda da NWOBHM!

LOUDER THAN HELL (2021)
True Metal Till The End
Álbum de estreia da banda brasileira de NWOTHM!

Classic Metal RECORDS
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado,
entre em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br
WhatsApp (12) 98269 2446

Brasilrevistas

ATOMIC ROOSTER

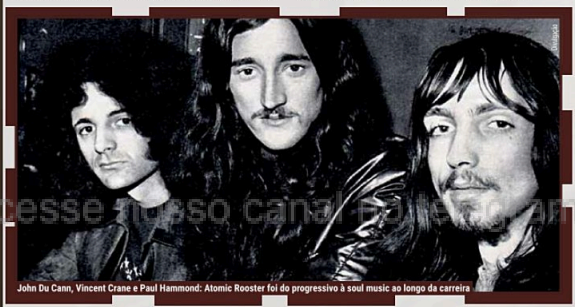
Por Antonio Carlos Monteiro

Era 1969 quando a banda The Crazy World of Arthur Brown encerrou atividades em meio a uma turnê americana. O tecladista Vincent Crane e o baterista Carl Palmer viajaram de volta para a Inglaterra para trocar um ideia com Brian Jones, recém-saído dos Stones, para uma pensar numa possível banda – essa viagem aconteceu em 13 de junho de 1969. Jones morreu três semanas depois e os planos foram por água baixo. Vincent e Carl recrutaram então o baixista e vocalista Nick Graham e montaram uma banda de rock progressivo que não contava com guitarra na formação. Nascia o Atomic Rooster.

Graças ao talento do trio, essa formação até certo ponto estranha (e que o Emerson, Lake & Palmer levaria às últimas consequências) deu muito certo. O guitarrista Bernie Tormé, que anos depois viria a fazer parte da banda, viu um show do Atomic Rooster em Dublin (IRL) e saiu boquiaberto: "Eles eram fantásticos!", comentou tempos depois. "Foi um dos melhores shows que vi na vida. E saí de lá pensando: 'Guitarra pra quê?'"

O primeiro disco veio em 1970, *Atomic Roooster* (assim mesmo, com três "os"), que não fez muito sucesso mas garantiu vários shows. Nessa época, Crane resolveu incluir uma guitarra na formação e recrutou John Cann (que depois assinaria John Du Cann), da banda Andromeda. Ao mesmo tempo, aconteceram duas baixas: Carl Palmer foi tocar com Emerson Lake & Palmer e Graham foi cuidar da vida. Cann assumiu a voz, Vincent passou a fazer as linhas de baixo no teclado e o baterista Paul Hammond (ex-The Farm) entrou.

O disco seguinte, *Death Walks Behind You*, também lançado em 70, foi o mais bem sucedido da banda, chegando ao 12º. posto na Grã-Bretanha e ao Top 100 nos EUA. As letras sombrias chamaram a atenção, e até chegaram a acusar a banda de satanismo. "Sobre o que um grupo de rock escreve?" explicou Du Cann. "Você pode falar sobre amor e garotas ou pode falar sobre o diabo. Só que essa segunda opção tinha mais a ver com o nosso som." Deu certo e a banda até se apresentou no prestigiado programa Top of the Pops.



John Du Cann, Vincent Crane e Paul Hammond: Atomic Rooster foi do progressivo à soul music ao longo da carreira

Quando o grupo começou a trabalhar no disco seguinte, *In Hearing of Atomic Rooster* (1971), Crane achou que a formação precisava de um vocalista de ofício. Du Cann se doeu e caiu fora. Em solidariedade, Hammond foi junto. O disco acabou sendo gravado por Crane, Pete French (vocais), Steve Bolton (guitarra) e Ric Parnell (bateria). A formação não durou até o fim do ano, já que French foi convidado para entrar na banda Cactus.

Com Chris Farlowe (ex-Colosseum) nos vocais, o Atomic Rooster registrou seu quarto disco, *Made in England* (1972), em que o rock progressivo recebeu alguns toques de soul music graças a seu novo vocalista. Mesmo com o desempenho pior que o disco anterior nas paradas, Crane insistiu na nova linha musical e em 1973 o grupo lançou o ainda mais funky *Nice'n'Greasy* com John Goodsall (aqui sob o pseudônimo de Johnny Mandala) no lugar de Bolton. Foi o primeiro trabalho da banda a não figurar nas paradas.

Por conta do fracasso do disco, a Dawn Records dispensou a banda e em seguida Farlowe, Mandala e Parnell deixaram Crane na mão. Ele ainda insistiu com alguns singles, mas logo o Atomic Rooster estava oficialmente extinto.

Uma tentativa de colocar a banda novamente na estrada aconteceu em 1980, quando Crane se entendeu com Du Cann e gravou *Atomic Rooster* (1980) contando com Preston Heyman na bateria, que não ficou para a tour. Paul Hammond voltou para reencarnar a formação clássica.

Em 1982, Du Can saiu novamente e o disco seguinte, *Headline News* (1983), teve a participação de vários guitarristas, incluindo Bernie Tormé e David Gilmour. Totalmente composto por Crane, o álbum traz uma orientação musical bem diferente, tendendo para o eletrônico. No fim de 83, Crane encerrou as atividades do Atomic Rooster mais uma vez.

Nos anos seguintes, toda a formação clássica da banda se foi. Vincent Crane cometeu suicídio por overdose em 1989, Paul Hammond sofreu uma overdose acidental em 1992 e John Du Cann morreu de infarto em 2011.

Em 2016, o Atomic Rooster ressurgiu com Pete French e Steve Bolton na formação e com a devida aprovação de Jane Crane, viúva de Vincent.

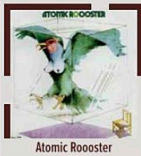
ORIGEM:
Inglaterra

ÉPOCA:
1969 a 1975, 1980 a 1983, 2016 em diante

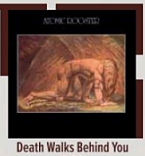
ESTILO:
rock progressivo

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
John Du Cann (vocais, guitarra, baixo), Vincent Crane (Hammond, piano, teclado) e Paul Hammond (bateria)

DISCOGRAFIA:
Atomic Roooster (1970), Death Walks Behind You (1970), In Hearing of Atomic Rooster (1971), Made in England (1972), Nice'n'Greasy (1973), Atomic Rooster (1980), Headline News (1983)



Atomic Roooster (1970)



Death Walks Behind You (1970)

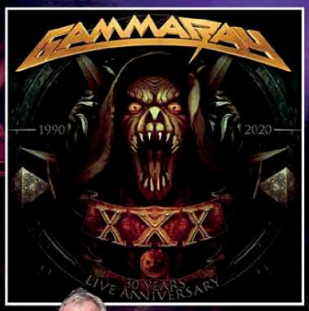
Hearing of Atomic Rooster (1971)

Nice'n'Greasy (1973)

Acesse nosso canal Brasilrevistas

Brasilrevistas

SOUND CITY RECORDS
e·a·r MUSIC
Shinigami Records



GAMMARAY
30 YEARS LIVE ANNIVERSARY

O álbum é o registro da única apresentação ao vivo do Gamma Ray no ano de 2020, em uma live transmitida para fãs do mundo inteiro. Devido às restrições causadas pela pandemia, o show não teve a presença do público, mas contou com um palco extraordinário. E a presença de Ralf Scheepers como convidado especial.

anuncio www.pluartedesign.com.br

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

DEEP PURPLE
TURNING TO CRIME

12 releituras impressionantes de grandes nomes do rock incluindo Fleetwood Mac, Cream, Bob Dylan, Bob Seger, Yardbirds e muito mais. Imperdível!

DEEP PURPLE
LIVE IN PARIS 1975

DEEP PURPLE
LIVE IN WOLLONGONG 2001

DEEP PURPLE
LIVE IN LONDON 2002

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

Brasilrevistas

MR. BIG

TRINTÃO E AINDA JOVEM

Com curiosidades e ótimas histórias, Billy Sheehan passa a limpo o grande clássico da banda, *Lean Into it*, que completa 30 anos em 2021

Por Daniel Dutra

Lean Into it tem *To Be With You*. Pronto. Já é o suficiente para entender o sucesso do segundo álbum do Mr. Big, que chega aos 30 anos em 2021. Mas o que Eric Martin (vocal), Paul Gilbert (guitarra), Billy Sheehan (baixo) e o saudoso Pat Torpey (bateria) fizeram vai muito além disso. Trata-se de um clássico do hard rock americano que, graças às influências musicais e habilidades fora de série dos quatro integrantes, furou a bolha do gênero. Em um longa e divertida com o empolgado e boa-praça Sheehan, relembramos o início dos anos 1990 e o álbum, incluindo a Playlist que você confere nesta mesma edição da ROADIE CREW. E teve também a revelação de que o Mr. Big talvez tenha escrito o último capítulo da sua história. Confira!

Minha primeira pergunta se tornou mais importante hoje em dia: como você está neste período de pandemia?

Billy Sheehan: Estou ótimo! Gravando centenas de faixas no meu estúdio em casa, para pessoas do mundo todo, e estou trabalhando em vários discos. Compus mais músicas para o terceiro disco do The Winery Dogs, e o novo álbum do Talas já está mixado e nos últimos estágios de conclusão, então está tudo bem!

E acredito que você tem algum tempo extra para, pelo menos, cozinhar alguns pratos apetitosos. Quer dizer, pelo menos a comida parece deliciosa toda vez que vejo as fotos no Instagram (risos).

Billy: Ah, eu tenho cozinhado durante toda a minha vida, desde criança, porque eu passava muito tempo sozinho, então precisei aprender a cozinhar. Passo bastante tempo na cozinha, experimentando, porque muitas vezes nem sei o que estou fazendo (risos). Eu apenas misturo coisas e, às vezes, dou sorte. Além disso, eu me mudei há três anos de Los Angeles para Nashville, onde tenho uma casa maravilhosa, com floresta nos fundos, e a cidade é ótima e muito musical. Gosto muito de viver aqui.

E vamos falar sobre *Lean Into it*, porque é o 30º aniversário do álbum, e posso começar dizendo que é o álbum mais importante da carreira de Mr. Big, certo?

Billy: Com certeza! Foi o álbum que realmente aconteceu, e *To Be With You* está nele... Aliás, pensando em *Lean Into it* enquanto álbum, *Alive and Kicking*; *Daddy, Brother, Lover, Little Boy*; e *Lucky This Time* são músicas que eu amo, e nós conseguimos reuni-las da forma certa, tocando e cantando com o coração, por isso estamos aqui falando dele 30 anos. Cara, isso é lindo!

E no caminho do primeiro álbum (N.R.: *Mr. Big*, de 1989) até *Lean Into it*, o Mr. Big fez uma turnê com o Rush e rapidamente se tornou um grande sucesso no Japão. Quais são suas memórias daquela época antes de a banda dar o próximo e grande passo?

Billy: A maioria das bandas está junta por anos e anos e daí grava seu primeiro disco, o que é sempre algo bom, porque elas tiveram todos aqueles anos para detalhar suas músicas, organizar seu som, conquistar um público. Já no segundo álbum, elas têm seis meses para trabalhar nele, e é neste momento que geralmente, para a maioria desses grupos, a coisa desanda. Nem sempre se faz um grande trabalho, e chamamos isso de "a maldição do segundo ano", mas com o Mr. Big foi exatamente o contrário. Nós nos juntamos de um jeito relativamente rápido e fizemos o nosso primeiro disco, o que nos levou às turnês, nas quais pudemos nos conhecer melhor

Billy Sheehan, Eric Martin, Pat Torpey e Paul Gilbert em 2017: registro da última sessão de fotos da formação original

William Hames

Brasilrevistas

e esmiuçar o que fazer no palco. Quando entramos no estúdio para gravar o *Lean Into it*, nós estávamos prontos! Eu amo nosso primeiro álbum, mas nós crescemos bastante a partir dele porque subimos de nível no sentido de que cada um na banda entendia os outros, uma vez que havíamos convivido um bom tempo juntos na estrada. O fato de o segundo álbum ter vindo após várias turnês nos ajudou muito.

***Lean Into it* foi lançado em 1991, e *To Be With You* se tornou um grande sucesso no ano seguinte. Naquela época, o heavy metal e o hard rock já estavam saindo de moda nos Estados Unidos, por assim dizer, e o movimento grunge estava mudando muitas coisas. Como você e a banda conseguiram, elo menos por algum tempo, sobreviver a isso?**

Billy: Para nossa sorte, nós tocamos por toda a Europa e por toda Ásia, além de algumas partes da América do Sul, e o grunge era uma coisa muito americana. Ele se espalhou depois, mas tinha o foco nos EUA. No Japão, por exemplo, o público não conseguia entender por que aqueles músicos eram depressivos e usavam roupas velhas. Honestamente, eu fico feliz pela existência do grunge, porque no rock e no pop americanos havia uma fórmula que foi usada à exaustão: uma banda levava sua demo para uma gravadora, gravava o disco e um videoclipe, conseguia um hit e saía em turnê, sempre usando as mesmas roupas e as mesmas ideias, com o mesmo som e as mesmas músicas, e isso estava me cansando. Ainda que o grunge tenha dificultado um pouco para o Mr. Big manter o sucesso nos EUA, algo coisa que conseguimos muito bem, a banda estava se dando muito bem fora dos EUA! Até hoje eu recebo mais e-mails da Indonésia do que de qualquer outro lugar do mundo. Tocamos em países como Tailândia, Coreia do Sul e Malásia sempre para uma multidão, em shows completamente esgotados! Então, essa onda do grunge não nos afetou terrivelmente. Mas o que aconteceu foi cíclico, porque sempre acontece algo como uma "troca da guarda" uma vez a cada alguns anos. Tipo quando Elvis Presley era o cara e todo mundo se parecia com ele, mas vieram os Beatles, e todos tiraram a gomalina dos cabelos e passaram a usar cortes iguais aos de Paul, John, George e Ringo. Em algum momento, todo mundo usava gravatas finas, sintetizadores e cabelinho à la A Flock of Seagulls, e de repente chegou o Van Halen! Essas mudanças acontecem, e eu acredito que é uma coisa boa, sabe? O Elvis não deve ter achado legal, mas ele continuou fazendo sucesso, e os Beatles construíram uma carreira sólida, que dura até hoje, mas aquela foi uma época de mudança. Lembro-me das estatísticas de vendas comparativas entre o nosso disco e o do Pearl Jam no Japão, e nós vendemos mais do que eles numa proporção de 40 para 1. Isso soa de maneira negativa para o Pearl Jam, mas é injusto com eles, porque a banda era relativamente desconhecida no Japão, enquanto nós já tínhamos tocado lá várias vezes, estávamos estabelecidos no país. Mas tudo isso é só para dar uma ideia de como o grunge não fez tanto sucesso ao redor do mundo como fez nos EUA. Fez, sem dúvida, mas não tanto. O Pearl Jam é uma banda excelente, e tenho certeza de que agora eles esgotam os ingressos nos shows no Japão. À época, foi curioso perceber como o Mr. Big estava bem colocado em muitos países, inclusive na Europa... Na Itália havia cinco bandas cover de Mr. Big! Elas sempre me mandavam suas versões de nossas músicas, tocavam em pequenos bares, e era divertido. Éramos bastante populares fora dos EUA, então não foi tão ruim para nós.

E aqui está uma pergunta que sempre quis fazer a você: lembro-me claramente da minha empolgação por causa dos três novos supergrupos surgidos em 1989: Badlands, Blue Murder e Mr. Big. Eu tinha diferentes razões para me sentir assim, e pelo Mr. Big eu me interessei primeiramente por sua causa, que vinha da banda de David Lee Roth, e por Paul Gilbert, por causa do Racer X. De qualquer forma, apenas o Mr. Big conseguiu chegar lá. Você já pensou nisso? Quer dizer, como você explicaria a longevidade e o sucesso do Mr. Big?

Billy: Ótima pergunta. Acredito que a explicação está no fato de que começamos o Mr. Big como uma banda, não como um projeto. Não sei se é o caso destas que você mencionou, mas muitas bandas eram apenas reuniões de caras superfamosos, que gravavam um disco e esperavam para ver se daria certo. Se não desse, partiam para outra. Começamos o Mr. Big para durar mesmo, e esse foi um grande fator. Essas duas bandas também começaram quando nosso primeiro álbum foi lançado, mas nós tivemos sorte em alguns aspectos: tínhamos um empresário incrível, Herbie Herbert, o cara que reuniu o Journey e era o empresário deles. No filme sobre Woodstock, ele é visto carregando os amplificadores do Santana! Herbie é uma lenda e, em muitas formas, tem bastante responsabilidade pelo nosso sucesso. Sempre fomos uma banda dedicada, desde o começo, ao passo que várias outras deixaram de existir quando não fizeram nenhum sucesso. Não sei se esse foi o caso do Badlands e do Blue Murder, porque não conheço suas histórias, mas isso era comum naquela época. Alguns desses caras são ou foram meus amigos, no caso do Ray Gillen, e quero o bem de todos eles, mas tem outra coisa importante: quando um integrante de uma banda que você ama vai embora, você sente que nada mais será como antes. Claro, às vezes a mudança dá certo... Quando o AC/DC perdeu Bon Scott, todos acharam que seria o fim, que jamais encontrariam outro vocalista, e aí veio Brian Johnson! No meu caso, lembro quando o Jethro Tull perdeu o baixista Glenn Cornick, e eu o adorava, então nunca mais foi a mesma coisa para mim depois disso. Eu amo Van Halen e amo Sammy Hagar, mas deixou de ser aquela coisa especial para mim quando ele entrou na banda. E não entenda mal, porque amo o Sammy! O primeiro álbum do Montrose é animal! A voz dele é perfeita, mas eu era fã de David, Eddie, Michael e Alex. Ou seja, às vezes dá certo, mas frequentemente não dá, então acredito que o fato de o Mr. Big ter se mantido junto também foi muito importante.

E qual é o status real de Mr. Big? Quer dizer, há alguma coisa acontecendo com a banda?

Billy: Não, mas devo dizer que somos bons amigos e estamos sempre em contato. Quando perdemos Pat, nós tínhamos alguns shows agendados, então Matt Starr tocou conosco e fez um excelente trabalho. Ele é um grande amigo meu, e eu adoro. Foi ótimo, mas Eric, Paul e eu nos olhávamos no palco e sentíamos que não era mais a mesma coisa, porque Pat não estava lá. Tenho enorme consideração por esses caras! Fizemos uma viagem maravilhosa, foi uma aventura incrível, e quem sabe voltamos a tocar juntos um dia? Mas como está agora, é só isso. Estamos felizes com o lançamento da versão de aniversário de 30 anos de *Lean Into it*, e a gravadora fez um ótimo trabalho. O disco vem com um mixer a menos, sem baixo e sem guitarra, para que as pessoas

Brasilrevistas

toquem junto. Achei isso bem legal, e é bom ver que depois de tanto tempo as pessoas ainda amam esse trabalho. Recebi centenas de comentários quando postei sobre ele, e somos tão gratos por todos! Se tivermos a chance de fazer algo juntos novamente, certamente faremos.

Devo dizer que é um golpe imaginar que não teremos mais o Mr. Big, mas entendo por quê. De qualquer maneira, perguntei isso porque Eric Martin uma vez falou sobre a possibilidade de um último álbum com diferentes bateristas, músicos que eram amigos de Pat ou que ele admirava...

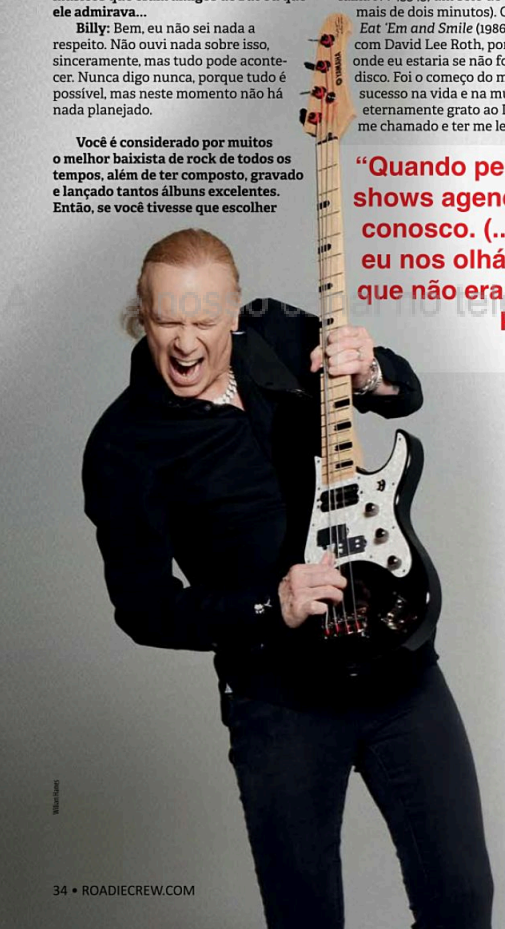
Billy: Bem, eu não sei nada a respeito. Não ouvi nada sobre isso, sinceramente, mas tudo pode acontecer. Nunca digo nunca, porque tudo é possível, mas neste momento não há nada planejado.

Você é considerado por muitos o melhor baixista de rock de todos os tempos, além de ter composto, gravado e lançado tantos álbuns excelentes. Então, se você tivesse que escolher cinco desses trabalhos para representar o músico e artista Billy Sheehan, quais você escolheria e por quê?

Billy: Primeiramente, obrigado pelas palavras! É muita gentileza sua! O primeiro é *Sink Your Teeth Into That* (1982), do Talas, porque eu iria fazer meu solo com distorção, mas meu amplificador quebrou quando eu estava no estúdio, então toquei com um tom completamente limpo, sem nenhum planejamento. Colocamos assim mesmo no disco, e foi muito bem recebido, o que me deixou muito feliz (N.R.: Sheehan se refere à faixa *NV43345*, um solo de baixo de pouco mais de dois minutos). O segundo é o *Eat 'Em and Smile* (1986), que gravei com David Lee Roth, porque não sei onde eu estaria se não fosse por esse disco. Foi o começo do meu verdadeiro sucesso na vida e na música, e sou eternamente grato ao Dave por ter me chamado e ter me levado para Califórnia para eu me juntar à sua banda. Ainda sou amigo de Steve Vai, Gregg Bissonette e Brett Tuggle, o tecladista que fez a turnê conosco, e Dave é o meu herói! Além disso, é um trabalho que eu amo, totalmente real, com os quatro tocando juntos numa sala. E tem o *Lean Into It*, que é provavelmente o meu disco mais bem-sucedido e, talvez, o mais representativo do meu trabalho. Ouso dizer que de Pat, Paul e Eric também, porque nós quatro juntos foi como astros alinhados. Tem o primeiro do Winery Dogs (N.R.: *The Winery Dogs*, de 2013), que é um dos meus discos favoritos da vida. Richie Kotzen esteve brevemente comigo no Mr. Big (N.R.: de 1999 a 2020), e toco com Mike Portnoy em outros projetos, mas agora estou trabalhando direto com os dois! Por último, serei um pouco egoísta, porque escolho meu terceiro disco solo, *Holy Cow!* (2009), porque tem Ray Luzier na bateria, Billy Gibbons tocou numa faixa, e Dug Pinnick cantou noutra, então tive três dos meus músicos favoritos juntos! Não teria como ser melhor! E Billy é maravilhoso. Ele veio à minha casa para gravar, ficou no meu estúdio no porão, trouxe presentes para todos, sentou e tocou divinamente. Em um dado momento, cheguei a perguntar quanto eu devia a ele, porque iria preencher e assinar o cheque, e Billy disse: 'Nada'! Desde jovem, peguei muitas influências com ele. Lembro-me de estar no porão gravando o *Eat 'Em and Smile* com Dave falando 'Toca mais tipo ZZ Top!' (risos). Ainda tenho emoldurados suas palhetas e seu cartão de visitas, que diz "Gibbons: amigo do Eric Clapton" (risos) (N.R.: Neste momento, Sheehan pede licença e sai rapidamente para pegar o quadro). Infelizmente, perdemos Dusty Hill, o que foi devastador... O ZZ Top foi a banda a chegar mais longe e por mais tempo com os mesmos integrantes na história do rock.

"Quando perdemos Pat, tínhamos alguns shows agendados, então Matt Starr tocou conosco. (...) Foi ótimo, mas Eric, Paul e eu nos olhávamos no palco e sentíamos que não era mais a mesma coisa, porque Pat não estava lá"

Billy Sheehan



Obrigado pelo papo e pelas histórias! Se quiser adicionar algo, o espaço é todo seu.

Billy: Eu é que agradeço! Gostei bastante. Obrigado, gracias, arigato e dankeschön! (risos) Vejo todos vocês em breve!

Brasilrevistas

LIBERATION MC APRESENTA:

OMEGA ALIVE

A HISTÓRICA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRÁFICA FILMADA EM 2021.
EDIÇÃO NACIONAL LIMITADA: DIGIPACK COM 2 CDS DE ÁUDIO E 1 DVD.
DATA DO LANÇAMENTO MUNDIAL: 03/12/2021

A ESSÊNCIA DO
EPICA
O LIVRO OFICIAL EM PORTUGUÊS

A HISTÓRIA DA MAIOR BANDA DO METAL SINFÔNICO A EMERGIR DA HOLANDA, NARRADA POR SEUS MEMBROS ATUAIS E DO PASSADO. EDIÇÃO LUXUOSA, COM CAPA DURA, 205 PÁGINAS EM PAPEL ESPECIAL, MAIS DE 200 IMAGENS RARAS E ICÔNICAS.

Acesse nosso canal no telegram.com/brasilrevistas

NOVO ÁLBUM

POWERWOLF
CALL OF THE WILD

EDIÇÃO NACIONAL LIMITADA EM DIGIPACK, COM CD DUPLO E LIVRETO DE 40 PÁGINAS!

NOVO ÁLBUM

JINJER
WALLFLOWERS

A MAIS EXPLOSIVA BANDA DO METAL MODERNO MUNDIAL! WALLFLOWERS CONSOLIDA O IRREFREÁVEL CAMINHO DE JINJER RUMO AO TOPO!

Tarja

CANTAR ESTÁ NO MEU SANGUE

LIVRO OFICIAL, TARJA CONTA A HISTÓRIA DE SUA CARREIRA, ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS RARAS E INÉDITAS.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

METALLICA
BACK TO THE FRONT

A HISTÓRIA VISUAL TOTALMENTE AUTORIZADA DO ÁLBUM "MASTER OF PUPPETS" E DE SUA TURNÊ

LIBERATION

WWW.LIBERATIONMC.COM

LOJA: WWW.LIBTOURS.COM

BrasilRevistas

PLAYLIST

30 ANOS ESPECIAL LEAN INTO IT

Por Daniel Dutra • Foto: Divulgação

► **Daddy, Brother, Lover, Little Boy (The Electric Drill Song):** "Eu estava no Rainbow Bar and Grill (N.R.: na Sunset Boulevard, em Hollywood), e a garçonete do balcão era muito minha amiga. Normalmente, eu ia para lá sozinho, sentava, conversava com as pessoas e me divertia. Em um desses dias, tive uma ideia para uma letra, pedi a ela um guardanapo e uma caneta e escrevi 'Daddy, brother, lover, little boy', e nós rimos disso. Invariavelmente, o título de uma música é o refrão dela, então ela meio que se escreveu sozinha em torno da ideia de um cara que seria tudo para uma jovem, desde a figura paterna até o garotinho que precisava de palmadas (risos). Por acaso, fizemos aquele lance da furadeira na turnê com o Rush, e foi muito divertido, então pensamos: 'Por que não fazemos esse solo nesta música? Boa ideia!. Aí pensamos além: 'E por que não fazemos baixo e guitarra com solos de furadeira?', e assim fizemos. Depois disso, a Makita (N.R.: multinacional japonesa fabricante de ferramentas elétricas) patrocinou nossa turnê (risos). Para completar, Eric cantou maravilhosamente."

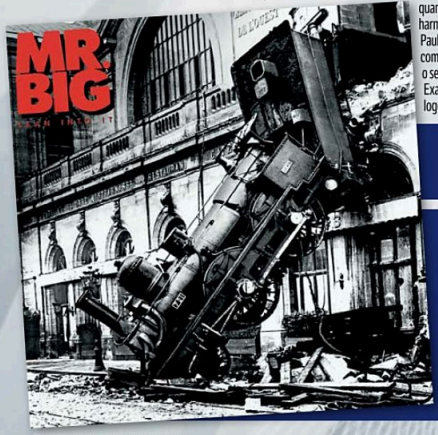
Pat Torpey, Paul Gilbert, Billy Sheehan e Eric Martin: um segundo passo gigantesco com *Lean Into It*

► **Alive and Kickin':** "Paul estava afinando a guitarra quando tocou uma nota (N.R.: Billy reproduz no baixo). Eu perguntei qual era tom, ele respondeu: 'Sol', então eu e Pat começamos acompanhar, tocando juntos. Em seguida, falei: 'Continue tocando dessa forma, no mesmo tom, e eu vou baixar para Fá', então ajustei para Fá, depois para Dó e voltei para Sol. Assim nasceu o verso da música. Mandamos para o Eric, que escreveu uma ótima letra e fez grandes vocais. É uma grande música, e eu amo a história dessa letra! É sobre duas pessoas entrarem num carro e pegarem a estrada, simplesmente. E foi assim que *Alive and Kikcin'* surgiu, com Paul afinando a guitarra, eu perguntando qual era o tom, e nós dois mais o Pat tocando essas ideias de notas simples de rock. Os solos nossos também são muito legais, porque desenvolvemos em cima desse mesmo estilo. E a favorita do público toda vez que a tocamos."

Acesse Canal no Telegram BrasilRevistas

► **Green-Tinted Sixties Mind:** "Paul gravou numa fita K7 com uns amigos, e eu creio que, originalmente, ela era num tom diferente, bem mais baixo. Baixo demais para o Eric cantar, e todo vocalista tem um ponto onde se dá melhor, então mudamos para Mi, que é padrão no rock. Não lembro se já havia todas as harmonias, porque esqueci quem cantou na demo, e não tínhamos muito certeza sobre *Green-Tinted Sixties Mind* até mudarmos o tom. Mas quando o Eric cantou e adicionamos as harmonias, a música ficou excelente! Paul fez um ótimo trabalho como compositor, e acho que ela se tornou o segundo single do disco (R.C.: Exatamente.), mas não pegou fogo logo de cara. Depois de um tempo, as pessoas acharam que foi um hit porque se tornou muito popular no nosso setlist, mas ela não chegou a tocar muito nas rádios, e não por culpa da própria música, porque existem milhares de motivos para uma canção ser ou não um hit. Pode-se ter a maior música de todas e morrer na praia por nenhum motivo específico, apenas porque as rádios estavam num dia ruim. O oposto também acontece, quando uma música fraca vira um sucesso. *Green-Tinted Sixties Mind* não teve a chance que merecia."

► **CDFF-Lucky This Time:** "Jeff Paris (N.R.: autor da música) era amigo do Pat, que achou que o seu estilo de composição combinava com o Mr. Big, e Jeff é um ótimo compositor e um cara muito bacana. Ele trouxe a demo em Ré bemol, um tom superbaixo e grave, que funcionava para a voz do Eric. Quando um compositor conhece bem a banda, ele traz algo que funciona para todos. Foi o caso aqui, porque Jeff achou que esta música era perfeita para nós. Sempre foi uma das minhas favoritas do Mr. Big."



BILLY SHEEHAN

► **NOME COMPLETO:**
William Roland Sheehan

► **NASCIMENTO:**
19/03/1953

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Mr. Big, Talas, The Winery Dogs, Sons of Apollo, David Lee Roth, Steve Vai, Niacin, UFO, Richie Kotzen, Thrasher e Black Sheep

Brasilrevistas

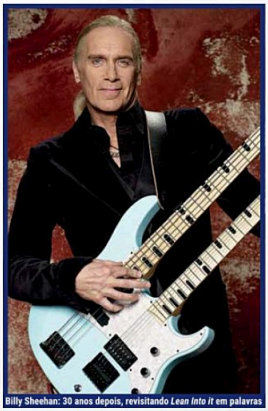
► **Voodoo Kiss:** "No nosso primeiro disco (N.R.: *Mr. Big*, de 1989), temos uma música chamada *Merciless*, que tem um groove semelhante. A letra conta a história de uma mulher que trabalhava com vodu em Louisiana, uma região muito conhecida por magia vodu nos EUA. Pat fez um trabalho incrível com o ritmo em *Voodoo Kiss*, e não apenas em velocidade ou tons, mas com a forma como tocou várias partes. Faz parte do legado dele. Vários bateristas comentam isso, sobre as partes criativas da bateria do Pat nas músicas. Além de um baterista excepcional, ele era um cara maravilhoso, com uma voz ótima, excelente parceiro de trabalho... Pat era o meu amigo mais próximo na música. (R.C.: É muito bom que você fale do lado musical do Pat, porque ele também era um compositor.) Pat era um cara muito observador e que aprendia rápido. Ele estava sempre por perto, prestando atenção. Nós estivemos com grandes compositores em nossa história, e ele sempre ficou por perto, observando, então acabou absorvendo mais essa capacidade e compondo ótimas músicas.

► **Never Say Never:** "A história desta música é engraçada, porque tínhamos a demo cantada de uma forma diferente. Quando chegou o momento de gravá-la no disco, havia uma diferença microscópica no tempo do 'yeah' do verso 'What's so good about the long goodbyes', porque a gravadora nos fez regravar a música várias vezes. Apesar de a diferença ser praticamente imperceptível, ela queria que fosse exatamente como era na demo! Gosto muito de *Never Say Never*, mas não a tocamos muito ao vivo. Eu sou um colecionador de música. Tenho um computador de trabalho para gravar músicas e tal, e outro apenas com minhas coleções de músicas. E eu coleciono muitas demos de inúmeras bandas, porque acho incrível ouvir a demo e depois a versão que foi gravada no disco. Muita gente acha suas músicas péssimas nas demos, mas é como eu sempre digo: 'Ouça, ouça mais uma vez, trabalhe nela. Insista nela, e daí virá a música que você quer!."

► **Just Take My Heart:** "Tenho aqui o baixo de seis cordas que usei para gravar *Just Take My Heart*. Ao vivo, eu a toco no baixo normal para não ter que levar mais um instrumento comigo (risos)... Eu amei instantaneamente essa música. Ótima letra, ótima história, uma linda peça que eu amo tocar ao vivo. Nós a lançamos como single depois de *To Be With You*, e eis o que aconteceu: quando a lançamos, *To Be With You* ainda estava nas paradas, e o nosso empresário disse para a gravadora não lançar *Just Take My Heart* porque o single atual ainda estava tocando nas rádios. Ele sabia que elas não tocariam duas músicas nossas na mesma programação, mesmo em seus top 40. E o que aconteceu? A gravadora lançou mesmo assim, não deu ouvidos ao aviso, e *Just Take My Heart* ficou fora porque *To Be With You* ainda estava quente nas paradas. Se não fosse pela pressa da gravadora, acredito que teríamos com ela outro single número 1. Os fãs a amam, sempre comentaram via carta, via e-mail... E nós também amamos essa música.

► **My Kinda Woman:** "Estávamos organizando as músicas e tivemos uma ideia enquanto trocávamos cordas dos instrumentos, e era sobre como Eric podia criar letras em cima de melodias e fazê-las com sentido, contando uma história. Compor música é uma arte, lido com isso diariamente, trabalho com compositores o tempo todo os ajudando com música, e Eric é profissional nisso. Ele criou as letras e a melodia vocal para essa música na hora."

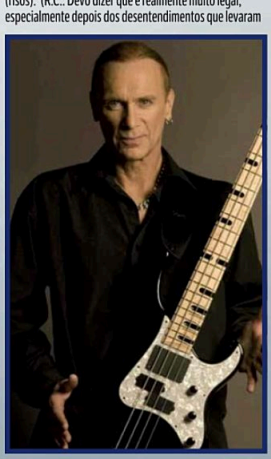
► **A Little Too Loose:** "Ah, estávamos em turnê quando algo aconteceu, e essa música é sobre isso. É outra música



Billy Sheehan: 30 anos depois, revisitando *Lean Into it* em palavras

com tom baixo e superpesado, e eu canto uma oitava abaixo do Eric. Sempre tive essa voz grave, então usar essa oitava ajudou bastante, ficou legal, e ela é ótima para tocar ao vivo. Paul escreveu tudo, letras e música."

► **Road to Ruin:** "Assim que começamos a trabalhar com Jeff, ele quis que a parceria conosco fosse de forma mais próxima. Tínhamos a música e o groove, e Jeff preencheu as partes com a letra. Deu muito certo, porque Eric gosta muito dele e cantou perfeitamente. Aliás, Eric é um vocalista excepcional. Ele transforma qualquer música numa supermúsica! Tem essa harmonia na abertura da música com Paul, Pat e eu para que Eric cantasse por cima, e é a fórmula que sempre deu certo para o Mr. Big. É como ter o Three Dog Night com o Paul Rodgers cantando (risos)." (R.C.: Devo dizer que é realmente muito legal, especialmente depois dos desentendimentos que levaram



ao fim do Mr. Big em 2002, ver você e Eric elogiando um ao outro em entrevistas.) Toda banda tem seus problemas e desentendimentos, e no Mr. Big isso nunca foi uma grande questão. Conheço bandas em que integrantes saíram no tapa uns com os outros, processaram uns aos outros, e nós nunca tivemos isso. Somos pessoas civilizadas, mas em algum ponto não estávamos nos dando tão bem e, por isso, decidimos seguir caminhos separados, mas nunca houve nenhum tipo de animosidade entre nós. Eric é um talento imenso e um cara maravilhoso, e isso é inegável. Estou falando a verdade! No Mr. Big, cada um trouxe algo de si: Paul é um ótimo compositor, grande cantor e um guitarrista espetacular; Pat era uma baterista fora de série, mas também um bom compositor com uma voz incrível; e eu já vinha com alguma bagagem de composição de outras bandas nas quais havia tocado, então pude dar a minha contribuição nesse sentido, porque saber compor bem é o que faz a diferença para ter boas músicas. É verdadeiramente importante. Algumas bandas tocam juntas, alguém canta por cima e pronto: está feita a música. Mas detalhar a canção, esmiuçando o tom, a letra e as melodias, é o que torna uma música boa de verdade. É isso que temos no Mr. Big, e Eric é uma enorme parte disso.

► **To Be With You**: "Ah, olha só... (N.R.: Sheehan pega o baixo e começa a tocar). Enquanto Eric canta 'So, come on, baby, come on over, let me be the one to show you', eu toco notas totalmente inspiradas na música *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, especificamente da parte que Paul McCartney toca no verso 'I don't really want to stop the show, but I thought you might like to know', e fiz isso de propósito, porque amo Paul McCartney! Sabe, acho que eu nunca contei isso a ninguém! Quero dar os créditos ao McCartney, porque ele é grande influência para mim. Lembro-me de que estávamos todos ao microfone, batendo palmas e cantando, mas nunca pensamos: 'Uau, essa será um enorme sucesso!'. Acreditávamos que era uma música legal, realmente bonita, mas era apenas a última canção de uma fita que Eric nos mostrou. Dissemos a ele que a gravaríamos, mas o próprio Eric não a achava nada demais. Na demo, ela tinha piano, também, e nunca pensamos que seria um grande hit, caso contrário a teríamos colocado no primeiro no disco (risos)! Pensamos em *To Be With You* como se fosse a subida dos créditos no fim de um filme, mas o restante do mundo teve outra opinião, felizmente, e ela virou esse enorme sucesso. (R.C.: Inclusive no Brasil, onde furou a bolha do hard rock/heavy metal.) Sim! Quando tocamos no Brasil pela primeira vez, em 1994, na Praia de Santos, não sabíamos que na época havia uma novela muito popular que passava durante o dia e tocava *To Be With You*! (N.R.: na verdade, foram *Just Take My Heart*, em 'Despedida de Solteiro', de 1992, e a regravação de *Wild World*, de Cat Stevens, em 'Sonhou Meu', de 1993, que entraram na trilha de novelas da Rede Globo). Dividimos o palco com Henry Rollins, Lemonheads e Dr. Sin naquele dia, e havia um público imenso, o que nos deixou muito empolgados. Cem mil pessoas, cara! Foi imenso, um dos nossos melhores shows! Lembro-me de que, no fim do show, estava escurecendo e havia fogueiras espalhadas pela areia da praia, e na frente do palco havia um cordão de policiais separando a multidão do palco. Na última música, eles foram embora! Na certa, pensaram que daria alguma merda, porque ao longe nos viamos carros do Exército chegando e soldados descendo! Tudo isso para que as pessoas deixassem a praia e voltassem para suas casas! Essa é uma boa lembrança sobre *To Be With You* (risos), e alguém me fala desse show toda vez que eu vou ao Brasil. Foi incrível, mesmo!

Brasilrevistas

RAGE

O ETERNO REINO DO MEDO

A nova formação, o novo álbum e a qualidade eterna de um dos titãs do heavy metal alemão

Por Valtemir Amler

Não é exatamente uma novidade, mas o Rage passou por mais uma reformulação em sua formação. A estranheza desta vez veio por conta de a banda ter lançado o forte *Wings of Rage* no ano passado e pouco após o lançamento anunciar a saída do guitarrista Marcos Rodríguez, que foi substituído não por um, mas por uma dupla de guitarristas. O fato é que com o som de duas guitarras o Rage realmente conseguiu lançar uma base ainda mais pesada para sua música, o que faz deste *Resurrection Day* o disco 'mais Rage' que o Rage lançou em muito tempo, um verdadeiro petardo repleto de ótimas composições. A demonstrada fúria extra pode até ser resultado da forçada ausência dos palcos, mas essa não seria a única razão para a qualidade do repertório do grupo, uma banda que, como diz nosso entrevistado, sempre soube valorizar o valor do 'uh!' Entenda isso e muito mais nas palavras do simpático vocalista e baixista Peter Wagner.

No ano passado vocês lançaram o álbum *Wings of Rage*, que acabou não sendo devidamente divulgado nos palcos do mundo. Apesar disso, vocês trazem para nós mais um novo álbum, *Resurrection Day*. Obrigado por isso.

Peter "Peavy" Wagner: Eu é que agradeço pela ótima acolhida. Pois é, nós não tivemos como fazer muita coisa ao vivo por *Wings of Rage*, o que foi uma grande pena. Nunca antes o Rage tinha lançado um álbum sem a devida promoção ao vivo, mas a época pedia isso. Então, como não tínhamos mais nada o que fazer, estávamos todos em casa sem expectativa de voltar para a estrada, resolvemos fazer a única coisa que uma banda de verdade poderia fazer em uma situação como essas: sentamos, discutimos, colaboramos e escrevemos novas músicas. Nós nos mantivemos ativos e trabalhamos em um novo álbum. Não adiantava nada apenas sentar e chorar, mas refletir sobre aquilo que estávamos deixando de fazer. Acho que seguir em frente era a única opção realmente e criar novas músicas para os nossos fãs era a melhor forma de seguir adiante, sem dúvida. Acho que toda a negatividade, toda a angústia e desesperança, toda a ira que sentimos nesse momento foi encapsulada nesse disco e talvez por isso tenhamos um álbum tão forte nas mãos.

Além disso, vocês também trabalharam com uma nova formação desta vez.

Peavy: De fato, a banda passou por algumas transformações desde a última vez em que conversamos, na época de *Wings of Rage*. Algumas coisas são inevitáveis, são meio que forçadas pelo momento, e não são desejadas por ninguém. Foi assim conosco dessa vez. Marcos (Rodríguez, guitarrista) teve que deixar a banda e tanto ele não queria sair quanto nós não queríamos que ele saísse. Ele simplesmente teve abandonar tudo para resolver alguns sérios problemas particulares que estava vivendo e eu prometi a ele que jamais tocaria nesse assunto, então me perdoe não entrar em maiores detalhes. Eu queria muito que ele continuasse, mas não era possível, então tivemos que seguir em frente. Nada de ruim aconteceu, não tem nada a ver com música e ele ainda é um grande amigo meu, então eu gostaria que os fãs soubessem disso antes de mais nada.

RESURRECTION DAY
SPV/Shinigami/Sound City - Nac.

Certo. E, para o lugar dele, você trouxe não um, mas dois guitarristas.

Peavy: Isso mesmo. A verdade é que a ideia de termos dois guitarristas foi anterior ainda à saída de Marcos, acho que pensamos nisso m 2019, só não tinha acontecido ainda. O que queríamos era encorpar ainda mais nosso som, alcançar um nível ainda mais denso, além de buscar coisas que não poderíamos fazer com apenas um guitarrista. Como disse, já pensávamos em trazer alguém para tocar ao lado de Marcos, mas a forma como as coisas aconteceram acabou por atropelar nossos planos e acabamos com uma dupla de guitarristas completamente nova, o que não era a ideia. E foi engraçado, pois trouxemos dois guitarristas completamente diferentes para a banda, dois músicos que jamais tinham se conhecido, mas que no fim das contas gostam muito um do outro e que agora se dão muito bem dentro e fora dos estúdios (risos). É até engraçado como eles trabalham de forma tão harmônica juntos, pois parece que tocam na mesma banda há anos.

Sim, é muito bom que esteja funcionando tão bem, já que no ano passado elogiávamos a formação anterior. Falando um pouco mais sobre os novatos, o que pode nos contar sobre Jean Bormann?

Peavy: Ele é um guitarrista bastante jovem... Na realidade, todo mundo parece bastante jovem do meu lado! (risos gerais. Ele tem 26 anos e nunca tinha trabalhado com uma banda internacionalmente reconhecida. Apesar disso, ele é um músico muito talentoso, que já atua há bastante tempo em bandas

Brasilrevistas

da região, é uma espécie de 'herói local', sabe? Foi assim que o conhecemos, uma das bandas por onde ele passou abriu um show do Rage em alguma cidadezinha da Alemanha e ficamos realmente impressionados com ele. Então, acho que podemos dizer que para a maior parte das pessoas no mundo é como se ele estivesse surgindo agora. Que bom que seja assim, todo mundo merece ter a sua primeira chance de crescer e ele está aproveitando muito bem a chance que ganhou, estou muito satisfeito com tudo que Jean tem feito no Rage.

Na outra guitarra está Stefan 'Stürmer' Weber, que já é bastante conhecido dos fãs de metal, com passagens por bandas bem tradicionais do metal alemão, como Axxis e Scanner.

Peavy: Sim, e ele também é bastante novo comparado a mim, tem 37 anos (risos gerais). Não importa quanta experiência um músico tenha, provavelmente eu sempre serei o filho da puta mais velho no Rage, o 'vozão' da turma (risos). Jean até poderia ser meu filho.

Talvez seja.

Peavy: Pois é, quem sabe? Acho melhor perguntar para ele (risos gerais). A verdade é que tenho muita sorte por ter músicos tão jovens e tão talentosos ao meu lado, seria um inferno ficar meses viajando com pessoas que não fossem tão agradáveis quanto esses caras são. E isso também é uma parte muito importante na relação de uma banda, não adianta você ter os melhores músicos do mundo ao seu lado se eles são uns 'cuzões', se você não suporta aqueles caras do seu lado. Já vivi situações assim, você sabe (risos). Agora é diferente, esses caras são muito legais, eles trabalham muito duro, mas nem por isso se tornaram incapazes de rir ou de se divertir. Jean e Stefan são assim, pessoas incríveis. Bem, o talento de Stefan vocês já conheciam, e agora já sabem que ele também é uma pessoa acima da média, muito fácil de lidar.

O fato é que ouvimos uma banda muito afiada e firme em *Resurrection Day*. É até difícil acreditar que vocês não estão já há anos viajando juntos.

Peavy: Entendo o que você quer dizer. A experiência de passar alguns meses na estrada e depois dividir o palco noite após noite realmente firma o caráter de uma banda, refina a forma como eles trabalham juntos. Eu já experimentei essa sensação algumas vezes ao longo das décadas. E ainda não tivemos a chance de sair em turnê juntos, mas felizmente já conseguimos fazer alguns shows, embora tenham sido essas apresentações sanitariamente seguras, com público limitado e tal. Fizemos algumas apresentações em streaming também, então pelo menos já nos conhecemos no palco, sabemos como iremos nos comportar em palcos maiores e para plateias maiores no futuro.

Bem, ainda no que se refere às guitarras, você tem algo como um guitarrista base e um guitarrista solo agora?

Peavy: Não, e isso foi decisão deles mesmos, em comum acordo. Eles gostam de dividir as tarefas, tanto naquilo que se refere ao trabalho de composição quanto na execução das músicas, então os solos variam de autor de uma música para outra. Acho que essa maneira é realmente válida nesse caso, pois sinto que ambos são ótimos nos riffs e nos solos, então a banda ganha em dobro.

Mas você permanece o compositor principal, certo?

Peavy: Sim, eu ainda sou o responsável pelo esqueleto de cada música. Mas não sou nenhum tipo de ditador, gosto de desenvolver minhas ideias e para isso é importante ouvir o que os outros têm a dizer. Eu costumo ter um monte de ideias, que registro e depois mostro para os outros caras. Você sabe, alguns riffs bem crus, algumas melodias bem cruas, você consegue perceber que tem uma música ali, mas é quando a banda toda se junta com novas ideias que as canções realmente tomam forma. E desde o começo esses caras se mostraram incríveis nesse trabalho, eles não ficaram nem um pouco acanhados por serem os novatos, já chegaram chutando a porta (risos). Tem sido muito bom contar com eles, eles trazem muito frescor e ótimas ideias para a nossa música.

Com a entrada de dois novos guitarristas, o Rage é agora um quarteto, com Jean Bormann, Peavy Wagner, Stefan Weber e Vassilios Maniatopoulos

Brasilrevistas

“Lemb re-se de viver e faça as escolhas certas para o seu futuro”

Peter “Peavy” Wagner

Instantaneamente assim?

Peavy: Pois é, eu também estranhei. Acho que precisei mostrar apenas duas músicas para eles conseguirem conceber o quadro completo e começar a trazer novas ideias como loucos (risos). São muito inteligentes, muito ativos e trabalham muito duro, acho que fiz a escolha certa com essa formação. Eles trouxeram ótimas ideias de riffs e solos, e foi legal vê-los trabalhando juntos na ideia um do outro. É isso que quis dizer antes quando falei que eles trabalham em perfeita harmonia. Não existe um pingo de ego, ambos estão nessa pela música.

Falando agora das canções, gostei de começarem o álbum com uma introdução chamada *Memento Vitae*. Foi um toque realmente legal em um álbum chamado *Resurrection Day*.

Peavy: Obrigado, dá para ver que você pegou a ideia, pois era essa mesmo: se vivemos o dia da nossa ressureição, então devemos nos lembrar que viver é preciso! Todos repetem 'memento mori' como um mantra da irresponsabilidade, como se essas palavras te dessem carta branca para fazer qualquer merda sem pagar pelas consequências, e não é assim que funciona (risos). Lembre-se de que você precisa viver, tente se manter assim, faça o máximo para ter uma vida melhor, esse é o espírito. É por isso também que *Resurrection Day* vem logo em seguida, é como se estivéssemos dizendo que a vida que teremos de agora em diante pode ser boa ou ruim, cabe a nós escolher. Lembre-se de viver e faça as escolhas certas para o seu futuro.

Um dos grandes destaques deste novo álbum é *Virginity*, ela conta com um riff realmente poderoso em seu início.

Peavy: Sim, eu amo aquele riff. Sabe, é sobre isso que eu estava falando antes, esse riff é uma contribuição do Jean, que acabou de entrar na banda (risos). Ele tem esse projeto chamado Rage & Ruins, em que ele toca esse hardcore mais moderno, mais voltado para o metalcore. Tem essa veia melódica, mas também algo thrash, gosto muito disso.

E aqui você se apresenta na música com o seu tradicional 'uh!'

Peavy: Sim (risos gerais). Sabe, essa é a minha grande contribuição para os vocais do metal, ninguém faz 'uh!' como eu (muitos risos). O pessoal acha que vem do Celtic Frost, só porque eles fizeram antes (risos).

Ah, mas você tem muito mais 'uhs' do que o Celtic Frost...

Peavy: Sim, eu nunca perco a chance para um bom 'uh!' nos vocais. Às vezes tudo que uma música razoável precisa para se tornar uma ótima música é um vocalista que saiba gritar 'uh!' (risos)

Bem, com o novo álbum em mãos, já é possível pensar em turnês? Como estão as coisas na Alemanha neste sentido?

Peavy: Neste momento é muito difícil fazer qualquer projeção neste sentido. Como sempre, nós aproveitaremos todas as chances que tivermos para tocar ao vivo, mas não tem sido simples agendar e realmente fazer os shows. Digo isso porque os cancelamentos se tornaram frequentes, viraram uma parte grande desse jogo. Na Alemanha os números têm voltado a crescer e junto com isso um monte de shows já foram cancelados novamente, as pessoas estão começando a entrar em pânico de novo... É complicado. Nós todos (N.R.: refere-se aos músicos da banda e à equipe de apoio) estamos completamente vacinados, saudáveis e com uma fome incrível de tocar para nossos fãs, mas a verdade é que a situação na Alemanha é imprevisível, hoje estou sendo pessimista com você e amanhã é capaz de tudo reabrir, é bem possível (risos). Nos países vizinhos isso também não é muito diferente. Ontem mesmo tivemos que cancelar nossa participação em um festival europeu, pois a situação alfandegária com as novas regras de controle sanitário praticamente invalida toda a facilidade de locomoção que ganhamos com a União Europeia, está uma situação realmente enervante. Mas, sim, temos shows agendados, pretendemos mostrar *Resurrection Day* com uma grande apresentação ao vivo, participaremos de todos os festivais que conseguirmos no final de 2021 e em 2022, mas sempre respeitaremos as regras sanitárias. Queremos muito tocar, mas não às custas da saúde dos nossos fãs. Acho que se todos agirmos com responsabilidade, conseguiremos superar isso da melhor maneira possível.

Brasilrevistas

Classic rock pela perspectiva do thrash metal contemporâneo!

SUCK THIS PUNCH

The Evil On All Of Us, segundo e novo álbum, já disponível!

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

Ouça nas principais plataformas de música.

Spotify · DEEZER · MUSIC · YouTube

CD Digipack à venda nas lojas especializadas e grandes magazines

americanas · Submarino

Distribuição no Atacado

VOICE MUSIC

APOIO

MAZZOTTI CUSTOM HANDMADE AMP · DE CARLI FILMS · SOM DO DARMA Management | Booking | Press & Promotion · Rock Studio Alive

@suckthispunch · @Suckthispunch · SUCKTHISPUNCH

Brasilrevistas

COLLECTION

Por Écio Souza Diniz

No início dos anos 1980, quando o metal brasileiro dava seus primeiros significativos passos, o país passava por uma transição política entre ditadura e democracia. A cidade do Rio de Janeiro, com sua desigualdade social que saltava aos olhos, propiciou o cenário ideal para que os irmãos Carlos "Vândalo" Lopes (vocal e guitarra) e Cláudio "Cro-Magnom" (baixo) criassem aquela que viria a ser uma das bandas de mais atitude do cenário nacional e aquela que mais descreveu os diversos problemas sócio-políticos que até hoje assolam o Brasil. O lirismo ácido, irônico e, por vezes, metafórico, sempre sob uma camada sonora unindo a agressividade do metal com a corrosividade do punk/hardcore, estabeleceu a base da sonoridade da Dorsal Atlântica. Base essa que fora capitaneada à época por sua formação clássica composta pelos irmãos Lopes e o baterista que atendia (coincidentemente?) pela alcunha de Hardcore, dando início ao crossover brasileiro. Todavia, essa sonoridade é até hoje levada incessantemente a outros patamares por Carlos Lopes, ora ainda mais agressivos, ora mais técnicos e diversificados. Confira a seguir os melhores momentos de uma das bandas mais icônicas e polêmicas do Brasil.

IMPERDÍVEIS

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

ANTES DO FIM (1986)

O lançamento de *Antes do Fim* não representou somente o primeiro disco solo da Dorsal após o split *Ultimatum* (1985) com os conterrâneos do Metalmorphose, mas principalmente inaugurou o crossover brasileiro através da união sonora do metal e hardcore/punk que uniu duas tribos que até então não se esbarravam bem. Com a sua crueza e urgência sonora se tornou um clássico atemporal que influenciou o surgimento de outros importantes nomes do metal nacional. Toda essa agressividade e fúria transbordante reveste uma acidez lírica cantada em português que versava à época sobre temas ainda atuais, como guerras, racismo, doenças, desigualdade e xenofobia. Assim, as nove faixas que compõem este petardo chegam a ser indefectíveis na energia que transmitem. Afinal, o que se pode esperar de um álbum que abre com uma música do quilate de *Caçador da Noite*, trazendo já de imediato os riffs cortantes capitaneados por Carlos e o baixo pulsante de seu irmão Claudio Lopes em consonância com o ritmo acelerado do baterista Hardcore? Outros clássicos que se eternizaram aqui foram *Álcool*, *Guerrilha* e *Morte aos Falsos*. Todavia, muito bem ao lado dos clássicos citados permanecem *HLTV-3* (sobre o vírus da AIDS), *Depressão Suicida*, *Vorkuta*, *Joseph Mengele* e *Inveja*. A arte da capa, retirada de fotografia de uma camiseta pintada a mão por Carlos, também se tornou uma das mais icônicas de todos os tempos.

DIVIDIR E CONQUISTAR (1988)

A resposta a um álbum que já nasceu clássico sempre carrega grande expectativa. Assim, em 1987 começavam as gravações de *Dividir e Conquistar*, sucessor de *Antes do Fim*. Algumas mudanças trazidas aqui, como o abandono do visual carregado de correntes e couro, substituído por vestes do cotidiano, e uma sonoridade mais limpa, melhor produzida e um pouco mais estruturada e técnica e com letras mais reflexivas, não agradaram alguns fãs mais radicais. Mas isso foi um mero detalhe para um álbum que traz composições marcantes como *Tortura*, *Violência É Real* (relato de um assalto seguido de morte num ônibus presenciado por Carlos), *Metal Desunido* e *Velhice*. A sonoridade mais orgânica ainda é preservada e enaltecida com vocais inteligíveis, permitindo uma aproximação ainda maior de diversos públicos, especialmente headbangers da classe trabalhadora. A verdade é que este álbum sonora e liricamente é o primeiro retrato fidedigno da abrangente realidade brasileira. Outro aspecto digno de consideração é a bela arte da capa, que marca a primeira produção visual mais sofisticada de Carlos, que acabou se relevando posteriormente um ótimo artista gráfico. De forma mais do que justa e lógica, o álbum recebeu versões em inglês, primeiro com o EP *Cheaptapes from Divide and Conquer* no mesmo ano e depois com uma versão completa limitada, iniciando outra importante transição na história da banda: a adoção do inglês em suas letras.

Brasilrevistas

EXCELENTES

SEARCHING FOR THE LIGHT (1990)

Este foi o primeiro passo mais ambicioso da Dorsal, sendo também o último álbum da formação clássica devido à posterior saída do baterista Hardcore. Até então, embora o conceito de ópera-rock não fosse novidade, a abordagem de ópera-metal era algo incomum, especialmente se considerarmos um contexto tupiniquim. Assim, partindo de suas inquietações pessoais e artísticas, Carlos Lopes gerou as bases conceituais que terminariam com *Alea Jacta Est* (1994) e criou a primeira ópera-thrash do mundo. Inspirada no cenário da desigualdade e injustiça social de nosso país, *Searching for the Light* mostra um cenário que protagoniza elementos como a dominação das elites e o surfe ferroviário como esporte favorito da classe pobre. A estrutura sonora que endossa tal cenário se baseia em riffs mais pesados, dinâmicos, agressivos e técnicos, dando uma pegada mais progressiva às composições. Às maiores complexidade e riqueza sonora já podem ser notadas na abertura com *Hierarchic Democracy*, ficando mais nítida nas excelentes *Misery Spreads*, *The Ones Left Scream* e *History Starts (To Take a Route)*. Ainda há o petardo *Fighting in Gangs*. A partir daqui saltos maiores se seguiriam.

ALEA JACTA EST (1994)

Após o avanço musical com o segundo capítulo da trilogia mostrado em *Musical Guide from Stellium* (1992), *Alea Jacta Est* ('a sorte está lançada' em latim) representa não só o fechamento como também o ápice da evolução lírico-sonora até aquele momento, tornando-se um dos álbuns mais pesados e ricos musicalmente da Dorsal. O conceito central gira em torno da figura de um Cristo negro e favelado nascido no Rio de Janeiro envolvido por uma sonoridade brutal e complexa, incluindo até cantos gregorianos e mensagens metafóricas nas letras, e acabou ganhando ampla atenção, principalmente da mídia especializada. Impossível não se chocar com a abertura quase death metal com *Thy Kindgom Come* olhando para o arquétipo dos álbuns anteriores. Essa música ainda teve um videoclipe cortado da MTV por trazer cenas que mostravam prostituição nas ruas do Rio. Igualmente avassaladoras são as viciantes *R.I.P. (Racism, Ignorance, Prejudice)* com seu ótimo solo, *Black Messiah* e *Take Time*. Ainda, *Straitgate* figura como umas músicas mais complexas e densas da banda. O desempenho da bateria de Guga no álbum como um todo também merece menção.

PANDEMIA (2021)

A inquietude artística etérea de Carlos Lopes culminou neste que é o álbum mais diversificado, rico e diferente da história da Dorsal Atlântica. Aqui, a busca por uma sonoridade metal forjada essencialmente na cultura brasileira iniciada em *Canudos* (2017) atingiu patamares ainda mais altos. O nome do álbum, embora se alinhe temporalmente com a crise mundial vigente causada pelo novo coronavírus, se relaciona principalmente com o contexto mostrado no livro *A Revolução dos Bichos* (1945), do escritor inglês George Orwell. Assim, *Pandemia* discorre sobre o país fictício de Brazilândia, que é governado por cães, simios militares e um equino como Primeiro-Ministro, os quais infectam a população com o vírus da burrice. A impressionante diversidade sonora vai desde a faixa-título com seu início acústico sucedido pela brutalidade e rapidez, passando pela já típica mescla metal/hardcore da banda em *Burro*, os cantos gregorianos em *Cães*, o andamento mais arrastado numa veia mais doom/stoner de *Povo (Inocente ou Culpado?)* até a extremidade flertando com black/death de *Combaterei*. *Pandemia* também marca o ápice do estilo de cantar discursivamente em contratempo aos riffs.

BONS

Acesse nosso canal Pro Telegram @Brasilrevistas

STRAIGHT (1996)

No rastro sonoro do extremismo de *Alea Jacta Est*, a fase que envolveu a concepção deste álbum foi envolta em complicações e tensões, destacando a ausência de Cláudio Lopes no baixo (substituído por Ângelo Arede) e a tumultuada estadia da banda na Inglaterra para sua gravação, o que catalisou um conjunto de composições explosivas e extremas. Facilmente este disco figuraria entre os excelentes não fosse a limitação a três álbuns dessa seção aliada à difícil prática da imparcialidade crítica. Afinal de contas, temos, em pouco mais de quarenta minutos, 23 faixas que em recorrentes momentos flertam com o grindcore, o que já é notado de cara em *Sign of the Times*. Mas o extremismo ainda se escancara em músicas como a fulminante *Dor* (única em português), *Black Mud*, *Carniceria*, *Extreme Conditions*, *Corporate Discrimination* e *Seasons of Decay*. Para além da importância sonora, o período de *Straight* também envolveu o lançamento de *Ominisciens* (1996), tributo à Dorsal, e a participação da banda no Monsters of Rock de 1998, na Pista de Atletismo do Ibirapuera, em São Paulo.

CANUDOS (2017)

Álbum contundente e anticomercial, *Canudos* é um dos ápices criativos de Carlos Lopes, além de fomentar uma lenta assimilação. A aura nordestina da Guerra de Canudos, travada entre 1896 e 1897 no interior do sertão baiano, foi transcrita em riffs agressivos e melódicos que revestem letras ácidas e vocais furiosos atuando majoritariamente em tom discursivo. Diferentes e mais agressivas nuances são notadas no timbre vocal já de início com a avassaladora *Belo Monte*. No álbum também se destaca o trabalho da bateria de Américo Mortágua, companheiro de Carlos nas bandas Mustang e Usina Le Blond e que faleceu em 2018. Elementos da sonoridade característica que marcou a banda são facilmente notados em *Não Temos Nada a Temer* e *O Minuto Antes da Batalha*. Os pontos altos são a visceral *Sonho Acabado*, *Araçá do Peito Azul* com sua pegada mais rock'n'roll e *Liberdade* com a ótima fusão de elementos típicos da música nordestina. Aliás, o acento nordestino é notado comumente nos riffs da guitarra no decorrer do álbum, o que o torna diferenciado na discografia da banda.

CUIDADO

2012 (2012)

A missão mais ingrata em escrever este Collection é eleger um álbum para este quesito, visto que a Dorsal é o tipo de banda que nunca deu aquele escorregão significativamente comprometedor na sua discografia, mantendo assim sua essência e enriquecendo seu repertório criativo. OK, então o fato de *2012* estar aqui indica que é um álbum ruim ou com algum deslize que significa demérito? Não, de forma alguma. Então, qual motivo o traz aqui? Após mais de uma década sem lançar nenhum novo álbum de estúdio, o retorno da banda com sua formação clássica para este lançamento, o primeiro promovido a partir de campanha de 'crowdfunding' (financiamento coletivo), foi bem-vindo e trouxe ótimas e sinceras músicas como *Meu Filho Me Vingará*, *Stalingrado*, *A Invasão do Brasil*, *Colonizado Entreguista* e *Comissão da Verdade*. Porém, o tipo de produção e gravação do álbum em geral ficou um pouco aquém do esperado e não ressalta como poderia o potencial do repertório, ofuscando sua intensidade. A organicidade e o feeling das composições relevam esse detalhe.

OUTROS: A Dorsal Atlântica ainda lançou o clássico e bom split *Ultimatum* (1985) com o Metalmorphose, trazendo aquela aura típica do pioneiro metal brasileiro oitentista. A segunda parte da ópera-metal com *Musical Guide from Stellium* (1992) também é bastante digna de atenção. O álbum *Imperium* (2014) é um trabalho de ótima produção lançado pela antiga gravadora da banda, a Heavy, e traz uma interessante e equilibrada fusão entre peso e melodia. Já com relação aos álbuns ao vivo, *Terrorism Alive* (1999) é o principal, tendo sido registrado nas esteiras da turnê de *Straight*, e *Ultimatum Outtakes 1982-1985* (2002) traz uma compilação de shows, que inclui o lendário concerto em Lambari/MG em 1985. Ainda há *Pelagodiscus Atlanticus – The Old, the Rare, the New* (2002) é outra compilação que traz uma série de lados B, regravações etc.

Brasilrevistas

CRADLE OF FILTH

A Fútil Arte da Existência

Dani Filth reafirma a ótima fase vivida pela banda britânica no novo *Existence Is Futile*

Por Valtemir Amler

São três décadas de existência, e ao longo delas não foram poucas as mudanças na formação da banda de Ipswich (ING). A bem da verdade, já há muito o vocalista Dani Filth é o único integrante da formação inicial, e mais uma grande troca aconteceu nos últimos tempos com a saída da vocalista/tecladista Lindsay Schoolcraft no ano passado, prontamente substituída por Anabelle Iratni. Mais uma vez, a mudança não afetou a produção musical e a razão para isso é simples: o Cradle of Filth foi, é e sempre será uma extensão da mente de seu criador, e Dani Filth sempre soube muito bem para qual caminho queria guiar a sua arte. Nesta conversa, ele nos levou por sua jornada, falou sobre as velhas aspirações que o motivaram e, claro, sobre o novo rebento, *Existence Is Futile*.

O Cradle of Filth sempre manteve sua música envolta em uma aura de terror e mistério que permeia todos os aspectos da banda, das letras aos vídeos, da indumentária à postura no palco. Pensando nisso, você ainda lembra qual foi a primeira história de terror que cativou sua atenção?

Dani Filth: Sim, ainda lembro, embora já faça muito tempo. Quer dizer, eu ainda era criança, então não lembro ao certo o nome da história, mas era uma dessas coletâneas de histórias de terror britânicas feitas especificamente para crianças. Essa história que me impressionou era sobre um grupo de crianças que foram até uma casa supostamente assombrada, pois existia a lenda de que um monstro habitava aquela casa. Bem, eles vão até lá e uma dessas crianças, aquela que é a personagem principal, subitamente se torna o próprio monstro. É, eu sei, isso soa como algo terrivelmente ruim (risos), mas naquela época me deixou aterrorizado. Eu tinha uns 5 anos de idade. Na capa do livro tinha a figura desse monstro esquisito e aterrorizante e na parte interna, ilustrando essa história que contei, vinha a imagem dos outros garotos em pânico olhando para o personagem principal, lutando para se afastar, para fugir dele. Essa possibilidade me aterrorizava, aquele garoto tinha se tornado o monstro que ele tinha ido buscar e agora eu tinha encontrado o monstro nesse livro, então o que será que eu era? A ideia de que existia um mundo sobrenatural incontrolável, que algo como essa maldição que transformou um garoto naquilo que todos os outros temiam pudesse existir, aquilo me fisgou para sempre.

Acesse o canal no telegram @revistas

EXISTENCE IS FUTILE
Shinigami/Nuclear Blast - Nac.

Desde então você nunca mais deixou de consumir histórias de terror?

Dani: Não, nunca mais. Eu tinha sido fisgado e assim tem sido basicamente por toda a minha vida. Passei a procurar por mais contos de horror, revistas em quadrinhos de terror, filmes do gênero de todos os estilos e época. Conforme fui crescendo, fui acumulando cada vez mais coisas, cada vez mais material, na verdade acho que sou também um grande colecionador desse tipo de arte. Toda a parafernália que tenho na minha casa é baseada em histórias de terror, você sabe, esqueletos, fantasmas, tudo que tem essa estética gótica, é fascinante. Ainda este fim de semana participei de um desses passeios 'ghost hunt' em Londres, é incrível, são tantas histórias diferentes em cenários realmente assustadores. A presença do gótico e do sobrenatural está basicamente em tudo que me cerca, o próprio local onde eu vivo, quer dizer, toda essa região da Inglaterra é conhecida como o 'Condado das Bruxas'. Simplesmente não tenho como evitar.

Eu posso imaginar. A Inglaterra realmente oferece muitas atrações neste sentido.

Dani: Sim, muitas mesmo. Existem milhares de passeios oferecidos a turistas e mesmo a moradores das cidades interessados em conhecer um pouco do passado obscuro do lugar onde moram. Tanto nas grandes cidades como nas pequenas vilas, todos os lugares parecem ter alguma história para contar. Todas as cidades da Inglaterra têm suas histórias de bruxas e fantasmas, mas aqui na minha região a coisa é ainda mais interessante. Cada esquina tem a sua própria história, cada rua tem uma casa onde algo aconteceu ou onde alguma bruxa viveu. Então, se você tem interesse em histórias de cunho gótico, não existe lugar melhor no mundo para estar.

Você falou sobre bruxas e espíritos, mas ainda existe um elemento-chave do universo do Cradle Of Filth que eu gostaria de abordar: o vampirismo, um dos temas favoritos dos seus fãs, inclusive.

Dani: Sim, é algo realmente muito importante para nós. Bem, eu cresci com

Brasilrevistas

esse interesse em contos sobrenaturais, em tudo que envolvesse a noite e as sombras, então os vampiros meio que sempre estiveram ao meu redor. Para falar especificamente sobre esse tema, novamente mergulho um pouco mais fundo no tempo, já que isso basicamente se deveu ao fato do meu pai ter sido um grande colecionador de livros. Antigamente, tínhamos aqui na Inglaterra uma série de livros chamada 'Pan Book of Horror Stories', que era uma espécie de coletânea de contos de terror de autores bastante conhecidos.

Conheço essa coleção, existem muitos autores clássicos de ficção científica incluídos, se não me engano.

Dani: Sim, é essa coleção mesmo. Lá tem contos de H.G. Wells, John Ware (N.R.: autor de 'Spinalonga'), Nigel Kneale (N.R.: autor de 'Oh, Mirror, Mirror') e lá pelo fim da publicação até coisas de Stephen King saíram nessa coletânea. Todos esses escritores incríveis, aquelas histórias sombrias e fantásticas, aquilo realmente abriu ainda mais os meus olhos para a literatura, mergulhei nas obras de ficção científica, mas fui sempre para o lado mais 'terror' dessa literatura. 'The Day of the Triffids', 'The Chrysalids'... (1951 e 1955, respectivamente, ambos de John Wyndham) Foi nesse mergulho mais profundo que conheci toda uma literatura sobre vampiros, incluindo, claro o clássico 'Drácula', de Bram Stoker. Depois disso, vieram os filmes de vampiros e esse é um universo absolutamente gigantesco. Vi Nosferatu (N.R.: 1922, 'Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens', no original alemão), aquilo até hoje é bizarro e dá um certo medo (risos). Eu mergulhei de cabeça e nunca mais saí desse mundo.

Quando decidiu parar de apenas consumir essas histórias e também criar e contar as suas próprias narrativas?

Dani: Foi ainda nos meus tempos de escola, eu ainda era bem jovem. Tinha uma espécie de jornal na escola, com resenhas de filmes de terror e de discos de heavy metal, também alguns pequenos contos e poesia, toda essa arte alternativa que consumíamos na época. Isso se tornou a minha obsessão naquela época. Eu queria contar todas aquelas histórias que fervilhavam na minha cabeça, mas a verdade é que nunca passou de uma intenção. Eu tinha e ainda tenho muita poesia escrita, tenho histórias para acho que alguns livros, mas nunca de fato sentei para colocar isso no papel. A verdade é que não tenho tempo para isso, já que dedico todo o meu tempo ao meu trabalho principal, que é o Cradle of Filth.

Já que chegamos neste ponto, foi muito difícil migrar a sua poesia para o formato da música?

Dani: Foi sim, especialmente no começo. Sei que ninguém imaginaria hoje, já que somos uma banda estabelecida e com muitos discos lançados, mas no começo foi difícil encontrar esse ponto de transição, especialmente porque eu ainda não tinha uma ideia completa daquilo que queria fazer musicalmente. Quer dizer, se você pegar nossas primeiras demos, aquilo é basicamente um monte de garotos tentando tocar death metal. Mas essa não era a plataforma musical perfeita para aquilo que queríamos dizer nas músicas, então migramos para algo diferente.

Você já tinha uma ideia melhor formada a esse respeito quando *The Principles of Evil Made Flesh* (1994, álbum de estreia do Cradle of Filth) foi lançado?

Dani: Sim, eu diria que ali a ideia já estava pronta, nós apenas precisávamos aprender certas coisas, evoluir certos aspectos para chegar ao nosso nível máximo. Foi o nosso álbum de estreia, então ainda existia certa imaturidade ali, embora tivéssemos grandes ideias também.

Sim, e aquele foi um álbum completamente diferente de tudo que havia na época. Da capa ao título, da música à sua abordagem vocal, tudo ali soava novo e até certo ponto desafiador.

Dani: Sim, eu concordo. Acho que foi por isso que ele acabou sendo um álbum que foi crescendo em visibilidade e importância ao longo do tempo. Vários e vários anos se passaram até que as pessoas realmente entendessem o que tínhamos feito nele, eu diria que foi só

Acesse mais conteúdos em Brasilrevistas

Jake Slavik

Marthus, Ashok, Dani Filth, Daniel Firth, Anabelle Iratni e Richard Shaw reafirmam ótimo momento da seminal banda britânica

Brasilrevistas

"A presença do gótico e do sobrenatural está basicamente em tudo que me cerca"

Dani Filth

Acesse mais revistas em Brasilrevistas

depois de *Cruelty and the Beast* (1998) ou de *Midian* (2000) que o público realmente começou a prestar atenção nele. Era um álbum bem underground, lançado por uma gravadora também underground (N.R.: ele saiu originalmente pela Cacophonous Records, de Londres). Ele até que foi bem, mas só chamou atenção depois de *Midian*.

Que foi basicamente o momento em que o Cradle of Filth se tornou uma das maiores bandas de metal do mundo.

Dani: Sim, com *Midian* o jogo definitivamente virou ao nosso favor, no mundo inteiro. Precisamos trabalhar muito, corremos o mundo todo com muitos shows, fizemos milhares de entrevistas, muitos olhos estavam sobre nós, definitivamente.

Este mesmo comprometimento estético e musical marca o novo *Existence Is Futile*, mas sinto que o álbum é liricamente diferente dos antecessores.

Dani: Sim, você está certo. O novo álbum é realmente diferente, especialmente se pegarmos o anterior (N.R.: *Cryptoriana – The Seductiveness of Decay*, de 2017). Aquele disco foi uma espécie de mergulho na Era Vitoriana, um tempo de paixão profunda por tudo aquilo que é sinistro ou macabro. Já em *Existence Is Futile* temos um álbum focado no existencialismo, no medo do desconhecido, digamos que aqui temos uma busca pelo sentido da vida ou pela falta de sentido dela.

Sim, isso combina com o título do álbum.

Dani: Sim, claro que algumas pessoas vão ver apenas o sentido niilista do título, mas também existe um sentido de esperança implícito nele, pois o que ele indica é que não temos em mãos nenhum guia de como viver melhor, não existe nenhum guia que possa nos levar até uma vida mais segura. A vida não é como uma nação feudal, onde o senhor decide o que acontecerá com seus súditos. Assim, não existe nenhuma figura divina olhando dos céus e decidindo sobre o nosso destino, não existe um propósito para tudo. Sei que essa ideia é assustadora, mas isso significa que somos completamente livres para fazer aquilo que quisermos e que deveríamos estar aproveitando a vida enquanto ainda a temos.

A capa também busca esse sentido?

Dani: Ela é basicamente uma releitura, quase uma paródia de uma antiga obra de Hieronymus Bosch, chamada 'O Jardim das Delícias Terrenas'. Pegamos uma pequena fração do painel direito dessa obra e reimaginamos a coisa, você vê aquela espécie de 'senhor feudal' devorando as almas e defecando-as em uma nova forma, como um novo ser. Além disso, na esquerda da capa você tem o mundo representado na forma da Torre de Babel ardendo em chamas, o que insinua a inevitável queda do homem e a nossa implacável busca pela autoaniquilação, que é basicamente o que assistimos nos jornais todos os dias, o mundo parece ter sede de deixar de existir. Sei que muitas dessas coisas estão mais evidentes desde o ano passado, mas a verdade é que *Existence Is Futile* foi pensado antes da pandemia, então não existe uma correlação de fatores. As coisas parecem ligadas porque realmente o mundo parece ir para esse caminho desde antes da pandemia.

Neste sentido, o que pode nos falar da música *Suffer Our Dominion*?

Dani: O mundo já era um lugar fodido antes da pandemia. Acho que por isso acabamos concebendo essa música, que acredito ser nosso tema mais sócio-político até hoje. Ela tem a ver com superpopulação e conta com uma narrativa bem interessante, que meio que se conecta musicalmente com alguns dos nossos maiores sucessos, como *Her Ghost In the Fog*. Mas liricamente é algo totalmente diferente.

Parabéns por mais um ótimo álbum, sei que demandou um esforço extra dessa vez.

Dani: Obrigado, muito obrigado mesmo! Pois é, foi um trabalho árduo colocar a banda no mesmo lugar para gravar, com integrantes espalhados pelo mundo todo em tempos de lockdown (risos). Tivemos atrasos, mas estou feliz que o álbum esteja pronto e logo todos os fãs poderão ouvi-lo. Obrigado pela ótima conversa, nos vemos no Brasil assim que for possível.

Brasilrevistas

NERVOCHAOS

CELEBRANDO O 25º ANIVERSÁRIO DA BANDA

DUG UP ...DIABOLICAL REINCARNATIONS
Cd Slipcase

Novo álbum feito de material cadavérico exumado de sua discografia inicial, completamente repaginado e regravado, uma compilação especial de três músicas de cada um dos quatro primeiros álbuns, Pay Back Time (1998), Legion Of Spirits Infernal (2002), Quarrel In Hell (2006) e Battalions Of Hate (2010). Edição brasileira em CD Slipcase e disponível também nas plataformas de streaming.

LANÇAMENTO EM NOVEMBRO!

THE BEST OF NERVOCHAOS
Songbook

Livro contendo 27 músicas (três músicas de cada um dos nove álbuns de estúdio da banda) para guitarra e baixo, com notas (partituras) e tablaturas. Item de colecionador em edição limitada.

LANÇAMENTO EM DEZEMBRO!

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

TAMBÉM DISPONÍVEIS

PAY BACK TIME
CD & LP

Debut álbum de 1998. Relançamento em CD, incluindo 5 faixas bônus e novo encarte. E agora também disponível no formato de LP (vinil preto) e com capa Gatefold.

LEGION OF SPIRITS INFERNAL CD & LP

Segundo álbum da banda, lançado em 2002. Relançamento em CD, incluindo 5 faixas bônus e novo encarte. E agora também disponível no formato de LP (vinil preto) e com capa Gatefold.

QUARREL IN HELL
CD & LP

Terceiro álbum da banda, lançado em 2006, com participações especiais de Alex Camargo (Krisiun), Barney Greenway (Napalm Death), Emperor Magnus Caligula (Dark Funeral), John McEntee (Incantation) e Sanguine & Wrath (Averse Sefia). Agora também disponível no formato de LP (vinil preto) e com capa Gatefold.

BATTALIONS OF HATE
CD & LP

Quarto álbum da banda, lançado em 2010. Agora também disponível no formato de LP (vinil preto) e com capa Gatefold.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS: NERVOCHAOS "The Art of Vengeance" LP / NERVOCHAOS "Nyctophilia" LP

ACESSE NOSSA LOJA VIRTUAL: HTTPS://TUMBA-RECORDS.MINESTORE.COM.BR
SE INSCREVA EM NOSSO MAILING LIST: WWW.TUMBAPRODUCTIONS.COM.BR

Tumba Produções

Brasilrevistas

Mesmo sem divulgar seu terceiro registro nos palcos, Harald Göthblad, Nicke Andersson, Johanna Sadonis, Linus Björklund e Martin Nordin já retomam a carga com *Lucifer IV*

LUCIFER

ARCANJOS DA MORTE

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

Nicke Andersson fala sobre o caminho trilhado pelo grupo até seu quarto álbum completo

Por Valtemir Amler

As coisas definitivamente não andaram conforme o esperado depois do lançamento de *Lucifer III*, em fevereiro do ano passado. Não que o álbum tenha sido mal recebido, foi justamente o contrário: a acolhida foi calorosa, tanto da imprensa quanto dos fãs, mas os planos de Johanna Sadonis (vocal), Nicke Andersson (bateria), Harald Göthblad (baixo), Martin Nordin (guitarra) e Linus Björklund (guitarra) tiveram que mudar, já que os palcos deixaram de ser uma opção. Sem o conforto da estrada, a banda permaneceu em contato com os fãs através do lançamento de uma série de singles e um split, que precederam o lançamento do novo álbum, *Lucifer IV*. Sobre tudo isso, falamos com o baterista Nicke Andersson.

Vocês lançaram em março do ano passado o álbum *Lucifer III*, que recebeu ótima acolhida. Imagino que foi meio estranha a sensação de lançar o seu trabalho mais bem sucedido até então e, em seguida, não poder cair na estrada.

Nicke Andersson: Sim, isso foi bem esquisito, para ser sincero. Claro que quando estávamos trabalhando no disco ainda nem tínhamos ideia de que uma pandemia iria acontecer, muito menos de que seria algo grave a ponto de parar o mundo por tanto tempo, mas não tivemos escolha além de simplesmente seguir em frente da forma como podíamos. Foi assim para todas as bandas e para todas as pessoas, de forma geral. Tudo ficou mais difícil, então, não foram apenas as turnês que foram afetadas. Não podíamos sair em turnê, mas também ficou mais complicado reunir a banda para tocar e compor novas músicas por conta de restrições de viagens e coisas do tipo. Até para visitar a família ficou mais complicado. Enfim, sabíamos que tínhamos um grande álbum nas mãos e esperamos fazer algo por ele também nos palcos, assim que for possível.

Realmente, seria uma pena o álbum passar batido. As três primeiras faixas dele – *Ghosts*, *Midnight Phantom* e *Leather Demon* – podem facilmente ser encaixadas entre as melhores que vocês gravaram até hoje.

Nicke: Muito obrigado, fico feliz que diga isso. Temos muito orgulho do que conseguimos construir no nosso terceiro disco, vivemos um momento realmente especial durante a composição e as gravações daquele trabalho. Ainda não posso dar certeza absoluta, mas provavelmente essas três deverão estar no setlist da nossa próxima tour, pois muita gente tem comentado essas canções, então acho que seria legal para um retorno às grandes turnês.

Você tem alguma outra favorita em *Lucifer III*?

Nicke: Isso é difícil dizer, pois sou um desses músicos que, depois de gravar o álbum, não volta a ouvi-lo. Sei lá, isso sempre pareceu meio autoindulgente, ou pior, até presunçoso aos meus olhos, colocar o meu disco para tocar e ficar pensando: 'Nossa, como estou soando bem nesse disco!' (risos gerais) É estranho. E isso é um problema que aconteceu com *Lucifer III*, se você me perguntasse as minhas favoritas dos álbuns anteriores, eu teria uma resposta, pois toquei muitas vezes aquelas músicas ao vivo, enquanto o álbum do ano passado teve apenas umas poucas músicas tocadas em alguns poucos shows. Ficou tudo meio nublado na minha memória. Quando voltarem os shows, teremos que revisitar o álbum para ensaiar algumas músicas dele e aí vou poder julgar melhor esse aspecto.

Brasilrevistas

Vocês não ficaram parados durante o lockdown, pois com o passar dos meses brindaram os fãs com vários lançamentos em formatos alternativos. Em agosto do ano passado, vocês apareceram com um cover para *Dirt in the Ground*.

Nicke: Ah, sim. A verdade é que não queríamos ficar parados e, como disse antes, estava um pouco mais complicado para reunir todo mundo e compor novas músicas. Claro, eu e Johanna ainda somos os compositores principais, mas todos auxiliam no processo, então achamos que aquele era o momento certo para fazermos algo diferente, e uma versão cover parece ser uma boa opção nesses casos. Escolhemos *Dirt in the Ground* por dois motivos simples: primeiro, é uma ótima canção; segundo, Tom Waits é o cara!

Concordo, mas confesso que não esperava o Lucifer vindo com um cover dele.

Nicke: Sim, eu entendo. Acho que todo mundo esperava algo mais na linha Blue Öyster Cult ou algo assim, e faria todo sentido. Também por isso pensamos em Tom Waits, pois era algo realmente inesperado. Não sei, acho que você consegue surpreender mais quando vai além do óbvio, então resolvemos tentar.

Realmente, ninguém espera que Nicke Andersson, que fez história com o Entombed, vai aparecer com uma versão do Tom Waits, mas Alex Hellid (guitarrista do Entombed) sempre disse que fazer o que ninguém espera era uma de suas principais qualidades.

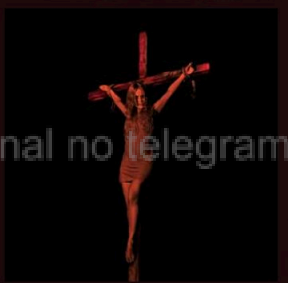
Nicke: Ele é um cara muito gentil e foi engraçado você mencioná-lo, pois nós dois sempre fomos os caras no Entombed com o gosto musical mais 'estranho', por assim dizer. Ele também é fã de Tom Waits, então espero que tenha curtido a nossa versão.

Já neste ano vocês lançaram um split ao lado do Kadavar e nele aparecem com outro cover, desta vez para *Pull Away/ So Many Times*, do Dust.

Nicke: Sim, e essa já é uma versão mais esperada, já que o Dust está um pouco mais conectado com a música do Lucifer. Bem, estaria conectada também com a música do Entombed, se você levar em consideração o caldeirão sonoro que promovemos nos anos 90, por exemplo. Dust é uma banda de que gosto muito, e também foi bem legal lançarmos algo junto com o Kadavar, uma das melhores bandas da Alemanha na atualidade. Já encontramos com eles muitas vezes na estrada e eles sempre foram ótimos, então é legal que tenhamos lançado algo em parceria.

E tem mais cover, já que em junho vocês lançaram *Gone with the Wind Is My Love*. Confesso que achei que fosse uma música própria, pois desconhecia por completo a original.

Nicke: Essa foi fruto de um mergulho intenso na nossa coleção de discos. Esse grupo, Rita & The Tiaras, definitivamente não é muito conhecido no cenário. Claro, é uma coisa bem antiga, mas mesmo antigamente não foi algo mundialmente famoso, então o compacto que contém essa música acabou se tornando um material raro, disputado por colecionadores. A Johanna tem esse disco e resolvemos revisitar esse material, novamente com o intuito de surpreender as pessoas, e foi legal que tenha funcionado mais uma vez (risos). Na nossa versão, contamos ainda com a participação de Elin Larsson, vocalista da banda Blues Pills, outra das melhores do cenário atual. Ela e Johanna



LUCIFER IV
Century Media - Imp.

já vinham querendo trabalhar juntas há muito tempo e finalmente apareceu a ocasião ideal. Adorei o resultado, de verdade. Adicionamos apenas um bocado mais de guitarras e todo o restante é muito fiel ao original.

Logo depois vocês lançaram o single *Wild Hearses*, que eu pensei ser um cover dos Rolling Stones. Só quando ouvi a música é que prestei atenção na grafia correta do título.

Nicke: Sim, pegamos muita gente com essa (risos gerais). E nem foi o nosso intento fazer um trocadilho com a música deles, apenas aconteceu. Ela é uma música bem tradicional para o nosso estilo e quando a Century Media nos pediu um primeiro single, foi a nossa primeira indicação. Depois de tantos covers, nossos fãs mereciam algo genuinamente nosso, com o nosso DNA, por assim dizer.

O passo seguinte foi *Bring Me His Head*, com uma pegada mais firme, mas também com o DNA do Lucifer.

Nicke: Ela é um pouco mais pra cima do que o single anterior, tem essa pegada mais rocker, uma tipica viagem ao hard rock clássico dos anos 70. Sei lá, acho que tem alguma coisa de Roky Erickson (N.R.: músico texano considerado um dos pioneiros da música psicodélica que fez sucesso com músicas liricamente voltadas ao sobrenatural, como *Night of the Vampire*, *Stand for the Fire Demon, I Think of Demons* e outras).

Sim, existe uma conexão entre vocês e o que ele gravou, especialmente em *The Evil One* (lançado em 1981, como Roky Erickson & The Aliens). Inclusive, aquele disco tem a música chamada *Don't Shake Me Lucifer*.

Nicke: Ah, sim, aquele disco é incrível cara! Só tem músicas boas, do começo ao fim, adoro aquilo, uma grande referência para mim, linhas de bateria seguras, guitarras muito boas. Vou ter que perguntar para a Johanna se o nome da banda tem a ver com ele, agora fiquei em dúvida (risos).

Outro destaque é *Louise*, que novamente caminha por diferentes paragens musicais.

Nicke: Esse é o nosso southern rock, por assim dizer. Talvez não sejamos os maiores fãs de rock sulista no planeta, mas obviamente curtimos algumas daquelas bandas, várias delas são muito boas, e eles estavam realmente arrasando nos anos 70, que é a década mais interessante para uma banda como o Lucifer.

O que só vem corroborar que talvez estejamos diante do disco mais variado de vocês até agora.

Nicke: Obrigado, fico realmente feliz por você estar dizendo isso. Como fã de música, sempre gostei quando as minhas bandas favoritas ofereciam alguma variação em seus álbuns, quando não ficavam o tempo todo fazendo a mesma coisa, tornando algo ótimo em algo aborrecido. Sempre tentei usar a minha música na busca dessa variação, sem fugir das nossas características. Então, se é assim que o álbum soa, fico muito lisonjeado e feliz que tenhamos conseguido.

Muito obrigado pela entrevista, espero vê-los por aqui quando for possível.

Nicke: Eu que agradeço pelo interesse na nossa música e garanto que assim que formos convidados, estaremos no Brasil. Para isso, meus amigos brasileiros, cuidem-se e fiquem bem.

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

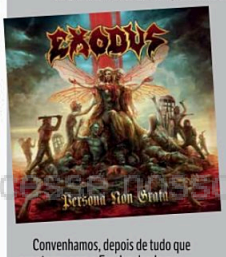
Brasilrevistas

EXODUS

PERSONA NON GRATA

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0



Convenhamos, depois de tudo que aconteceu com o Exodus desde que começou a trabalhar no seu álbum anterior, *Blood In, Blood Out*, eles bem que mereciam umas férias. Veja, primeiro os músicos tiveram que compor o álbum quase que inteiramente à distância, já que Gary Holt estava em turnê europeia com o Slayer. Na hora de gravar, o vocalista Rob Dukes foi sacado e Zetro Souza retomou seu velho posto, em cima da hora. Lançado o disco, alcançaram sua posição mais alta nas paradas, mas não contaram com Holt na maior parte dos shows. Então, vem 2020, saem na The Bay Strikes Back Tour – ao lado de Death Angel e Testament – pela Europa, e quase tem seu barco afundado pela Tempestade Ciara. Depois disso, são perseguidos noite após noite pelo agravamento da pandemia e, ao retornar para casa ao finalizar a turnê, metade da banda é contaminada pela Covid. Além disso, Tom Hunting precisou lutar contra um câncer.

É sério, eles mereciam alguns dias relaxantes nas montanhas, e foi isso mesmo que fizeram quando o planeta entrou em lockdown. Porém, esses caras são o Exodus, e desses dias relaxantes na casa de Tom Hunting nas montanhas, eles voltaram com *Persona Non Grata*, seu mais novo álbum.

Claro que a possibilidade de se reunirem em estúdio influenciou diretamente na concepção do novo álbum. Sem precisar perder dias de trabalho em trocas de arquivos via internet (apenas para ver o resultado de uma pequena alteração), eles puderam ousar mais, inserir mais elementos em sua fórmula, e elevar o status de músicas 'boas' para 'ótimas' em questão de horas. Isto porque toda sugestão era testada na prática, no momento em que era aventada, conforme nos contou Gary Holt.

Você começa a sentir o efeito prático disso já na faixa-título, uma longa ode thrash que ultrapassa os sete minutos de duração: embora longa e brutal em essência, a canção conta com tantas partes diferentes em sua estrutura, e flui de uma a outra de maneira tão natural que soa como uma daquelas canções crossover de 50 segundos, que chega, dá o seu recado brutal e acaba. Mas, de novo, eles fazem isso por mais de sete minutos, e você nem percebe!

Mais contida, *R.E.M.F.* é brutal como um soco na cara, e *Slipping Into Madness* (de Lee Altus) vem com ótimos riffs de heavy tradicional. *Elitist* é uma das mais cativantes com seu ótimo refrão, mas *Prescribing Horror* talvez seja a 'joia da coroa', com sua aura negra e densa, repleta de elementos trazidos à tona pelo produtor Andy Sneap (que inclui o choro do bebê em 'loop').

Ademais, aprecie os dotes acústicos de Gary Holt no interlúdio *Cosa del Pantano*, e no início da ótima *Lunatic-Liar-Lord*, que traz até alguns elementos de doom metal para a festa thrash do Exodus. No fim, *Persona Non Grata* é o disco perfeito para esse momento, e a marca de uma banda que não desiste da sua missão, resumida na frase escrita no seu novo merchandise: "11 álbuns de estúdio, e ainda nenhuma balada".

Valtemir Amler

HYPOCRISY

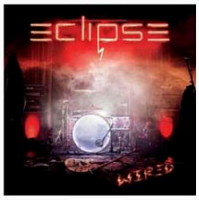
WORSHIP

NUCLEAR BLAST/SHNIGAMI -NAC.

8,5

End of Disclosure, então último álbum de estúdio do lendário Hypocrisy, havia sido lançado em 2013, e a bem da verdade, os fãs não sabiam ao certo se a jornada de Peter Tägtgren pelo death metal continuaria ou não. Ainda bem que, depois de oito anos, a resposta veio a ser sim, e com *Worship*. A faixa-título já deixa claro que nem tanta coisa mudou nestes oito anos, pois os vocais urrados/rasgados de Tägtgren continuam presentes e envolventes, e os riffs continuam fortes e intensamente melódicos. Além disso, as canções continuam versando sobre temas interessantes, como se percebe ainda melhor na seguinte, *Chemical Whore*, escolhida como primeiro single e que versa sobre o império dos fármacos, a indústria dos remédios que escraviza milhares de pessoas no planeta. O único ponto baixo fica com *Dead World*, uma faixa até bem legal, mas que soa como uma música do Pain em um álbum do Hypocrisy. Ademais, *Children of the Gray*, *They Will Arrive*, *Bug In The Net* integram o repertório de um trabalho bem de acordo com o que esperávamos dessa banda.

Valtemir Amler



ECLIPSE

WIRED

FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,0

Depois de uma bela sequência de álbuns - *Armageddonize* (2015), *Monumentum* (2017) e *Paradigm* (2019) -, não é de surpreender que o Eclipse metesse involuntariamente o pé no freio da criatividade. É até natural, ainda mais soltando um disco de inéditas a cada dois anos, e a fórmula do hard rock melódico da banda sueca soa déjà vu como nunca antes em *Wired*, seu novo trabalho de estúdio. O maior exemplo disso está logo no início do CD, com *Dying Breed* e *Saturday Night (Hallelujah)* soando como gêmeos bivitelinos de mesma personalidade. E olha que elas vêm na sequência de um começo bem animador, com *Roses on Your Grave*, mas desta vez Erik Mårtensson (vocal), Magnus Henriksson (guitarra), Victor Crusner (baixo) e Philip Crusner (bateria) acertaram no alvo mesmo em poucos momentos. A ótima *Bite the Bullet* é o melhor exemplo, e a viagem aos anos 80 chamada *Run for Cover* acaba se destacando exatamente por causa de sua veia old school. Dito isso, *Wired* é ruim? Longe disso. Ainda vai agradar em cheio as fãs incondicionais, mas o Eclipse já fez melhor e com mais brilho.

Daniel Dutra

MASSACRE

RESURGENCE

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

O álbum começa com uma introdução que mistura o clima dos velhos filmes de terror e fantasia, uma aura de pesadelo que é abreviada pela entrada das guitarras, que parecem indicar uma canção 'midtempo'. Mais alguns segundos passam, e é o urro grave de Kam Lee que comanda o real início das ações, com *Eldritch Prophecy* indicando que estamos diante de um dos principais registros death metal de 2021. Embora muito transformado – Lee é o único presente daquela formação que registrou o seminal *From Beyond* em 1991 – o Massacre mantém a sua essência intacta, e faixas como *Ruins of R'Lyeh* (repleta daquele 'death metal groove' que faz você quebrar o pescoço) e *Servants of Discord* comprovam isso. O velho fã até pode se perguntar a razão de termos aqui três guitarristas lendários para fazer aquilo que Rick Rozz fazia sozinho, mas a verdade é que a abordagem das guitarras, ainda que 'old school', estão diferentes. E de uma maneira incrível, eu diria. Portanto, se ama death metal, não deixe de ouvir *Resurgence*.

Valtemir Amler

Brasilrevistas

SABBATARIAM

20 YEARS
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Tendo iniciado sua jornada em 2001 na cidade de Ouro Branco (MG), o Sabbatariam comemora suas duas décadas de existência. Como parte fundamental da celebração, resolveu lançar este novo EP, apropriadamente intitulado *20 Years*. Gravado e produzido pelo guitarrista Marcão Verneck e com capa de Caio Caldas (Bloody Hammers, Dragonforce), o novo registro destaca cinco faixas fortemente calcadas no som progressivo, e que não se furtam a apresentar referências musicais mais extremas. O single principal, *Rotting Is Little For U*, serve como uma boa introdução para a musicalidade do quinteto, além de destacar uma letra muito adequada ao momento em que vivemos, em que as relações humanas estão ainda mais em xeque do que nunca. Além de outras duas novas composições (*Crazy Guy* e *From Dust To Dust*) o disco ainda apresenta regravações para *Putrid Corpse* e *Bear The Temptation*, ambas presentes no debut *The Valley of the Shadows* (2012).

Valtemir Amler

RAGE IN MY EYES

SPIRAL
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Com o EP *Spiral*, sucessor de *Ice Cell* (2019), o Rage In My Eyes dá mais um importante passo em sua carreira, iniciada em 2002, ainda sob o nome Scelerata, que lançou quatro álbuns e foi banda de apoio de Paul Di'Anno entre 2009 e 2014. Composto e gravado na pandemia pela banda do Rio Grande do Sul, o novo trabalho mostra Jonathas Pozo (vocal), Magnus Wichmann (guitarra), Pedro Fauth (baixo) e Francis Cassol (bateria) prontos para encarar o mundo depois da COVID-19. A instrumental *Farewell* abre as cinco faixas com uma mistura de tristeza e pesar pelas perdas que tantos de nós tivemos por causa dessa doença, que ainda assola o mundo, com um ar de esperança por tempos melhores. E que essa próxima era seja como *And Then Came The Storm*: heavy metal de qualidade. *Dare To Defy* mantém o ritmo, com uma brilhante soma de prog e metal tradicional. A calma e melancólica *Spark of Hope* diminui a velocidade e serve como um lembrete de que a vida, amigos, tem momentos antagônicos; de empolgação e introspecção, mas com a certeza de que sempre haverá fases de regozijo. Exatamente como prova *Spiral Seasons*, que fecha o EP deixando boas esperanças no ar.

Alessandro Bonassoli

SETH

LA MORSURE DU CHRIST
HAMMER OF DAMNATION - NAC.

9,0

Surgida em 1995 em Bordeaux, o Seth rapidamente se tornou um dos principais nomes do cenário black metal francês, alcançando seu auge logo de cara, com o lançamento do EP *By Fire, Power Shall Be...* (1997) e o álbum *Les Blessures de l'âme* (1998), registros que ganharam o status de clássicos do gênero. Com o passar dos anos, a banda passou por transformações sonoras, mas eis que finalmente está de volta ao auge com *La Morsure du Christ*, seu sexto completo de estúdio. Já que evidenciamos o 'de volta ao auge', compreenda que eles retomaram a antiga fórmula, ou seja, trata-se de black metal repleto de ótimas melodias, mas que nunca cai na armadilha de esconder sua agressividade sob imensas camadas sinfônicas, erro comum a tantos congêneres. Aqui, o peso e as melodias convivem em harmonia com os teclados, que apenas evidenciam a aura sinistra da obra, como sempre deveria ser. Destaques imediatos para as ótimas *Métal Noir* e *Sacrifice de Sang*, além de *Les Océans du Vide*, essa última principalmente pelo incrível trabalho nos vocais.

Valtemir Amler

TRIVIUM

IN THE COURT OF THE DRAGON
ROADRUNNER - IMP.

8,0

Ao chegar a seu 10º álbum de estúdio, o Trivium é muito diferente daquele que ganhou o mundo em 2005/2006, com os riffs pesados e melódicos de *Pull Harder on the Strings of Your Martyr e Rain*. Eles são músicos ainda melhores, compositores mais versados, mais experientes e experimentaram de tudo um pouco, musicalmente. Houve momentos genialidade (lembra de *In Waves*, de 2011?), mas também de bizarrice total (e de *Coração Não Tem Idade – Vou Beijar*, você lembra?), e entre um e outro, Matt Heafy e Cia. estão mais próximos do primeiro do que do segundo neste novo trabalho. Alguns momentos encheram os velhos fãs de esperança, como na faixa-título, que vem pesada e cheia de groove, alternando momentos de fúria com boas melodias (de voz e guitarra, como costumeiro), mesmo caso de *No Way Back Just Through*. Enquanto *The Shadow of the Abattoir* é bem 'evitável', outra longa, *The Phalanx*, é quase perfeita. Em suma, um álbum 'temperamental', bem aos moldes do que o quarteto costuma produzir.

Valtemir Amler

GRANTZ

THE MEANING OF LIFE
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

O Grantz é o projeto em que o vocalista e multi-instrumentista Danilo Brandão (Evening Star e outras) explora seu lado melódic e hard rock ao lado de Matheus Cardoso (guitarra), Cezar Araújo (bateria) e João Ribeiro (teclado e vocal). Além da nova versão da melódica e intensa *How Many Times*, single lançado em 2015, destaques para *Surrounds Me* e *Don't Stay Away*. Se curte mais as baladas, vá direto para *True Love Don't Make You Cry*. Como primeiro lançamento, ainda que a produção necessite de vários ajustes para um repertório linear em todas as faixas, esta estreia dá uma boa amostra do que o grupo pode criar, especialmente pelo bom gosto dos temas e riffs de Matheus Cardoso e os teclados bem encaixados de João Ribeiro. Se é fã desta linha mais AOR, confira.

Ricardo Batalha

Acesse o canal no Telegram @Brasilrevistas

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

GARY HOLT
(EXODUS)

Exodus - *Bonded by Blood*
Slayer - *Hell Awaits*
Anthrax - *Among the Living*
Metallica - *Ride the Lightning*
Dark angel - *Darkness Descends*

TOM HUNTING
(EXODUS)

AC/DC - *Powerage*
Rainbow - *Long Live Rock 'n' Roll*
Rainbow - *Rising*
Black Sabbath - *Vol. 4*
Iron maiden - *Killers*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Brasilrevistas

RUNNING WILD

BLOOD ON BLOOD

SPV/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

8,0

Desde que retomou a carreira da lendária banda alemã em 2011, o vocalista e guitarrista Rock'n'Rolf Kasparek tem mantido uma constância invejável de lançamentos. Isso é verdade tanto na quantidade de novo material disponibilizado – são quatro álbuns completos e mais uma série de EPs, singles e compilações desde então –, quanto na qualidade. Ele sabe o que quer fazer e sabe exatamente como chegar ao resultado. Disso ninguém duvida, certo? Porém, falar de "qualidade constante" também traz um lado amargo, já que pressupõe que nada muito acima da média foi produzido neste período. Essa é uma verdade incontestável, já que se desde o retorno o Running Wild não criou nada que 'macule' seus clássicos, também não lançou um novo clássico para colocar no seu 'hall'. Tenha isso em mente quando estiver ouvindo *Blood On Blood*. Existe muita qualidade aqui, mas não espere por um novo *Death or Glory* (1989), pois a expectativa errada seria a única decepção possível. Com as expectativas ajustadas ao momento, tenho certeza que vai gostar demais da faixa-título, com seu refrão memorável e passagens de guitarra tão melódicas que arranham o hard oitentista. Com uma vibe mais '80's Running Wild' vem *Diamonds & Pearls*, enquanto *The Shellback* faz lembrar os melhores momentos do grupo nos anos 90. Dito isso, é a longa, épica e cinematográfica *The Iron Times (1618-1648)* que rouba o posto de melhor do álbum. Esta vale ouvir no 'repeat'.

Valtemir Amler

U.D.O.

GAME OVER

AFM/VALHALL MUSIC - NAC.

8,0

O que esperar de um novo álbum do U.D.O.? A resposta pode ser a mesma dada para quase todos os trabalhos anteriores. Nada menos que: um disco do U.D.O. Claro que cada álbum da banda de Udo Dirkschneider (ex-Accept) tem sua peculiaridade desde o debut, *Animal House* (1987). Mas os riffs precisos e a voz 'esganiçada' de Udo, que tanto gostamos de ouvir, estão lá desde sempre. Em *Game Over* não seria diferente, mesmo com mudanças no time. Ao lado de Udo, do filho Sven Dirkschneider (bateria) e de Andrey Smirnov (guitarra), juntam-se os novos membros Fabian Dee Dammers (guitarra) e Tilen Hudrap (baixo). Essa formação não alterou aquilo que o vocalista pretendia com as 16 faixas de *Game Over*, título que alude a um alerta feito pelo cantor, quanto à necessidade de a humanidade repensar algumas questões, tais como a venda de armas e o aquecimento global, temas presentes no disco. Instrumentalmente, faixas como *Holy Invaders* e *Thunder Road* trazem a força do heavy tradicional, *Kids and Guns* é digna representante da faceta mais hard e *Don't Wanna Soy Goodbye* evidencia o lado mais balada. Como sempre, é U.D.O.!

Thiago Prata

TREMONTI

MARCHING IN TIME

NAPALM - IMP.

8,5

Compartilho da linha de pensamento de que bandas e projetos envolvendo membros do Creed são muito melhores que o próprio Creed. O Alter Bridge e as carreiras solo do vocalista Scott Stapp e do guitarrista Mark Tremonti estão aí para confirmar a tese. Por isso, não esperava menos de *Marching in Time*, quinto álbum do Tremonti, liderado por Mark Tremonti (vocal/guitarra) e que conta ainda com Eric Friedman (guitarra e teclados), Tanner Keegan (baixo) e Ryan Bennett (bateria). Produzido por Michael "Elvis" Baskette (Mammoth WVH, Slash, Alter Bridge), o disco (de 12 faixas) traz em seu cerne o resultado de um momento desafiador a Mark, que passou parte da pandemia "sem impeto de ir ao estúdio, compor e pegar o violão; um torpor sombrio", como o próprio artista descreve. Gradativamente, as coisas passaram a funcionar, culminando em mais uma obra de qualidade. *A World Away*, *Thrown Further* e *In One Piece* exibem uma mistura interessante de hard e heavy e (sim!) flertes com thrash moderno (essa veia thrash fica mais evidente em *Would You Kill*), enquanto a faixa-título emerge como uma emocional peça de encerramento.

Thiago Prata

JEFF SCOTT SOTO

THE DUETS COLLECTION, VOL. 1

FRONTIERS - IMP.

8,0

Se em situações normais Jeff Scott Soto já é um artista prolífico, imagine durante uma quarentena... Pois bem, *The Duets Collection Vol. 1* é o quarto disco do ou com o vocalista neste período de coronavírus, e a ideia de revisitar a própria história com convidados especiais rendeu um trabalho agradável do início ao fim. Como não curtir uma versão de *Warrior* em que Soto divide os vocais com Johnny Gioeli, que o substituiu na banda de Axel Rudi Pell? O quilate dos músicos acabou tornando impossível a missão de estragar o material original, então esqueça as comparações e curta *Don't Let it End* (Yngwie Malmsteen) com Dino Jelusick (Whitesnake, ex-Animal Drive), que parece ter sido gravada ao vivo de tão orgânica que soa; *Mysterious*, clássico do Talisman com Eric Martin (Mr. Big) emprestando um toque mais blues no vocal; e *Colour My XTC*, outra do Talisman cujo acento funk foi enriquecido com a voz impecável de Renan Zonta (Electric Mob). E para fugir do lugar-comum, as fases Eyes (*Callin' All Girls*, com Russell Allen), Humanimal (*Again 2 B Found*, com Mats Levén) e Soul Sirkus (*Coming Home*, com Deen Castronovo) dão um molho extra ao CD. Que venha o Vol. 2.

Daniel Dutra

THE CROSS

LIVE ENDLESS FALL

ETERNAL HATRED - NAC.

9,0

Tem gente que detesta, tem gente que não liga, e tem aqueles que amam. A questão é que é difícil não curtir o registro ao vivo de uma banda seminal como esta, que teve papel fundamental na fundação de uma cena doom na América Latina. Registrado durante o festival Palco do Rock, em fevereiro do ano passado, *Live Endless Fall* mostra o quinteto baiano desfilando peças fundamentais do seu repertório, como as lendárias *The Fall* e *Flames of Deceit*, que datam dos primeiros dias da banda. Como uma das melhores tradições do doom reside nas composições longas e atmosféricas, temos apenas seis canções aqui, distribuídas em quase uma hora de música ao vivo. Porém, a outra tradição caríssima do doom, os riffs sólidos e extremamente pesados, garante a ótima experiência, e faz com que ataques de ansiedade embalem a nossa espera pelo prometido novo álbum de estúdio, que deverá chegar muito em breve. Enquanto isso, ouça *Live Endless Fall* no 'repeat'. Que repertório maravilhoso!

Valtemir Amler

INGLORIOUS

HEROINE

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Sete meses depois de lançar seu quarto álbum de inéditas, *We Will Ride*, o Inglorious vem com *Heroine*, um disco de covers de vozes femininas do rock e do pop. E um baita disco de covers, diga-se, reforçando o ótimo momento da formação

Brasilrevistas

com Nathan James (vocal), Danny De La Cruz e Dan Stevens (guitarras), o brasileiro Vinnie Colla (baixo) e Phil Beaver (bateria) - fora o bem-vindo caráter assistencial, uma vez que parte da venda do CD vai para a Women's Aid, instituição de combate à violência contra a mulher. O mais legal de *Heroine* é fugir da obviedade, presente apenas em *Barracuda* (Heart), porque foi assim que a banda britânica mergulhou em versões matadoras de *Queen of the Night* (Whitney Houston), *Midnight Sky* (Miley Cyrus), *Fighter* (Christina Aguilera) e *I'm With You* (Avril Lavigne). E se vale muito a audição de canções do mundo do rock - *Bring Me to Life* (Evanescence, com Jeff Scott Soto), *Nutbush City Limits* (Tina Turner), *I Hate Myself for Loving You* (Joan Jett) e *I Am the Fire* (Halestorm) –, a verdade é que o Inglorious acertou na loteria quando deu as mãos ao pop. *Time After Time* (Cyndi Lauper) e *Uninvited* (Alanis Morissette) ratificam isso. Deixe o preconceito bobo de lado e se divirta.

Daniel Dutra

STOP, STOP!

LOWCOST LIFE

INDEPENDENTE - IMP.

8,0

Um álbum que inicia com um sujeito mandando um "belo", "¡Hola, motherfuckers, iros a tomar por culo!', eu lhe garanto: não é ofensivo! Essa é só uma amostra de que o humor da mais divertida banda de sleaze glam da atualidade segue escrachado. Esse é *Lowcost Life*, quinto trabalho de estúdio do Stop, Stop!, trio europeu formado pelos tresloucados Jacob A.M. (vocal e baixo), Vega Vega (guitarra) e Danny Spasov (bateria). Gravado no modo 'ao vivo em estúdio', com produção de Jose Luis Climent, o álbum tem uma sonoridade mais crua do que a dos quatro anteriores do grupo – *Unlimited* (2010), *Join the Party* (2014), *Barceloningham* (2016) e *Get Selfied* (2019). A escolha pela efusiva *Raised on Rock & Roll* e pela grooveada *Big Vaccine* como singles e clipes foi certeira. Outras que também empolgam são as explosivas *Heart-On* e, principalmente, a suingada *Banana*. Balada não é a cara do Stop, Stop!, mas *Lowcost Life* tem seu momento de "calmaria" com as cadenciadas *Turned My Life Around* e *Right Now*. Quinto álbum e esses caras continuam representando o sleaze glam com a mesma competência de sempre!

Leandro Nogueira Coppi

TREND KILL GHOSTS

UNTIL THE SUN RISE AGAIN

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Partiu bumbos na velocidade da luz e refrãos épicos? Sim, se é fã desta pegada, o Trend Kill Ghosts vai de encontro ao seu gosto neste segundo álbum. E você, obviamente, já sacou que a ideia em *Until The Sun Rise Again* é "usar e abusar" dos elementos típicos do power metal melódico. Logo, espere uma audição pulsante, mas sem novidades. Isto não é nenhum demérito, mas uma clara direção de público e essência artística de Diogo Nunes (vocal), Rogério Oliveira (guitarra), Fábio Carito (baixo, substituto de Danilo Perez) e Leandro Tristane (bateria). Se o debut, *Kill Your Ghosts* (2019), trouxe Ralf Scheepers (Primal Fear, ex-Gamma Ray) Raphael Dantas (SoulSpell, Ego Abscence) e Lúcia Ricardo (ex-EvenDusk), o novo trabalho conta com a participações de Marina La Torraca (Phantom Elite, Exit Eden e Avantasia), Roland Grapow (Masterplan, ex-Helloween) e Elisa C.Martin (Dark Moor, Dreamaker e Fairyland). O álbum apresenta uma produção de bom nível, o que ajuda a externar a qualidade técnica dos seus integrantes, uma constante neste estilo. Destaques imediatos para *Poisoned Soul*, a pesada *Rebellion* e *Prisoners in Our Minds*. Com shows remarcados para 2022 ao lado das bandas U.D.O. e Symphony X, a Trend Kill Ghosts segue firme em seus objetivos.

Matheus Vieira

Acesse o Impresso Digital no Telegram @Brasilrevistas

JETHRO TULL

AQUALUNG

Com cinquenta anos, esta é uma das capas mais icônicas do mundo do rock, presente não só nas prateleiras das lojas de discos e coleções, como ilustrando o imaginário dos fãs. A notável arte de *Aqualung*, quarto álbum do Jethro Tull, é de autoria do americano Burton Silverman, hoje com 93 anos de idade. Professor e artista plástico que atua principalmente como retratista há mais de sessenta anos, Silverman ganhou 38 prêmios, sendo homenageado nove vezes pelo Museu da Academia Nacional. Suas pinturas são representadas em 32 coleções públicas e diversas particulares nos EUA e Europa.

O clássico e bem-sucedido *Aqualung* é um disco conceitual que aborda como tema principal a distinção entre Deus e a religião. A capa é um retrato de aquarela de um homem barbudo, cabelos compridos e vestindo roupas surradas. A arte foi encomendada pela gravadora Chrysalis Records e Silverman recebeu 1.500 dólares pelo trabalho. Não houve contrato por escrito e o artista afirma ter licenciado apenas para uso de capa, não incluindo a parte de merchandise. Por sinal, ele busca remuneração pelos usos adicionais até hoje. A parte mais triste é que aparentemente as artes originais de capa e contracapa foram roubadas, não se sabe ao certo se de um quarto de hotel em Londres ou do escritório da gravadora.

Aqualung, além de dar o título ao álbum, também nomeia o personagem da faixa de abertura. Na época, lendo a letra, Silverman disse: "Este é um morador de rua malcriado, um homem furioso em guerra com um mundo injusto, gritando coisas incoerentes." Segundo o que o artista conta, fotos foram tiradas por ele e sua esposa nas ruas de Londres em Polaroids preto e branco, para referência futura. A expressão facial do homem foi baseada no próprio Silverman, fazendo careta diante do espelho em um hotel e se desenhando.

Já o líder da banda, Ian Anderson, conta que a ideia veio de uma fotografia de um morador de rua no Thomas Embankment, tirada pela esposa dele. Mais tarde, Anderson disse que talvez teria sido melhor usar a própria fotografia em vez de encomendar a pintura. Eu discordo muito. Independentemente dessa área nebulosa e da "batalha" entre banda e artista, *Aqualung* é um verdadeiro clássico e a sua capa é digna de estar nas paredes de um importante museu.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Brasilrevistas

FACES OF DEATH

A DRINK WITH THE DEATH (REHEARSAL LIVE)
IMPALED - NAC.

9,0

Uma das coisas que eu mais gostava de fazer na época em que estava começando a mergulhar em águas mais profundas do mundo da música, era colocar as minhas mãos nas famigeradas 'rehearsal tapes' das minhas bandas favoritas. Geralmente gravadas da forma mais tosca possível, elas capturavam as bandas em seu elemento, descontraídas, descompromissadas e detonando peças-chave do repertório, tudo com aquele clima punk do 'vá lá e faça por si mesmo'. Neste novo trabalho, é exatamente isso que o Faces Of Death faz. Laurence Miranda (vocal e guitarra), Felipe Rodrigues (guitarra, substituído recentemente por Luiz Amadeus, Tormentor Bestial e ex-Attomica), Sylvio Miranda (baixo) e Sidney Ramos (bateria) mantêm a pegada simples e descompromissada, o som tosco e violento, a atitude visceral e punk que são marcas essenciais das velhas 'rehearsal tapes'. E tudo isso com aquele repertório thrash/death que os colocou em destaque na nossa cena. Tal fidelidade aos velhos moldes, demonstrada desde o retorno com o EP *Consummatum Est* (2017), passando por *From Hell* (2018) e *Usurper of Souls* (2020), ganha aqui tons de brilhantismo, pois é inegável para qualquer fã de Sadus, Necrodeath, Protector, Messiah e Devastation que canções como *Fucking Human Gods*, *Monster Medium*, *King of Darkness* e *Priest From Hell* pediam por essa abordagem. Extremismo sonoro e fidelidade às raízes? Sim, esses caras sabem o que fazem!

Valtemir Amler

ARCHSPIRE

BLEED THE FUTURE
SEASON OF MIST - IMP.

8,5

Nem todas as bandas que tocam o chamado 'technical death metal' realmente sabem como esse negócio deveria soar. Em geral, ou soam técnicas e aborrecidas demais, ou mais bizarras do que técnicas. Surgido em 2009 em Vancouver, no Canadá, país com uma tradição incrível no tech/death, diga-se de passagem, o Archspire nunca teve problema nem com um e nem com o outro lado desse espectro, e até por isso vem se mantendo firme como um dos principais nomes desse cenário. Tal firmeza de propósito, aliada à ótima qualidade musical, é mantida no quarto álbum, *Bleed The Future*. Brutalidade absurda somada a uma técnica de dar vertigem é o que se encontra na abertura com *Drone Corpse Aviator*, que também recebeu um belo vídeo e inclui até alguns dedilhados para tornar a coisa ainda mais atrativa. Esse também é um dos trunfos da ótima *Drain of Incarnation*, com seu ótimo início acústico. Porém, se você é guitarrista, *Golden Mouth of Ruin* é a que o fará agarrar sua guitarra e não deixar de ouvir essa banda nunca mais.

Valtemir Amler

CYNIC

ASCENSION CODES
SEASON OF MIST - IMP.

7,5

Os fãs de longa data do Cynic certamente guardam recordações muito dolorosas do ano de 2020. Afinal, tanto o baixista Sean Malone quanto o baterista Sean Reinert faleceram no ano passado, deixando um gosto ainda mais amargo a um ano já tão cheio de notícias ruins. Para superar o momento de dor e trazer algum alívio para os velhos fãs, o talentosíssimo multi-instrumentista Paul Masvidal e seu novo parceiro, o baterista Matt Lynch (que também atua ao vivo com o Intronaut), estão de volta com *Ascension Codes*, o quarto álbum de estúdio da banda da Flórida. Como aconteceu também como os discos anteriores, este novo registro também não é recomendado para todos os momentos. Afinal, a música extremamente técnica, o grande destaque para elementos ambientais e o grande volume de interlúdios farão de *Ascension Codes* uma audição difícil para alguns fãs, e confesso que um pouco mais de peso teria feito muito bem ao álbum, acrescentando dinâmica. Mesmo assim, confira as ótimas *Elements And Their Inhabitants* e *The Winged Ones*, e perceba as ótimas linhas de bateria em *Mythical Serpents*.

Valtemir Amler

NITE STINGER

NITE STINGER
ANIMAL RECORDS - NAC.

9,5

Que ferroada incisiva! Tendo no DNA o hard rock dos anos 80, o Nite Stinger deixará cicatrizes com seu homônimo debut. O veneno que escorre da química musical entre Jack Fahrer (vocal - ex-guitarrista do Madame), Bento Mello (baixo, Sioux 66, ex-Tales From The Porn), Bruno Marx (guitarra, ex-Tales From The Porn), Roger Benet (guitarra e sintetizadores) e Ivan Busic (bateria, Dr. Sin) não mata, porém vicia. Fãs de Dokken se sentirão tão representados com *Gimme Some Good Lovin* (música que ganhou clipe), quanto os de Babylon A.D. e Atomic Playboys em *You Want it, You Got it*. Toques de Kiss (fase anos 80) são tão perceptíveis em *Hell is Getting Higher* quanto de *Looks That Kill* em *By Your Side*, embora essa soe mais comercial do que o hit do Mötley Crüe. *Nite Stinger* não contém baladas, mas a cadenciada *Let Me In* assume o papel. Ela e *That Feeling* encantarão fãs de Nelson e Danger Danger. *Hot But Trouble* lembra Def Leppard no riff inicial e se desenvolve com groove. *Heading Out*, a sleaze glam *Saturday Night*, *Crank it Up* e *Beat It* (bônus do CD europeu) também fisgam. Que essa seja a primeira de muitas ferroadas do Nite Stinger.

Leandro Nogueira Coppi

HOODED MENACE

THE TRITONUS BELL
MINDSCRAPE/MUTILATION - NAC.

10

Quando formou o Hooded Menace em 2007, o guitarrista finlandês Lasse Pyykkö queria se reconectar com a sonoridade do old school death metal que moldou a sua jornada musical desde os longínquos anos 80. Baseando o som na vigorosa mistura de death e doom metal, a banda lançou seus quatro primeiros registros, e foi a partir do quinto, *Ossuarium Silhouettes Unhallowed* (2018) que eles começaram a acrescentar mais elementos de metal tradicional à mistura, agora reconectando Pyykkö ao seu início de jornada como fã de música. Fato é que a agressividade nunca foi deixada de lado, e que o novo e sexto álbum dos finlandeses vem com riffs ainda melhores do que antes, densos, pesados e ao mesmo tempo cativantes. Você ouve isso com clareza em faixas como *Chime Diabolicus*, *Blood Ornaments* e *Corpus Asunder*, todas death/doom de primeira, mas com riffs cativantes e melódicos típicos da era de ouro do metal tradicional. Compre *The Tritonus Bell*, e seja bem-vindo ao país dos riffs. Melhor álbum do ano, sem sombra de dúvida.

Valtemir Amler

SUNROAD

WALKING THE HEMISPHERES
MUSIK - NAC.

8,0

Caso alguém não saiba, o Brasil tem sim seus representantes no AOR. E um dos principais nomes do gênero é o quinteto goiano Sunroad. Contabilizando mais de vinte anos de estrada, o

Brasilrevistas

grupo chega agora a seu oitavo disco, no qual estreia o novo vocalista, o francês Steph Honde (criador e vocalista do supergrupo Hollywood Monsters), que acaba se tornando um dos destaques do álbum graças a seu vozeirão típico do AOR e do hard, outro estilo com que o Sunroad flerta com intimidade. A produção certeira de *Walking the Hemispheres* ficou a cargo do baterista Fred Mika e do guitarrista Netto Mello, que saiu da banda após a gravação do disco, e nota-se nele um uso generoso de teclados, pilotados pelo próprio Steph, como na interessante balada pesada *Written in the Mist*. Dentre as doze músicas também chamam a atenção *Victim of Nowhere*, um belo hard que chega a lembrar o grande Platina (banda que lançou os irmãos Ivan e Andria Busic), *Detached Picture of Venus*, que mostra um bom trabalho de guitarras, e *Try Me, Try Me*, cover inspirado de UFO que fecha o disco e em que o show é de Steph. Resta esperar que a situação melhore para que possamos conferir a banda ao vivo.

Antonio Carlos Monteiro

CRUCIFIXION BR

HUMAN DECAY

SHINIGAMI - NAC.

7,5

O Crucifixion BR tem uma longa carreira no underground. Do início em Rio Grande (RS) em 1996, migrando mais tarde para Porto Alegre (RS), se estabelecendo em São Paulo (SP) em 2016 e chegando a duas décadas e meia de vida em 2021, a banda coleciona apresentações ao lado de Krisiun, Dark Funeral e Gama Bomb, dentre outros grupos, turnês pelo Brasil e o exterior e dois álbuns. Sucessor de *Destroying the Fucking Disciples of Christ* (2014), *Human Decay* chega para celebrar essa história. Atualmente formado por Maxx Guterres (vocal e guitarra), Miller Borges (guitarra), Beto Factus (baixo) e Juliana Novo (bateria), a banda demonstra competência em muitas das 12 músicas do novo play, praticando o que chamam de "blackened death metal". A faixa-título (com a presença de André Rod, do Attomica), *Annihilation and Victory* e *Bloody Fire Victory* (com Dave Ingram, do Benediction) são bons exemplos do quanto técnica e death metal caminham lado a lado. Em outros momentos, porém, alguns excessos resultam em atos menos inspirados e um tanto quanto saturados. Mesmo assim, o álbum deve satisfazer o fã do metal extremo.

Thiago Prata

MIDNIGHT DANGER

NIGHTS AT LAKE MILSEN

NRW - IMP.

9,0

Há bandas que nos proporcionam não só uma agradável experiência sonora, como também de intensa imersão. É o caso do Midnight Danger, do brasileiro radicado na Suécia Chris Young. Após dois bem sucedidos álbuns, o projeto lança agora esse EP *Nights at Lake Milsen*, em paralelo à sua primeira HQ. O repertório traz seis novas músicas (cinco instrumentais), mantendo o Midnight Danger como uma perfeita opção para aficionados pela cultura sonora, visual, estética e cinematográfica (especialmente filmes de terror) dos anos 80. Fundindo new wave/synthpop com o peso do heavy metal e aspectos do sleaze glam, as faixas soam como belas trilhas sonoras e ambientalizam a audição com uma aura noturna de suspense, mistério, sensualidade e emoção através da sinergia dos sintetizadores e dos riffs concisos de guitarra de Young. O músico, que também integra a banda sleaze Lipz, beneficia-se neste EP das inserções de guitarras dos ilustres Sonia Anubis (Crypta), Martin Sweet (Crashdïet), Rafael Bittencourt (Angra) e Kane Roberts (ex-Alice Cooper), e do saxofone de Max Cruise e da voz de Danny Rexon (Crazy Lixx), que também brilham, em *Fatal Attraction* e *Out in the City Lights*, respectivamente. Caia dentro e seja bem-vindo aos anos 80!

Leandro Nogueira Coppi

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

SLAYER

GOD HATES US ALL

O polêmico nono disco de estúdio do Slayer abre com a "intro" *Darkness of Christ*, seguida por *Disciple*, que tem o refrão gritado "God hates us all". A faixa narra que se Deus não odiasse a todos não haveria tanta desgraça, suicídios e "terrorist targeting the next mark" (terroristas mirando o próximo alvo) no mundo. Mesmo mundo que no exato dia do lançamento acompanhava estupefato o ataque ao World Trade Center, no fatídico 11 de setembro (de 2001). Na verdade, o disco estava marcado para sair em 10 de julho, mas foi adiado devido à arte de capa – outras artes alternativas foram feitas –, discussões sobre a mixagem e a mudança de distribuidor do selo American Recordings.

Com produção a cargo de Matt Hyde e com a maior parte das composições assinada pelo guitarrista Kerry King, *God Hates Us All* foi gravado no Canadá, no estúdio do astro pop local Bryan Adams. Deram uma repaginada na decoração, pendurando alguma pornografia nas paredes, caveiras nos amplificadores e luzes baixas. Foi o clima certo para gravar pancadas como a própria *Disciple*, que concorreu ao Grammy, *God Send Death*, *Cast Down* e *Payback*. Já *Bloodline* entrou na trilha sonora do filme "Dracula 2000". Tudo isto fez com que o álbum atingisse a posição 28 na Billboard 200.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **7,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,0**
Claudio Vicentin (editor): **8,0**
Daniel Dutra (colaborador): **8,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **8,5**
Heverton Souza (colaborador): **7,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **7,0**
João Messias Jr. (colaborador): **8,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **8,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **7,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **6,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,5**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **5,0**
Sergiomar Menezes (colaborador): **8,0**
Thiago Prata (colaborador): **9,0**
Valtemir Amler (colaborador): **7,0**

MÉDIA FINAL: 7,7

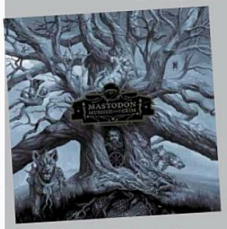
Acesse o site ou canal no telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

MASTODON

HUSHED AND GRIM
REPRISE - IMP.

8,5



Nas últimas duas décadas eles migraram de 'uma das bandas mais interessantes' para 'uma das mais influentes' em velocidade incrível. E fizeram isso de maneira sólida, mantendo uma visão musical aberta e plural, sem se furtar ao experimentalismo, mas principalmente, experimentando com elementos que conhecem e sabem usar, mantendo uma qualidade acima da média. Tudo isso posto, até concordamos que o último álbum, *Emperor of Sand* (2017), não foi lá um 'clássico colossal do sludge', afinal, as referências ao rock/metal alternativo estavam mais evidentes do que nunca na música do quarteto da Georgia (EUA). Porém, era de se esperar que uma banda que migrou de *Crack The Skye* (2009) para *The Hunter* (2011), e deste para *Once More 'Round The Sun* (2014) iria fazer de tudo para manter sua alma livre. E é justamente essa ideia de liberdade total e irrestrita que nos traz até *Hushed And Grim*, o oitavo álbum completo e primeiro duplo da jornada do grupo. A alma calcada no sludge ainda resiste aqui, mas hoje é mais uma atmosfera que permeia a música do que a música propriamente dita – perceba no tom visceral e amplamente melancólico de *Eyes of Serpents*, *Dagger* e *More Than I Could Chew*, minha favorita). Porém, atualmente é a aura 'prog' que parece ditar as regras, como em *Pain With An Anchor*, *Pushing The Tides* (essa também com bastante de rock alternativo noventista). Embora *Teardrinker* e *The Crux* acenem para o antigo Mastodon, essa é uma daquelas bandas que se refazem a cada novo registro.

Valtemir Amler

HATE

RUGIA
METAL BLADE - IMP.

8,5

O Hate surgiu trinta anos atrás, atravessou as décadas e fortaleceu seu nome entre os principais do tradicionalíssimo cenário extremo polonês, sempre tendo à frente a figura do vocalista Adam The First Sinner, único remanescente da formação original. Muito embora a proposta musical tenha sofrido alterações nessas três décadas, este novo e 12º álbum completo mantém a vibração típica da banda, aliada a sensação de um trabalho ainda mais dinâmico e intempestivo que o já ótimo álbum anterior, *Auric Gates of Veles* (2019). Portanto, espere por músicas construídas sob diferentes estruturas, que vão se fortalecendo e ganhando corpo como se ouve na faixa-título. Outros destaques ficam com a ótima *Saturnus*, faixa 'midtempo' repleta de diferentes passagens musicais; *Awakening The Gods Within*, que encerra o sentido perfeito do termo 'blackened death metal', e *Sun of Extinction*, com seu clima sorumbático. Três décadas depois de seu nascimento, o Hate ainda dá uma aula sobre como o metal extremo deve soar.

Valtemir Amler

THE TROOPS OF DOOM

THE ABSENCE OF LIGHT
VOICE MUSIC - NAC.

8,5

Quando lançaram seu EP de estreia no ano passado, *The Rise of Heresy*, Jairo "Tormentor" Guedz (guitarra), Marcelo Vasco (guitarra), Alex Kafer (vocal e baixo) e Alexandre Oliveira (bateria) pretendiam um novo mergulho no universo musical extremo dos anos 80, daquela sonoridade clássica que hoje denominamos thrash/death. E eles foram extremamente bem sucedidos na tarefa. Sem perder tempo, mantiveram o mesmo ataque cerrado em 2021, e já que a época não é a mais propícia para um álbum completo, o novo EP *The Absence of Light* faz as honras da casa. A atitude, a musicalidade, a força e a qualidade são aquelas mesmas que você já conhece e é impossível não sair 'batendo cabeça' com o breakdown incrível de *Act I – The Devil's Tail*. Ademais, se Lars Nedland (Borknagar, Solefald e White Void) gravou o baixo, descolar Jeff Becerra (Possessed) para uma participação especial em *Act II – The Monarch*, já seria destaque o suficiente, mas a música é um primor de violência e causa impacto por si só. Em suma, existem riffs que só podem sair da guitarra de Jairo Guedz, então, mal vejo a hora de ouvir um disco inteiro repleto deles!

Valtemir Amler

SAD THEORY

LÉXICO REFLEXIVO UMBRAL
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Uma verdadeira instituição da música pesada no Paraná, o Sad Theory chega ao seu oitavo registro comprovando que, há tempos, merece estar em um patamar mais elevado no metal nacional e mundial. Mesmo que Claudio "Guga" Rovel se expresse em português, *Léxico Reflexivo Umbral* precisa ganhar o mundo. A fórmula acertadamente une death metal sem exageros e arranjos acima da média com elementos de metal tradicional. Chama a atenção ainda a parte lírica, com temática distante do "lugar comum" normalmente abordado pelas bandas extremas. O Sad Theory capricha em letras instigantes com inspiração na série *Black Mirror*. Daniel Franco (baixo) e Jefferson Verdani (bateria) fazem uma "cozinha" competente, garantindo tranquilidade para os riffs e solos de Aly Fioren, que também produziu o álbum. Se fosse um EP, apenas com *Absentia-Dementia*, *Endocárcere*, *Algofilia* e *Cavador do Infinito – Metempsicose*, já teria valido a espera desde *Entropia Humana Final* (2017). Mas o repertório ainda traz *Eugenia Psicossensociral Induzido* e *Apis Metallica* como destaques das 11 faixas que integram mais um candidato à melhor do ano.

Alessandro Bonassoli

OMMINOUS

IMMENSITY
MS METAL - NAC.

8,0

Muitas vezes, o fim de uma jornada representa um momento de transição, propiciando o início de um novo ciclo e a abertura para um universo de possibilidades. De uma cisão da banda Coldness, surgiu em 2018 o Omminous, que lançou dois anos depois um álbum que prima pela técnica de seus experientes músicos e a competência em unir elementos do heavy tradicional e do prog a um vigoroso power metal. Atualmente formada por Lenine Matos (vocal), Yago Sampaio (guitarra), George Rolim (baixo) e Diego Vidal (bateria), o grupo cearense tem em *Immensity* 12 faixas que carregam com orgulho a bandeira do metal melódico do underground nacional. No meio desse arsenal musical estão a power *Prisoner of a Present Time*, com direito a bumbo duplo, a pesada *Black Sun*, dona de ótimos riffs, a sólida *Overcasting Skies* (muito boa!) e a prog/power *Sideral Death*. Contando ainda com arranjos orquestrados, *Immensity* poderá saciar aqueles fãs que sempre clamam por novidades no mundo do metal melódico brasileiro.

Thiago Prata

VOMIT BAG SQUAD

TALES FROM THE BAG
MARQUEE - NAC.

8,5

A ideia de destilar música extrema (um crossover de thrash, hardcore e death) com letras baseadas em filmes de terror não é original. E nem era para ser quando Daniel Pacheco (vocal, Kultist, Farsa, ex-Cursed Slaughter) e Jhon França (guitarra, baixo e

Brasilrevistas

bateria, Eskröta, Blasthrash e Cerberus Attack) uniram forças para criar o Vomit Bag Squad. O poder da composição e o feeling emanado é que fazem com que *Tales From the Bag* seja muito bom! Entre as 11 faixas, você vai encontrar a thrash/death *Fear the Chainsaw* (cantada em português e que fala de "O Massacre da Serra Elétrica", de 1974), a técnica *One of Us* (com riffs certeiros e um peso extra na bateria), a rápida *Tomatoes of Death* (com pouco mais de um minuto de duração e que se baseia em "O Ataque dos Tomates Assassinos", de 1978), a fulminante *Soulmates Beyond the Flesh* (homenagem a "Christine, o Carro Assassino", de 1983) e o cover de *Stick in a Hole*, do The Accüsed. Some-se às músicas participações de Yasmin Amaral (Eskröta), Robson Dionisio (Toxic Carnage) e Marcelo Araújo (Cerberus Attack) e você terá um disco que apavora – musicalmente!

Thiago Prata

DARCHITECT

THE VISITING
DIE HARD - NAC.

9,0

A instigante e curta abertura *As The Wind Blows* convida o ouvinte a adentrar um mundo arquitetado pelo death metal, com alicerces do doom e pintado pelo progressivo, envolto a uma atmosfera lírica sombria (embora soprem ventos de esperança) e gerido por temáticas filosóficas. Estando imerso a este ambiente musical, você terá passe livre para transitar pelas viscerais *Flight of The Vulture* e *The Lighthouse* (com tônica death e ramificações doom), a acústica e "límpida" *Evanescing Hopes* (dando uma "quebrada" muito bem-vinda), a sofisticação doom de *Shelter in the Labyrinth* (fique atento às nuances da bateria), a death/gothic *Mirrors of Illusion* (perfeita!) e as várias sensações dos quase 11 minutos da faixa-título. A conclusão depois de 12 músicas (e quase 70 minutos) é a de que, em *The Visiting*, o grupo paulista Darchitect – formado pelo vocalista Lucas Coca, o guitarrista Alex Marras, o baterista Gabriel Gifoli e o baixista André Silva (o responsável pelo baixo no disco é o técnico de som Gabriel Guedes Góis) – atingiu um novo patamar de maturidade e excelência em seu segundo álbum.

Thiago Prata

INNER IMMENSITY

TIMES & CHANGES
MS METAL - NAC.

7,0

Com o EP *Outside*, lançado no distante ano de 2005, os brasilienses do Inner Immensity iniciaram sua trajetória, que continuou em 2008 com duas novas faixas na coletânea *Metal Attack*, do selo paulistano Chave do Som. Somente agora, treze anos depois, a banda finalmente lança seu primeiro full-length. Em *Times & Changes*, o vocalista David Oliveira é o único remanescente da formação que gravou o álbum. Com a saída de Mauro Azevedo e André Rocha (guitarras), Michel Brasil (baixo) e Gilvan Moraes (bateria), Lucas Maldi assumiu as seis cordas e Lemuel Lucena as baquetas. Enquanto um novo baixista não é confirmado e os shows não recomeçam, ouça as 10 faixas. É heavy metal de qualidade, com bases firmemente alicerçadas no metal tradicional britânico, como indicam *Understorms* e *The Caravan of Souls*, e no thrash metal europeu – ouça *The Archaengel* e *Colors of Life* –, mas até uma pitada de doom se faz presente em *Dark Times*. Elas e *The Thin Line Among Angels*, *Demons And Man* mostram que o Inner Immensity está em franca evolução e tem muito potencial.

Alessandro Bonassoli

BOGOTAH

CRÔNICAS SOBRE O ABISMO
MS METAL - NAC.

8,5

O título do segundo álbum do Bogotah dá uma pista das letras abordadas pela banda de São Gonçalo (RJ). E é só dar play para constatar que críticas sociais, religiosas e políticas estão no cerne do lirismo de um grupo afiado no discurso e também numa sonoridade calcada no peso do metalcore, do thrash e do groove. Se você passar pelas três primeiras faixas – *Aqui Jaz o Abismo*, *Anacronia* e *Escarlate* – sem bangear, mexer os pés ou pensar a respeito daquilo que a banda traz em suas letras, é melhor recomeçar a audição, porque pode haver algo de errado contigo. Se mesmo assim a adrenalina não subir, com toda certeza o quarto ato, *Meu Nome É Destruição*, vai tratar de mudar sua opinião. A destruição continua de *Judas Nosso de Cada Dia* à 11ª e última faixa, *Ariete*, todas com conteúdo inteligente, técnica e peso. Passados dois anos desde o lançamento do álbum, o grupo, atualmente composto por Renan Lynx (voz), Amando Puente e Igor Figueiredo (guitarras), Rodrigo Cunha (baixo) e Marcelo Branco (bateria), acena para um futuro, por tudo mostrado até agora, brilhante.

Thiago Prata

MUQUETA NA OREIA

BRASILEIROS
MUQUETA RECORDS - NAC.

9,0

Conselho: aperte o botão 'repeat' para *brasileiros* (em caixa baixa mesmo), pois ao fim deste ataque avassalador, você sentirá necessidade de mais uma rodada de rifferama thrash, agressividade hardcore, doses cavalares de crossover e músicas de protesto entoadas em português. O terceiro álbum do Muqueta na Oreia quebra um hiato de oito anos desde o ótimo *Blatta* (2013) – o debut é *Lobisomem em Lua Cheia* (2010) –, e é nada menos que seu disco mais consistente e empolgante. Nota-se um esmero na produção e nas 13 músicas do play, gravado no estúdio Muqueta Records, em Embu das Artes (SP), terra natal do quarteto formado por Ramires (vocal e percussão), Bruno Zito (guitarra), Cris (baixo) e Henry (bateria), sem abrir mão daquela sempre bem-vinda "sujeira" do thrash e do hardcore. Isto se nota em atos como *É na Porrada* (pelo título, já dá para imaginar o que vem por aí), a cirúrgica *Samba de Maria*, a thrasheira de *Vingança*, dentre outras. Outro ponto que torna o trabalho especial é a lista de convidados: Bloco Cachorro de Selva, Antonio Araújo (Korzus, Lockdown), DJ MF (Pavilhão 9), Marcos Kleine (PAD/Ultraje a Rigor, ex-Exhort) e Marcio Sanches. Sonzera na oreia!

Thiago Prata

XFEARS

THE FIRST
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

A banda campineira de prog metal garante que durante o processo de composição se preocupou em "eliminar todo o excesso de notas e exibicionismo", já que a intenção não era "mostrar as habilidades dos músicos". Ponto para o XFEARS, já que o que mais vemos por aí são bandas jogando a carreira abismo abaixo ao tentar colocar o malabarismo instrumental à frente da música. E dá pra dizer que eles conseguem, já que, mesmo trabalhadas, as músicas do vocalista, tecladista e produtor Gabriel Carvalho mostram-se bastante acessíveis – completam o time Marcelo Monteiro e Gilmar Casagrande (guitarras), Ricardo Roque (baixo) e Douglas Polents (bateria). Algumas passagens chegam até mesmo a lembrar nomes icônicos do progressivo, como Yes e Pink Floyd, mas sem perder a empolgação, como a interessante *No Regrets*. O único porém fica por conta da mixagem, que colocou o teclado excessivamente à frente dos demais instrumentos, chegando até a cobrir a voz em algumas passagens, e da guitarra excessivamente distorcida em algumas faixas. Mas nada que não seja possível corrigir num futuro próximo.

Antonio Carlos Monteiro

Acesse também o catálogo completo pelo telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

ME AND THAT MAN

NEW MAN, NEW SONGS, SAME SHIT, VOL. 2
NAPALM - IMP.

9,5

Enquanto o Behemoth passa a pandemia fazendo shows por streaming - e shows simplesmente fantásticos -, Adam "Nergal" Darski coloca o Me and That Man para trabalhar em estúdio. Ótimo, porque depois da obra-prima *New Man, New Songs, Same Shit, Vol. 1* (2020), o segundo volume se fazia mais do que necessário. E Nergal acertou de novo! Ao lado de Sasha Boole (guitarra), Matteo Bassoli (baixo), Łukasz Kumański (bateria) e um monte de convidados especiais, o guitarrista e vocalista criou mais uma joia do folk, country e blues com seu projeto. Sintomático que a letra da espetacular *Got Your Tongue*, primeiro single, tenha um "you do it just for fun", porque é só assistir ao videoclipe para perceber como Nergal se diverte no Me And That Man. Não há sequer uma música mais ou menos aqui, mas é impossível não destacar *All Hope Has Gone*, com belos solos de Gary Holt (Exodus) e Mantas (Venom Inc.), mas principalmente o vocal de Blaze Bayley que impressiona até o mais cético. Além disso, meu amigo, *Losing My Blues* (com Chris Holmes, ex-W.A.S.P.), *Coldest Day in Hell* (com Douglas Blair, W.A.S.P.), *Blues & Cocaine* (com Michale Graves, ex-Misfits), *Goodbye* (com Alissa White-Gluz, do Arch Enemy; e Devin Townsend) e *Angel of Light* (com Myrkur) são algumas das músicas mais fodas que você vai escutar este ano.

Daniel Dutra

ARKENFIRE

TRIALS THROUGH TIME
MS METAL - NAC.

8,5

Contando com bandas como Traveler, Riot City, Gatekeeper, Striker, Axxion e Cauldron, o Canadá tem sido uma espécie de "lugar sagrado" para os fãs das sonoridades mais tradicionais do metal (sem contar do metal, extremo, onde dão aula também). Porém, ao menos para nós, brasileiros, o Arkenfire tem um "ingrediente" a mais em relação aos seus congêneres, já que conta com a bateria do brasileiro Netto Figueiredo. Certo, as palavras-chave "brasileiro", "tradicional", "Canadá" e as bandas citadas foram apenas para cativar a sua curiosidade e dar um impulso extra para que confira o som deste grupo, pois de resto a banda fala por si. Fazendo uma mistura consistente de melodias cativantes (sempre em primeiro plano), riffs na medida para fãs de power metal melódico, e com instrumentistas que atendem ao esperado das bandas do gênero, eles definitivamente chamam a atenção neste primeiro disco completo. A abertura, com a épica *Dragonbane*, é bem interessante, mas *Unstoppable* é ainda melhor. Com pegada mais visceral (mas sempre com fortes melodias) *Cosmic Sorceress* também se destaca, e mostra os ótimos dotes do vocalista Jacob LeBlanc, um dos melhores que ouvi no estilo nos últimos anos. Quanto às guitarras de Ian McCall e Randy Peterson confira em *Blood Of Gaia* e *Against All Ods*. Porém, como destaque, não tenho como deixar de citar a longa e ótima *The 8th Passenger*.

Valtemir Amler

NORTHTALE

ETERNAL FLAME
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Carregado de melodias, refrãos e orquestrações memoráveis, *Eternal Flame* vem para provar que a Northtale é capaz de superar o debut, *Welcome to Paradise* (2019), e apresentar o novo vocalista, Guilherme Hirosi (TraumeR). Idealizado pelo guitarrista Bill Hudson, o disco traz o melhor do metal melódico sem soar datado, vide *Ride the Storm*, somado a toques de influência da cultura brasileira, como na bela *The Land of Mystic Rites*. Indo além, também é possível perceber a evolução quando se dá atenção para as sensações que as composições podem passar. Escute *Wings of Salvation*, dedicada a Santos Dumont, imaginando-se sobrevoar Paris no início do Século 20 e tente não se arrepiar. Também temos o lado mais épico de *Nature's Revenge*, mas se prefere peso, invoque *Midnight Bells* e veja o que acontece. Também se destacam as participações de Tim e Kai Hansen (Helloween, Gamma Ray), pai e filho, em *Future Calls* e de Jonas Heidgert (Dragonland) no cover *Judas be my Guide* (Iron Maiden) e, claro, a produção de Dennis Ward (Helloween, Angra). *Eternal Flame* é de fácil assimilação, mas vem carregado de detalhes que são percebidos com o tempo. Dito isso, a entrada de Hirosi abriu o caminho para que Hudson e os demais integrantes produzissem um trabalho que supera expectativas e brilha como um dos melhores lançamentos de metal melódico dos últimos anos.

Guilherme Spiazzi

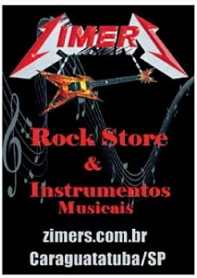
METRALION

REQUIEM FOR A SOCIETY
DIES IRAE - NAC.

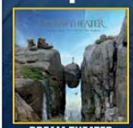
8,5

Do single *Pigs of Law + Penury* - com a regravação de duas faixas do álbum de estreia, *Quo Vadis* (1988) - a *Requiem for a Society*, o tempo voou. Questão de meses para saciar a fome do período em que o Metralion ficou inativo: 32 anos até que Rica (vocal), Fernão Carvalho (guitarra e baixo) e Roberto Loureiro (bateria), com a ajuda de Alex Cavalcanti (guitarra solo), recolocassem no cenário um dos expoentes do metal carioca nos anos 1980. "Trata-se de uma ponte entre nosso passado e o que pretendemos para o futuro", disse Loureiro. De fato, uma vez que o novo disco foca em releituras de material antigo ao lado de três novas músicas: *Hell is Real*, *Katabasis* (cujo início remete a *The Shortest Straw*, do Metallica) e a ótima faixa-título mantêm a essência calcada no thrash metal da década de 1980, mas com um pé fincado no metal tradicional. Os ouvintes das antigas podem matar a saudade, e os mais novos podem conferir canções matadoras como *Rivals + Tyrants*, *Life in Flames*, *Cold Rules* (com Marcos Dantas, do Azul Limão), *No Way Out* e *Times of Crisis*, machucando o pescoço ou ensaiando para entrar nas rodas quando o Metralion voltar aos palcos. Para completar, "o novo trabalho tem como tema o autoritarismo, o que vai de encontro com o momento que vivemos, pois governos com tendências totalitárias são cada vez mais comuns no mundo", revelou Loureiro. Soa familiar?

Daniel Dutra



ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
DREAM THEATER A VIEW FROM THE TOP OF THE WORLD	**RUNNING WILD** BLOOD ON BLOOD	**CRADLE OF FILTH** EXISTENCE IS FUTILE	**CARCASS** TORN ARTERIES	**YES** THE QUEST

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Brasilrevistas

Acesse nosso acervo em brasilrevistas.com.br

brasileiros

novo álbum do Muqueta Na Oreia

DEEZER Spotify
MUSIC YouTube
Google play SHAZAM

muquetanaoreia.com

Hell Camisetas

HELLCAMISETAS.COM.BR

Brasilrevistas

Eric Sagara

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

Bill Steer, Jeff Walker e Daniel Wilding abrem espaço para o experimentalismo, mas sem abandonar a essência da sua música

CARCASS

O BALANÇO IMPLACÁVEL DA FOICE!

Quase dez anos após o retorno com *Surgical Steel*, lenda britânica do metal extremo apresenta o novo *Torn Arteries*

Brasilrevistas

Por Valtemir Amler

Ter uma banda para simplesmente se adequar a um gênero nunca fez a cabeça do vocalista e guitarrista Bill Steer e de seu velho parceiro, o baixista/vocalista Jeff Walker. Mais do que apenas dividir os vocais, os dois sempre partilharam as mesmas aspirações musicais, que basicamente mantiveram o Carcass como um dos nomes mais influentes do cenário. Seja com o grindcore sujo e implacável dos primeiros dias, seja com o death metal mais melódico e bem trabalhado da sua segunda era, eles sempre dividiram opiniões e influenciaram gerações. Porém, eles fizeram tudo isso com apenas um único intento: tocar a música que amavam, e talvez seja exatamente por isso que a banda deu certo. Os caminhos, as convicções e o novo álbum da lenda britânica, tudo foi abordado nessa conversa com Bill Steer.

Quase dez anos se passaram desde o lançamento de *Surgical Steel* (2013), o álbum de retorno do Carcass. Após todo esse tempo, você diria que ele alcançou as suas expectativas ou ultrapassou o que imaginavam?

Bill Steer: A primeira coisa que eu diria é que provavelmente nenhum de nós alimentava qualquer tipo de expectativa com aquele álbum, no sentido de como ele tocaria as pessoas. Nós acreditávamos em *Surgical Steel*, achávamos que era um disco muito forte, mas não tínhamos nenhuma ideia de como ele seria recebido. Acho que o sentimento geral dos membros da banda era que talvez apenas uma pequena minoria das pessoas estaria interessada em ouvir um novo álbum nosso depois de tanto tempo. E, em última instância, essa minoria seria ainda formada apenas pelos fãs mais fieis do Carcass. Era nisso que acreditávamos enquanto trabalhávamos naquele disco. Então, quando lançamos *Surgical Steel* e o vimos alcançando um público um tanto mais amplo do que isso, quando vimos que ele tinha alcançado um ótimo público no mundo do metal e que estava recebendo uma porção de boas resenhas, aquilo foi uma grande surpresa para nós. E uma ótima surpresa, eu diria.

Eu imagino, e até para os fãs foi algo bem especial e diferente, especialmente com o que aconteceu ao longo dos anos. Quer dizer, *Surgical Steel* atraiu uma grande atenção quando foi anunciado, mas ele saltou rapidamente de 'um dos álbuns mais aguardados de 2013' para 'um dos álbuns mais reverenciados da década', isso foi realmente incrível.

Bill: Sim, foi uma insanidade, realmente. Claro, é um pouco difícil termos uma visão mais precisa vendo de dentro, do ponto de vista daqueles que criaram o álbum. Provavelmente as pessoas de fora da banda conseguem ter uma perspectiva melhor de como tudo foi acontecendo e se desenvolvendo, mas eu posso afirmar com toda certeza que *Surgical Steel* foi muito além de tudo aquilo que nós poderíamos ter sonhado para ele. Claro, isso é ótimo, é um reconhecimento incrível, mas também é um grande fardo que assumimos desde então.

Em que sentido?

Bill: Bem, eu não sinto que podemos impressionar as pessoas da mesma maneira uma segunda vez. Quando começamos a trabalhar em *Surgical Steel*, estávamos há muito tempo sem lançar novas músicas. Exceto nossos fãs mais dedicados, a maior parte das pessoas nem sequer lembrava ao certo como o Carcass soava, musicalmente falando. Acho que a maior parte das pessoas esperava, na verdade, que seria um álbum bem mais fraco do que foi. E, claro, depois de tanto tempo sem lançar um disco, sempre tem aquela coisa de: 'Ah, eles estão há mil anos sem lançar um álbum, então acho que vale a pena dedicar uma hora para ouvir esse novo disco.' Você junta as duas coisas e tem muita chance de impressionar as pessoas, elas estavam curiosas e não sabiam ao certo o que esperar, estavam até um pouco receosas, então tínhamos tudo para impressionar. Desde então, o jogo mudou. Muita gente ouviu aquele álbum, muita gente se impressionou com ele. Eles continuam curiosos para ouvir o que traremos no novo disco, mas dessa vez eles esperam que atinjamos pelo menos aquele nível de *Surgical Steel*, então não é como se eles não soubessem o que esperar, eles já têm até uma ideia precisa do que querem escutar (risos). É nesse sentido que eu disse 'fardo', após *Surgical Steel* nós passamos a conviver com esse desafio, de ao menos repetir aquele nível.

Entendo. Bem, quando um álbum se torna tão louvado quanto foi *Surgical Steel*, é normal que busquemos razões para explicar esse sucesso e é claro que o tempo faz parte da equação. Afinal, naquele momento, o Carcass não lançava um disco há dezesseis anos. Existia toda uma geração de fãs que nunca tinha tido a chance de comprar um álbum de vocês no dia do lançamento.

Bill: Sim, é exatamente isso. E nós tínhamos consciência disso que você está dizendo, pois fizemos muitos shows ao redor do mundo nesse meio tempo e víamos todos aqueles garotos na plateia usando nossas camisetas e gritando nossas músicas. Isso era incrível! Ao mesmo tempo, pensávamos: 'Caramba, todas essas músicas que eles adoram são bem mais velhas que eles.' Quer dizer, nós sabíamos que cada dia que perdíamos era um dia a mais nesse jogo estranho, em que tínhamos fãs fiéis que de fato não tinham mais como ter certeza de como o Carcass soava. Quer dizer, eles sabiam como soávamos há quinze ou vinte anos, sabiam que ainda detonávamos no palco com as velhas canções, mas como poderiam saber o que ainda éramos capazes de criar como banda? Sim, precisávamos dar a esses fãs a chance de comprar um álbum novo no dia do lançamento e dar a chance aos velhos fãs de reviver aquela sensação gostosa de comprar um disco e ouvi-lo inteiro e pela primeira vez no dia do seu lançamento. Cara, poucas sensações são tão boas quanto isso.

TORN ARTERIES
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Concordo. Afora isso, existia a questão da expectativa. Convenhamos, embora eu goste muito, *Swansong* (1996) não foi exatamente um álbum louvado. É nisso que reside o 'receio' que você mencionou antes?

Bill: Exatamente. Quer dizer, as pessoas que acompanharam o Carcass desde muito cedo ainda lembravam como as coisas tinham sido, lançamos *Heartwork* em 1993 e todo mundo amou, e então *Swansong* em 1996, e de repente, tínhamos nos tornado os vilões (risos). Ambos foram concebidos seguindo nossos instintos, ambos representavam a nossa visão, acreditávamos em ambos da mesma forma. Eles foram o melhor para cada época e não mudaríamos nada em nenhum deles, essa é a verdade. Mas as opiniões divergiam muito sobre um e outro. Então, para muitas pessoas *Surgical Steel* foi o disco do 'se'. 'E se eles fizerem outro disco como o *Swansong*?' Foi um disco cercado

Acesse o canal no Telegram Brasilrevistas

Brasilrevistas

de dúvida e muita gente não tinha ideia de como iríamos soar. O fato é que nosso então último álbum não tinha sido um enorme sucesso de crítica, então isso meio que alimentava algumas dúvidas.

De *Surgical Steel* para cá foi mais um longo intervalo, mas desta vez as coisas são muito diferentes, já que agora vocês precisam suceder um grande sucesso de crítica e público.

Bill: Isso mesmo. E é nisso que reside o 'desafio' que falei antes. Veja, nós sempre vamos para o estúdio com uma espécie de sentimento, um instinto que nos leva a tocar a música que vem de dentro. Não existe muito espaço para algo pré-concebido, do tipo 'esse álbum tem que soar assim, ou como *Heartwork*, ou sei-lá-o--quê'. Nós sempre seguimos o instinto. E é nesse sentido que é bem complicado pensar em agradar os fãs ou, em última instância, não desapontá-los. Especialmente para uma banda como o Carcass, trabalhar com isso em mente seria um erro crasso, que poderia arruinar tudo.

Sim, porque não existe um tipo único de fã do Carcass.

Bill: Sim, é isso mesmo que quero dizer. Veja, nós temos uma enorme base de fãs que venera nossos terceiro e quarto álbuns. Existem outras pessoas que juram que a única coisa boa que fizemos em todos esses anos são os dois primeiros. Tem gente que nos conheceu com *Surgical Steel* e nunca sequer olhou para trás, enquanto outros simplesmente apreciam tudo o que fizemos. Claro que *Swansong* também tem seus seguidores, então, basear naquilo que os fãs desejam ouvir pode não ser uma boa opção para começar os trabalhos (risos).

De fato.

Bill: Mas o único problema de fato é quando uma pessoa cisma que ela tem o poder de definir do que se trata a sua banda. Quando ela se convence de que só ela entende quem você realmente é, acha que pode ditar o que você deveria ou não tocar. Quando uma pessoa se convence disso, não importa o que você faça, você jamais vai agradá-la. Se você inovar, é porque está se vendendo; se tentar soar como no passado, você está arruinando sua história, não existe saída. É por isso que simplesmente não aceitamos começar a trabalhar em um álbum com este tipo de pensamento, sempre que começamos a escrever novas músicas pensamos unicamente em seguir nosso instinto.

Acho que é a melhor postura possível.

Bill: Sim, porque veja: a única razão de você montar uma banda de metal extremo é fazer a música que você ama, fazer a música que você quer ouvir. Você sabe que nunca vai tocar nas rádios, que não será popular, que não venderá milhões de cópias e jamais enriquecerá com a sua música. A única razão para ter uma banda como essa é fazer a música que ama. Sabíamos disso lá no início, então por que mudar depois?

Concordo, e no fim das contas, acaba sendo a postura mais honesta.

Bill: Exatamente. Claro, você tem um gosto musical quando começa, quando é muito jovem. Com o passar do tempo, você vai ouvindo coisas novas, coisas que nem sabia que existia, e elas também começam a influenciá-lo. A sua música começa a mudar naturalmente, seja porque você está melhorando de tanto tocar,

seja porque tem acesso a algo que nem sabia que existia. Sua música reflete quem você é e o que está vivendo, isso é natural, e mais que tudo isso é honesto. 'Se vender' seria deixar de fazer aquilo em que acredita apenas para agradar os outros. Mas eu entendo que existe um equilíbrio muito delicado, especialmente neste gênero musical ao qual estamos associados. Existem certos limites invisíveis que você não deve cruzar, existem certas regras não escritas, por assim dizer. A questão é que sempre amamos empurrar esses limites um pouco adiante e assim ganhar um pouco mais de espaço para respirar dentro desse gênero. Nunca quisemos abandonar o metal extremo, apenas encontrar maneiras mais abrangentes de fazê-lo.

Nem todas as bandas de metal podem dizer que mudaram o jogo, mas com essa abordagem vocês fizeram isso mais de uma vez. Dos seus dois primeiros álbuns, veio toda a cena chamada de 'Carcass Clones' e dos dois seguintes, veio o impulso certeiro para o chamado death metal melódico. E isso quem diz são as próprias bandas, que citam o Carcass como referência principal.

Bill: Ah, obrigado por isso, fico realmente lisonjeado. Sabe, quanto aos chamados 'clones', são bandas muito focadas nos nossos primeiros dias. É engraçado pensar, pois existe uma pequena cena completamente devotada a levar adiante aquilo que fizemos quando éramos apenas garotos, é incrível ver que aqueles discos têm uma relevância tão grande até hoje, isso realmente é muito legal. E eles realmente conseguem fazer exatamente o que fazíamos, até os mesmos erros (risos). Algumas dessas bandas me agradam muito. Quanto ao death metal melódico, eu entendo que fomos uma grande influência para essas bandas, mas elas já tiveram uma postura diferente: elas pegaram um bocado daquelas melodias que começamos a usar no terceiro álbum e criaram algo diferente e único, com a personalidade deles. Acho isso incrível também, pois basicamente é a mesma coisa que nós um dia fizemos.

Acesse o canal do telegram @Brasilrevistas

Muito do que pensamos sobre o Carcass se deve à sua abordagem dos riffs e, neste sentido, fiquei muito feliz ao ouvir *Under the Scalpel Blade* pela primeira vez.

Bill: Obrigado novamente, e já que você fez essa observação, vou te contar uma coisa: embora essa tenha sido a primeira música que todos ouviram de *Torn Arteries*, ela definitivamente não foi a primeira em que trabalhamos, nem perto disso. Acho que já estávamos além da metade do processo quando essa música surgiu, mas ela se tornou o primeiro single justamente porque a nossa gravadora teve essa mesma percepção que você teve: os riffs soam como 'Carcass clássico', conforme nos disseram (risos).

Definitivamente, *Under the Scalpel Blade* e a faixa-título seriam as escolhas mais óbvias para um primeiro single.

Bill: Concordo. As gravadoras têm a tendência de tentar jogar com segurança quando se trata de apresentar o novo álbum de uma banda antiga e nesse sentido não tenho como discordar de você. Realmente, essas duas canções seriam as escolhas mais conservadoras e acho que não oferecemos muitas outras opções seguras neste álbum (risos).

É verdade. Tanto que o segundo single, *Dance of Ixtab (Psychopomp &*

Brasilrevistas

***Circumstance March No. 1 in B)*, chega mostrando um caminho bem diferente do seguro, certo?**

Bill: Sim, esta foi uma aposta bem mais arriscada (risos). Veja, existem duas coisas distintas acontecendo nessa música: primeiro, no instrumental, ela pode ser considerada relativamente edificante; segundo, na letra, ela caminha por um caminho totalmente oposto, é absolutamente tenebrosa e obscura. Existem muitas coisas intercaladas acontecendo ao mesmo tempo, e acho que por isso algumas pessoas se sentiram desconfortáveis com ela. Quanto à composição, essa é uma daquelas em que eu entrei no estúdio com um punhado de riffs e a ideia de um groove de bateria que ficava martelando na minha cabeça. Eu não tinha a música pronta, apenas a espinha dorsal dela, e sentia que para funcionar, ela precisava começar da maneira certa. Por isso ela tem aquele início tão diferente para os nossos padrões. Adoro ela, tanto por ser diferente, quanto por trazer consigo o risco de desagradar os puristas do underground. Infelizmente, não estamos aqui para agradar essas pessoas, então, que pena se magoamos elas (risos gerais).

Se bem que acho que vocês já feriram os sentimentos dessas pessoas muitos anos atrás.

Bill: Sim, definitivamente, a cada álbum que lançamos desagradamos um pouco mais (risos gerais). Um dos discos mais importantes na nossa jornada foi o *Necroticism* (1991) e foi também com ele que começamos a desagradar seriamente as pessoas. Com *Heartwork* aconteceu a mesma coisa, na época teve gente que falou que estávamos tentando soar como Metallica fazendo cover do Def Leppard (risos gerais). Quer dizer, sabe quando você está crescendo e as pessoas que antes o achavam uma criança fabulosa começam a pensar que você é um adolescente esquisito? Pois é, esse é o preço do crescimento. É complicado, mas é inevitável (risos).

Bem, *Eleanor Rigor Mortis* é outra música que merece atenção especial. Seja pelo seu início speed metal, seja pela sua quebra e sequência mais cadenciada e melódica, é uma ótima música.

Bill: Sim, um monte de gente tem falado sobre o quanto essa música soa thrash, mas estou mais para esse lado que você diz, é bem mais speed do que thrash naquele início. E ela foi uma das primeiras em que trabalhamos, acho que ainda era por volta de 2015 quando começamos, mas nunca terminamos, pois estávamos muito ocupados com turnês e coisas do tipo. No fim, quando finalmente começamos a trabalhar com afinco no disco, tínhamos um monte de ideias à disposição, e foi assim que algumas dessas músicas ganharam partes tão diferentes. Elas realmente foram compostas em momentos diferentes, pensando em coisas diferentes. No fim das contas, também acho que isto fez de *Torn Arteries* um álbum melhor do que ele seria se tivéssemos nos apressado, já que muitas ideias jamais teriam visto a luz do dia se o disco tivesse sido lançado antes.

Por fim, fale nos sobre a capa. Considerando a paixão que vocês têm por ambientes hospitalares, foi até estranho que só agora tenham vindo com uma capa em que o branco predomina.

Bill: Pois é... (risos) É que as coisas realmente seguiram esse caminho dessa vez. Acho que a ideia original de Jeff (Walker, vocalista e baixista) era ter uma capa que se destacasse, que não parecesse a capa típica de um disco de metal. Ele vinha trabalhando em parceria com um amigo dele da Polônia (N.R.: Zbigniew Bielak, que já trabalhou com Immolation, Ghost, Possessed e muitos outros) em paralelo, enquanto finalizávamos as gravações. Um certo dia, ele simplesmente apareceu com a capa pronta, e estava decidido, na hora. Adorei a ideia e também a possibilidade de polarizar ainda mais as coisas, dividir ainda mais as pessoas entre os que odeiam e os que amam a capa. Como é bom aborrecer esse povo que fica buscando autoafirmação na internet! (risos gerais)

Acesse o canal no telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

EXODUS
Ligados pelo Sangue!

Sete anos depois de *Blood In, Blood Out*, lenda da Bay Area retorna com seu novo e perigoso *Persona Non Grata*

Por Valtemir Amler

No campo do thrash metal, nada mais excitante aconteceu ou poderá acontecer ainda em 2021 do que o novo álbum do Exodus. Um dos principais nomes da lendária cena da Bay Area de São Francisco, considerado por muitos como um dos pais da música thrash, o grupo demorou sete anos para lançar um novo disco, mas o tempo foi sabiamente usado em prol de *Persona Non Grata*. Com o guitarrista Gary Holt livre dos compromissos com o Slayer, a banda pôde se reunir para discutir ideias e gravar o álbum, o que fez com todo o conforto, em três estúdios que ficam na casa do baterista Tom Hunting nas montanhas. E o melhor lançamento thrash de 2021 merece uma abordagem especial – por isso, você lerá nas próximas páginas duas entrevistas exclusivas: uma com Gary Holt, falando sobre o caminho que levou ao novo material, e outra com o fundador e baterista Tom Hunting, focada na história do Exodus.

Acesse nosso canal no telegram: Brasilrevistas

Gary Holt
THRASH, POR FORÇA DO HÁBITO

Para compreendermos melhor algumas das características que tornam *Persona Non Grata* um disco diferente de seu antecessor, gostaria de voltar no tempo até a gravação de *Blood In, Blood Out*. Na época, a maior mudança no roteiro do álbum foi o retorno do vocalista Steve 'Zetro' Souza. Como isso aconteceu?

Gary Holt: Na época estávamos tendo alguns problemas com Rob (N.R.: Rob Dukes foi vocalista do Exodus de 2005 até 2014 e gravou três discos de inéditas com a banda, além do álbum de regravações *Let There Be Blood*, de 2008; desde 2008 ele integra o Generation Kill, que prepara novo trabalho). Os caras da banda estavam questionando o compromisso dele com o Exodus, essas coisas, e então aconteceu. Na realidade, eu jamais imaginaria que Steve estaria de volta, mas lá estava ele quando mais precisamos. E a verdade é que hoje em dia somos melhores amigos do que nunca. Não éramos tão ligados quando ele entrou para o Exodus nos anos 80 e é engraçado pensar que levou todos esses anos para nos tornarmos amigos próximos. Acho que temos um nível de comunicação muito melhor hoje do que tínhamos nos anos 80 e 90, pois conversamos mais, crescemos como pessoas e como banda desde então.

Embora o retorno de Zetro Souza tenha sido muito celebrado, ele não teve muito tempo para adicionar suas ideias àquele material, certo?

Gary: É verdade, pois ele chegou muito tarde no processo. Sendo bem sincero, as coisas foram estranhas naquele momento. Quer dizer, eu estava na Europa com o Slayer enquanto ele estava gravando os vocais, então tínhamos que ficar trocando material via e-mail, mandando arquivos de um lado para o outro o tempo todo para que eu pudesse fazer alguns pequenos ajustes aqui e ali. Isso torna as coisas mais difíceis, pois é muito mais simples estarmos todos juntos em uma sala e discutirmos imediatamente cada aspecto das músicas, o processo flui muito mais rapidamente e de forma mais leve. A impressão que eu tinha é que sempre estávamos dias atrasados no processo de gravação, já que gravávamos e então tínhamos que enviar o arquivo para apreciação e qualquer alteração necessária só seria possível no dia seguinte. Só então recomeçava o ciclo mais uma vez. Foi difícil, mas acho que Steve fez um trabalho incrível dentro das possibilidades que tinha. No novo trabalho, com todos trabalhando juntos, ele conseguiu um resultado ainda melhor.

Logo após o lançamento de *Blood In, Blood Out* o Exodus saiu em uma grande turnê, mas ainda foi uma época estranha para você neste sentido, certo?

Gary: Sim, porque na maior parte dos shows eu estive ausente, pois estava muito ocupado com o Slayer. Mas, você sabe, os caras do Exodus foram incríveis, me apoiaram e esperaram pela minha volta, pois sabiam que aquilo era algo que eu precisava fazer. Sabe, desde que comecei a tocar, ainda muito jovem, eu nunca tinha perdido uma turnê com o Exodus, mas desde que me juntei ao Slayer, em 2011, isto teve que acontecer. Então, era um pouco estranho. Quer dizer, foi incrível, eu me diverti demais na tour, mas era estranho encontrar amigos na estrada me dizendo que tinham visto o Exodus na noite anterior e que eu não estava lá (risos). Cara, isso foi estranho, a minha banda estava detonando nos palcos e eu não estava junto com eles...

PERSONA NON GRATA
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Brasilrevistas

No ano passado você estava naqueles shows ao lado de Testament e Death Angel, na The Bay Strikes Back Tour, e, também deve ter sido incrível.

Gary: Ah sim, aquilo foi definitivamente incrível. Uma experiência para guardar na memória, com certeza.

Mas também houve momentos complicados naquela tour, a começar por fevereiro do ano passado, quando iam de barco da Suécia para a Finlândia.

Gary: Sim, aquela tempestade foi horrível cara, eu achei que fossemos morrer (risos). Sem brincadeira, foi uma tempestade e eu sei muito bem que tempestades acontecem, mas não quero estar em um barco quando a tempestade acontece (risos gerais). Foi horrível, aquilo quase destruiu o barco, tinha cacos de vidro por toda parte, tudo balançava, eu estava tentando dormir na minha pequena cabine e tinha que me segurar para não ser derrubado da cama com o balanço das ondas (N.R.: na época, a Tempestade Ciara atingiu o Hemisfério Norte). Ainda assim, foi uma das melhores turnês que já fiz (risos).

Pouco depois disso, a pandemia começou a causar problemas, também.

Gary: Sim, foi logo em seguida. Mas tivemos sorte, pois só perdemos dois shows por conta da pandemia. A Covid-19 parecia estar nos caçando por toda a Europa, cada vez que tocávamos em uma cidade, na mesma noite ou no dia seguinte eram impostas restrições no lugar quanto a aglomeração de pessoas e tal. No fim, conseguimos chegar em casa, e foi justamente então que a coisa realmente ficou séria. Se tivéssemos começado a turnê duas semanas depois, certamente teríamos perdido metade dela.

No fim, foi uma ótima turnê, mas com alguns sustos.

Gary: Sim, mas o pior susto foi quando chegamos em nossas casas, pois metade de nós ficou doente, e foi quando a coisa ficou séria.

Acesse nosso canal no telegram: @Brasilrevistas

Você pegou o vírus?

Gary: Sim, fiquei doente pra caralho! Quer dizer, Will Carroll (N.R.: baterista do Death Angel) foi quem ficou pior de todos, ele teve que ficar internado no hospital. Eu fiquei doente e em onze dias perdi mais de sete quilos, foi horrível.

E assim que possível, vocês se reuniram para trabalhar no novo álbum.

Gary: Sim, exatamente. Não havia mais nada que pudéssemos fazer, pois a pandemia aconteceu e por conta dela não havia nada que pudéssemos fazer além de compor novas músicas. Era a única coisa que estava sob nosso controle.

Comparado com o álbum anterior, a grande diferença na produção de *Persona Non Grata* foi o fato de que desta vez estavam todos reunidos para trabalhar nas músicas?

Gary: Sim, desta vez nós basicamente estávamos morando juntos na casa de Tom nas montanhas e trabalhando na nossa música quase que 24 horas por dia, apenas com pequenos intervalos para dormir. Tinhamos tudo ajustado, com três estúdios diferentes preparados, pudemos trabalhar nos arranjos de voz, e isso foi fenomenal. Steve teve tempo para ficar confortável com os vocais que gravaria antes de liberar sua besta naquelas músicas e isso fez a diferença. Na verdade, foi um processo ótimo para todos nós, foi como um 'acampamento thrash metal' (risos). Tinhamos algumas cervejas, tocávamos nossa música, fazíamos churrasco, dávamos muita risada... Coisas muito boas surgem quando a banda está unida e descontraída, e foi assim que fizemos esse álbum. E penso que foi a maneira certa de fazê-lo.

O álbum já estava composto nessa época?

Gary: Antes de a banda toda se reunir, éramos apenas eu e Tom por alguns dias, e tínhamos uma base para trabalhar. Eu tinha algumas músicas prontas, outras quase lá e outras simplesmente eram um rascunho, longe da conclusão. Então, eu e Tom trabalhamos nessas

Divulgação

"Era estranho encontrar amigos na estrada me dizendo que tinham visto o Exodus na noite anterior e que eu não estava lá"
Gary Holt

Brasilrevistas

músicas para termos o que mostrar para os caras quando eles chegassem, e é como gostamos de fazer. Tínhamos quase tudo certo quando os outros chegaram para dar os toques finais, mas algumas músicas só ficaram prontas muito depois. *Fires of Division*, por exemplo, me deu certo trabalho e eu não conseguia terminar, mas um belo dia eu acordei e ela estava totalmente pronta na minha cabeça, simples assim. Mas o começo foi apenas comigo e Tom numa sala onde só tínhamos um punhado de ideias, a bateria dele, minha guitarra e um amplificador, exatamente como fazíamos quando éramos garotos.

E para abrir o álbum vocês vieram com a faixa-título, que é um soco na cara do ouvinte, sem sustos. Acho que não quiseram repetir a fórmula de *Black 13*, certo?

Gary: Desta vez não (risos). Eu tinha um monte de ideias para introduções, mas quando começamos a trabalhar no álbum, simplesmente deixamos isso de lado. Decidimos que ele começaria já indo direto ao ponto, como fizemos em *Tempo of the Damned*: era chegar chutando a porta com o riff e então arrebentar com tudo antes mesmo de você entender o que está acontecendo. Dessa vez a nossa ideia foi 'foda-se a introdução, não precisamos dela'.

> "Desta vez nós basicamente estávamos morando juntos na casa de Tom (Hunting) nas montanhas e trabalhando na nossa música quase que 24 horas por dia"
>
> Gary Holt

Acesse nosso canal no telegram: /Brasilrevistas

E mesmo longa, *Persona Non Grata* é um ataque incessante, uma ótima abertura para um álbum thrash.

Gary: Sentimos que tinha que ser assim. Uma 'persona non grata' é basicamente uma pessoa inaceitável, alguém que você odeia profundamente e não quer mais contato. Na música, essa pessoa pode ser qualquer um, um ex-amigo, uma ex-namorada, um político qualquer, a pessoa que você mais odeia no momento.

Em seguida vem *R.E.M.F.*, que seria um acrônimo para...

Gary: 'Rear echelon motherfucker', que, na terminologia militar, representa os generais, as pessoas que ficam longe da linha de frente, longe da batalha de verdade, apenas tomando as decisões. Para nós, essa música é um tributo para os soldados que vão para a batalha e cumprem o seu dever, seguindo ordens de pessoas que nunca correm riscos, apenas mandam os outros fazerem o trabalho sujo.

Destoando um pouco, especialmente no riff inicial, temos *Slipping Into Madness*.

Gary: Ela é diferente porque é uma música composta por Lee Altus e a letra é de Zetro. Quando Lee se juntou a nós nas montanhas o álbum já estava praticamente pronto, mas queríamos que ele realmente se juntasse à festa e trouxesse as suas ideias. Ele trabalhou essa música em parceria com Tom e, sendo bastante sincero, essa é uma das minhas favoritas no álbum. Ela é tão variada, tem momentos em que soa até como heavy tradicional, uma ótima canção.

***Elitist*, a seguinte, é pesada e ao mesmo tempo bastante cativante.**

Gary: Sim, ela é muito cativante mesmo, e foi uma das primeiras canções que compus para o novo disco. Quando começamos, eu já

Brasilrevistas

tinha essa música praticamente pronta, muitas partes inclusive já estavam gravadas no meu computador e foi uma das que vieram de forma mais fácil. Zetro também escreveu a letra para ela, pois na época eu estava muito ocupado com outras coisas, então apenas passei o título para ele e deixei que falasse sobre o que quer que surgisse na cabeça dele. E ele fez um ótimo trabalho!

Logo depois, é a vez da a minha favorita no álbum, *Prescribing Horror*. Ela tem tudo o que uma música metal precisa: ótimos riffs, pegada contida, sinos tocando e até um bebê chorando no fim...

Gary: Ah, essa é a minha favorita também, obrigado. Ela se transformou em algo horripilante e assustador, muito sombria e obscura, e quase ficou de fora do álbum. Eu havia feito as demos no aplicativo GarageBand no computador e acabei esquecendo dela, pois estava focando em alguma nova ideia em que estava trabalhando no momento. Por fim, quando estávamos alterando algumas outras ideias no meu computador com o Pro Tools, encontrei essa música de novo. Aí começamos a trabalhar nas guitarras, na voz e na bateria, fazendo todos os ajustes. Acabei mantendo as linhas limpas de guitarra originais, pois achei que estavam perfeitas como deixei no GarageBand.

Por fim, temos duas canções conectadas, *Cosa del Pantano* e *Lunatic-Liar-Lord*. Adoro as linhas acústicas nessas faixas e a segunda tem muita variação, até algo doom.

Gary: Verdade, existe muita coisa acontecendo ali. Eu tenho um monte dessas introduções acústicas escritas e armazenadas por aí, esperando para ver se serão usadas, e cada uma numa afinação diferente (risos). Eu realmente não sei a afinação que usei em *Cosa del Pantano*, não foi a afinação padrão, mas algo mais louco que fiz na hora. Quando mostrei essa música, Tom quis chamá-la de *Swamp Thing*, pois parecia alguém tocando um violão em algum pântano da Louisiana. Então, eu simplesmente traduzi para o espanhol e ficou como está (risos). *Lunatic-Liar-Lord* veio com essa mesma vibração no começo, com o dedilhado acústico, mas ela vai ganhando corpo e se torna algo bem pesado. Ela tem uma letra que é algo antirreligião, mais especificamente, ela é contra os aspectos conservadores das religiões que são aplicadas no mundo da política e que transformam o mundo em um lugar ainda mais miserável.

Parabéns pelo melhor álbum de thrash metal de 2021.

Gary: Muito obrigado! É muito bom falar com vocês do Brasil. Espero vê-los em breve, assim que pudermos realmente voltar para a estrada. A ideia é levar essa nova turnê para todos os lugares, então, sem dúvida vamos nos esforçar para tocar diante de vocês!

Acesse o telegram @Brasilrevistas

Tom Hunting
UMA AULA DE VIOLÊNCIA (MUSICAL)

Em primeiro lugar, como você está?

Tom Hunting: Estou bem melhor, muito obrigado por perguntar. Realmente eu me sinto bem agora, há poucos dias fiz alguns exames e não conseguiram detectar câncer em mim, o que é muito bom.

Ótimo saber disso. Bem, vamos começar o nosso mergulho na sua história. Como você começou o seu caminho na música pesada?

Tom: Eu soube que ia ser músico ainda muito jovem. Eu comecei tocando guitarra e comprei o meu primeiro kit de bateria de um amigo que morava na mesma rua que eu. Eu costumava tocar bateria acompanhando os discos que ouvia, sabe? Agora, falando de música pesada, o que ouvíamos naquela época era basicamente classic rock e hard rock, era isso que tínhamos para ouvir e foi com isso que aprendi a tocar meu instrumento. Além disso, o irmão mais velho do Gary nos influenciou a ouvir punk rock e a rádio da faculdade também ajudou muito, pois à noite eles costumavam tocar música pesada. Foi lá que descobrimos bandas como Motörhead, Venom, todos esses grupos fantásticos da Europa, Saxon, Scorpions antigo, UFO... Kirk Hammett

"Eu diria que o thrash metal nasceu da fusão do hard rock clássico com o punk rock – uma fusão estranha, mas que funcionou muito bem"
Tom Hunting

Brasilrevistas

era muito fã de Scorpions e UFO, e ele me mostrou essas bandas.

Isso é algo que sempre gosto de comentar, pois todas as bandas de thrash costumam citar Exodus, Metallica e Slayer como referência, mas não existia nada assim para influenciar vocês nos primeiros dias. Quer dizer, foi um longo caminho para pegar as influências que tinham e transformar em thrash metal.

Tom: Acho que o que fizemos foi pegar um punhado de punk rock e polvilhar o hard rock de UFO e Scorpions. O Iron Maiden também foi uma influência, lembro que um amigo meu comprou o primeiro disco deles só pela capa e três semanas depois estávamos tocando aquelas músicas em uma festa de quintal. As pessoas lá acharam que as músicas do Iron Maiden eram nossas! (risos) Nós ficamos tipo: 'Desculpa, mas nós não escrevemos essas músicas' (risos gerais).

O Exodus foi formado em 1979, certo?

Tom: Sim, eu era calouro no Ensino Médio e começamos a tocar em um cômodo no andar de cima da escola. As coisas eram meio livres naquela época, os professores eram legais e a música era algo importante nas escolas, você podia aprender qualquer instrumento que quisesse. As artes eram importantes naqueles dias. Bons tempos...

Então o Exodus surgiu quase como uma banda da escola?

Tom: Isso foi quando eu comecei a tocar. Éramos eu, Eddie Claire e Tim Agnello, dois bateristas e um guitarrista, nos juntávamos e tocávamos no andar de cima da escola. Não éramos parte da banda da escola, mas o professor nos deixava usar a sala de ensaio da banda da escola, e foi assim que o Exodus nasceu.

Vocês já usavam o nome Exodus?

Tom: Foi um pouco depois disso. Para completar o time, tínhamos um vocalista chamado Keith Stewart, que conhecia o baixista Carlton Melson, e Kirk Hammett na guitarra, que foi quem veio com o nome Exodus.

Um nome bíblico para uma banda thrash.

Tom: Mas nós não conhecíamos o significado bíblico para esse nome, apenas achamos que soava muito bem e conhecíamos uma música muito boa do Bob Marley com esse título (risos).

Como soava a música de vocês naquela época?

Tom: Eu acho que soava muito clichê, e se você pegar algumas das nossas primeiras músicas vai perceber que estávamos apenas tentando aprender a tocar nossos instrumentos, escrevendo músicas sobre qualquer coisa. Não tínhamos nada da brutalidade de *Bonded by Blood*, ainda estávamos longe disso. Éramos mais como um grupo de hard rock no início, mas conforme fomos aprendendo a tocar melhor, fomos consumindo bandas mais rápidas, como Motörhead, Mercyful Fate, Cro-Mags, TSOL, tudo o que fosse rápido e brutal começou a nos influenciar. Então, eu diria que o thrash metal nasceu da fusão do hard rock clássico com o punk rock – uma fusão estranha, mas que funcionou muito bem.

O período de 1979 até 1984 foi de aprendizado para o Exodus.

Tom: Sim, com certeza.

Você percebia na época que estavam rumando para uma música cada vez mais brutal?

Tom: Sim, mas não era como se fosse uma coisa planejada, aquilo estava simplesmente acontecendo, sem planejamento. Começamos a ouvir mais bandas e estávamos apenas aprendendo a tocar nossos instrumentos, então quando tentávamos imitar as bandas que ouvíamos, acabava saindo algo novo, com a nossa cara.

Então, em 1985 veio *Bonded by Blood*, que para mim e muitos outros fãs é o epicentro do thrash metal nos anos 80.

Tom: E eu me orgulho demais daquele álbum, ainda temos que

Brasilrevistas

tocar aquelas músicas toda vez que subimos num palco e eu ainda me divirto muito fazendo isso.

Você percebeu alguma diferença no público dos seus shows depois de *Bonded by Blood*?

Tom: Nossos fãs eram insanos. Eles eram muito influenciados pela música que ouviam e naquela cena todos iam aos shows de todos, iam para a primeira fila balançar a cabeça e socar o ar, era incrível!

Pouco depois, porém, o vocalista Paul Baloff foi substituído por Steve 'Zetro' Souza, inaugurando um novo capítulo na jornada da banda.

Tom: Zetro nunca tentou soar como nenhum outro vocalista, ele tem um estilo muito próprio. Se você conseguir imaginar o Bon Scott (N.R.: ex-vocalista do AC/DC, falecido em 1980) depois de tomar fluído de bateria, terá encontrado o estilo de Zetro Souza (risos gerais).

Como os fãs o receberam no início?

Tom: Foi duro no início, pois todos amavam Paul Baloff. Nós também o amávamos e foi especial quando tivemos a chance de trabalhar de novo com ele, anos depois. Mas a verdade é que é difícil para um vocalista substituir outro, especialmente quando você está no lugar de alguém que é uma lenda para os fãs. Mas ele conseguiu superar isso e marcar o seu posto como vocalista do Exodus.

A volta de Paul Baloff ocorreu em 1997, com o álbum ao vivo *Another Lesson in Violence*, que marcou um breve retorno do Exodus. O plano na época era esse mesmo, apenas uma turnê especial e um álbum ao vivo, ou planejavam um novo de estúdio?

Tom: Acho que naquela época fizemos muitos shows, corremos pela Europa e tocamos em todos os grandes festivais, mas estávamos todos meio que entrando nas drogas naquela época e acho que aquilo acabou levando Paul à morte. Estávamos muito confusos para escrever e gravar novas músicas naquela época, mas pouco antes de gravar *Tempo of the Damned*, depois da morte de Paul,

Acesse nosso Telegram: @Brasilrevistas

> "O estilo de vida que levávamos quase nos matou, mas a música nos recuperou e salvou nossas vidas"
> Tom Hunting

começamos aos poucos a ficar sóbrios. Precisamos ir para a estrada e tocar aqueles temas, então a música meio que salvou as nossas vidas. O estilo de vida que levávamos quase nos matou, mas a música nos recuperou e salvou nossas vidas.

E *Tempo of the Damned* acabou sendo a melhor forma de expressar isso, acredito.

Tom: Obrigado, cara! E o título daquele álbum, 'tempo do maldito', era o ritmo em que estávamos vivendo nossas vidas na época.

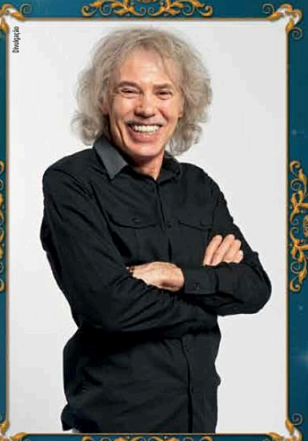
Bem, temos um ótimo resumo de toda essa jornada thrash em *Persona Non Grata*. Obrigado pela entrevista.

Tom: Muito obrigado. Nos divertimos muito fazendo esse álbum, éramos basicamente caras nas montanhas escrevendo músicas juntos, todas as cidades estavam fechadas e eu tenho uma casa bem grande nas montanhas, então usamos o nosso tempo de forma sábia para criar a melhor música que podíamos. Tivemos toda a liberdade do mundo, eu podia ir para a cozinha preparar meu café e então tocar mais algumas horas de bateria. Foi ótimo! Muito obrigado de novo, até a próxima.

Fotos: Divulgação

Brasilrevistas

Por Antonio Carlos Monteiro



ALAN LANCASTER

✳ 07/02/1949 † 26/09/2021

A música entrou na vida de muitos artistas como uma espécie de válvula de escape. O sujeito detestava a escola, os pais pegavam no pé e tocar em uma banda virava a alternativa perfeita para tudo isso. Não foi o que aconteceu com Alan Charles Lancaster. "Eu sempre fui bom aluno", comentou certa vez. Nascido em 7 de fevereiro de 1949 em Pecham, distrito ao sul de Londres, foi justamente na orquestra da Sedgehill Comprehensive School que conheceu o parceiro de boa parte de sua vida, o vocalista e guitarrista Frank Rossi, em 1962. Ambos tinham 13 anos e formaram sua primeira banda, The Scorpions (nada a ver com você-sabe-quem), que era completada por outros colegas de escola. Fizeram um par de shows num clube local até que um empresário chamado Pat Barlow se ofereceu a cuidar dos interesses da banda. Apesar da pouca idade do filho (e provando que o ambiente familiar era mais do que saudável), a mãe de Lancaster concordou. "Nenhum de nós tocava direito, mas funcionávamos bem juntos", lembrou Alan tempos depois.

No ano seguinte, a banda mudou seu nome para The Spectres e, já contando com o também vocalista e guitarrista Rick Parfitt, começou a escrever material próprio. Assim, assinaram com a Piccadilly Records em 1966 e lançaram três singles que não deram em nada. No ano seguinte mudaram o nome para Traffic, mas tiveram que abrir mão dele por conta da banda homônima de Steve Windwood. Batizaram-se, então, Status Quo e fizeram história. Alan Lancastrer gravou nada menos que dezesseis discos de estúdio com o grupo, assinando várias faixas e fazendo o vocal principal em um bom número de temas.

Sua história com a banda foi até o "Live Aid". Em 13 de julho de 1985, o Status Quo se tornou a primeira banda a se apresentar no estádio Wembley, em Londres, e essa foi a última participação de Lancaster como membro efetivo do grupo. Em entrevista à TV australiana em 2016, o baixista comentou que "foi a cocaína que causou nosso rompimento. Cocaína era algo quase obrigatório no mundo do rock naqueles tempos e ela fazia você se sentir superior, melhor que todo mundo. Foi aí que acabou nosso relacionamento".

Alan era casado com Dayle Lancaster desde 1978 – eles se conheceram quando o Status Quo fez uma tour pela Austrália com o Slade, em 1973. Ficaram juntos até a morte de Lancaster. E quando o baixista se desligou da banda, ele e Dayle mudaram para a Austrália. Ele se considerava "meio australiano", já que morou metade da vida no país dos cangurus.

Na Austrália, Lancaster participou de dois projetos musicais. O primeiro foi The Party Boys, superbanda de formação que era constantemente alterada. Passaram por lá nomes como Eric Burdon (Animals, War), Joe Walsh (James Gang, Eagles) e Graham Bonnett (Rainbow, Alcatrazz, MSG e outras), entre incontáveis outros. Lancaster esteve na banda de 86 a 87, voltando para uma participação em 92. Gravou e produziu o disco *The Party Boys* (1987).

Após sua primeira saída do Party Boys, Alan Lancaster resolveu montar sua própria banda. Aliciou o vocalista Tyrone Coates, o guitarrista Angelo Salter e o baterista John Coghlan, que tocou com ele no Status Quo de 1963 a 1981, e estava criado The Bombers. A banda deixou um disco, *Aim High*, gravado em 1990, e encerraria atividades em 1991.

Lancaster faria ainda duas participações com o Status Quo. A primeira em 2013 na "Frantic Four", turnê que reuniu Lancaster, Rossi, Parfitt e Coghlan. No ano seguinte, repetiu a dose em mais uma tour.

Alan Lancaster sofria de esclerose múltipla e em 26 de setembro último foi anunciado que ele faleceu de complicações relacionadas à doença. Dayle Lancaster declarou que "Alan tinha uma inteligência maravilhosa e um senso de humor fabuloso. Ele era um marido, pai e avô devotado e adorável. A família sempre foi seu foco".

Francis Rossi também se pronunciou: "Fomos amigos durante muitos anos e alcançamos um sucesso fantástico juntos. Ele foi parte importante do som e do enorme sucesso do Status Quo durante os anos 60 e 70. Embora tenhamos nos distanciado nos últimos anos, sempre terei boas lembranças de nossos dias juntos".

Status Quo
On The Evel (1975)

Status Quo - Rockin' All Over
The World (1977)

Status Quo
Whatever You Want (1979)

The Bomber
Aim High (1990)

The Party Boys
The Party Boys (1987)

LANÇAMENTOS:

Valhall Music

Brasilrevistas

.U.D.O.
GAME OVER

RHAPSODY OF FIRE
GLORY FOR SALVATION

BRAINSTORM
WALL OF SKULLS

FLOTSAM AND JETSAM
BLOOD IN THE WATER

HERMAN FRANK
TWO FOR A LIE

.U.D.O.
LIVE IN BULGARIA 2020
(CD DUPLO + DVD)

VOODOO CIRCLE
LOCKED AND LOADED

RHAPSODY OF FIRE
I'LL BE YOUR HERO

Acesse nosso canal no telegram: @brasilrevistas

HAVAYOTH
HIS CREATION REVERSED

TROUBLE
ONE FOR THE ROAD /
UNPLUGGED (CD DUPLO)

CRYPTOPSY
NONE SO VILE

PESTILENCE
CONSUMING IMPULSE
(CD DUPLO)

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

EREB ALTOR
VARGTIMMAN

EREB ALTOR
JÄRTECKEN

WEHRMACHT
BIERMACHT

WEHRMACHT
SHARK ATTACK

PESTILENCE
SPHERES

www.valhallmusic.com.br

info@valhallmusic.com.br facebook.com/valhallmusic @valhall_music Tel. (11)9 8214-4977

Brasilrevistas

Por Valtemir Amler

JOEY JORDISON

✶ 26/04/1975 † 26/07/2021

Tem aqueles que adoram dizer que um ambiente seguro e tranquilo é fundamental para que um artista possa explorar seu talento ao máximo e guiá-lo por caminhos antes inimaginados. Bem, escolha você compreender "ambiente seguro e tranquilo" como uma paisagem campestre e silenciosa ou como um lugar mental de paz, a verdade é que nenhuma das opções se aplicava ao ex-baterista da formação clássica do Slipknot, que viveu em caos praticamente desde os seus primeiros dias.

Nathan Jonas Jordison nasceu em Des Moines, maior e mais populosa cidade do estado do Iowa (EUA), em 26 de abril de 1975. Ele costumava contar em entrevistas que desde muito cedo esteve exposto à música, já que seus pais preferiam passar o tempo com o rádio ligado do que em frente à televisão. Com os hits da rádio, veio a vontade de começar a tocar e um violão foi o primeiro instrumento do garotinho, que ainda nem completara 8 anos de idade. E foi justamente ao completar 8 anos que a mãe, depois de muito "assistir" as performances barulhentas do filho em uma bateria improvisada de panelas, decidiu dar ao garoto seu primeiro kit de verdade, o passo inicial de uma paixão que duraria pelo resto da vida.

Porém, Joey não teve a "paz mental" que talvez precisasse para se desenvolver como músico. O divórcio dos pais forçou um amadurecimento precoce do garoto, que de repente se viu como responsável pela mãe e pelas duas irmãs, com quem passou a morar. Dividindo o tempo entre a música e o estudo (com a música recebendo muito mais atenção), o garoto começou a integrar praticamente qualquer banda que precisasse do seu trabalho, desde que fosse muito barulhenta e contestasse os padrões pacatos de sua cidade natal, bastante conservadora. Viciado em rock e metal, ele também começava a colecionar ídolos, que aos poucos iam se tornando referências incorporadas ao seu estilo próprio: os jazzistas Buddy Rich e Gene Krupa eram colocados lado a lado com John Bonham e Keith Moon, e, ao passo em que o garoto amadurecia, seu gosto ia se tornando mais extremo. O thrash metal foi rapidamente incorporado às preferências de Joey, que tinha em Dave Lombardo um dos seus maiores ídolos. Do thrash ao death metal foi um salto, e assim as coisas iam ganhando contornos cada vez mais soturnos.

Daquele início de jornada, as bandas mais marcantes pelas quais passou talvez tenham sido Modifidious (com quem fez seus primeiros shows regionais e novos contatos no cenário local) e Anal Blast (que também contou com os grandes parceiros Jim Root e Paul Grey). Dali, em 1995, veio o convite para integrar um projeto chamado The Pale Ones, que pouco depois seria renomeado como Slipknot. E era justamente ali que começava a grande história da vida de Joey. Com um início meteórico, o Slipknot lançou os álbuns *Slipknot* (1999) e *Iowa* (2001). Paralelamente, ele formou o Murderdolls em 2001, dividindo as guitarras com Tripp Eisen, ex-Statix X. Também aqui Jordison alcançou muito sucesso, provando que não era apenas um dos melhores bateristas da sua geração.

Embora o sucesso com o Slipknot fosse crescente, os problemas começavam a se acumular. Um tornozelo quebrado e depois o apêndice rompido fizeram a banda ter que cancelar shows. Mais tarde ainda, o fim de um relacionamento fez com que o baterista começasse a abusar de álcool e drogas. Por fim, em dezembro de 2013 o Slipknot anunciou que Joey havia abandonado o grupo, encerrando uma jornada de dezoito anos. O baterista sempre negou o fato, afirmando que havia sido expulso da banda.

Sem seu grupo de maior sucesso, Jordison acumulou passagens por vários outros projetos: Scar the Martyr, Sinsaenum e Vimic foram os principais passos do baterista que, ao vivo, chegou a tocar até com o Metallica. Por fim, apenas em 2016, após anos sem esclarecimentos sobre sua saída do Slipknot, Joey revelou que sofria de mielite transversa, uma rara doença neurológica que limitava a sua capacidade de tocar. Segundo ele, a doença havia se manifestado já em 2010, mas só fora diagnosticada anos mais tarde. Jordison conseguiu se recuperar, mas em 26 de julho a família comunicou que ele tinha morrido durante o sono, aos 46 anos. A causa da morte ainda não foi revelada.

Slipknot
Slipknot (1999)

Slipknot
Iowa (2001)

Murderdolls - Beyond the Valley of the Murderdolls (2002)

Scar the Martyr
Scar the Martyr (2013)

Sinsaenum
Echoes of the Tortured (2016)

Brasilrevistas

...AT A CROSSROADS,
O NOVO ÁLBUM DO

MACUMBA ZILLA

JÁ DISPONÍVEL
NAS PRINCIPAIS
PLATAFORMAS

Spotify

deezer

Listen on Apple Music

amazon music

E MAIS

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

@MACUMBAZILLA
WWW.MACUMBAZILLA.COM.BR

Brasilrevistas

Aaron "DJ Pause" Vaugh, Jeff Gomes, Danny White, Scott Holderby, James Sanguinetti e Art Liboon voltam à ativa lançando primeiro álbum após 27 anos

MORDRED Sempre THRASH

Adesivo Brasilrevistas

Art Liboon reconhece vanguarda na sedimentação do funk metal mas não vê o experimentalismo como um estilo da música pesada

Por Alessandro Bonassoli

Surgido nos primeiros anos da efervescência do thrash metal na Bay Area de São Francisco, o Mordred não pode ser visto como "só mais uma banda" daquela mitológica era. Afinal, além das óbvias boas influências de Metallica, Anthrax, Testament e Exodus, eles ousaram ser pioneiros na inclusão de elementos de um estilo musical muito diferente na boa música pesada que faziam. Odiado pelos radicais, mas respeitado por muitos fãs de mente aberta, o funk metal tem relevância histórica. Por causa disso e pelo lançamento de um novo álbum 27 anos depois da interrupção da carreira de Scott Holderby (vocal), Danny White e James Sanguinetti (guitarras), Art Liboon (baixo), Jeff Gomes (bateria) e DJ Pause (teclados e pick-ups), a ROADIE CREW traz essa entrevista. Fomos saber mais detalhes do passado, a empolgação com o presente e o ainda nebuloso e pandêmico futuro de um dos grupos mais subestimados de todos os tempos.

Para começarmos, como estão você e sua família nesses dias pandêmicos?

Art Liboon: Muito obrigado por perguntar. Estou sendo sortudo até agora. O vírus não me causou nenhum estado de aflição pessoal, meus amigos e familiares não sofreram nenhum efeito prejudicial.

***The Dark Parade* é o primeiro álbum desde *The Next Room* (1994), mas essa retomada na carreira se iniciou em 2000, quando vocês lançaram o EP *Volition*. O que trouxe vocês de volta?**

Art: *The Dark Parade* foi, mais ou menos, a consequência de entrar em contato com os fãs, que tornaram possível, em 2014 e 2015, a Omnia Mutantour, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Aquelas experiências, estar junto com o público por meio de um financiamento coletivo e o planejamento de divulgação pelas mídias sociais nos deram a motivação e a compreensão de que aquelas pessoas mereciam mais material do Mordred para suas coleções.

Mordred é um dos grandes nomes de um estilo que iniciou no final dos anos 80 e viveu um tempo dourado nos primeiros anos da década de 90. Porém, infelizmente, o funk metal foi interrompido. Em sua opinião, o que aconteceu? O grunge e as transformações que a indústria da música passou naquela época mataram o estilo?

Art: Apesar de ser verdade que podemos ter sido os primeiros no funk metal, com toda honestidade, nós nunca realmente nos vimos como precursores de nenhum movimento ou gênero. Nós experimentamos elementos funk em nosso primeiro álbum (N.R: *Fool's Game*, de 1989) e incluímos DJ Pause quando notamos o potencial de uma experimentação ainda maior com o uso de samplers e dos teclados. Mas nos consideramos uma banda de thrash, que usa metal como nossa operação base. Para nós, a palavra-chave sempre foi thrash. Os elementos funk nos três álbuns podem ser substituídos pela palavra experimental, eu imagino.

Depois dos problemas com a Noise Records, a banda deu uma parada na carreira em 1995. Em 2001, vocês reiniciaram com algumas apresentações. Mas uma nova tour só ocorreu em 2014 e músicas novas, apenas em 2000. Porque levou tanto tempo para uma volta oficial?

Art: Aquele ressurgimento em 2000

Brasilrevistas

foi apenas para um ou dois shows. As datas foram oportunas para nos apresentarmos em uma época que foi possível, tanto para shows quanto para alguns ensaios, para os integrantes que estavam disponíveis. Não houve nenhum anúncio oficial ou intenção de nossa parte à época para um reinício de modo formal. Tivemos mais um ou dois momentos em 2007 com uma formação próxima daquela de 1985, incluindo membros que não apareceram em nenhum álbum do Mordred, mas que estavam nas primeiras demos, antes do contrato com a Noise. Os shows desta fase foram em benefício de um amigo nosso que havia morrido e para tocarmos no Tidal Wave Festival, de São Francisco, naquele ano. Nenhuma das datas teve ações sólidas que poderiam levar a um reinício.

O que vocês fizeram durante todos esses anos? Estiveram em outros projetos musicais?

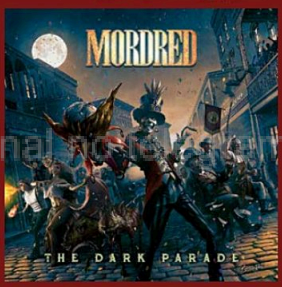
Art: Nascimentos, escola, trabalho, morte... Na verdade, temos sorte que nenhum dos integrantes do Morded tenha morrido durante esses anos. Scotty (Holderby, vocal), Jimmy (James Sanguinetti, guitarra) e Gannon (Hall, ex-baterista e depois produtor) se tornaram pais; Danny (White, guitarra) e Jim (Taffer, ex-guitarrista) continuaram seus estudos. Nós todos arrumamos outros empregos e alguns de nossos familiares morreram.

O Brasil nunca teve a chance de ver o Mordred ao vivo, mas o funk metal teve uma certa repercussão por aqui. Existiram algumas bandas que seguiram o estilo e o Faith No More tem crédito nisso, certamente por causa da passagem deles no Rock In Rio de 1991. Você conhecia alguma coisa sobre a cena metal do Brasil naquela época?

Art: Infelizmente, meu conhecimento sobre o metal brasileiro era limitado só à banda que ouvi: Sepultura, com quem tocamos poucos shows no início dos anos 90. Desde aquela época, graças ao acesso a documentários sobre metal que podem ser assistidos online, me sinto ainda mais burro sobre a cena gigantesca do Brasil e de toda a América do Sul. Espero logo ter mais informações sobre as bandas daí e continuar a marchar no mundo do metal novamente.

O Mordred não é apenas funk. A banda sempre teve fortes raízes no thrash metal, algo que continua presente em *The Dark Parade*. Como essa mistura entre dois estilos musicais tão diferentes foi criada?

Art: Quando chegamos à formação que gravou o primeiro álbum, a banda tinha cinco anos de existência. Naqueles primeiros tempos, tivemos muitas mudanças de integrantes, mas a música era mais ou menos nosso próprio estilo dentro do thrash da Bay Area. A experimentação nos ensaios veio com a chegada de novos músicos, enquanto nos divertíamos nos shows no período. Em um deles, enquanto Danny White trocava uma corda de sua guitarra que arrebentou, eu e Gannon tocamos o tema do desenho animado dos Flinstones e *Superfreak*, de Rick James (N.R: cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista norte-americano de funk e soul music nos anos 80). Isso gerou uma reação notável no público. Depois tocamos com todos os instrumentos e incluímos o cover no setlist. Foi algo tipo uma piada, um truque, mas que nos deu uma certa notoriedade. Karl Walterbach (N.R: fundador da Noise Records) autorizou uma demo que poderia conter aquela faixa e logo fomos contratados pela gravadora. Para, digamos, fazer um paralelo entre *Super Freak* com o resto da nossa identidade em *Fool's Game*, compusemos *Everyday's a Holiday*. A ideia era convergir em uma faixa metal com uma pegada funk no refrão. Vimos um novo tipo de satisfação ao unir funk e metal e criar um tipo de novo animal e juntamos os dois estilos em *In this Life* (1991).



THE DARK PARADE
M-Theroy Audio - Imp.

No Brasil, parte dos fãs foi radicalmente contra essa mistura. Creio que por toda a tradição do metal extremo que Sepultura, em seus primeiros anos, e Sarcófago criaram. Vocês tiveram reações negativas nos EUA e na Europa?

Art: Nunca encaramos animosidades. Tivemos muita sorte com isso. Acho que posso dizer com alguma confiança que, qualquer que fossem os pré-conceitos que o público tinha ao nos ver ao vivo, acho que ficava bem claro que tipo de banda éramos: pesados e diferentes. Em um mundo onde conformidade é premiada, não oferecemos prêmios.

Vamos voltar aos dias atuais. O Mordred reiniciou a carreira e a covid-19 tomou o mundo. Imagino que, como as demais bandas, vocês tiveram que mudar os planos. O quanto a pandemia criou problema para vocês?

Art: A covid causou esse choque enquanto estávamos trabalhando em *The Dark Parade*. Por outro lado, tínhamos assinado um contrato com a M-Theory bem na pandemia. Isso nos deu os recursos para continuar com o que resultou no álbum do qual estamos muito orgulhosos. Mas é claro que precisar cancelar uma tonelada de ensaios por causa do lockdown e perder potenciais shows ao vivo foi um desapontamento.

Como foi gravado o álbum?

Art: Registramos a bateria em um estúdio tradicional, as guitarras em um estúdio caseiro e os backing vocals em um estúdio de uma escola de música. O vocal, as partes do DJ Pause e o baixo foram registrados em estúdios de porão.

Nos Estados Unidos e na Europa alguns shows já estão acontecendo. O Mordred tem algo em vista?

Art: Sem shows até agora. A pandemia causou uma parada que nos empurrou para bem mais tarde do que originalmente planejamos. Então estamos provavelmente no fim da linha de novas oportunidades.

Por outro lado, como está a receptividade do novo álbum?

Art: Até agora muitos reviews positivos têm surgido. A coisa mais notável para mim é o grande trabalho que a imprensa tem feito para descrever a frequentemente deturpada história do Mordred e o nosso estilo dentro do thrash metal.

Quais são os próximos passos do Mordred?

Art: É muito cedo para falar algo, mas essa não é a última vez que vocês vão ouvir falar do Mordred. Levaremos o nosso melhor ao Brasil e espero que o mais cedo possível. Se de algum modo não pudermos ir logo, por favor, tragam o Brasil para a Bay Area!

Fique à vontade para deixar uma mensagem para nossos leitores.

Art: O Mordred ama o povo brasileiro. Um salve para os thrashers brasileiros e os insanos skatistas downhill daí!

Acesse o canal no Telegram @Brasilrevistas

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br

BrasilRevistas

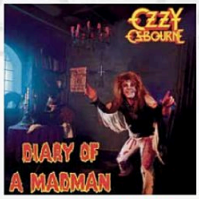
Por Ricardo Batalha • Foto: Heitor Shewchenko

Acesse o Manual no Telegram @EBrasilRevistas

KISS

ÁLBUM: KILLERS (1982)
MÚSICA: NOWHERE TO RUN

"O Kiss está presente na minha vida desde os meus 8 anos de idade, quando vi o clipe de *I Love it Loud* em 1983, no 'Fantástico', e o show do Maracanã, transmitido pela TV. Ganhei o *Creatures of the Night* e aquilo me fez ser fã não só do Kiss, mas de metal. Isto me levou a ser músico e se tornou minha profissão. *Nowhere to Run* é uma das quatro inéditas de *Killers*, coletânea lançada em 1982. É uma das melhores do Kiss e talvez a melhor já composta e cantada por Paul Stanley. A fórmula definiu o que ele e o Kiss iriam fazer nas duas décadas seguintes. A maneira que ele a interpreta é espetacular, com drives, notas altas e melodias lindas, principalmente no refrão. O solo tem sentimento e, assim como nas outras inéditas, foi feito pelo saudoso Bob Kulick, irmão mais velho de Bruce Kulick."



OZZY OSBOURNE

ÁLBUM: DIARY OF A MADMAN (1981)
MÚSICA: TONIGHT

"*Diary of a Madman* não só é o melhor do Ozzy para mim, mas o melhor da história da música! *Tonight* nunca foi tocada ao vivo e é pouco comentada pelos fãs, mas é perfeita em sua composição. Começa com uma melodia de baixo feita por um dos melhores baixistas e compositores do heavy metal, Bob Daisley, com uma cama de violino, piano, dedilhado com guitarra limpa e algumas convenções de viradas de tambores do saudoso Lee Kerslake. A interpretação de Ozzy é magnífica – a melodia no refrão me faz chorar. A cozinha, com Daisley e Kerslake, conduz a música numa levada perfeita entre baixo e bumbo de forma espetacular. Os solos do saudoso Randy Rhoads são emocionantes e marcantes. Ao lado de Eddie Van Halen, é um dos mais importantes e inovadores guitarristas da história."

HATEFULMURDER

ÁLBUM: RED EYES (2017)
MÚSICA: CREATURE OF SORROW

"Fizemos uma turnê com Hatefulmurder, Warcursed e Reckoning Hour em 2017, na divulgação de *Far Beyond Existence*, cortando o Brasil com cerca de 25 datas. *Creature of Sorrow* costumava fechar os shows do Hatefulmurder, e ela marcou para mim pela qualidade da composição. Começa com uma pegada thrash, com uns riffs melodiosos, e depois entra o poderoso vocal de Angélica Burns. Palhetas groovadas e pesadas, com o baixão do Felipe Modesto bem timbrado, pesado e nítido. A bateria de Thomas Martin é coesa, com arranjos bem elaborados, e o gran finale fica a cargo de Renan Campos, que fecha com uma bela linha melódica de guitarra, que me emociona até hoje."

LOCKDOWN

ÁLBUM: UNHOLY CEREMONY HERETIC (2021)
MÚSICA: ARCHANGEL

"Projeto animal do meu grande brother Antonio Araújo, guitarrista do Korzus, que também conta com João Gordo (R.D.P.) nos vocais, que está cantando com um gutural mega monstruoso como nunca ouvi ele fazer antes. Brutal demais! No baixo, meu outro grande brother, Rafael Yamada, o 'Japa' do Claustrofobia, com um timbre pesadíssimo e uma pegada precisa junto com a batera técnica e agressiva do monstruoso Bruno Santin. Death metal old school, bem na veia dos primeiros do Malevolent Creation e Deicide. Estou louco para ouvir os outros sons!"

SAXON

ÁLBUM: WHEELS OF STEEL (1980)
MÚSICA: SUZIE HOLD ON

"*Suzie Hold On*, da obra-prima chamada *Wheels of Steel*, é literalmente um lado B do álbum e da banda. Começa numa galopada excepcional de baixo, feita pelo grande Steve Dawson, junto com uma levada de chimbal dobrado com marcação no bumbo. Na sequência, entra um riff magnífico de Paul Quinn e Graham Oliver, que predomina praticamente na música toda. A forma com que Biff Byford canta as melodias é carismática, assim como no pré-refrão e no refrão. Sem falar na melodia da guitarra marcante no meio... É uma das músicas em que sou viciado na vida!"

NERVOSA

ÁLBUM: PERPETUAL CHAOS (2020)
MÚSICA: PERPETUAL CHAOS

"Essa música, assim como a nova formação, está destruidora! *Perpetual Chaos* é poderosa, e os riffs marcantes de Prika Amaral, a levada consistente de bateria de Eleni Nota e o baixo pesadíssimo de Mia Wallace fazem você bater cabeça sem perceber. O vocal da Diva Satânica está com uma pegada bastante forte e agressiva, me fez lembrar o vocal do Jeff Walker do Carcass em alguns momentos. Estou ouvindo muito esse som desde que foi lançado."

Brasilrevistas

gentle savage

VOCÊ PRECISA OUVIR A REVELAÇÃO DO HARD ROCK FINLANDÊS!

Acesse o meu canal no telegram @Brasilrevistas

/gentlesavageofficial

gentle savage

Brasilrevistas

Preston Holcomb, Richard Turner, Brit Turner, Charlie Starr, Brandon Still, Benji Shanks e Paul Jackson evocam o melhor da música sulista em *You Hear Georgia*

Blackberry Smoke

A ALMA E A VOZ DA Geórgia

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

Em seu novo álbum, novos gigantes do southern rock prestam uma homenagem à música do seu Estado natal

Por Valtemir Amler

O sul dos Estados Unidos sempre foi extremamente rico em cultura, especialmente na música. O estado da Georgia, por sua vez, se destaca por uma oferta incrível de talentos, seja qual for seu gênero musical favorito. The Allman Brothers Band, REM, James Brown, Ray Charles, Otis Redding e, claro, mais recentemente, o Blackberry Smoke. Trata-se de um nome cada vez maior e mais reverenciado entre os fãs de southern rock, country music e da boa música em geral. Em seu novo álbum, a banda mergulha fundo nas suas memórias musicais e oferece uma belíssima e justa homenagem ao seu estado natal. Como o próprio vocalista Charlie Starr declarou, *You Hear Georgia* é uma declaração contra o preconceito e a favor dos valores plurais da música, e para nós acaba soando como uma união perfeita entre aquilo que ele faz como artista e aquilo que ele curte como fã de música. Com você, a nova voz da Georgia!

Na sua infância, você costumava ouvir rádio? O que tocava nas rádios naqueles dias?

Charlie Starr: Sim, eu cresci no leste do Alabama ouvindo estações de rádio especializadas em rock e lembro de a programação estar cheia de Tom Petty, John Mellencamp, Aerosmith, Led Zeppelin, Lynyrd Skynyrd e The Allman Brothers Band... Eu acho que seria basicamente aquilo que chamamos de rock clássico hoje em dia. Além disso, o rock típico dos anos 80 também tocava, especialmente do princípio daquela década – você sabe, Huey Lewis and the News, *My Sharona* (N.R.: canção do The Knack, lançada no álbum *Get the Knack*, de 1979). E, quer saber, eu amava tudo aquilo. Éramos apenas garotos educados pela rádio, tínhamos nossos 'boomboxes' que levávamos conosco quando íamos nadar ou pescar, simplesmente mantínhamos música sempre tocando.

Foi ali também que você teve seu primeiro contato com a música da Geórgia?

Charlie: Sim, especialmente bandas de rock, mas também artistas country, em estações country. Foi assim que ouvi pela primeira vez The Allman Brothers Band e até The Georgia Satellites.

Poderíamos passar o dia falando de grandes nomes da música da Geórgia. Allman Brothers, Otis Redding, James Brown, Ray Charles, tem ótima música para todos os gostos. Então, quando ouvi o título deste novo álbum, *You Hear Georgia*, minha primeira impressão é que seria um álbum de covers, o que não é o caso.

Charlie: Não, e a verdade é que no início nem queríamos chamar o álbum assim. Estávamos trabalhando nele mas ainda não tínhamos um título. O fato é que estávamos com o disco quase completamente finalizado, a música *You Hear Georgia* foi a última coisa que fizemos para ele, no último dia. Quer dizer, foi muito animador, foi a última música que finalizamos e foi um trabalho completamente espontâneo, não existem demos dessa música, ela nunca sequer foi ensaiada, é como disse, foi mesmo espontâneo. Eu escrevi no meu quarto no hotel logo antes de ir para o estúdio. Quando cheguei lá e mostrei, Dave Cobb (produtor) disse: 'Vocês precisam gravar isso!' Quando terminamos de gravar ele estava muito feliz e disse que deveríamos nomear o álbum assim, *You Hear Georgia*. Todos concordamos, pois era uma ótima ideia.

Sim, e preciso dizer, essa é uma das melhores canções que ouvi em 2021, sim-

Brasilrevistas

plesmente adoro o fato de você começar a canção afirmando 'you hear Georgia when I open my mouth' ('você ouve a Geórgia quando abro minha boca').

Charlie: Obrigado, muito obrigado! Ela funciona basicamente como uma declaração, a minha declaração, quer considerem isso bom ou ruim. A verdade é que isso partiu da minha observação de que muitas vezes as pessoas são julgadas pela maneira como falam, pelo sotaque que têm, pela forma como se vestem, até mesmo julgam você pelo lugar de onde você vem, sabe? Isso é tão injusto... Hollywood fez um ótimo trabalho criando a imagem de que todas as pessoas do sul dos Estados Unidos são ignorantes, mas isso simplesmente não é verdade! Qual é, existem pessoas estúpidas em todos os lugares, não apenas aqui (risos). Isso acaba sendo uma postura bem preconceituosa.

Você acredita que esse preconceito vale também para a música? Bandas e artistas da Geórgia enfrentam maior resistência para emplacar no resto do seu país?

Charlie: Eu acredito que sim, mas não apenas no caso da Geórgia, mas do sul dos Estados Unidos em geral. Você sabe, muitas pessoas simplesmente pensam: 'OK, eles são apenas uma banda de southern rock.' Não importa, às vezes é uma banda de metal ou de hardcore e as pessoas simplesmente julgam da mesma maneira, nem se dão ao trabalho de ouvir a música. É uma situação bem desagradável.

Outro destaque deste novo álbum é a música *Old Enough to Know*, uma canção basicamente acústica, simples e sem muitos elementos para distrair o ouvinte.

Charlie: Essa foi provavelmente a canção que gravamos mais rapidamente, ela foi praticamente gravada 'ao vivo', por assim dizer. Quer dizer, acho que foram apenas dois takes que fizemos. Quando você é jovem, são as canções mais simples que falam mais alto com você e as que ficam contigo por mais tempo. Mas, no fim das contas, é uma questão de perspectiva e é difícil definir o que seria simples e o que seria complicado.

Tecnicamente falando, uma canção de estrutura simples acaba sendo um desafio, pois existe menos espaço para esconder pequenos deslizes...

Charlie: Sim, isso é verdade. Eu não sei, acho que muitas vezes menos é mais, você consegue fazer uma música realmente bonita com poucos recursos, e *Old Enough to Know* é um exemplo disso. Ela está praticamente 'no osso', é aquilo ali e pronto, sem firulas.

Também gosto bastante do que fizeram em *Old Scarecrow*.

Charlie: Esta canção eu escrevi junto com Rickey Medlocke, do Lynyrd Skynyrd e do Blackfoot. Ele é um músico incrível, para mim ele é uma verdadeira lenda! Na verdade nós escrevemos *Old Scarecrow* em parceria dois anos atrás, e lembro de estar ouvindo algumas velhas ideias enquanto trabalhava nas novas músicas quando me deparei com essa, eu tinha esquecido por completo dela (risos). Assim que ouvi, apresentei para os outros caras e para Dave Cobb, e todos adoraram. Ainda bem que decidimos gravar, pois acho que esta música se tornou um dos destaques em *You Hear Georgia*.

Além de ótimas músicas, você tem ótimos convidados especiais neste novo álbum. Uma boa parcela dos seus fãs vem da música country, então, o que pode nos falar sobre *Lonesome for a Livin'*?

YOU HEAR GEORGIA
Thirty Tigers - Imp.

Charlie: Temos Jamey Johnson conosco nesta. *Lonesome for a Livin'* foi a nossa maneira de tirar o chapéu para o grande George Jones (N.R.: cantor e compositor texano, conhecido por *He Stopped Loving Her Today*) e fazia muito sentido ter Jamey em uma canção como essa, pois, você sabe, ele gravou conosco *Yesterday's Wine* alguns anos atrás, junto com o próprio George Jones. Aquela experiência foi incrível para nós, então eu e Jamey estávamos conversando um dia e decidimos que queríamos trabalhar juntos novamente. Então, eu disse para ele: 'Olha, tenho essa música que escrevi para George, ela fala sobre um cantor de honky tonk', e ele me pediu para ouvi-la. Ele escutou apenas uma vez e disse: 'OK, vamos fazer.' E foi basicamente assim que *Lonesome for a Livin'* aconteceu.

Você mencionou várias vezes a Allman Brothers Band nesta conversa, então imagino que foi algo realmente especial trabalhar ao lado de Warren Haynes em *All Rise Again*.

Charlie: Sim! Estávamos conversando ao telefone tarde da noite, durante o lockdown, e ele me disse: 'Charlie, tenho um monte de canções escritas, pois não posso ir para lugar nenhum e estou passando o meu tempo assim, não tenho o que fazer.' E eu respondi: 'Estou na mesma, compondo para um novo álbum.' (risos) Aí decidimos unir nossos esforços e escrever algumas músicas juntos. *All Rise Again* foi a primeira delas. Essa música é basicamente sobre toda essa situação, o lockdown e tudo mais que tem ocorrido por conta da pandemia. O sentimento, no entanto, foi de muita empolgação e assim que terminamos de compor eu estava tipo 'não vejo a hora de gravarmos isso'. Eu levei a música para o estúdio, mostrei para Dave Cobb e ele que sugeriu que Warren deveria tocar algo nela. Esse não era o plano original, mas perguntei para Warren e ele topou na hora. Perguntou se poderia cantar na música e claro que concordei (risos).

Pelo que você disse, existem outras músicas dessa mesma parceria, certo?

Charlie: Sim, isso mesmo. Existem mais duas ou três, e tenho certeza que em algum momento elas verão a luz do dia.

Para finalizar, você parece satisfeito com o trabalho ao lado de Dave Cobb. Então, nos dê um panorama de como tudo aconteceu.

Charlie: Dave é simplesmente um produtor incrível, ele é muito talentoso. Ele realmente sabe valorizar o fator humano na música. A tecnologia hoje é tão avançada, você pode evitar tantas curvas no processo, consertar coisas, tudo é sempre sobre o quanto você consegue produzir, o quão rápido você consegue fazer um álbum ou quanto você pode economizar durante a produção... Dave não é assim, ele é um cara das antigas. Ele é mais sobre empunhar um instrumento e mandar ver, ele não gosta de usar metrônomo, nada dessas coisas que os estúdios têm hoje em dia e que o ajudam a trapacear (risos). Teve uma experiência que resume exatamente quem ele é: estávamos gravando as guitarras e, após gravar uma parte, dissemos para ele: 'Espera um pouco, podemos gravar algo bem mais limpo que isso.' Ele respondeu: 'Certo, mas por quê? Está ótimo assim, muito legal!' (risos). Ele é sobre a emoção na música, ele não busca a perfeição porque ela é chata demais (risos).

Brasilrevistas

2001 LACUNA COIL
Unleashed Memories

Tanto do ponto de vista puramente musical quanto do puramente comercial, nada nasceu pronto para os milaneses do Lacuna Coil. Para começar, naqueles dias iniciais da banda, em meados dos anos 90, o cenário italiano não parecia nada convidativo para um grupo que não era nem extremos para compartilhar de uma cena que contava com Mortuary Drape, Opera IX e Necromass, e nem melódico o suficiente para estar lado a lado com Rhapsody, Labÿrinth e outros. Eles estavam exatamente no meio do percurso, sem escolher um lado, como que vagando soltos por uma terra sem dono, buscando seu rumo próprio e único. E geralmente bandas novas costumam pagar um preço por isso.

Ainda assim, aquele grupo que atendeu nos primeiros dias por Sleep of Right e que então se transformou em Ethereal foi aos poucos ganhando seu espaço, lutando muito para conquistar cada centímetro de terreno. Em 1997, já com contrato assinado com a Century Media, veio a mudança definitiva: a banda se chamaria Lacuna Coil. Daquele momento em diante, o vital era lutar para emplacar sua música e começar a pensar em algo maior do que uma demo. Os passos foram relativamente lentos, porém certeiros: em 1998 saía um EP que carregava o nome da banda e no ano seguinte, o primeiro full-length, *In a Reverie*.

Com a internet começando a ganhar territórios mais definidos, o grupo passava a ser colocado em evidência além das fronteiras italianas e a ideia de uma carreira internacional tornava-se algo possível, embora essa ainda fosse apenas uma visão turva. Porém, com essa recém conquistada segurança guiando os trabalhos, as coisas começariam a se tornar mais claras, a começar pelo EP *Halflife*, lançado no ano 2000. Embora apresentasse apenas cinco canções (uma delas a versão para *Stars*, do Dubstar), o EP parecia uma espécie de chamariz para aquilo que viria em seguida, como uma pequena amostra do quão evoluída a banda estaria em seu segundo álbum completo, que não tardaria em ser lançado.

Assim, os guitarristas Marco Biazzi e Cristiano Migliore, o baterista Cristiano Mozzati, o baixista Marco Coti Zelati e os vocalistas Andrea Ferro e Cristina Scabbia adentraram o estúdio Woodhouse, na Alemanha, em outubro de 2000, com uma missão muito clara em sua mente: era chegada a hora de levar o Lacuna Coil ao próximo nível. As gravações não demoraram e *Unleashed Memories* foi completamente gravado entre outubro e novembro daquele ano. A produção também foi segura e tranquila, guiada pela já conhecida mão segura de Waldemar Sorychta (Unleashed, Moonspell, Sodom, Tiamat e muitos outros), o que também acrescentava um selo de qualidade ao trabalho. A questão final era: e quanto à música?

Lançado em plena época de ascensão do gothic metal – em especial das bandas com vocais no estilo "the beauty and the beast" –, *Unleashed Memories* se mostrava o trabalho mais "gótico" da banda italiana, porém em nenhum momento apelando para os clichês do estilo, com Andrea e Cristina dividindo as vozes, mas mantendo o foco nos vocais limpos. A musicalidade lúgubre, em vários momentos densa e arrastada, também não caminhava em direção ao doom, buscando um enfoque mais palatável aos grandes públicos do que unicamente aos fãs de um subgênero do metal. Tudo isso transformava o segundo álbum do Lacuna Coil em um registro abrangente e com canções suficientemente fortes para alçar os italianos a um novo patamar.

Dentre as faixas, impossível não destacar uma das favoritas dos fãs, até hoje presença comum nas apresentações do grupo, *Senzafine*. Calma, bonita e com letra inteira em italiano, a canção acabou se tornando uma espécie de hino para banda e fãs. Porém, não há como deixar de citar a emocionalmente carregada *Purify*, talvez a canção mais lúgubre de todo o repertório do grupo, além das também ótimas *To Live Is to Hide* e *A Current Obsession*, todas profundamente góticas em sua essência. Com o álbum lançado e as portas do mundo abertas (eles excursionaram no mesmo ano pelo EUA com o Moonspell), o caminho estava pavimentado para outro clássico, que seria lançado no ano seguinte: *Comalies*.

Valtemir Amler

Marco Coti Zelati, Cristiano Mozzati, Cristina Scabbia, Andrea Ferro, Cristiano Migliore e Marco Biazzi, caminho pronto para *Comalies*

Brasilrevistas

1971 STEPPENWOLF
For Ladies Only

O Steppenwolf já tinha emplacado o super hit *Born to Be Wild* em seu disco de estreia, *Steppenwolf* (1968), em boa parte graças ao fato de ter feito parte da trilha sonora do road movie "Easy Rider" (1969, "Sem Destino" no Brasil) e que virou o hino dos motociclistas. Depois disso, a banda liderada pelo vocalista e guitarrista John Kay já tinha lançado outros quatro discos entre 1968 e 1970 e desde *The Monster* (1969) passara a incluir temas políticos e sociais em suas letras. Até que em 1971 a banda resolveu cunhar algo inédito: um disco conceitual dedicado às mulheres. Daí surgiu

For Ladies Only, em que cada faixa retratava um dos estereótipos relativos à posição das mulheres na sociedade da época – vale lembrar que na época o feminismo era tido como algo praticamente subversivo. Essa postura é fácil de entender quando se lembra que John Kay nasceu na Alemanha em 1944, ou seja, como ele mesmo disse, "eu cresci em um país e em uma época em que a política e as ações dos seres humanos e suas consequências estavam gravadas em nossas mentes". E completava: "O regime de Hitler não deixou uma única vida intocada na Europa naquela época".

Esse disco também marcou uma sutil transição na música da banda, que começou a apostar em temas mais elaborados e complexos (como a faixa-título e seus mais de nove minutos de duração), o que a aproximava do rock progressivo. Porém, além disso e do rockão tradicional da banda, também há referências à country music, estilo muito caro a Kay, que se mudou da Alemanha para o Canadá aos 14 anos e passou a ter o rádio como seu melhor amigo – na época, ele sequer falava inglês.

Gravado entre o final de 1970 e o início do ano seguinte no American Recording Studios, na Califórnia, com produção de Richard Polodor, o disco saiu em novembro e falhou miseravelmente em seu

Goldy McJohn, Jerry Edmonton, John Kay, Larry Byrom e George Biondo gravaram disco conceitual em defesa das mulheres

intento de lançar luz sobre os perrengues enfrentados pelas mulheres na época (que eram mais ou menos os mesmos de hoje...). Muita gente não só fez questão de não entender o significado das letras, como alguns chegaram mesmo a tachar o disco de "machista". Até a foto do encarte foi objeto de controvérsia, já que retratava um carro que foi comparado com um símbolo fálico.

Apesar de consistente e inspirado, *For Ladies Only* não chegou nem perto do sucesso de seus antecessores – alcançou o 13º posto na Noruega e um mísero 54º lugar nos EUA. Os dois singles extraídos do disco também não deram em nada.

Não por acaso, logo em seguida a banda deu uma parada nas atividades, mas que não durou muito: em 1974 o Steppenwolf estava de volta à ativa.

Antonio Carlos Monteiro

Acesse agora também no telegram @clubedasrevistas

1991 KYUSS
Wretch

Dentre os inúmeros subgêneros do rock, você já ouviu falar do generator e do desert rock? Bem, foi com essas duas formas que se chegou a rotular o som dos californianos do Kyuss nos primórdios da banda, na segunda metade da década de 80, ainda sob o nome Katzenjammer (em alemão, "má sorte", num sentido literal, ou até mesmo gíria para "ressaca"). O 'generator' se originou dos eventos (leia-se: festas) nos quais o grupo estava envolvido e cuja fonte de eletricidade eram geradores movidos a gasolina. O 'desert' tem ligação com o fato de que esses pequenos shows, cheios de energia e com contornos psicodélicos, aconteciam em locais isolados das áreas desérticas do sul da Califórnia (lembrando que a banda é oriunda de Palm Desert, onde se popularizou o termo).

Formação do Kyuss com Josh Homme, Alfredo Hernandez, John Garcia e Scott Reeder

De qualquer forma, o grupo já era cultuado por essas e outras peculiaridades que viriam a ser sua marca registrada, vide as camadas stoner, a atitude punk, vinda de nomes como Black Flag, GBH e The Misfits, e o som criativo emanado por Josh Homme (futuro líder do Queens of the Stone Age), que ligava sua guitarra em amplificadores de baixo, o que conferia um peso extra aos seus riffs.

De Katzenjammer mudaram o nome para Sons of Kyuss, baseado na alcunha de um personagem do icônico RPG "Dungeons & Dragons", e registraram o EP *Sons of Kyuss* (1990), contendo oito faixas. Mas a formação desse cartão de visitas não duraria muito. Chris Cockrell debandou e Nick Oliveri, antigo guitarrista do grupo, retornou, agora assumindo o baixo. Com Homme, o vocalista John Garcia e o baterista Brant Bjork mantidos, chegou o momento de dar o próximo passo.

Rebatizado de Kyuss, o quarteto firmou um contrato com a gravadora Dali e lançou em setembro de 1991 seu primeiro full-length. *Wretch* traz onze faixas, sendo algumas delas regravações do EP, caso de *Love Has Passed Me By*, *Katzenjammer* e *Isolation Desolation* (que no debut virou *Isolation*), além de *Black Widow* e *Deadly Kiss*, diretamente retiradas da obra predecessora.

Juntaram-se a elas músicas pungentes, como *(Beginning of What's About to Happen) Hwy 74*, *Son of a Bitch*, *The Law* e *I'm Not*, que indicavam um novo caminho dentro do stoner rock. A experiência adquirida neste play se tornou fundamental para a confecção do clássico *Blues for the Red Sun* (1992), já com Chris Goss na produção, em um casamento que viria germinar ainda o ótimo *Welcome to Sky Valley* (1994) e o último sopro de estúdio *...And the Circus Leaves Town* (1995) nesta curta, porém cultuada, carreira do Kyuss.

Thiago Prata

Brasilrevistas

Candlemass

RECONSTRUINDO SOBRE RUÍNAS

PARTE 3

Depois do fim precoce, o início da reestruturação e o retorno da formação clássica da grande lenda do doom metal

Por Valtemir Amler

A segunda metade da década de 80 tinha sido perfeita para Leif Edling e seus parceiros. Desde o lançamento do debut *Epicus Doomicus Metallicus*, em 1986, o Candlemass vinha em uma constante ascendente, tornando-se rapidamente a maior expressão do cenário doom metal e sendo considerado (com justiça, inclusive) como o fundador de um novo subgênero, o epic doom metal, aludido no título do seu álbum de estreia. Porém, a despeito de todo o sucesso e das ótimas turnês, o clima começava a azedar nos bastidores. Se as coisas pareciam ir muito bem nos palcos e nos estúdios, atrás das cortinas a banda estava cada vez mais dividida. O vocalista Messiah Marcolin e o baixista, compositor e fundador Leif Edling cada vez concordavam em menos aspectos e isso obviamente levaria ao rompimento. Em 1991, Marcolin se desligou oficialmente do Candlemass.

Assim, a banda começava a viver um dos roteiros mais manjados no metal dos anos 90 – a banda clássica que troca o vocalista carismático por alguém que vai pagar a conta no final, não importa o quão bom seja. Não preciso nem dizer que os fãs do Iron Maiden e do Judas Priest sabem exatamente do que estou falando, certo? O reinício dos trabalhos do quinto álbum de estúdio (Marcolin chegou a começar o processo) se deu com o então novato vocalista Thomas Vikström, que chegava para suceder o favorito dos fãs, e claro que a coisa não funcionou. Em 1994, o Candlemass oficialmente chegava ao fim, mas a mudança de vocalista não era a única razão para esse fim precoce, ou melhor, não era a raiz do problema.

MUDANÇAS PARA UM MUNDO TRANSFORMADO

Quando falamos das transformações no mundo da música pesada nos anos 90, qual é a primeira imagem que vem na sua cabeça? Talvez você pense em pessoas vestindo camisas de flanela, com cabelos desgrenhados e ouvindo o tradicional misto de Nirvana, Pearl Jam, Soundgarden e Alice in Chains? Bem, essa é a resposta em oito em cada dez vezes. As outras duas geralmente incluem roupas coloridas e grandes demais, pula-pula adoidado e groove metal misturado com vocais de hip-hop, confere? Porém, a verdade é que existia muito mais coisas acontecendo nos anos 90 do que apenas o grunge e o nu metal. A segunda onda do black metal, a ascensão do death metal sueco, o new prog, era transformação para todos os gostos. E isso inevitavelmente incluía o doom metal.

O Candlemass não era o único gigante do doom a se transformar na então nova década. Depois de ganhar o mundo com os álbuns *Saint Vitus* (1984), *Hallow's Victim* (1985) e *Born Too Late* (1986), os californianos do Saint Vitus apareciam diferentes em *C.O.D.* (1992). Da mesma maneira, o Trouble, que havia lançado os lendários *The Skull* (1985) e *Run to the Light* (1987), ganhava uma sonoridade diferente em *Manic Frustration* (1992) e *Plastic Green Head* (1995). A coisa estava tão doida que até mesmo bandas intimamente ligadas aos anos 90 iam se transformando. Você percebe isso claramente ao ouvir na sequência os álbuns *Forest of Equilibrium* (1991) e *Supernatural Birth Machine* (1996), do Cathedral, ou ainda os clássicos *Electric Wizard* (1994) e *Come My Fanatics....* (1997), do Electric Wizard: os caminhos do doom estavam cada vez mais indelevelmente marcados pelo stoner, e embora isso tenha feito muito bem para a musicalidade das bandas citadas, o mesmo muito improvavelmente poderia ser alcançado por uma banda de sonoridade mais épica, como era justamente o caso do Candlemass.

Porém, as mudanças estavam na pauta da banda sueca, antes mesmo de todos os integrantes estarem informados dos novos rumos, conforme o ex-vocalista Messiah Marcolin deixou claro para a ROADIE CREW em 2003: "Nós iríamos começar a trabalhar no álbum *Chapter VI*. Eu estava de férias, mas a banda começou a ensaiar por conta própria. Cheguei e comecei a encaixar a minha voz nas músicas que tínhamos até então. Daí nosso empresário veio me falar que Leif queria que eu cantasse de outra maneira, seguir outra direção nas linhas de voz. Eles já queriam isso mesmo no álbum *Tales of Creation*. Aquilo que deixou muito irritado e eu resolvi sair", declarou.

Brasilrevistas

Resumindo a história, Messiah sentenciou: "Sair da banda foi a melhor coisa que eu podia fazer naquele momento".

ABSTRAKT ALGEBRA

Embora ainda fosse lançar *Chapter VI* e durar mais alguns anos, a verdade é que o Candlemass estava em frangalhos desde a saída de Marcolin e "sair da banda" acabava sendo a melhor opção para todos, tanto que o grupo simplesmente se desfez em 1994. Para Leif, porém, a história ainda estava longe de acabar: ele apenas precisava "começar um novo livro", com uma história diferente. Assim, sem a companhia de nenhum de seus velhos parceiros, ele recomeçou sua carreira na música ainda em 1994, com uma nova banda, o Abstrakt Algebra. Ao seu lado, inicialmente, estavam Jejo Perkovic (bateria, que anos mais tarde tocaria também no Mustasch), Carl Westholm (teclados, daqui em diante parceiro de Leif em todos os seus projetos), Simon Johansson (guitarra, reconhecido pelo seu trabalho ao lado de Wolf e Memory Garden) e Mike Wead (guitarra, atual Mercyful Fate e King Diamond e com passagens por Hexenhaus e Memento Mori). Para o vocal, Mats Levén, um dos mais requisitados do cenário sueco e que trabalhou ao lado de Yngwie Malmsteen, At Vance, Therion e muitos outros, incluindo-se aí vários projetos de Leif.

Com esse time de respeito reunido, o Abstrakt Algebra gravou uma demo de duas canções em 1994 e, naquele mesmo ano, ocupou o Soundtrade Studios (um dos mais tradicionais da Suécia, na ativa desde 1967 e que foi usado por bandas como Mustasch, Ghost, Rammstein e Tribulation, além de ter sido o escolhido pelo Europe para gravar o seu clássico *The Final Countdown*, de 1986), entre maio e setembro, para a gravação de seu álbum de estreia, que carregaria apenas o nome da banda. Ao todo, o disco encerrava praticamente uma hora de música, distribuída em apenas oito temas. Isto basicamente significava que *Abstrakt Algebra* era formado por um bocado de canções longas, acima dos sete minutos, sendo a última delas, *Who What Where When*, ultrapassava os quinze minutos de duração, algo que não assustaria nenhum fã de doom. Mas, infelizmente, não existiam muitos fãs de doom interessados em ouvir a nova banda e não demorou até que Leif fosse forçado a encarar a realidade.

Lançado em 15 de abril de 1995 via Megarock Records, *Abstrakt Algebra* foi um fracasso de vendas, muito aquém do alcançado pelo Candlemass. As críticas em geral louvavam a habilidade dos músicos, mas eram frias ao ponto de a banda nunca de fato ter decolado, se tornando um eterno nome 'cult' no currículo dos envolvidos. Leif ainda tentaria uma segunda chance com o grupo, com uma formação diferente, mas a falta de interesse demonstrada pelas gravadoras acabou por enterrar de vez o futuro da banda, que já trabalhava em novas composições. Porém, elas deveriam ver a luz do dia sob uma perspectiva muito diferente da original.

O RETORNO (NÃO MUITO AGUARDADO)

Assim, foi a falta de "calor humano" que decidiu pelo fim do Abstrakt Algebra e pelo retorno do Candlemass. Porém, as coisas ainda estavam bastante longe daquilo que esperavam os fãs dos pioneiros do doom na Suécia. Para começar, Leif não conseguira reunir ao seu lado nenhum dos músicos da formação clássica, transformando o Candlemass em uma banda quase que completamente diferente daquela esperada pelos fãs, o que frustrava completamente a ideia de um "retorno". As razões para isso foram esclarecidas pelo próprio Leif em entrevista para a ROADIE CREW, em 2005: "Escolhi músicos e pessoas de que gosto, e adoro trabalhar com todos eles. Todavia, naquela época, e quero deixar isso bem claro, não era minha proposta seguir daquela maneira", disse ele sobre atuar sem nenhum dos velhos parceiros ao seu lado. "Perguntei a todos os outros membros se eles gostariam de gravar e a resposta foi 'não'. Decidi então seguir em frente e fazer o que queria", acrescentou.

Ainda sobre a ausência dos outros integrantes da formação clássica, ele foi mais além, revelando que todos concordaram que a banda fosse reativada com uma nova formação: "Eles respeitaram a minha posição, assim como aceitei a deles. Você tem que arcar com as consequências do que faz. Ouvi um 'não' de todo o resto da banda e segui em frente. Eles pouco ligavam para o que aconteceria com o Candlemass naquele momento, assim como eu não dava a mínima para a opinião deles". Para não deixar dúvidas, ele arremata: "Verdadeiramente não apareceram empecilhos para a gravação dos álbuns. Tudo foi acordado da melhor maneira possível".

Verdade seja dita, o problema do então "novo Candlemass" não passava pela formação. Os talentosos Jejo Perković e Carl Westholm vinham do Abstrakt Algebra e Björn Flodkvist, apesar de até então completamente desconhecido no cenário, era um vocalista muito talentoso. Além deles, Leif ainda tinha um trunfo em mãos, um reforço de peso para as guitarras do Candlemass: Mike Amott. Ex-guitarrista do Carnage e do Carcass, o fundador das bandas Spiritual Beggars e Arch Enemy é um dos melhores guitar-

Fotos: Divulgação

ristas da sua geração e um grande fã de stoner/doom, além de declarado fã do Candlemass. Assim, ao menos no papel, o Candlemass tinha a formação ideal para entrar no estúdio e detonar, fazendo um dos melhores discos de sua jornada.

Porém, as coisas não foram basicamente assim e mais uma vez a formação não foi o problema. A verdade é que a maior parte do repertório de *Dactylis Glomerata*, sexto álbum de estúdio do Candlemass, havia na verdade sido composta para ser o segundo álbum do Abstrakt Algebra. E esse era o problema. Para muitos dos fãs que ouviram este álbum no dia do seu lançamento, em 13 de abril de 1998 (incluindo esse que vos escreve), *Dactylis Glomerata* tratava-se de um disco gravado por uma banda que não era o Candlemass, tocando músicas que não eram do Candlemass, mas com o nome e o símbolo do Candlemass na

capa. Sim, parecia uma afronta. Apenas muitos anos mais tarde, entendemos que essa foi uma tentativa desesperada de manter a banda ativa contra todas as expectativas da época, mas o fato é que o álbum soou como uma decepção. Canções como *Apathy* e *Lidocain God* não traziam aquilo que se esperava e o retorno acabou não empolgando.

Para Amott, porém, aquilo era quase como a realização de um sonho. "Sempre adorei Trouble e Candlemass, os grooves pesados e as melodias tristes. Foi uma grande honra tocar com o idealizador do Candlemass, Leif Edling, no final dos anos

90. Ele é um gênio das composições e acho que aprendi um pouco com ele – tanto como músico que tocou em um de seus álbuns quanto como ouvinte das suas primeiras gravações, das quais eu sou um grande fã", declarou anos mais tarde ao That Drummer Guy. O trabalho ao lado do Candlemass, porém, foi rápido, como ele disse na mesma entrevista: "Eu gostei de trabalhar naquele álbum, porém, foram apenas dois ou três dias no estúdio e eu nunca fiz nenhum show com eles".

Sem se dar por vencido, Leif ainda tentaria uma vez mais. Já sem Amott, ele vinha de novo com uma nova formação para mais um álbum de estúdio, que seria lançado já no ano seguinte, em 1999. Do time de *Dactylis Glomerata*, permaneciam com Leif o vocalista Björn Flodkvist e o baterista Jejo Perković, enquanto Mats Ståhl (Enter the Hunt) chegava para a guitarra. Mais denso, soturno e superpesado, o novo *From the 13th Sun* apostava mais em efeitos sonoros do que em teclados, com Carl Westholm agora fazendo apenas uma ponta em *ARX/NG 891* (nome tirado de uma galáxia espiral localizada a cerca de trinta milhões de anos-luz na direção da constelação de Andrômeda). O mais uma vez "novo Candlemass" seguia com a Music for Nations e foi por ela que o sétimo trabalho de estúdio foi lançado em 6 de setembro de 1999. Porém, a verdade é que as coisas começavam a se complicar com um novo álbum que, de novo, não atraiu a atenção nem dos velhos fãs. Ressurgido das trevas em 1997, o Candlemass voltou para as trevas em 2002. Mas é claro que eles não ficariam lá.

AGORA SIM, UM RETORNO MUITO AGUARDADO

Depois do "retorno triunfal" nem um pouco triunfal, talvez as coisas tenham ficado muito mais claras para Leif Edling. O Candlemass era um nome enorme na história do doom metal, mas os fãs tinham uma imagem muito clara sobre a banda e, na maioria dos casos, essa imagem incluía um certo vocalista que gostava muito de aparecer nos palcos usando a roupa de um monge. Com isso em mente, ele começou a "traquinar" um retorno da formação clássica, o que não demoraria para acontecer.

Tudo começou quando Leif estava trabalhando no relançamento dos CDs da banda. Na época, ele começou a perguntar o que acharíamos se alguém nos fizesse uma boa proposta para que voltássemos a tocar", declarou o vocalista Messiah Marcolin à ROADIE CREW sobre o processo de retorno. "Na verdade, desde a nossa separação ele sempre foi contra a volta e naquele instante era o que mais tinha vontade de nos reunir. Então, foi realmente engraçado sentir que ele estava dentro desta vez", contou o vocalista, meio que desdizendo a versão de que Leif havia convidado todos os ex-integrantes para participar de *Dactylis Glomerata* e *From the 13th Sun* e que eles haviam recusado.

Com base nas palavras de Marcolin, ao menos ele não foi exatamente "convidado" para aquele primeiro retorno da banda. Porém, dessa vez as conversas iam dando resultado, conforme ele conta: "Demos um tempo para poder pensar e discutir a ideia e naquela mesma época veio a proposta. Isso foi no final de 2001, início de 2002".

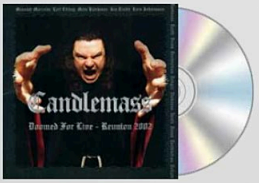
Em seguida, a formação clássica se reuniu para um show especial em Estocolmo, celebrando o lançamento das versões remasterizadas dos três álbuns lançados por aquele line-up. O sucesso óbvio da apresentação diante de fãs sedentos por ouvir a banda tocando seus grandes clássicos foi a peça que faltava para que todos sentissem a empolgação correr pelas veias e finalmente decidir pelo retorno. "Mas daí

pra frente eu disse para os outros caras que se fôssemos tocar fora da Suécia, deveríamos procurar um empresário, algo bem profissional, ou seja, uma pessoa que iria organizar nossos passos para que não repetíssemos os erros do passado", contou-nos o vocalista. Quanto aos tais "erros do passado", ele esclareceu: "Eu disse para os outros caras que achava que seria muito bom entrarmos em contato com Ole Bang, um dinamarquês que é empresário do Mercyful Fate. Perguntamos a ele o que achava de trabalhar com o Candlemass. Ele é um bom empresário, e mostrou isso rapidamente nos colocando em grandes festivais de 2002, então sentimos que era um bom momento para nós".

Como explicitado nas palavras de Messiah, o retorno da formação clássica do Candlemass foi originalmente orquestrada para os grandes palcos e aparentemente eram apenas esses os planos. O show inaugural dessa volta (sem contar aquele especial comemorativo ao relan-

Dactylis Glomerata (1998)

From the 13th Sun (1999)



Doomed for Live - Reunion 2002 (2002)

çamento de *Nightfall*, *Ancient Dreams* e *Tales of Creation*, que aconteceu antes do retorno, em Estocolmo) foi na Grécia, um dos primeiros países a abraçar a banda e um daqueles em que sempre encontraram uma plateia empolgada. "Estivemos por lá várias vezes no início da nossa carreira e sabemos que lá nosso show é uma histeria geral", contou Messiah. "Há alguns meses tocamos por lá novamente com Entombed e Dark Tranquillity e os fãs foram demais, algo inesquecível", completou.

Como as coisas estavam dando extremamente certo, e pela primeira vez em mais de uma década, eles trataram

de aproveitar o momento e eternizar mais aquele grande "ponto de virada" na história do grupo. O formato escolhido, claro, foi o de um novo álbum ao vivo. Assim, em 20 de janeiro de 2003 saiu o excelente *Doomed for Live – Reunion 2002*. Lançado originalmente em CD duplo pela Powerline Records, o disco trazia um belíssimo apanhado da era mais célebre do quinteto sueco, incluindo todos os grandes sucessos, como as obrigatórias *Solitude*, *The Well of Souls*, *At the Gallows End*, *Bewitched*, *Mirror Mirror*, *Samarithan* e *Dark Are the Veils of Death*. Gravado ao vivo em 31 de agosto de 2002 em Estocolmo, o registro serviu como uma prova irrefutável de que aquela formação estava soando melhor do que nunca, e parecia simplesmente inconcebível que eles simplesmente voltassem ao marasmo após o encerramento da turnê. E pelo menos daquela vez o que parecia óbvio e inevitável realmente aconteceu.

ASSASSINOS DA LUZ

De fato, o inevitável aconteceu, mas ao menos de início pareceu que o peso do sucesso colocaria tudo a perder mais uma vez. Tão logo a celebrada turnê especial de reunião chegou ao fim, o Candlemass anunciou seu fim e, depois de tantos shows incríveis e um ótimo registro ao vivo, um vazio enorme se abatia sobre os fãs. A dor, porém, não durou tanto assim. Cerca de seis meses depois, eles anunciavam mais um retorno da formação clássica e dessa vez para o lançamento de um álbum de inéditas, justamente aquilo que todos queriam ouvir.

Verdade seja dita, as coisas longe do Candlemass não eram assim tão excitantes para nenhum deles. O longo período longe do grupo durante os anos 90 não foi nada especial para Messiah, que relembrou para a ROADIE CREW: "Passei boa parte daquele tempo estudando para ser engenheiro de som e também fiz alguns shows como convidado especial, mas nada que tenha tido grande projeção". O inquieto e sempre criativo Leif Edling, claro, tinha outras cartas na manga, apenas aguardando o que aconteceria. Fundada em 2002, a banda Krux – completada pelo baterista Peter Stjärnvind (Pest, ex-Unanimated, Regurgitate e Entombed), pelo guitarrista Jörgen Sandström (The Project Hate MCMXCIX, ex-Entombed e Grave) e pelo vocalista Mats Levén (Vandenberg, ex-Yngwie Malmsteen e Abstrakt Algebra) – já havia lançado seu debut autointitulado ainda em 2002 e em 2003 soltava seu primeiro DVD ao vivo, *Live*.

Ainda assim, havia muitas razões para o Candlemass ser a prioridade de todos, bem como muitos motivos para não deixar escapar a oportunidade de um novo álbum da formação clássica. "Nós simplesmente percebemos que éramos bons pra cacete!", Leif resumiu, em tom divertido, em entrevista para a ROADIE CREW. A questão é que, embora parecesse óbvio até para o mais incidental dos fãs, aparentemente o Candlemass não havia pensado na opção de lançar novas músicas até o dia em que a turnê acabou e não havia mais razões para estarem juntos. "Nós fizemos shows fantásticos, tocamos para muitas pessoas, porém nunca dissemos que gravaríamos um novo álbum, com material inédito", contou Edling, na mesma entrevista. "Deixamos claro que sairíamos e tocaríamos para nossos fãs pela última vez. Foi isso o que fizemos. Depois daquilo, ficamos sem saber o que viria a seguir, se gravaríamos algo ou não, como, quando e onde lançaríamos um novo disco. Sem muitas perspectivas, decidimos parar", acrescentou.

Para sorte geral dos fãs, Leif é produtivo demais para simplesmente deixar a banda descansando o sono dos justos: ele já estava escrevendo novas músicas na época, e todos sabem da qualidade que ele costuma colocar em seu material. "No segundo semestre de 2004, escrevi alguns temas, preparei as demos e mostrei aos outros para ver qual seria a resposta. Eles adoraram o que ouviram, nossas ideias novamente trabalharam em conjunto e percebemos que seríamos loucos se não gravássemos tudo aquilo. Logo, decidimos fazer um novo álbum e evitamos pensar no que as pessoas achariam disso. Tínhamos que fazê-lo e, de fato, fizemos", declarou o baixista.

Com as bênçãos de todos os senhores das trevas e da luz, *Candlemass*, o álbum, foi lançado em 2 de maio de 2005, iniciando a parceria do grupo com a gravadora alemã Nuclear Blast. Gravado em Estocolmo no Polar Studio entre novembro e dezembro de 2004 e com produção de Pontus Norgren (King Diamond, Opeth, Hammerfall), o disco trouxe nove novas composições, que comprovavam a força e a qualidade que o Candlemass agregava ao cenário e reafirmavam a relevância do grupo no cenário doom, mesmo após mais de uma década de seu auge criativo. O álbum alçou a banda à sétima posição nas paradas suecas e tudo parecia perfeito. Porém, você já sabe o que viria em seguida. *Continua...*

Brasilrevistas

Alwin Zuur, Martin van Drunen, Paul Baayens e Stefan Hüskens alcançam o equilíbrio perfeito entre o death e o doom metal em *Necroceros*

Asphyx

A Elite Inominada

Acesse nosso canal no telegram @brasilrevistas

Pioneiros holandeses do death/doom retornam com um novo álbum pouco mais de quatro anos depois de *Incoming Death*

Por Valtemir Amler

Quatro anos é um longo tempo, e quem olha nem imagina que o álbum *Necroceros* não estava nos planos do Asphyx. A verdade é que a lendária banda holandesa teria um ano de 2020 repleto de compromissos ao vivo e um novo álbum de estúdio seria inviável neste cenário. Porém, com a pandemia da covid-19, uma mudança de planos foi forçada e o quarteto formado por Martin Van Drunen (vocal), Paul Baayens (guitarra), Alwin Zuur (baixo) e Stephan "Husky" Huskens (bateria, ex-Sodom), aproveitou o lockdown para entrar em estúdio e gravar aquele que já é o quarto registro completo de estúdio desde o retorno da banda, ocorrido em 2007. Partindo do ponto em que parou em *Incoming Death* (2016) e mantendo a proposta death/doom de sempre, o Asphyx se reafirma como um dos nomes mais relevantes do cenário, como não poderia deixar de ser. Bem humorado, o vocalista fala sobre a mistura de gore, bom humor e ficção científica que permeia suas letras, além de nos contar um pouco mais sobre a primeira era do principal nome do death metal holandês.

***Incoming Death* foi um dos grandes destaques de 2016 e colocou o Asphyx nos holofotes de uma nova geração de fãs de death metal. O que você pensa hoje sobre ele?**

Martin Van Drunen: Eu ainda acredito que seja um ótimo álbum, sem dúvida um dos mais fortes em toda a nossa carreira. E isto é um fato, pois quando começamos a trabalhar no novo álbum sentíamos que seria muito difícil fazer um que tivesse a mesma qualidade de *Incoming Death*. Nós realmente curtimos aquele trabalho. Eu diria, inclusive, que é um dos melhores que já gravei na minha vida. Eu amo todas as músicas e adoro tocá-las ao vivo. Ele se tornou um dos favoritos dos fãs e também é um dos nossos favoritos.

Sim, o repertório é muito forte e variado. Canções como *Division Brandenburg* e *Wardroid* tem aquela vibração bélica que sempre fez tão bem ao death metal.

Martin: Sim, e foi uma coincidência que elas tivessem esse mesmo clima, pois liricamente eu fui para caminhos diferentes. *Division Brandenburg* é sobre o destacamento do exército alemão, claro, mas *Wardroid* é uma história ficcional que criei e fala basicamente sobre uma espécie de juiz que viaja entre os mundos, observa o comportamento das diferentes civilizações e decide: 'Certo, devo deixá-los seguir adiante e progredir ou devo terminar com isso aqui e agora?' Como geralmente ele decide obliterar as civilizações, a música também acabou ganhando essa 'vibe' bélica (risos). Mas não foi intencional, embora eu ame isso.

Claro que eu não deixaria de perguntar sobre *Candiru*, então...

Martin: Eu estava esperando por isso (muitos risos). Bem, eu sei que isso é um mito, mas ouvimos falar desse peixe que vive nas águas amazônicas, ouvimos histórias sobre ele subir pela urina dos incautos e entrar como um parasita pelo pênis, causando mutilações genitais e tudo o mais. Quer dizer, qual era a chance de uma banda de death metal não escrever sobre isso? (risos gerais).

Brasilrevistas

Falando agora sobre o novo álbum, o que diabos é um *Necroceros*?

Martin: Ah, apenas a minha mente maluca trabalhando de novo (rindo muito). Eu inventei essa palavra, você sabe, sou um grande fã de ficção científica, então imaginei essa entidade cósmica gigantesca que vive nas profundezas do cosmos, oculta de nós, já que ainda não temos meios de observar as grandes profundidades do espaço. Quer dizer, nós descobrimos coisas novas todos os anos, mas ainda existem galáxias inteiras que podemos apenas supor que existam. Então, esta entidade chamada Necroceros está em algum lugar por aí e está em uma terrível luta com uma raça alienígena. Esta luta é tão feroz que o Necroceros é lançado para outra galáxia e, então, subitamente ele está aqui entre nós e precisamos lutar com algo que sequer supúnhamos que existia. Basicamente, não conseguimos lutar direito contra um vírus desconhecido, contra um Necroceros então... Todos morreremos, e é sobre isso que a música fala (muitos risos). Já o nome 'necroceros' nasceu de uma mistura, obviamente 'rinoceronte' mesclado com 'necros', que é o grego antigo para 'morte'. Você sabe, a palavra 'morte' vem aparecendo no título de todos os nossos álbuns desde o retorno, *Death... The Brutal Way* (2009), *Deathhammer* (2012), *Incoming Death* (2016), então aqui ela aparece novamente, só que desta vez em grego arcaico, pois sou um intelectual arrogante de merda (risos gerais).

O álbum tem um nome pouco usual, mas os títulos das canções são bastante chamativos.

Martin: Sim, obrigado por dizer isso, pois esse é realmente um trabalho ao qual dedico boa parte do meu tempo. Gosto de títulos fortes, mas também acho fundamental que eles não soem repetitivos. Sempre busco algo mais original, então é um processo que dá bastante trabalho. Por exemplo, neste álbum temos a música *Three Years of Famine*. Foi realmente difícil encontrar esse título, eu não queria usar simplesmente 'The Great Famine', pois temos uma música chamada *The Grand Denial* no álbum anterior e achei que isso poderia confundir os fãs. Então, depois de algumas pesquisas, descobri que na sua historiografia oficial os chineses chamam o período da 'Grande Fome' de 'Três Anos de Fome', e aqui eu tinha um título muito melhor (N.R.: os Três Anos de Fome ocorreram entre 1958 e 1961 e estima-se que entre 15 e 55 milhões de pessoas morreram de fome) para uma música realmente forte. Então, alguns títulos vêm antes mesmo das músicas, outros só aparecem no final, varia de acordo com a inspiração do momento. Às vezes, música e letra já estão totalmente prontos quando consigo o título, como é o caso desta *Three Years of Famine*.

E o mais legal é que neste processo você acaba tendo músicas como *Botox Implosion*, que é pura diversão.

Martin: Sim, é mais ou menos o mesmo caso da *Candiru* (risos). É aquela canção rápida, com todos os elementos musicais típicos do death metal, então achei que seria uma pena se isso não acontecesse também na letra. Assim, tinha que ter algo gore, precisava ter um elemento de horror ou de coisas nojentas que acontecem com as pessoas (risos). Então, eu me peguei pensando no que poderia servir para essa música, e todo o conceito veio em um piscar de olhos: 'Vou fazer uma música sobre o uso indiscriminado de botox', eu disse, e todos os caras caíram na gargalhada (risos). Você sabe, o bom humor sempre foi uma parte importante do death metal e gosto de ver as pessoas rindo de vez em quando. Viver de heavy metal é uma das coisas mais divertidas que podemos fazer, então não precisamos nos levar tão a sério o tempo todo (risos).

NECROCEROS
Dying Music - Nac.

Cada faixa de *Necroceros* tem uma história própria, mas, como letrista e fã de ficção-científica, você já pensou em fazer um álbum conceitual, desenvolver uma história mais longa e complexa?

Martin: Não, nunca pensei realmente nisso, pois sei que seria um desafio realmente muito grande. Posso lhe dizer que a história de *Necroceros* não se encerrou na faixa-título do novo álbum, então ela deve continuar em algum momento. No entanto, em um disco todo seria bem diferente, pois, além de pensar nas letras, teria que ter toda uma adequação musical e isso não é algo que estou disposto a fazer. Não vou pedir para os caras mudarem algo típico do Asphyx apenas para atender às necessidades de uma história minha, então isso não acontecerá com o Asphyx. Você lembra do Hail of Bullets?

Claro, foi uma das melhores bandas de death metal surgidas neste milênio.

Martin: Ah, muito obrigado (N.R.: contando também com o guitarrista Paul Baayens, do Asphyx, e integrantes de outros gigantes do death metal, o Hail of Bullets surgiu em 2006, lançou três álbuns completos e se separou em 2017). Acho que isso seria mais fácil lá, já que havia todo esse cenário de guerra como plano de fundo para a música. Então, já tinha um 'ambiente controlado' em que tudo poderia acontecer, o cenário já estava pronto para algo assim. Porém, o Hail of Bullets não existe mais...

Eu ia justamente perguntar se existem novidades neste front, mas acho que já respondeu...

Martin: Sim, e eu sinto muito por isso, mas ao menos por enquanto não existe possibilidade de uma reunião do Hail of Bullets. Ao menos não comigo, já que não tivemos conversas neste sentido. Todos os caras ainda são meus amigos e eu jamais daria garantias sobre o futuro, mas neste momento não existem planos neste sentido, me desculpe.

Tudo bem, desde que o Asphyx não demore dez anos para lançar novos álbuns.

Martin: Esse não é o plano, não se preocupe com isso (risos gerais). Mas, você sabe, desta vez as coisas foram um pouco estranhas. No Asphyx todos somos grandes fãs de cerveja, então o nosso processo de composição geralmente começa com um 'vamos tomar algumas cervejas', e então todos se reúnem e começam a tagarelar sem parar (risos). Porém, desta vez isso não foi possível. Tínhamos um lockdown acontecendo e precisávamos tomar precauções. Isto foi o que o governo nos pediu e, mesmo sendo rebeldes, não somos idiotas. Trabalhar com todas as restrições foi estranho, mas quando conseguimos nos encontrar no estúdio a coisa aconteceu de forma muito semelhante ao usual, pois aí é aquele processo de tocar e expor as milhares de ideias que todos nós tínhamos. E é engraçado você falar de dez anos de espera por um novo álbum, pois cerca de cinco passaram desde o álbum anterior e sem o lockdown provavelmente *Necroceros* não existiria, pois tínhamos muitos shows agendados. Com tudo cancelado, resolvemos passar o tempo da

Acesse o canal no telegram @brasilrevistas

Brasilrevistas

Acesse nosso canal no telegram Brasilrevistas

melhor maneira possível, que é compondo e gravando novas músicas, não havia nada mais que poderíamos fazer como banda. Então, sem isso, talvez a espera realmente fosse de dez anos (risos gerais).

Além do lançamento de *Necroceros*, 2021 também marca o aniversário de trinta anos do álbum de estreia do Asphyx, *The Rack*.

Martin: Sim, e naquela época nós nem imaginávamos que estávamos criando um álbum que teria algum impacto no cenário. Sei que muita gente diz isso, mas é a verdade. Nós estávamos com um punhado de músicas nas mãos, achávamos que elas soavam bem para aquela época, então resolvemos gravar e disponibilizar para os fãs de death metal. Porém, a projeção que alcançamos ao longo dos anos é algo totalmente incrível. É um álbum clássico e estou muito honrado em pensar que influenciamos pessoas com ele.

Imagino que Black Sabbath, Saint Vitus, Candlemass e Trouble estivessem entre suas grandes influências naquela época.

Martin: Sim, com certeza! Eu até me empolgo para dizer isso (risos). Claro que não queríamos copiá-los, mas ouvíamos essas bandas o tempo todo, então aqueles riffs estavam tão grudados na nossa cabeça que acabavam respingando para todos os lados (risos). Você sabe, existiam muitas bandas legais de death metal bebendo na fonte do doom e injetando essas partes mais lentas e intensas em suas músicas naquela época. Lembro que os canadenses do Slaughter faziam isso, o Massacre também, Incantation e Autopsy nem se fala, eram os reis disso que chamamos de death/doom.

Você curtia ser baixista e vocalista naqueles tempos?

Martin: Sim, era bem interessante naquela época, mas a verdade é que sempre preferi ser apenas vocalista. Dá mais liberdade quando você pode focar em uma única coisa de cada vez. É como ser goleiro, não importa quanto você seja bom jogando com os pés, a melhor maneira de evitar um gol do adversário é focando em defender em vez de tentar ser o goleador (risos).

Agora, falando sério: é Keith Richards na capa de *Last One on Earth* (1992), não?

Martin: Sim, quando ele ainda era humano (muitos risos). Olha, essa é uma das melhores sugestões que já ouvi (rindo muito). Todo mundo tenta adivinhar quem é, já me disseram até que era o Michael Jackson. Este é um dos mistérios mais bem guardados da história do death metal (risos).

Brasilrevistas

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

Divulgação

Yorck Segatz, Tom Angelripper, Toni Merkel e Frank Blackfire, ativos e prontos para voltar aos palcos

UMA NOVA SARAIVADA DE Bombas

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Instituição do thrash metal teutônico prepara retorno aos palcos com o lançamento de um EP especial

Por Valtemir Amler

Toni Merkel, Yorck Segatz, Frank Blackfire e o líder Tom Angelripper, formação responsável pelo lançamento do ótimo *Genesis XIX* (2020), já está de volta com um novo registro, o EP *Bombenhagel*. São apenas três músicas, mas o barulho é ótimo: primeiro, uma nova versão para a clássica *Bombenhagel*, originalmente lançada no seminal *Persecution Mania*, de 1987. Além dela, duas composições exclusivas para este trabalho, *Coup de Grace* e *Pestiferous Posse*. Mantendo viva a sua eterna mistura brutal de thrash metal com punk rock, o Sodom mais uma vez surpreende seus fãs e já promete surpresas também nos palcos. Confira isso e muito mais nas palavras de Tom Angelripper.

Cerca de um ano atrás vocês lançaram o álbum *Genesis XIX* e já estão de volta com um novo EP, *Bombenhagel*. Pelo visto, o ritmo de trabalho só tem aumentado para vocês nos últimos anos.

Tom Angelripper: Ah, sim, temos tentado nos manter ocupados pelo máximo de tempo possível, acho que isso é fundamental para manter a sanidade mental nesses dias (risos). Estamos bem, saudáveis e trabalhando muito, o que é ótimo. O novo EP está indo muito bem e estou realmente satisfeito com o que fizemos nele. É até engraçado pensar no quanto um EP está chamando a atenção das pessoas, é realmente impressionante.

Talvez isso se deva ao fato de terem regravado um dos maiores clássicos do seu repertório, não?

Tom: Com toda certeza é isso sim! Bem, muitas pessoas têm me perguntado a razão de termos decidido regravar *Bombenhagel*. A verdade é que temos um novo baterista na banda, Toni Merkel, que é um músico realmente energético, muito talentoso, e existe uma vontade enorme de testar como soarão as nossas antigas músicas com ele. Além disso, estávamos ensaiando várias canções que planejávamos incluir no setlist da nossa próxima turnê e claro que os clássicos precisariam entrar nessa conta. Quando tocamos *Bombenhagel* foi simplesmente incrível. Muita energia! Foi aí que tive a ideia de regravá-la. Quer dizer, não havia um plano anterior de regravá-la, nós estávamos ensaiando para os próximos shows, então foi apenas ao ouvir o quanto ela soava incrível que veio a ideia de regravar.

Então, também não existia a ideia desse novo EP, suponho.

Tom: Não, mas tão logo mostrei o resultado para as pessoas tudo começou a se desenhar. Estávamos fazendo um planejamento bem legal, uma coisa até meio saudosista, algo que nossos fãs mais fieis e mais antigos certamente iriam gostar. A história é a seguinte: no final dos anos 80, nós lançamos um single chamado *Ausgebombt* (1989), que saiu pouco depois do álbum *Agent Orange* (N.R.: também de 1989). Na capa desse single vinha um adesivo com todas as datas da turnê que faríamos em seguida e muita gente adorou aquilo. Basicamente, o que queríamos agora era reviver aquele sentimento. A ideia do nosso selo era lançar este *Bombenhagel* como um single no começo de 2021 e nele teria um adesivo com todas as datas da nossa turnê deste ano. Obviamente que as coisas não melhoraram tanto quanto imaginávamos, então basi-

Brasilrevistas

camente todos aqueles shows precisaram ser cancelados. Não vou esconder que isso foi decepcionante. É óbvio que ficamos bastante chateados e imagino que os fãs também ficaram chateados por conta desses cancelamentos. Então, resolvemos que o passo mais correto a ser dado era lançar *Bombenhagel* de qualquer jeito. Ele atrasou, mas agora está chegando nas mãos dos nossos fãs em todo o planeta.

Você comentou que muitos têm perguntado sobre a motivação para regravar *Bombenhagel* e quando eu disse que acreditava que isso era devido ao fato de ser um clássico, me referia a algo muito caro aos fãs, que é aquela sensação de 'território sagrado'. Acho que você entende onde quero chegar, não?

Tom: Claro, entendo sim. A verdade é que eu sei exatamente como esses fãs se sentem, pois eles ficam receosos, estamos tocando em algo que eles amam muito. Mas, acredite, nós também amamos muito essa música. Eu entendo perfeitamente quando algumas pessoas dizem que preferem a versão original, já que eu mesmo prefiro as versões originais de músicas que meus artistas favoritos regravaram de seu repertório clássico. Você sabe, eu sou um grande fã de Motörhead e existem diferentes versões de *Ace of Spades*, mas é claro que eu prefiro a original (risos). Isso acontece porque temos uma ligação com a original, ela nos conecta a velhas memórias e muitas outras coisas além da música. Não vou questionar ninguém por dizer que prefere a original, nem forçar ninguém a engolir a nova versão, pois sei que os velhos fãs têm uma ligação emocional com a original. Essa é apenas uma nova versão, temos um novo baterista incrível e dois guitarristas geniais na banda, e ela foi tocada com força e fúria, direto ao ponto, sem inovações desnecessárias. É apenas o novo Sodom tocando o velho Sodom, é só disso que se trata. Não estamos substituindo uma peça clássica do nosso repertório, apenas revisitando-a, como fariamos em um álbum ao vivo, por exemplo.

Gostaria que falasse um pouco mais sobre o que o Sodom está preparando para o retorno aos palcos.

Tom: Fico feliz em dizer que estamos preparando algo realmente especial para nossos fãs. Obviamente que tocaremos músicas de *Genesis XIX*, pois ele já está sendo citado como um dos favoritos do nosso público, mas haverá muitos momentos de 'mergulho no passado' nesta nossa próxima turnê. Revisitaremos músicas de *Obsessed by Cruelty* (1986), talvez mais do que a maioria das pessoas espera. Claro que passaremos também por *Persecution Mania* (1987) e *Agent Orange* (1989), mas deveremos ter algo de *Better off Dead* (1990) e *Tapping the Vein* (1992), além, claro, de coisas mais atuais. Tenho certeza que ninguém ficará arrependido de ver o Sodom na próxima turnê. Pode apostar nisso!

Posso afirmar que já estou empolgado com isso...

Tom: Ah, eu tinha certeza que ficaria (risos gerais). Mas também é empolgante demais para mim, pois sempre foi o meu sonho ter uma formação que realmente quisesse mudar o nosso setlist, que desejasse revisitar todo nosso vasto catálogo! Teremos velhos clássicos, teremos raridades, vamos apresentar canções que nunca antes tocamos ao vivo, músicas da demo *Victims of Death* (1984), muitas coisas dos primeiros dias de Sodom.

BOMBENHAGEL
Steamhammer - Imp.

É ótimo ouvir isso. De onde partiu essa motivação?

Tom: É algo que eu sempre quis fazer, e finalmente tenho os parceiros certos ao meu lado para ir além do planejamento. Outra coisa é que Merkel é um enorme fã de Witchhunter (N.R.: Chris Witchhunter, falecido em 2008, foi baterista do Sodom de 1982 até 1992) e ele tem um interesse genuíno e natural em revisitar aquilo que seu ídolo fez no passado, em aprender a tocar cada parte exatamente como Chris faria, e isso também é uma grande motivação para revisitar todas aquelas canções.

Sim, isso é realmente incrível.

Tom: É mesmo! Sabe, ele não consegue simplesmente ouvir a música e pensar: 'Caramba, essa parte de bateria é legal pra caralho!' Ele mergulha na música, começa a se questionar a razão de Chris ter tocado daquele jeito e não de outra maneira, ele quer saber os porquês, ele quer saber as motivações e as mensagens de cada coisa. Uma pessoa que mostra esse nível de interesse na sua música desperta todo um novo nível de empenho de todo mundo, isso é um sonho realizado, de verdade.

Já que estamos falando de interesse pelo passado, eu sempre quis saber: o que veio antes para você, o metal ou o punk?

Tom: Nossa, essa é difícil lembrar, mas ambos chegaram quase que ao mesmo tempo aos meus ouvidos, lá no final dos anos 70. Lembro que o primeiro disco que eu comprei foi *Rising* (1976), do Rainbow. Foi ali que comecei a gostar de música com guitarras distorcidas. Minha irmã mais velha ouvia bandas como Slade, Sweet, T-Rex, essas coisas, e foi o começo de tudo para mim. A primeira verdadeira banda de metal que ouvi foi o Motörhead, em 1977, e eles tinham toda essa coisa do punk, foi paixão à primeira vista (risos). Comecei a comprar tudo que tivesse guitarras distorcidas. The Exploited, Anti-Nowhere League, todas essas bandas foram se tornando frequentes no meu toca-discos, pois na época o punk soava muito mais legal que o metal em si. O punk era muito mais extremo que qualquer coisa que as bandas de metal faziam na época. Depois surgiu o Venom e aí o jogo virou, pois eles traziam o vigor e a loucura do punk, e isso mudou o meu mundo. As bandas de metal antes soavam polidas demais para os meus ouvidos, elas diziam ser metal, tinham um visual agressivo, mas quando começavam a tocar eram totalmente fofas e melódicas, aquilo me irritava profundamente (risos). Os punks eram tão agressivos na imagem quanto na música e isso me cativou, você tinha exatamente aquilo pelo que tinha pagado. Eu lembro que gostava muito de Iron Maiden, mas odiava um monte de bandas da mesma época (risos).

Isso realmente faz sentido, especialmente quando ouvimos o material antigo do Sodom.

Tom: Sim, a coisa realmente só começou a fazer sentido para mim em 1981, com *Welcome to Hell* (N.R: álbum de estreia do Venom). Finalmente uma banda de metal realmente soava como uma banda de metal, foi isso que senti ao ver aquela capa e ao ouvir aquelas músicas. Fiquei fascinado com aquilo, tanto que ainda penso da mesma maneira que pensava naqueles dias. Ainda acho que o metal tem que ser tão extremo quanto possível e um pouco tosco, também (risos). Tem que fazer a emoção aflorar e é isso que fazemos com o Sodom até hoje.

Brasilrevistas

"Ainda acho que o metal tem que ser tão extremo quanto possível e um pouco tosco, também (risos)"

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

Tom Angelripper

Existia uma boa cena punk em Gelsenkirchen naqueles dias?

Tom: Sim, tínhamos algumas casas de shows ótimas aqui na cidade e elas eram meio temáticas, existiam aquelas voltadas ao punk e outras voltadas ao metal, era como as coisas funcionavam aqui. Algumas pessoas contam que havia brigas entre as duas tribos, mas, sinceramente eu não lembro disso. O que recordo é que eu estava em ambos os lados e me divertia nos dois lados da cidade, por assim dizer. É uma pena, mas hoje não vejo mais punks por aqui – é triste, de verdade. A cena punk por aqui se tornou comercial demais e isso diminuiu a cena a ponto de ser praticamente invisível nessas redondezas.

Vocês sempre mesclaram punk e thrash na sua música e isso permanece evidente nas novas *Pestiferous Posse* e *Coup de Grace*. Porém, o Sodom nunca soou como uma banda crossover' e isso é incrível.

Tom: Obrigado por isso, e eu concordo plenamente com você. O Sodom sempre foi uma banda diferente, desde o começo ninguém sabia onde nos encaixar, essa é a verdade. Diziam que éramos black, diziam que éramos thrash, nos anos 90 disseram que éramos punk e éramos tudo isso mesmo, talvez até um pouco mais (risos). A verdade é que nunca nos acomodamos, sempre quisemos continuar progredindo com música agressiva, é essa inquietação que você ouviu na nossa música. Você compreende o que fazemos e por isso são tão boas as nossas conversas.

Dando um pequeno salto no tempo, vocês chegaram a ter problemas quando lançaram originalmente *Bombenhagel* por serem alemães?

Tom: Mas é claro! (risos) Muita gente não presta atenção em nada, é só isso que posso dizer. No começo, essa música seria inteira em alemão, foi assim que a escrevemos. Porém, nossa gravadora não aceitou, eles não queriam nenhuma música em alemão no álbum, pois não achavam que isso iria pegar bem nos Estados Unidos. Bem, nós aceitamos mudar a letra, mas mantivemos o título em alemão, *Bombenhagel*. Aparentemente, isso bastou para algumas pessoas, que começaram a dizer que o Sodom era uma banda fascista e todo esse tipo de bobagem. Isso não é verdade, qualquer pessoa que ler a letra vai perceber que a música é um clamor pela paz, é uma canção antiguerra. 'Parem com as saraivadas de bombas!', é isso que dizemos dizer ali, mas as pessoas simplesmente não ouviram. A letra narra o horror da guerra, narra a dor e o sofrimento. Quem no mundo não é capaz de entender que isso é um clamor para pararem com as guerras?

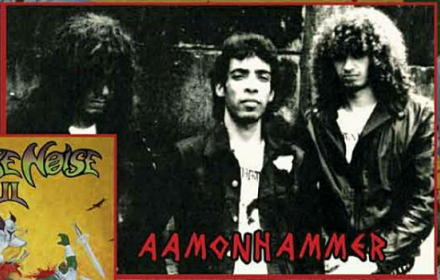
Imagino que terem incluído um trecho do hino alemão no final não tenha ajudado muito...

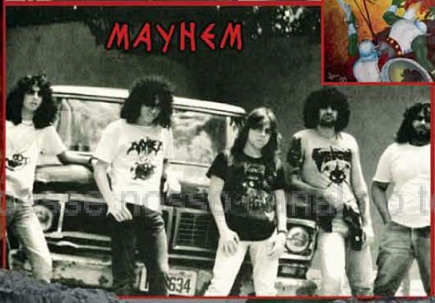
Tom: Pois é (risos). Tivemos essa ideia já no estúdio, quando gravávamos a música. Pensamos algo como: 'Por que não incluímos o hino alemão aqui, já que a Alemanha foi a culpada pela II Guerra Mundial?' Queríamos mostrar que vínhamos da Alemanha e que nos envergonhávamos desse capítulo da nossa história, por isso incluir aquele trecho em uma canção sobre o sofrimento da guerra. Discutimos muito com Harris Johns sobre isso, se deveríamos incluir ou não, e acabamos tocando um pequeno verso uma única vez na música. E casou perfeitamente, é uma ótima melodia. Claro que tivemos críticas péssimas, mas apenas na Alemanha (risos). Nos EUA e no resto da Europa as pessoas adoraram, vai entender... (risos)

Brasilrevistas

COLETÂNEA

WARFARE NOISE II





Acesse pelo telegram @brasilrevistas

Brasilrevistas

ARCHSPIRE

A BOCA DOURADA DA RUÍNA!

Um dos principais nomes do technical death metal reafirma sua posição com o quarto álbum de estúdio

Por Valtemir Amler

O Canadá sempre teve uma posição de destaque no cenário do metal mais extremo, tanto no thrash quando no death. Muito disso, claro, se deve ao aspecto único das bandas que vêm de lá, que misturam de forma absolutamente coesa a técnica apurada de seus instrumentistas com uma brutalidade absurda. Se essa 'faceta canadense' do death metal ficou definitivamente marcada na história do metal através dos primeiros registros do Kataklysm e pelo que bandas clássicas como Gorguts e Cryptopsy fizeram nos anos 90, a verdade é que toda uma nova cena vem mantendo a chama acesa, como se ouve em *Bleed the Future*, novo e quarto álbum completo do Archspire. Conversamos com o guitarrista Tobi Morelli, que falou sobre a gênese e o novo trabalho do novo "Gigante do Norte".

Antes do Archspire, você tocava em uma banda mais voltada ao blackened death metal, o Muspellheim. Esse foi seu primeiro grupo?

Tobi Morelli: Na verdade não, pois quando eu era mais jovem costumava tocar em todas as bandas que tivessem vaga para um guitarrista (risos). Uma das primeiras que realmente fiz parte foi o Ritual Demise, uma pequena banda de black metal. Nela eu estava junto de alguns amigos de infância. Nós passamos toda a infância sonhando em sermos iguais aos nossos ídolos e, finalmente, quando estávamos quase na casa dos 20 anos, realmente começamos uma banda. Nós tocamos em alguns lugares, mas é claro que não deu em nada, ninguém nunca ouviu falar de nós (risos). Porém, foi nessa época que apareceu o Muspellheim. Além dessas, eu também toquei com o baterista do Muspellheim (N.R.: Igor Cheifot) em um outro projeto mais voltado para o melodic death metal, algo do tipo At the Gates/Mors Principium Est (N.R.: refere-se ao Soulscar).

Você se manteve bastante ocupado, ao que parece.

Tobi: Sim! (risos) Eu era um garoto que tinha crescido venerando um monte de bandas de metal extremo e estava procurando um espaço no meio desse cenário, meio que atirando para todos os lados (risos). Tudo o que eu sabia é que tinha que ter a ver com death metal.

Com o Muspellheim as coisas começaram a ficar mais sérias e vocês chegaram a lançar o álbum *Violent By Design* em 2007.

Tobi: Isso mesmo. Aquilo foi incrível, ir para o estúdio, gravar um disco... Nossa, eu estava me sentindo uma estrela do metal (risos). Foi uma experiência incrível, fazer um disco garante um aprendizado incrível para um músico, e eu estava tão empolgado... Foi um tempo estranho, pois não tínhamos nenhum selo, ninguém nos apoiando, e já tínhamos entendido que, se quiséssemos fazer algo no mundo da música, teríamos que fazer por nós mesmos. Então, misturávamos um pouco de decepção com uma postura de desafio e empolgação por estar ali, gravando. Sendo sincero com você, gravamos aquele álbum pensando apenas em usá-lo como uma demo, pensávamos que tendo um álbum nas mãos conseguiríamos entrar em contato com selos, revistas e fãs de metal do mundo todo. Nós não tínhamos ideia de como o mundo da música funcionava, tudo o que sabíamos é que ninguém nos estenderia a mão e teríamos que lutar por nós mesmos.

BLEED THE FUTURE
Season of Mist - Imp.

Pouco depois disso, você se envolveu com o Archspire, certo?

Tobi: A coisa começou a se desenrolar neste sentido quando o nosso baterista, Spencer Prewett, se mudou da Ilha de Vancouver para Vancouver, aqui no Canadá. São lugares diferentes, caso alguém estiver se perguntando (risos). Ele havia se mudado porque queria trabalhar com algo relacionado à música, então começaria a estudar para se tornar um engenheiro de áudio. Porém, outro dos sonhos dele era montar uma banda de technical death metal, algo que era impossível antes. Então, chegando em Vancouver, que é bem maior, ele pensou: 'OK, aqui deve ter mais músicos, talvez agora eu consiga.' (risos) Bem, eu o conhecia da cena local, já que frequentávamos os mesmos shows, e conversávamos muito via internet porque éramos fãs das mesmas bandas – você sabe, Spawn of Possession, Origin, Necrophagist e Disembowel (N.R.: refere-se à banda alemã, que lançou *Symptoms of Decline* em 2008). Então começamos a procurar outros caras que queriam tocar esse tipo de música. Tínhamos objetivos em comum, mas foi difícil encontrar a formação que realmente seguiria adiante. Muita gente passou pela banda até que finalmente fechamos a formação em 2009 (N.R.: desde então, a banda passou por apenas uma única troca de integrante, com a saída do baixista Jaron Evil em 2014, substituído por Jared Smith).

Então, você foi um dos primeiros a se unir ao grupo.

Tobi: Sim e não... A verdade é que eu era muito amigo de Spencer, então costumávamos fazer algumas jams juntos. Ele sabia do meu interesse pela guitarra, então costumava me pedir para aparecer nos ensaios com os outros caras, mas eu ainda não era oficialmente parte da coisa toda, pois ele sabia que eu tinha o Muspellheim. Até que um dia ele finalmente me fez o convite para ocupar a segunda guitarra.

Brasilrevistas

Eu aceitei na hora, pois minha banda já estava se desintegrando, ninguém mais tinha ânimo para seguir adiante. Então ele me passou uma música em que estava trabalhando, foi algo do tipo 'tente fazer algo interessante aqui', sabe? Eu passei dias tentando aprender aquela música, era um nível totalmente novo para mim. Eu nem tinha o equipamento correto para aquilo. Dean Lamb (N.R.: também guitarrista do Archspire) acabou me emprestando uma guitarra de sete cordas, já que ele estava migrando para uma de oito cordas... Foi tão empolgante, eu aprendi mais naqueles dias do que em todos os anos anteriores, tudo parecia estar indo na direção certa, finalmente.

Finalmente alguma recompensa por tanto esforço!

Tobi: Pois é, e eu acho que os outros caras estavam sentindo o mesmo naqueles dias. Eu, Spencer, Jaron, Dean e Oliver (Rae Aleron, vocalista) tínhamos os mesmos sonhos, todos lutávamos desde sempre, todos sabíamos muito bem onde queríamos chegar e que tipo de música pretendíamos tocar, mas não fazíamos ideia de como chegar lá. Ainda éramos basicamente iniciantes. Pessoalmente, a única bagagem que eu tinha era um disco independente com um grupo que tinha se esfarelado e um punhado de shows ao lado de bandas desconhecidas. No entanto, agora estávamos ali, com uma formação sólida, afiada e prontíssimos para começar a tocar o estilo que amávamos, um estilo que estava começando a morrer justamente naqueles dias (risos). Spawn of Possession, Deeds of Flesh, Necrophagist e várias outras seguiram em frente, mas outras simplesmente deixaram de existir naqueles dias. Só que nós nem ligamos, simplesmente seguimos em frente. A energia era tão grande que sabíamos que estávamos fazendo a coisa certa.

Qual foi o maior desafio que você enfrentou no início dessa jornada no tech/death?

Tobi: Acho que foram os shows. Nós sonhávamos em tocar a nossa música e fazer turnês ao redor do mundo, mas é claro que nem imaginávamos como isso era de fato (risos). Quando você toca uma música muito técnica, precisa ter a noção exata do público que vai atrair para seus shows. Embora não seja sempre o caso, a maior parte das pessoas no seu show serão músicos, que estão examinando a sua performance com um microscópio, sabe? É como se você estivesse tocando pelado no palco, você fica todo desarmado, morre de medo de errar e ser ridicularizado depois. É como estar de volta à escola (risos). Claro que depois isso passa, você é humano e um dia vai errar, basta saber levar a coisa sem grandes traumas. O que você não pode é parar o show todo porque errou uma nota, mas quem avisa essas coisas para os novatos? É tipo 'vai lá e detona' e aí você fica achando que precisa parecer um robô no palco, sem alma, sem emoção. É por isso que algumas bandas técnicas são tão chatas: é insegurança! Com o tempo, você aprende a lidar com isso e aí começa a colocar mais alma e sentimento naquilo que faz.

Falando em música super técnica e em alma, penso que *Drone Corpse Aviator* é uma que sintetiza muito bem o que você diz.

Tobi: Sim, obrigado. Realmente, acho que essa é uma das músicas que melhor exemplificam nossa evolução, não acho que conseguiríamos tocar algo como isso lá nos primeiros dias. E vai ser um desafio incrível tocá-la ao vivo, mas nós estamos ensaiando muito para conseguir levar todos esses elementos da forma mais perfeita possível aos palcos, pois são muitas dinâmicas diferentes. Quer dizer, é uma música absurdamente extrema, mas também tem uma seção acústica, e por aí vai. Gosto muito dela, talvez seja uma das minhas favoritas no álbum, já que sintetiza perfeitamente quem somos enquanto banda. Se alguém quer saber o que é o Archspire, basta ouvir esta canção, pois está tudo ali. Foi para poder compor músicas como essa que nos juntamos e escolhemos trabalhar com esse gênero musical.

Outra que se destaca neste sentido é *Drain of Incarnation*.

Tobi: Ah, essa é incrível! Ela vai por tantas melodias e temperamentos diferentes, tem aquela introdução clássica, guiada pelo contrabaixo, um interlúdio incrível do baixo, enquanto eu e Dean apenas trabalhamos nas sombras, mesclando sons e melodias em segundo plano... Adoro a forma como ela se complementa. Aliás, acho que ela é o melhor exemplo de trabalho em equipe, pois cada um tem o seu momento de brilho na composição.

Com técnica apurada e música brutal, Tobi Morelli, Spencer Prewett, Oliver Rae Aleron, Dean Lamb e Jared Smith transformaram a banda canadense em um dos principais nomes do tech/death na atualidade

Shanna Baron

Acesse o canal no telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

Metallica e o produtor Bob Rock

A TERRÍVEL HORA DE DIZER ADEUS

A anunciada (e depois aparentemente desmentida) notícia de que David Lee Roth estaria pendurando o microfone levantou mais uma vez a questão: quando determinar a hora de parar? Porque parar, nesse contexto, significa abrir mão de uma vida de badalações, viagens, glamour, enfim, de uma rotina que certamente vai fazer falta na vida de quem viveu décadas assim. E quando essa decisão é baseada em declínio técnico é o mesmo que admitir: "Não sou mais tão bom quanto antigamente". O efeito que isso causa no ego é devastador, para usar um termo leve...

Nesse sentido, vocalistas e bateristas são os que mais sofrem, já que respondem pelas atividades que mais exigem do físico. Um baterista fora de forma, por exemplo, é um desastre. Um dos motivos que se comenta sobre a não participação de Bill Ward nos últimos shows do Black Sabbath teria sido justamente esse. Apesar de ele negar, o que se comentava é que não teria condições de aguentar uma hora e meia massacrando pratos e tambores.

Já os vocalistas sofrem mais principalmente porque a manutenção de seu "equipamento" passa por uma série de cuidados que não são exatamente os preferidos para quem vive uma via de badalação – e também sofrem com a ação do tempo, claro. São inúmeros os casos de cantores que simplesmente não conseguem repetir o que faziam antigamente. Paul Stanley, por exemplo, vem sofrendo para alcançar algumas notas há vários anos. Robert Plant fez um esforço sobre-humano, gravou com excelência o ao vivo *Celebration Day* (registrado em 2007, lançado em 2012) e não quis mais saber: reinventou-se (muito bem!), mudou radicalmente a forma de cantar e vai levando a vida, sem nem querer ouvir falar em ressuscitar o Led Zeppelin. Ian Gillan evita cantar certas músicas ao vivo e David Coverdale anunciou recentemente a entrada no Whitesnake de Dino Jelusick, guitarrista, tecladista mas principalmente vocalista, certamente para ajudá-lo ao vivo.

A verdade é que não se trata de querer apontar o dedo para qualquer desses citados e acusá-los de "decadentes" ou algo do tipo. Estamos falando de pessoas na faixa dos 70 anos e o tempo, todos sabemos, é inexorável. Talvez seja o caso de irmos nos acostumando: acredito que nos próximos anos vamos ver vários anúncios de carreiras sendo encerradas. O que não pode ser motivo de lástima. É da vida, faz parte do processo de finitude pelo qual todos vamos passar. Resta-nos, então, apreciar a vasta obra que todos esses gênios deixaram e agradecer por termos tido a oportunidade de viver na mesma época que eles.

QUEM AVISA, HEADBANGER É

Estava aquecendo os dedos para começar um texto sobre 5G e a música quando veio a notícia da morte da Marília Mendonça. Não tenho propriedade alguma para falar sobre a obra dela, mas senti compulsão em expor minha visão justamente por isso. Não sou capaz de citar uma frase de qualquer das duzentas composições da cantora mais ouvida do Brasil. Só que já fui exposto a cenas dela cantando (e cantava pra cacete) e ao noticiário que cerca celebridades. Com esses dois componentes apenas, lamento a morte dela porque entendo que representava artista de longevidade promissora e não fenômeno digital fugaz. Assim como lamentamos até hoje as mortes dos nossos ídolos no rock e no metal, como Cliff Burton, Freddie Mercury, Jeff Hanneman, Dimebag Darrell e a impressão de que foram antes do que deveriam (por um certo egoísmo em lamentar quanta promessa de arte boa nos entregariam se ainda vivos).

Dito isso, faço o gancho com o que era o assunto original: o que devemos observar (para o futuro da música) com a implementação próxima do 5G. Resolvi escrever sobre isso porque somos (críticos e analistas) sempre engenheiros de obras prontas sobre os resultados da mescla de música com distribuição digital.

"Ah, o Napster institucionalizou a pirataria", "a criação do CD e a versão digital da música, que passou a ser infinitamente fácil de copiar e distribuir, acabaram com a indústria". São versões válidas. Mas preguiçosas, já que essas consequências eram previsíveis. E a indústria toda só se mobilizou quando a grana que circulava na arte começou a minguar para o pessoal de Humanas e jorrar para os engenheiros que desenvolveram os canais de distribuição do conteúdo.

Como também sou de Humanas, entendo que é hora de falarmos sobre e não esperar resultados catastróficos para reclamar. A tecnologia 5G de internet móvel é cem vezes mais rápida do que a 4G. Um conteúdo grande (25GB) que leva meia hora para baixar atualmente será carregado em vinte segundos.

Isso permite, por exemplo, atividades práticas como telemedicina (cirurgias) virtual com muito mais efetividade. Uber, por exemplo, não rolava no 3G, pois a rede não comportava a equação de geolocalização do veículo e integração com outros dados para que você se conectasse ao carro mais próximo disponível. Com o 5G abre-se a possibilidade de carros autônomos, que reagirão a potenciais acidentes, automaticamente.

Agora leve o 5G para a nossa vida prática na música. Como ficará a distribuição de conteúdo? Como ficarão os shows? Que portas serão abertas e, principalmente, fechadas com toda essa tecnologia disponível?

Entende meu ponto?

Adquira sua revista em Brasilrevistas

Brasilrevistas

SOUND CITY RECORDS

SPV

Shinigami 死神 Records

anúncio: www.duartedesign.com

RUNNING WILD

BLOOD ON BLOOD

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Os piratas alemães entregam o melhor álbum em anos. Uma coleção de riffs e refrãos marcantes.

RAGE

RESURRECTION DAY

25º ÁLBUM DE ESTÚDIO da banda alemã de HEAVY/POWER METAL marcando a estreia da nova formação como QUARTETO: Stefan Weber (guitarra), Jean Bormann (guitarra), Vassilios "Lucky" Maniatopoulos (bateria) e Peavy Wagner (baixo e vocal).

AXEL RUDI PELL

DIAMONDS UNLOCKED II

Uma coleção de versões para bandas como Rolling Stones, Abba, Sammy Hagar, Rainbow e muito mais. Tudo com o refinamento de um dos maiores guitarristas de todos os tempos.

SUZI QUATRO

THE DEVIL IN ME

A preciosa pioneira Suzi Quatro arrasa em "The Devil In Me".

Brasilrevistas

PROFILE

KATON W. DE PENA (HIRAX)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Guilherme Nozawa

Primeiro disco que comprou:
"*Electric Ladyland* (The Jimi Hendrix Experience), que me foi dado por meu irmão, James".

Melhor disco de heavy metal:
"Deep Purple - *Machine Head*, Montrose - *Montrose*, Van Halen - *Van Halen I* e Motörhead - *Ace of Spades*".

Último disco que comprou:
"Rory Gallagher – *The Best Of*".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Heaven Bled* – Hobbs' Angel of Death".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Motörhead, Riot, Loudness, Diamond Head, Tygers of Pan Tang e Mercyful Fate. Seis!"

Três hinos do rock/metal:
"*Baba O'Riley* – The Who, *Do You Love Me* – Kiss e *The Number of the Beast* - Iron Maiden".

Disco que mudou sua vida:
"AC/DC – *Let There Be Rock* e Ramones – *It's Alive*".

Disco que mais ouviu na vida:
"Todos dos Rolling Stones e de Jimi Hendrix".

Melhor capa de disco:
"*Flirtin' with Disaster* – Molly Hatchet, arte de Frank Frazetta".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Yoko Ono – *Greatest Hits*".

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Reign in Blood* – Slayer".

Música que gostaria de ter gravado:
"Black Sabbath – *War Pigs*".

Disco dos anos 70 que recomenda:
"The Godz – *The Godz*, de 1978".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Iron Maiden – *Iron Maiden*".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Arise* – Sepultura e *The Laws of Scourge* – Sarcófago".

Música que mais gosta de tocar:
"*Black Smoke*".

Música que define sua carreira:
"*Bombs of Death* e *Black Smoke*".

Uma música que adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Take On Me*, do A-Ha".

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música do seu grupo?
"Exodus fazendo *Broken Neck*, do Hirax".

Além de seus projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Gostaria de tocar com Akira Takasaki, do Loudness, meu guitarrista preferido".

Site:
facebook.com/hiraxthrashmetal

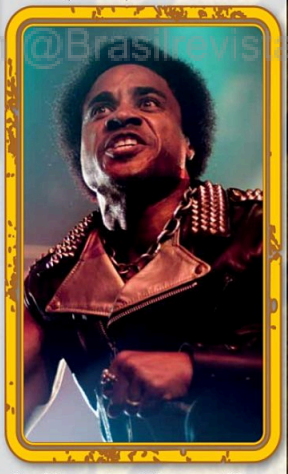
Monte uma superbanda com músicos que admira:
"Ronnie James Dio, Gary Moore, Pete Way, Cozy Powell e Jon Lord".

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Eu gostaria de ser multi-instrumentista e tocar bateria, baixo, guitarra e piano, mas por alguma razão cantar foi feito para mim".

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Qualquer tipo de música para mim é sinônimo de liberdade e eleva a minha alma. Porém, escuto hard rock e heavy metal de preferência".

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais preferidos?
"Punk rock anos 70 e 80, e funk dos anos 70, na linha do The Meters, Ohio Players, Sylvester James, Ike and Tina Turner, Sly Stone, Betty Davis, James Brown e Parliament Funkadelic. Escuto isso desde criança com minha família".

Se não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Um artista, pintor. Amo quadrinhos!"



Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Muitas coisas malucas aconteceram comigo, mas tento entender que cada pessoa é diferente e responde a mim de uma maneira sensível. Quero ser uma influência positiva, não importa o que as pessoas pensem".

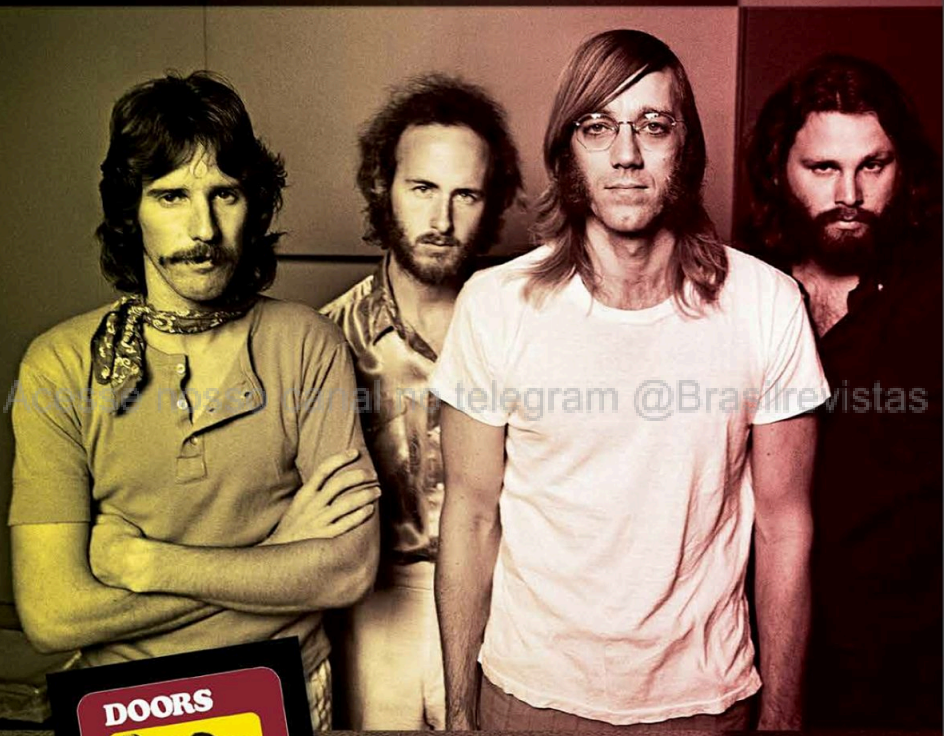
Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...
"Sigo lutando pelo underground. Nunca se esqueça de onde você vem".

Acesse nosso canal no Telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

ATENÇÃO VIAJANTES NA TEMPESTADE!

O ÁLBUM DO THE DOORS QUE NOS APRESENTOU RIDERS ON THE STORM, L.A. WOMAN E TANTOS OUTROS CLÁSSICOS FAZ 50 ANOS!!!



Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

OUÇA L.A.WOMAN
(50TH ANNIVERSARY DELUXE EDITION)
COM MAIS DE DUAS HORAS DE GRAVAÇÕES INÉDITAS!

Disponível a partir de 03 de Dezembro em todas as plataformas digitais!

warnermusic.com.br
facebook.com/WarnerMusicLegends

WARNER MUSIC BRASIL

Brasilrevistas

Acesse mais revistas no Catálogo Brasil Revistas

BrasilRevistas

BATTALION

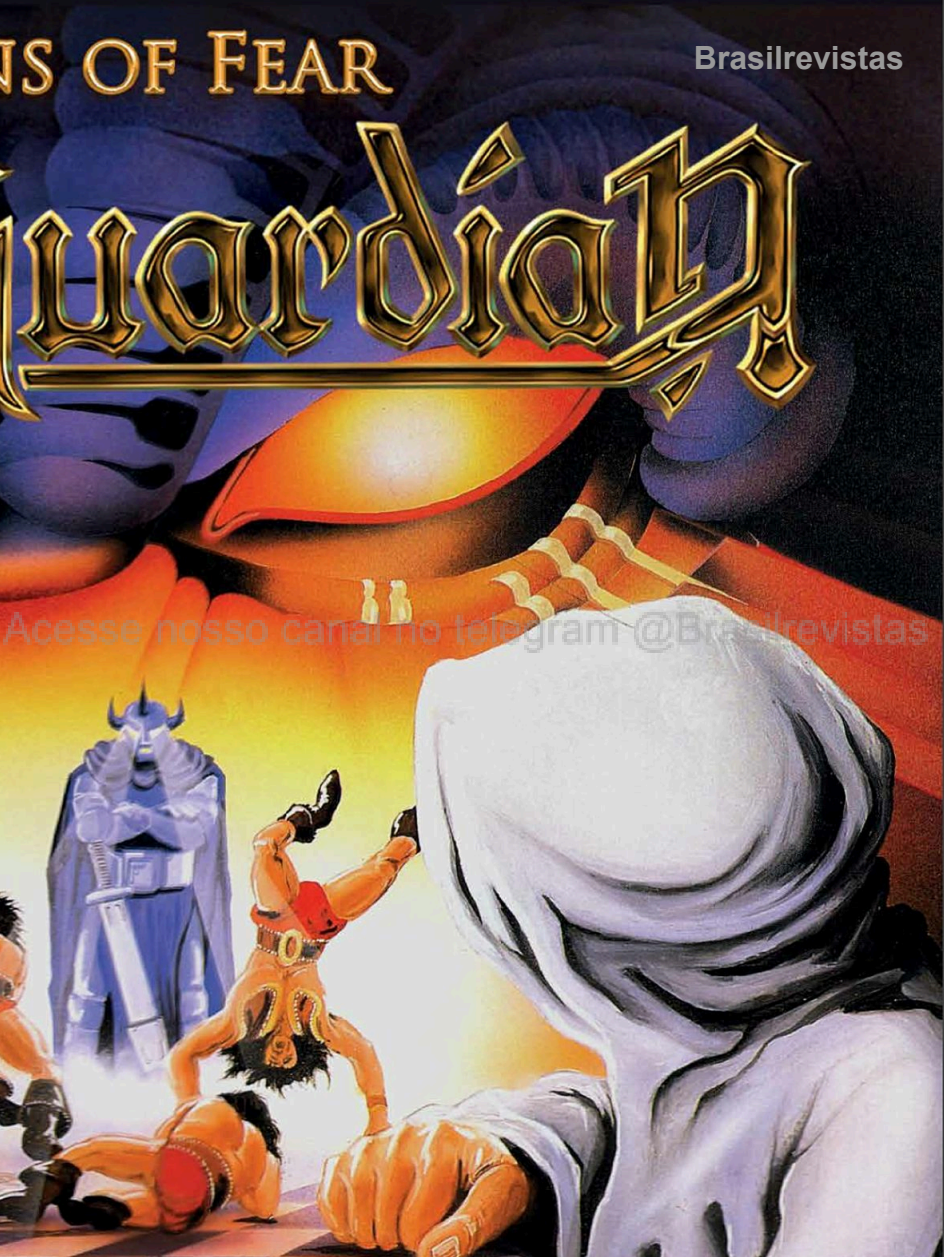
Blind J

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilRevistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Brasilrevistas



Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

Brasilrevistas

HOFFMAN & O'BRIAN
marketing artístico e entretenimento

PRESENTS:

Disconnected

Velvet Chains

Bruxaa

Pressive

Elisa C Martin

FireWing

Acesse nosso canal no telegram @Brasilrevistas

DISPONÍVEL EM TODAS PLATAFORMAS

Spotify DEEZER amazon Prime Music YouTube Music

WWW.HOFFMANOBRIAN.COM.BR